361
DEZEMBRO
2010

Órgão oficial da Associação Brasileira de Imprensa

Jornal da ABI

EDIÇÃO HISTÓRICA

60 ANOS DA TELEVISÃO NO BRASIL

60 ANOS DA ABERTA, PLUR

Os benefícios da TV aberta
Há 6 décadas, ela contribui para um

- ABRE CAMINHOS

A produção e a exibição maciças de conteúdo nacional
ajudam a fortalecer o sentimento de unidade nacional.
Num país de dimensões continentais e desigual,
o brasileiro se reconhece para além das barreiras geográficas,
etárias e socioeconômicas.

- ABRE OPORTUNIDADES

Os conteúdos educativos em programas de entretenimento
e informação, além dos programas educativos, projetos sociais
(como Amigos da Escola, Criança Esperança e Ação Global)
e campanhas de utilidade pública tornam
a TV brasileira um poderoso instrumento de inclusão social.

- ABRE HORIZONTES

Teledramaturgia, divulgação de teatro, espetáculos musicais e
exposições preservam a identidade cultural brasileira e geram
crescimento de mercado. E a cultura brasileira ganha projeção
internacional através dos conteúdos de telenovelas,
programas e eventos como o Carnaval,
que são exportados para todos os continentes.

TV NO BRASIL:
AL, GRATUITA.

no Brasil não são de hoje.
país mais justo, próspero e democrático.

- ABRE ESCOLHAS

A cobertura política sistemática e plural,
a programação jornalística variada
e o estímulo ao exercício da cidadania contribuem
com o fortalecimento do regime democrático.

- ABRE VIDAS

Em um país ainda marcado por muitas desigualdades,
a TV alcança a quase totalidade dos lares e suas campanhas,
por exemplo, de incentivo à vacinação, ao soro caseiro e ao
aleitamento materno contribuíram com a redução
expressiva da mortalidade infantil.

- ABRE NEGÓCIOS

A TV fortalece o mercado publicitário que, por sua vez,
estimula o desenvolvimento econômico e abre oportunidades
para a pequena e a média empresa e o agronegócio.
Além de direcionar toda a cadeia de criação, produção e exibição
audiovisual aos mais elevados padrões internacionais.

A gente se vê por aqui.
Siga @rede_globo
www.redeglobo.com.br

Futebol
2007

TV RECORD
2

Registro e homenagem

MAURÍCIO AZÊDO

Em festejada coluna na *Última Hora* de Samuel Wainer, o jornalista Stanislaw Ponte Preta, heterônimo do cronista e escritor Sérgio Porto, repetia à exaustão, nos textos que dedicava à análise de um ou outro programa de televisão, que esta era uma máquina de fazer doidos, pelas incoerências, incongruências e absurdos que eram levados ao ar.

Ele próprio protagonista de programas, como os concebidos pelo gênio criativo de Fernando Barbosa Lima, Stanislaw era um crítico de costumes e via os programas de televisão com severos critérios de avaliação, analisando-os freqüentemente com espírito de mofa. Ele se foi prematuramente, em 1968, com apenas 45 anos, mas pôde cunhar com vigor a expressão que traduzia a sua insatisfação diante da qualidade da televisão que então se fazia entre nós.

Decorreram desde então mais de 40 anos, tempo suficiente para que a televisão se curasse de insuficiências e mazelas que tanto azucrinavam o fero Ponte Preta, qualificativo que ele atribuía ao seu alter ego. Entre tropeços, equívocos, acidentes de toda ordem — entre os quais incêndios que lamberam em chamas preciosos e singulares arquivos de diferentes emissoras —, a televisão construiu seu caminho e pôde alcançar um patamar de qualidade que a impôs ao interesse e ao respeito do conjunto da sociedade. Sem as costumeiras patriotadas em que muitos puxam a brasa para a sua sardinha, os que acompanham o desempenho da televisão no âmbito internacional admitem ou sustentam que a televisão brasileira pode não ser e não é a melhor do mundo, mas se inclui com certeza entre as melhores.

Esta edição do *Jornal da ABI* oferece elementos para uma avaliação do que ocorreu nesse campo da vida nacional desde que, em 18 de setembro de 1950, o jornalista e empresário Assis Chateaubriand, criador de um império jornalístico que compreendia jornais, revistas e emissoras de rádio, teve a ousadia de incorporar ao seu universo de negócios uma inovação tecnológica, a televisão, que começava a se impor nos países do Ocidente de economia mais poderosa. Como relatado em depoimentos dos pioneiros da implantação da televisão no País, a construção desse caminho fez-se com sacrifícios, incluídos os derivados do desconhecimento acerca do manejo dos equipamentos da nova forma de comunicação; com criatividade, necessária para a superação dessa e de outras limitações; e trabalho, muito trabalho, em jornadas extenuantes porém fecundas.

A edição retrata o que se fez nestas seis décadas nas emissoras existentes e naquelas que lhes precederam, em reportagens e entrevistas acerca dos momentos destacados da existência de um instrumento inigualado na oferta de entretenimento à população e de excepcional significação para a vida artística, cultural e política do País, esta pela forte presença no campo da informação, indispensável para a construção e aperfeiçoamento de uma sociedade democrática. Vai além o seu propósito: tem o sentido de homenagem a quantos criaram e aos que mantêm a televisão como bem insubstituível no dia-a-dia do País.

Militantes da memória da televisão

POR MARCOS STEFANO

No papel mais importante de suas carreiras, Vida Alves e outros pioneiros da telinha organizam a Pró-TV com o propósito de resgatar as histórias do mais importante e negligenciado meio de comunicação do País.

FRANCISCO UCHA

Vida Alves na Pró-TV: Preservar a memória da televisão no Brasil não é uma tarefa fácil.

O escritor e roteirista Walter George Durst (1922-1997) é inegavelmente um dos grandes nomes da televisão brasileira. Não somente por causa das novelas *Gabriela* e *Nina*, criações suas, e das adaptações de grandes obras do cinema e da literatura, como *Grande Sertão: Veredas* e *Memórias de um Gigolô*, para minisséries e teleteatros. Também por causa de suas contundentes declarações e frases de efeito. Pioneiro da TV, certa vez, ao ser questionado sobre para que ela servia, disse: "Para fazer experiências". Sobre seu trabalho, chegou a ser poético: "Adaptar é trair por amor". Mas a melhor de todas talvez tenha sido a definição que deu ao ofício daqueles que estão tanto atrás quanto à frente das câmeras: "Fazer TV é como escrever na água".

Durst foi preciso. Culpa da fugacidade das imagens, de incêndios criminosos que consumiram por diversas vezes o acervo das principais emissoras ou do descaso mesmo, a verdade é que, mesmo no auge de seus 60 anos, o mais destacado meio de comunicação do País ainda precisa recuperar grande parte de sua memória. Um trabalho difícil, já que faltam recursos e disposição por parte das empresas. A boa notícia é que, nos últimos anos, vários dos protagonistas dos primeiros anos de transmissões têm-se mobilizado para contar e guardar essa história.

Pessoas como a atriz, produtora e escritora Vida Amélia Alves Gasparinetti, ou simplesmente Vida Alves, uma simpática senhora de 82 anos, que desde 1995 preside a Associação dos Pioneiros, Profissionais e Incentivadores da Televisão Brasileira, a Pró-TV. A entidade organiza shows, eventos, exposições e premiações. No dia 18 de setembro, realizou no Memorial da América Latina, em São Paulo, uma noite de gala em comemoração das seis décadas de transmissões comerciais da tv nacional, com a presença de autoridades, artistas e profissionais da área.

"Estamos construindo um centro de memória da televisão brasileira, espaço que sirva como ponto de encontro sobre o tema, que conte a trajetória do veículo e de homens e mulheres que foram seus protagonistas e sirva de apoio para pensar a comunicação no País. Há muitas histórias que ainda precisam ser contadas e estamos fazendo isso", explica Vida Alves.

Poucas pessoas podem contar essas histórias tão bem quanto ela. Apaixonada pela arte de representar, Vida Alves começou no rádio ainda na década de 1940. Filha de um engenheiro e poeta que faleceu ainda jovem, com 35 anos de idade, foi morar com os irmãos e a mãe no Centro de São Paulo, na casa da avó. Como a residência era próxima à Rádio Record, ela e a irmã mais velha, Poema, foram aos estúdios da emissora tentar a sorte. Poema voltou para casa contratada; Vida, com algumas pontinhas, representando papéis infantis.

A menina cresceu, ganhou novos personagens, tornou-se conhecida e assinou contratos. Certa vez, interpretou uma briga no ar, simulando ter sido agredida. Quando voltou para casa, todos os vizinhos a estavam aguardando nas janelas de suas casas. Preocupados, queriam saber se ela tinha se machucado, se estava doendo. Prometiam ir até a emissora para protestar. Fora uma encenação, mas o rádio tinha esse poder: transformar fantasias em realidade.

Vida Alves não apenas interpretava bem, também escrevia e produzia. A experiência e a desenvoltura lhe valeram o convite para trabalhar na novíssima PRF 3, a TV Tupi de São Paulo, que entraria no ar em 1950. Onze anos antes, o brasileiro já havia sido apresentado ao novo veículo durante a Feira de Amostras do Rio de Janeiro. Porém, essa primeira experiência era somente uma brincadeira que permitiu às pessoas falarem com outras a 20 metros de distância e vê-las numa telinha a um palmo de seus narizes. Dessa vez o negócio era sério. Mesmo assim, muitos profissionais não toparam se arriscar.

"Ninguém sabia ao certo no que a televisão ia dar. O pessoal preferia o rádio, feito para um público muito maior. Pouca gente tinha aparelho de televisão e o público era restrito. Fizemos a tv na marra mesmo", afirma Vida.

Quando fala em marra, ela não exagera. A televisão brasileira tinha tudo para dar errado. Para começar, ninguém tinha um televisor. O problema foi resolvido pelo jornalista e empresário Assis Chateaubriand, que, além de importar todos os equipamentos para gerar e transmitir as imagens, ainda contrabandeou cerca de 200 aparelhos. Espalhou 20 pela cidade de São Paulo e presenteou amigos e investidores com os outros. Inclusive o jornalista Roberto Marinho, que depois se tornaria seu maior concorrente.

Improvisos e histórias não faltam nesses primeiros tempos. Logo na inauguração, conta-se que uma das três câmeras pifou. De quem seria a culpa? Alguns diziam que era do Bispo Dom Paulo Rolim Loureiro e da água benta que jogou em todos os cantos. Mas outros garantiam que o verdadeiro causador do problema seria um empolgado Chatô, que, em meio a um longo discurso, teria dado uma garrafada inaugural de champanhe no equipamento. Lendas à parte, a própria Vida Alves participou de diversos destes momentos. Foi ela quem protagonizou o primeiro beijo romântico da televisão nacional. A cena aconteceu na primeira telenovela, *Sua Vida me Pertence*, exibida em 1951 e envolveu a atriz e o galã Walter Forster.

Para que acontecesse seria preciso quebrar tabus. Primeiro, tudo foi combinado com a direção da Tupi e com o marido de Vida, um italiano de mente aberta e bastante compreensão. Depois, seguir as ordens de Forster, que procurou deixar a atriz tranqüila ao dar dicas e pedir que "deixasse tudo por conta dele". Mas o beijo não saiu sem a advertência de Vida: "Tudo bem, mas comporte-se rapaz!". Apesar do sucesso e da presença de vários repórteres e fotógrafos dos *Diários Associados*, que acompanhavam tudo, ninguém se aventurou a registrar tal "escândalo" na época.

"Foi um tempo de façanhas, pois fazer tv era uma grande aventura. A linguagem toda era adaptada do rádio e do cinema. Mas nessa escola aprendemos a

FOTOS ACERVO PRÓ-TV

Vida Alves participou da primeira novela exibida na televisão, Sua Vida me Pertence *(acima), onde fazia par romântico com Walter Forster. Talentosa e bonita, a atriz foi muito fotografada para diversas revistas da época. À direita, pronta para atuar no teleteatro* A Dama das Camélias, *da Tupi.*

*Chateaubriand contrabandeou dos Estados Unidos 200 aparelhos de televisão e os distribuiu em algumas lojas de São Paulo, onde vários telespectadores se aglomeraram para assistir à inauguração da TV Tupi (*acima*), além de presentear amigos influentes, como o Presidente Dutra.*

adaptar peças de Shakespeare e Dostoiévski, criar humorísticos, programas de auditório e telejornais."

Sempre presente

Vida Alves esteve presente nos grandes momentos da televisão brasileira, em sua inauguração, no começo das transmissões em cores e no início das transmissões digitais, já como representante da Pró-TV. Tornou-se um símbolo vivo do veículo, a ponto de ser convidada sempre que aparece qualquer novidade. Recentemente, o chamado foi da Rede TV!, que queria levá-la para conhecer o sistema de transmissão em 3D. Nem parece que esse casamento perfeito quase terminou em divórcio. Bem, pelo menos, resultou numa separação de quase duas décadas.

Já no fim dos anos 60, a pioneira Tupi começava seu declínio. Enquanto isso, a teledramaturgia passou a se concentrar no Rio de Janeiro. Diferente da maioria dos artistas, Vida preferiu não sair de São Paulo. Os filhos eram adolescentes e estavam entrando na fase adulta e ela não queria começar do zero. Abriu uma empresa, produziu programas, mas nos anos 70 afastou-se de vez das telas. Com a filha, abriu um curso de comunicação para políticos, vendedores e executivos, treinando mais de 30 mil pessoas em todos os cantos do País.

"Não foi fácil. Descobri que a distância entre a mente e a boca é muito grande e passa pelo coração. Mas por isso mesmo comecei com os cursos. Nesse tempo, recebi convites para representar. Mas recusei todos."

As saudades apertaram após a morte de seu primeiro diretor e amigo Cassiano Gabus Mendes, em 1993. Já viúva e independente, era o momento de retornar. Só que essa volta não seria à interpretação. Vida Alves via muitos colegas desesperados, na fila de espera por um papel. Não queria aquilo para ela. Além do mais, seu desejo era por fazer algo novo, pela televisão, que tanto tinha lhe dado. Dessa maneira, reuniu os antigos parceiros Walter Forster, Luiz Gallon, Lia de Aguiar, Ana Maria Neumann, Walter Ribeiro dos Santos e Blota Junior e começou em 1995 a Pró-TV.

Um acervo precioso

Em 15 anos de trabalho, a Associação se tornou a principal referência sobre a história da televisão brasileira fora das próprias emissoras. Em seu acervo estão depoimentos em vídeo de 160 pioneiros das telinhas, como Dercy Gonçalves, Dias Gomes, Boni, Eva Wilma, Walter Avancini, João Saad e Arrelia. Também há 1.700 pequenas biografias de nomes ligados à tv; arquivo de programas de diversas emissoras, em várias épocas; histórico das principais redes; coleção de trilhas sonoras e vinhetas; cerca de 10 mil fotos históricas; roupas de teleteatros, séries e novelas; aparelhos de televisão de vários anos; câmeras, entre as quais, a primeira câmera RCA, presente nas inaugurações da Tupi e, depois, da Gazeta; diversos objetos que pertenceram a antigos estúdios das grandes emissoras; além de uma biblioteca com publicações e diversos outros livros e obras sobre a televisão; e scripts de séries e produções, muitas inéditas, censuradas durante a ditadura militar.

Com esse acervo, a instituição auxilia estudantes, pesquisadores e apóia a publicação de livros, ajudando no conteúdo ou cedendo fotos. Uma das parcerias que a Pró-TV mantém nessa área é com a Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, a quem ajuda na produção dos livros da *Coleção Aplauso*. Não somente nos volumes que contam as trajetórias das Televisões Tupi, Manchete, Paulista, Gazeta e Excelsior, mas também de diversas personalidades biografadas pela série. Ainda há publicação de jornais, revistas e livros da própria associação.

"Ninguém sabia ao certo no que a televisão ia dar. O pessoal preferia o rádio, feito para um público muito maior. Fizemos a TV na marra mesmo"

Mas preservar a memória da televisão no Brasil não é das tarefas mais fáceis. E a Pró-TV trava uma luta constante por recursos e reconhecimento. Desde sua fundação, a sede da Associação funciona na casa da própria Vida Alves, um sobrado adaptado no bairro do Sumaré, Zona Oeste da capital paulista. Mas o sonho, como ela mesma define, é ter um espaço próprio. Por duas vezes, esse projeto "bateu na trave" em parcerias com a TV Cultura paulista e com a Rede TV!, que acabaram não se concretizando. Mesmo assim, a proposta de montar um Centro de Memória e um Museu da TV continua firme, aguardando o necessário apoio. Assim, espera-se que a televisão brasileira possa deixar de escrever na água para fazer valer algo que certa vez disse a atriz Laura Cardoso, uma das figuras mais experientes da teledramaturgia nacional, com mais de 50 novelas na bagagem:

"Nós, da TV Tupi, não morreremos nunca. Nós somos encantados".

FOTOS TV GLOBO/ESTEVAM AVELLAR

Os pioneiros João Restiffe, Maestro Georges Henry, Sonia Maria Dorce, Vida Alves, Wilma Bentivegna e o "Vigilante" Carlos Miranda, que visitaram a TV Globo acompanhados da atriz Ana Rosa (em pé) e se encantaram com o que viram na cidade cenográfica da novela Passione.

Os veteranos voltam às suas raízes

Grupo de oito pioneiros da televisão visita os estúdios da TV Globo, no Rio de Janeiro. Numa espécie de viagem no túnel do tempo, eles recordam as sementes plantadas há 60 anos. E se impressionam com os frutos colhidos.

No dia 11 de novembro, um grupo formado por oito pioneiros da televisão brasileira fez uma visita aos estúdios da TV Globo, no Rio de Janeiro, como parte das comemorações das seis décadas de transmissões no País.

"Há 60 anos nós plantamos uma pequena sementinha. Inauguramos a tv. Eu tinha apenas cinco anos, me vestiram de indiozinho e me mandaram dizer: 'Boa noite, está no ar a televisão do Brasil'. Eu disse. Eu fiz história sem saber que estava fazendo", contou a atriz-mirim da TV Tupi, Sônia Maria Dorce, cuja imagem foi a primeira a surgir nas telas dos poucos aparelhos receptores disponíveis naquele 18 de setembro de 1950.

Além de Sônia Maria, participaram dessa visita as atrizes Ana Rosa e Eva Wilma, ambas contratadas da TV Globo; o maestro Georges Henry; o ator Carlos Miranda, conhecido pelo seriado *Vigilante Rodoviário*; a cantora Wilma Bentivegna; o ator João Restiffe, que participou do seriado *Rancho Alegre,* de Mazzaropi, e Vida Alves.

"Quando tudo começou, eles já estavam lá, dando um banho. Dando um banho de sucesso e talento", disse a repórter Sandra Moreyra, que gravou reportagem com o grupo de veteranos para o *Jornal Nacional*.

As atrizes Eva Wilma (à direita) e Ana Rosa, contratadas da TV Globo, acompanharam os veteranos profissionais da tv que foram recebidos pelo ator Alexandre Borges nos estúdios da novela Tititi.

"Estou encantado"

A visita começou por volta das 13h, na Central Globo de Jornalismo, no Jardim Botânico, onde os pioneiros da televisão conheceram a Redação e os estúdios do *Jornal Nacional* e conversaram com William Bonner e Fátima Bernardes. No local, hoje trabalham apenas o pessoal técnico e jornalistas. Mas ali já funcionaram os estúdios onde eram gravadas novelas e especiais.

"É impressionante como tudo funciona, estou encantado", disse o 'vigilante' Carlos Miranda, que foi à visita vestido como um dos primeiros heróis da tv brasileira e distribuiu sorrisos e fotos pelos corredores da emissora.

Perto das 15h, quando editores e produtores do JN se preparavam para uma reunião, os membros da Associação de Pioneiros da Televisão Brasileira chegaram à Redação; logo chamaram a atenção de toda a equipe.

"Eu gostaria de agradecer o caminho que vocês, pioneiros, abriram para nós. E também os belos caminhos que todos os profissionais de televisão têm trilhado nestes 60 anos. Nesta trajetória, a tv brasileira, repetidamente, vem sendo finalista e vencedora de diversos prêmios internacionais", afirmou Bonner.

"Ela é minha musa"

Dali o grupo seguiu para a Central Globo de Produção, o Projac, na Zona Oeste do Rio, onde conheceu os estúdios da novela *Tititi* e recebeu o carinho de atores, como Alexandre Borges, e do diretor Jorge Fernando. "Ela é a minha musa", disse ele ao encontrar Vida Alves, que não escapou de um selinho do diretor.

"Estou fascinada com toda esta estrutura. Na minha época, nós tínhamos somente um estúdio para tudo", disse a atriz. Durante essa parte da visita, os veteranos foram homenageados pelo Diretor-Geral da TV Globo, Otávio Florisbal.

A emoção tomou conta da excursão quando os artistas conheceram a cidade cenográfica da novela *Passione*. Wilma Bentivegna chorou e foi amparada por Vida, que também ficou com os olhos cheios d'água.

"Nunca imaginei isso. É cenário, mas é total, é muito bonito, é igual à verdade. Isso aqui é um milagre. E que só poderia ter ocorrido porque nós estávamos lá há 60 anos. É como se, hoje, o passado e o futuro estivessem juntos, de mãos dadas", afirmou a atriz, cujo primeiro beijo na televisão, dado em Walter Forster, ficou apenas na memória dos telespectadores da época. Como a transmissão era feita ao vivo, não há registros da cena em arquivo.

Ana Rosa, a recordista

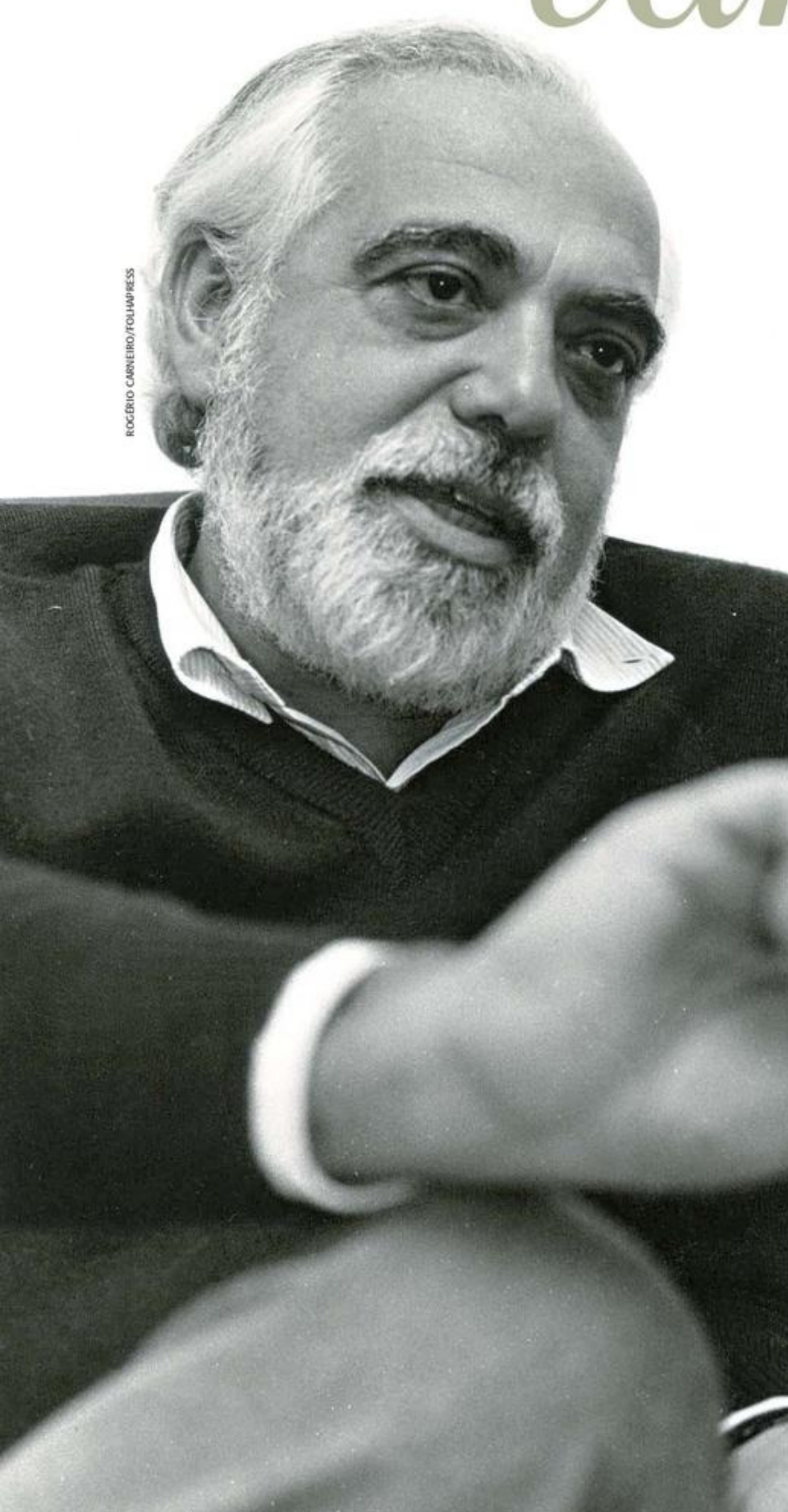
A carreira de Ana Rosa confunde-se com a própria história da tv no Brasil. Em 1964, ela recebeu o convite de Cassiano Gabus Mendes, então Diretor da Tupi, para protagonizar um projeto revolucionário. A novela *Alma Cigana* foi a primeira da emissora gravada em video- teipe, sendo transmitida diariamente em horário nobre. Foi um sucesso, tanto que definiu um novo formato e esquema de exibição dessas obras – fórmula seguida até hoje, apesar dos avanços tecnológicos, como destaca a atriz, que também participou da visita às instalações da emissora carioca.

"Não importa a tecnologia, estar exercendo a profissão é a parte mais gostosa e continua igual. O que mudou mesmo foi a parte técnica. Especificamente em *A Cura*, meu trabalho mais recente, a gravação foi muito puxada. A série é toda feita com essas câmeras ultramodernas. É tudo muito mais elaborado. É preciso repetir a mesma cena muitas vezes, mesmo dando certo, pois se você tem cinco atores em cena é necessário filmar cada um. Fica bem cansativo, mas compensa quando a gente vê o trabalho pronto", diz Ana Rosa, que desde 1997 está no Guinness Book como a atriz recordista em número de trabalhos em telenovelas gravadas em videoteipe.

REVOLUÇÃO

FERNANDO BARBOSA LIMA

Um criador de vanguarda



ROGÉRIO CARNEIRO/FOLHAPRESS

Idealizador de mais de cem programas, ele contribuiu para a História da televisão com criatividade, inteligência e visão sempre à frente de seu tempo.

POR MARCOS STEFANO

"O jornal de quem sabe compreender o mundo de hoje e ver o mundo de amanhã. Um jornal livre, para brasileiros livres. Um show de notícias. Nossas câmeras são os seus olhos." TV Excelsior do Rio de Janeiro, setembro de 1962.

Com frases de efeito como estas, entrava no ar o mais antológico informativo da História da televisão brasileira: o *Jornal Excelsior*, que a partir de 1965, quando estreou na Tupi, recebeu o nome pelo qual ficou conhecido: *Jornal de Vanguarda*. Ele pode não ter se tornado tão popular quanto o *Jornal Nacional*, mas certamente dividiu dois tempos distintos no jornalismo brasileiro.

Até então, fazia-se televisão como se fosse rádio. Os boletins eram apresentados por um locutor, originário do rádio, sentado diante de uma mesa que levava o nome do anunciante e tendo como fundo uma cortina de veludo. Tudo ao vivo, tudo em preto-e-branco, tudo baseado na voz empostada do apresentador. Com exceção de uma ou outra esporádica filmagem, feita geralmente em um coquetel ou posse de autoridade, no dia anterior, eram jornais de rádio com uma câmera dentro do estúdio. Mesmo o célebre *Repórter Esso* não fugia dessa receita.

O *Jornal de Vanguarda* mudou isso. Começava às dez e meia da noite, também ao vivo, mas com vários apresentadores, oito ou nove pessoas dentro do estúdio. Em vez de buscar profissionais do rádio, sua base era formada por profissionais que vinham da imprensa, dos veículos impressos.

Cid Moreira apresentava um rápido resumo das principais notícias do dia. Sérgio Porto, o Stanislaw Ponte Preta, comentava uma delas. Millôr Fernandes improvisava um coro cantado por todos, até mesmo pelo comentarista político Villas-Bôas Corrêa. O "Sombra", Célio Moreira, que ficava atrás de uma tela translúcida, dava uma caprichada na voz, fazendo o estilo *Os Intocáveis*, e mandava notícias misteriosas de políticos: "19 e 43. O Ministro Delfim desceu rápido as escadas do Ministério da Fazenda. Olhava sempre por cima do ombro, como se alguém o estivesse seguindo. 19 e 45. Delfim chega junto do carro e vê o repórter. Não dá para fugir. Deixa o repórter chegar perto e diz: 'O salário-mínimo foi aumentado em 20%'. E dispara no carro preto, pelas ruas do Rio de Janeiro". Caricaturas feitas atrás da tela por Mauro Borja Lopes, o Borjalo, e Amilde Pedrosa, o Appe, surgiam para ilustrar a personalidade sobre quem Luís Jatobá falava, em um efeito que lembra muito o produzido atualmente por computadores. Em seguida, Jatobá mudava a voz para pedir "um minuto de mulher". Depois da vinheta de um relógio e dos famosos "cinco segundos", Gilda Müller aparecia. Fernando Garcia anunciava a política inter-

nacional: "E com texto de Newton Carlos, você está de olho no mundo". Se fosse um país pouco conhecido, era utilizado um mapa e fornecidas informações como língua, localização, população. Reinaldo Jardim, tantas vezes, fechava a noite noticiando em forma de poesia. Literalmente.

Uma revolução no jornalismo

Sem exageros, o *Jornal de Vanguarda* fez revolução no telejornalismo brasileiro. Mas essa foi apenas uma de muitas que, na verdade, começaram atrás das câmeras, promovidas por um mesmo homem: Fernando Barbosa Lima. Em pouco mais de cinco décadas em que trabalhou no veículo, ele ajudou a construir a moderna face da tv nacional, como criador de mais de cem séries de programas.

"Imagine o *Jornal de Vanguarda* hoje. Claro, com as devidas adaptações e ajustes aos tempos atuais. Mas acredito que, mesmo numa época de sofisticada tecnologia, com transmissões ao vivo de qualquer lugar do mundo e notícias envelhecendo em fração de segundo, o programa ainda faria sucesso, seria novidade e bateria de longe a concorrência. A verdade é que a vida de Fernando Barbosa Lima confunde-se com a História da televisão no nosso País. E naquilo que ela tem de melhor, de mais vanguardista, de mais criativo", afirma o jornalista e analista político Luiz Antônio Villas-Bôas Corrêa, amigo e colega de longa data de Barbosa Lima.

Fernando teve a quem puxar. Filho de Maria José e de Alexandre José Barbosa Lima Sobrinho, um dos mais combativos jornalistas brasileiros, começou a trabalhar aos 17 anos, como desenhista da Standard Propaganda e dois anos depois entrou para a Redação do jornal paulista *O Tempo*. A experiência foi breve e logo ele trilharia seu próprio caminho, longe da sombra paterna. Aos 22 anos, ao voltar para o Rio, fundou sua própria agência de propaganda. Ávido leitor da revista norte-americana *Esquire* e habilidoso desenhista, batizou a empresa com o nome da publicação.

IMAGENS: REPRODUÇÕES

Com apresentação de Luiz Jatobá, desenhos de Borjalo e Appe, e diversos jornalistas fazendo comentários ao vivo, como Sérgio Porto, o Stanislaw Ponte Preta (abaixo), o Jornal de Vanguarda *revolucionou o formato do telejornalismo brasileiro.*

O Brasil no Posto

A estréia se deu no verão de 1958, nas belas dependências da TV Rio no requintado Cassino Atlântico, Posto 6 de Copacabana, quase nas areias da praia e diante da colônia dos pescadores. Fernando conseguiu emplacar na emissora, uma das mais bem estruturadas nos primeiros anos do novo veículo no Brasil, uma versão aperfeiçoada de um programa de boleros tocados por uma orquestra, o *Cruzeiro Musical*. Contra o improviso e a maresia, que corroía os equipamentos, a atração mostrava diversas cidades brasileiras, uma por vez. O programa de Salvador, na Bahia, por exemplo, teve textos de Jorge Amado, música de Dorival Caymmi, histórias populares, lendas, misticismo e beleza. As histórias eram contadas por um entrevistado vindo da localidade, mas que morasse no Rio.

Mostrar as particularidades de uma nação quase continental sempre foi um dos propósitos de Barbosa Lima com a televisão. Tanto que acabou criando uma produtora chamada Intervídeo, em sociedade com o também jornalista Roberto D'Ávila e com Walter Sales, realizando outras atrações na mesma linha, como *Os Brasileiros*, apresentado pelo antropólogo Roberto DaMatta, e *Xingu*, encabeçado por Washington Novaes. Em fins dos anos 50, o *Cruzeiro Musical* era pioneiro. Sucesso de crítica, por insistência da companhia aérea que o patrocinava, foi levado para São Paulo, para ser exibido pela Record, e abriu portas para outros vários.

Um deles, de entrevistas. *Preto no Branco,* era apresentado por Osvaldo Sargentelli. Mas o entrevistador não aparecia. Apenas sua voz, explodindo em *off*, podia ser ouvida. E as perguntas eram provocativas: "Olhe bem este rosto. Deputado Tenório Cavalcânti, o senhor vive para matar ou mata para viver?".

No inusitado cenário, com o chão pintado de cinza com linhas de fuga pretas e um fundo enorme, que ocupava todo o estúdio, uma personalidade conhecida e bem articulada respondia tudo. Sempre apoiada em um banquinho de bar. Apenas uma referência, pois um entrevistado sentado perde força, mas que fez escola na televisão. Assim como os closes fechados, captando expressões do rosto, gestos e movimentos das mãos que mostrassem o nervosismo do entrevistado.

O jornal-sanduíche

O sucesso levou não somente a novos programas. Também abriu as portas de outras emissoras para Fernando. Nos anos seguintes, ele fez programas na TV Tupi, na Continental e na Excelsior. E não ficou apenas no eixo Rio-São Paulo. Para a TV Itacolomi, dos Diários Associados, em Belo Horizonte, venceu as sessões de domingos à noite dos cinemas locais com um programa de variedades chamado *A Noite é da Guanabara*, patrocinado por uma grande loja de eletrodomésticos da capital mineira.

Na Excelsior, Barbosa Lima produziu o *Jornal da Cidade*, apresentado às 20 horas e usava de criatividade para atrair o telespectador. A escalada era feita por menino que vinha fardado pelo corredor, anunciando as manchetes do dia. Parecia vender jornais. Em seguida, entrava em cena o famoso locutor Oduvaldo Cozzi com as notícias; Newton Carlos fazia a parte internacional; Ibrahim Sued, com a "bola branca" e a "bola preta", dava informações exclusivas; e Jorge Sampaio, as novas da cidade.

Era um bom jornal, mas sempre perdia para o *Repórter Esso*. Foi então que Fernando Barbosa Lima teve o *insight*. Na época, a Excelsior tinha duas novelas, às 18 e às 19 horas. Imbatíveis em audiência. Para aproveitar isso, reduziu o tempo do informativo, tornando-o mais rápido, e colocou-o no meio das duas. Em menos de uma semana, o *Jornal da Cidade* já era líder. E estava criado o famoso sanduíche, hoje feito por quase todas as emissoras para compor seus campeões de audiência com as atrações jornalísticas, inclusive pela líder Rede Globo.

"Uma grade bem-feita é estratégica para uma televisão. Os programas devem ser vistos como vasos comunicantes, um passando audiência para o outro", lembrou Fernando, anos mais tarde, em suas memórias.

Um tiro num garoto, na cabeça

O premiado e internacionalmente reconhecido *Jornal de Vanguarda* também foi ao ar pela primeira vez na Excelsior. Mas foi disputado, algumas vezes copiado, por outras emissoras. Passou pela Tupi, Globo e Continental. Mas só o sucesso não explica esse percurso. A partir de abril de 1964, a atração, a televisão e a imprensa no Brasil ganharam um duro adversário: a ditadura militar. Tornou-se célebre o episódio em que o jornal exibiu o assassinato de um garoto em frente ao Clube Militar, no Centro do Rio. Morto com um tiro na cabeça por um militar na hora em que gritava "Jango, Jango". Momentos depois da exibição do jornal, o militar e um general chegavam à emissora exigindo os negativos da filmagem.

"Era o começo da censura. O tiro, naquela manhã de 1º de abril, o dia da mentira, entrou na cabeça do menino, mas explodiu no coração da televisão nacional", observou Fernando.

A princípio o *Jornal de Vanguarda* continuou lutando. Quando estava na Continental, soldados do Exército invadiram certa noite o campo do Botafogo e espancaram os universitários que ali realizavam uma assembléia pacífica. Informado da brutalidade, Villas-Bôas Corrêa aproveitou seu comentário de dois minutos no informativo para fazer um ataque forte ao regime. Ele já estava em casa, quando os censores do regime chegaram na emissora para requisitar a fita de gravação. "Como não havia fita, a Continental es-

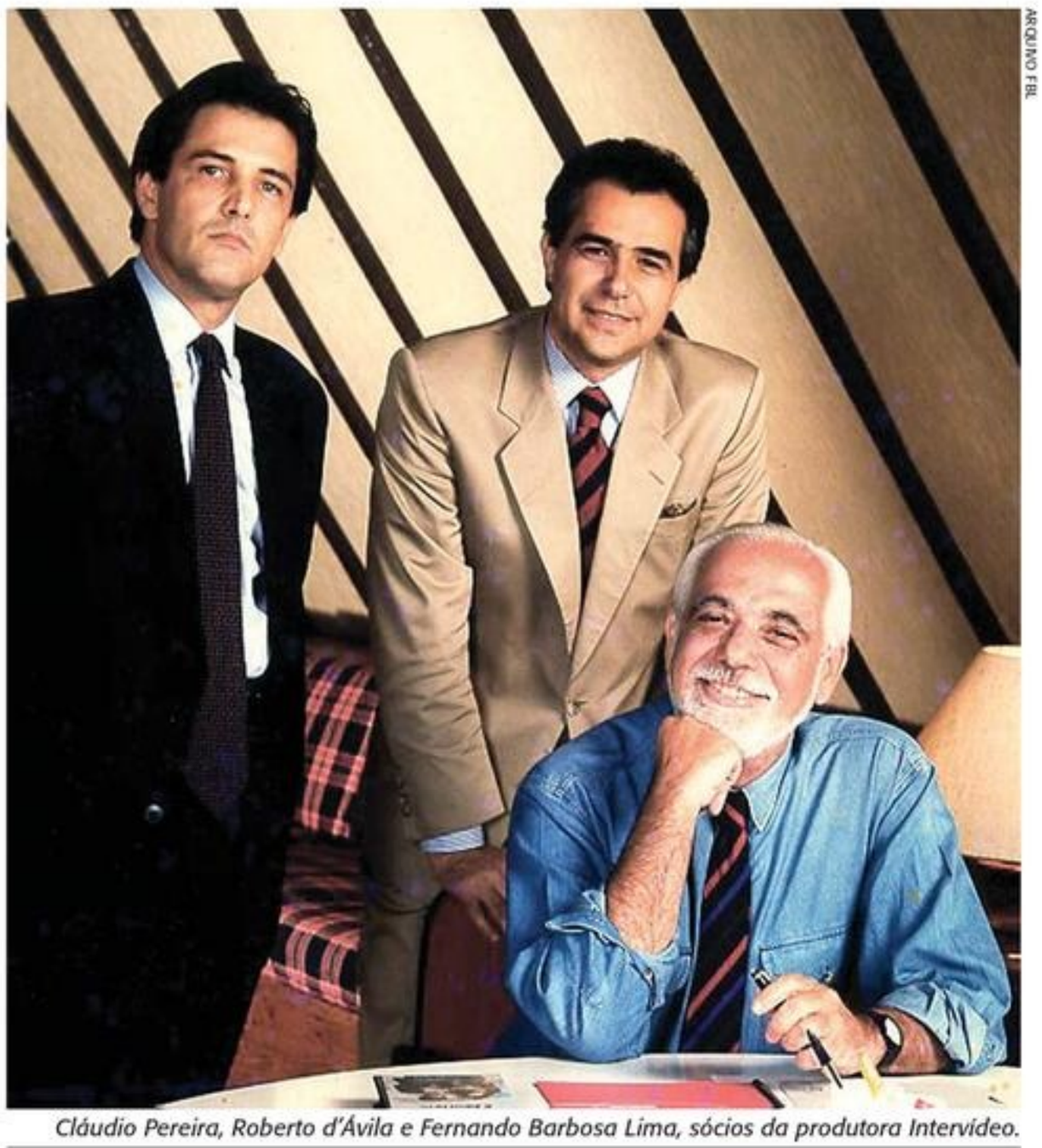
IMAGENS: REPRODUÇÕES

Fernando Barbosa também criou Preto no Branco, *um programa de entrevistas que ousava com perguntas provocativas apresentadas por Osvaldo Sargentelli – que não aparecia–, e nos closes que mostravam a reação do entrevistado em detalhes, como nesta seqüência com Flávio Cavalcânti.*

Mas o de que gostava mesmo era de ir ao auditório da Tupi para assistir ao *Câmera Um*. Não havia videoteipe, tudo era feito ao vivo e aberto ao público. O jovem saía de lá fascinado com a criatividade cult do produtor Jacy Campos.

"Tudo era muito precário, não havia dinheiro e as atrações não tinham nem de longe a qualidade técnica atual. Mas em compensação, a televisão de antes da ditadura se superava pela ousadia, criatividade e busca de novos caminhos. Um período de muito romantismo", conta Barbosa Lima em seu livro de memórias *Nossas Câmeras São Seus Olhos* (Ediouro).

ARQUIVO FBL



Cláudio Pereira, Roberto d'Ávila e Fernando Barbosa Lima, sócios da produtora Intervídeo.

"A vida de Fernando Barbosa Lima confunde-se com a História da televisão no nosso País. E naquilo que ela tem de melhor, de mais vanguardista, de mais criativo."

tava em crise financeira, fui chamado para voltar lá. Chegando, repeti meu discurso. Diante deles e das câmeras", conta ele.

Momentos de tensão

O jornalista Tarcísio Holanda, Vice-Presidente da ABI, que também trabalhou no *Jornal de Vanguarda* e enfrentou a ditadura ao lado de Fernando Barbosa Lima, lembra muito bem desse e de outros momentos de grande tensão:

"Fui um dos primeiros jornalistas políticos a vir para Brasília. Por isso, conhecia todo mundo. Nos anos 1970, ajudei Fernando a evitar a censura na TVE. Depois, em 1979, fizemos uma entrevista ousada com o então Ministro da Justiça Petrônio Portela, sobre a anistia e a democracia para o programa *Abertura*. Ainda mais do que criatividade, ele era um sujeito comprometido com a liberdade de imprensa e com a democracia".

Ainda assim, nem ousadia nem conversa foram capazes de salvar o *Jornal de Vanguarda* do Ato Institucional número 5. Em 1968, o programa estava na TV Rio, quando foi instituída a censura total.

"Com tanta criatividade, tanta dignidade e tantos prêmios, o jornal não poderia ser corrompido, desfigurado. Decidimos, então tirá-lo do ar", explica Holanda, citando a frase de Barbosa Lima que encerrava a última edição da atração: "Um cavalo de raça mata-se com um tiro na cabeça".

Ditadura que aliena

O encerramento do jornal foi apenas a primeira conseqüência desse tiro. A ferida mortal também representou o afastamento entre Fernando Barbosa Lima e sua grande paixão. Nos anos seguintes, a despeito de todos os investimentos possibilitados pelo regime em tecnologia e na construção de grandes redes, com a formação de técnicos e profissionais de excelência, ele se mante como um feroz crítico daquilo que acontecia.

"A tv, com sua força de comunicação, poderia nesses anos, junto com nossos professores, ter alfabetizado todo o nosso povo. Mas aconteceu o contrário, o brasileiro passou a ler menos. No fim, apenas as classes A e B, com 5% da população, ainda se informavam corretamente. O restante passou a ser uma grande massa alienada", escreveu.

Na década de 1970, Fernando estava indo muito bem com a Esquire, a agência que havia retomado, tinha sedes em São Paulo e no Rio, quando apareceu a luz no fim do túnel. A perspectiva de redemocratização do País fez que ele voltasse a investir em televisão. Primeiro, na criação de uma produtora independente, a Intervídeo, uma tendência moderna, que ele já visualizava naquele tempo. Depois, com a formatação de uma nova atração que se tornaria um marco naquele processo político, o *Abertura*. Em formato de revista, o programa era exibido pela Tupi nas noites de domingo e trilhava um caminho sinuoso, à beira do abismo da ainda presente censura e no limiar da liberdade e da dignidade. Isso não impediu sua equipe de entrevistar personalidades como Chico Buarque, Flávio Rangel, discutir o assassinato de Herzog, colocar sob suspeita a morte de Zuzu Angel, falar em democracia e arriscar tudo ao colocar em frente às câmeras a irreverência de Gláuber Rocha.

A este programa seguiram-se outros: *Canal Livre, Sem Censura, Os Proibidos, Diálogo, Conexão Internacional*. Os nomes mudavam, a temática sucedia-se. Agora, já nos anos 1980, Fernando Barbosa Lima não era somente um criador de programas de sucessos. Era também um diretor, função que ocupara na Excelsior e voltaria a ocupar na Bandeirantes e na Manchete. Além delas, ainda ocuparia em três ocasiões diferentes a Presidência da TVE.

Foi na Rede Manchete, de Adolpho Bloch, que Fernando viveu um dos momentos mais delicados de sua carreira. Apontado como um dos responsáveis por alavancar a audiência da emissora em seus primeiros anos, foi convidado para retornar à empresa nos anos 1990. Para retornar, não; para salvar. A Manchete atravessava uma de suas piores crises financeiras. O sucesso da novela *Pantanal* era coisa do passado. Agora, nas mãos do grupo IBF, a emissora estava mergulhada em dívidas. Atrasos de salário desde 1992 fizeram que no ano seguinte seus funcionários entrassem em greve. Bloch retomou a empresa na justiça e chamou Fernando Barbosa Lima para tentar salvá-la. Uma dura tarefa, já que foi preciso convencer os grevistas de que ainda havia esperança. Mesmo com tantas dificuldades, num primeiro momento, a tarefa foi bem cumprida. E o telejornalismo de qualidade voltou a ser o carro-chefe da programação.

Uma televisão que eduque

Fernando Barbosa Lima foi não somente uma das vozes mais criativas da televisão nacional, mas também foi uma das suas personalidades mais conscientes e inteligentes. Para ele, tão importante quanto informar era formar. Por isso, em seus últimos anos de vida investiu sempre, paralelamente, em produções independentes, como uma série de documentários sobre grandes personalidades da História brasileira.

"Para ele, a televisão deveria ser pensada em favor do povo. Se conseguiu erradicar do País a paralisia infantil, poderia terminar com a doença-de-Chagas e tantas outras enfermidades, salvando milhões de vidas e economizando milhares de leitos em hospitais. Poderia contar a trajetória do Brasil, ser uma parceira decisiva não somente na medicina preventiva, como também na educação. Não substituindo professores, mas colaborando com eles", diz Rozane Braga, que foi esposa e sócia de Fernando Barbosa Lima.

Atualmente, a produtora que ambos criaram, a FBL Criação e Produção continua a fazer os documentários da *Série Grandes Brasileiros*. O mais recente é dedicado ao pintor João Cândido Portinari. Os dvds são distribuídos gratuitamente em escolas, universidades e bibliotecas públicas. Além deles, a empresa também é responsável pelo programa ABZ do Ziraldo, um semanal da TV Brasil, feito para incentivar as crianças à leitura.

"Entreter, sim, mas com informação. Como concessão pública, a televisão nunca poderia ser pensada apenas do lado comercial. Ele foi um grande exemplo. Para mim, um mestre e o amor da minha vida. A tv brasileira nacional está carente de um Fernando Barbosa Lima", completa Rozane, emocionada.

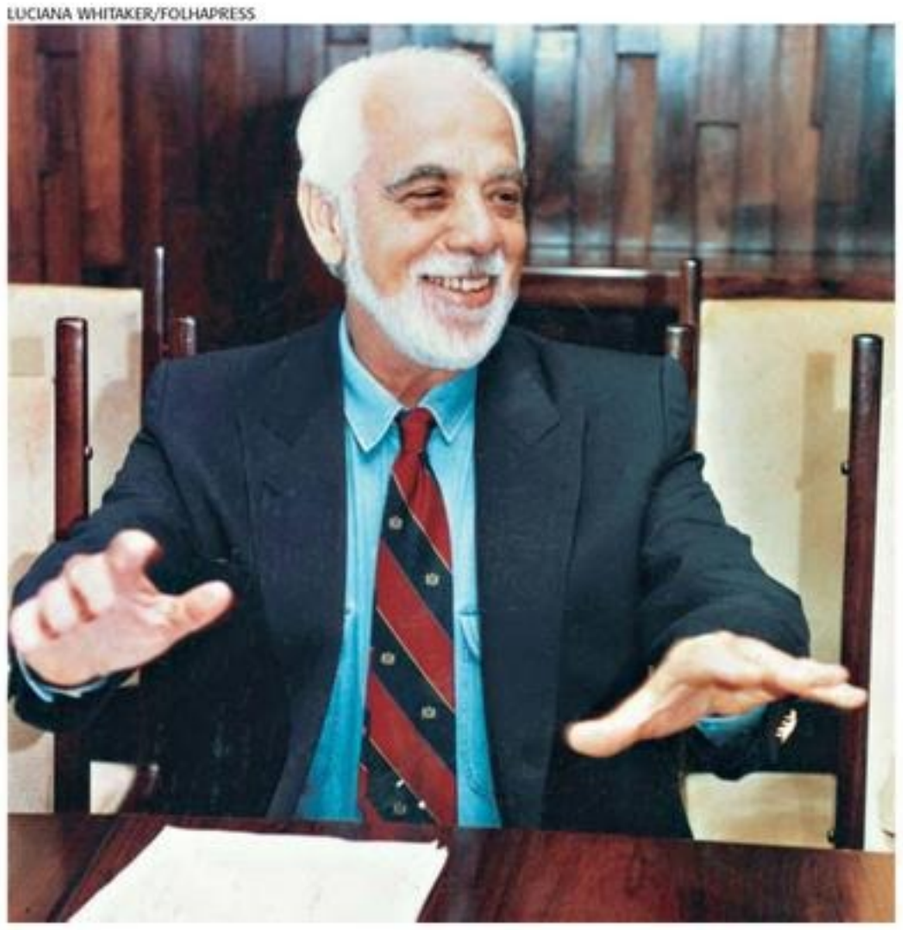
Uma TV pública real

A morte chegou para Fernando Barbosa Lima da mesma maneira como vários de seus programas saíram do ar: repentinamente. Vítima de uma infecção generalizada, faleceu no dia 5 de setembro de 2008, aos 74 anos. Na época, seguindo a trilha aberta pelo pai, participava ativamente das atividades da ABI, como Presidente do Conselho Deliberativo da Casa.

Sua contribuição à televisão é facilmente percebida sempre que se assiste a uma novela, ao *Jornal Nacional* e, depois, a outra novela na Vênus Platinada. Já grande parte de seus programas ficou apenas na lembrança dos mais velhos, uma vez que, nos primeiros anos, a televisão era feita toda ao vivo e, nos anos seguintes, as fitas, caríssimas, eram apagadas para serem reutilizadas. Mas o mais importante permanece. Seu pensamento e criatividade continuam vivos por meio de suas idéias. Agora, mais atuais e oportunas do que nunca. Como ele mesmo dizia:

"Nossa televisão poderia ser um forte instrumento para alfabetizar, para educar o nosso povo. Mas isso depende da vontade do Governo e de nossos políticos. Para isso, era preciso criar uma tv pública de verdade e não essas que querem concorrer com as comerciais. Uma tv pública que fizesse parte de um grande plano educacional, que fosse vista dentro das escolas apoiando os professores. Temos que criar uma verdadeira mania pela educação. Reciclar os professores que lecionam nos locais mais pobres e distantes. Fazer que nossas crianças conheçam melhor seu País. Criar preocupação pela medicina preventiva e pelo esporte amador. Mostrar nossa música e nossa gente. Não existem limites. Mesmo tendo passado a maior parte de minha vida dentro das ilhas de edição, ainda sonho com uma televisão que faça o progresso encontrar a civilização".

LUCIANA WHITAKER/FOLHAPRESS



Fernando Barbosa Lima voltou à Rede Manchete em 1993 com otimismo e novos projetos, como a minissérie O Marajá, *que acabou sendo censurada. Mas não houve tempo: com sérias dificuldades econômicas a televisão de Adolpho Bloch não conseguiu se reerguer.*

JORNAL DA RECORD
COM CELSO FREITAS E ANA PAULA PADRÃO
SEGUNDA A SEXTA: 20H10. SÁBADO: 20H

DOMINGO ESPETACULAR
COM FABIANA SCARANZI, PAULO HENRIQUE AMORIM E JANINE BORBA
DOMINGO: 20H

FALA BRASIL
COM THALITA OLIVEIRA E ROBERTA PIZA
SEGUNDA A SÁBADO: 8H30

JORNALISMO DE UMA EQUIPE DE PROFISSIONAIS DE

Agora é a vez da RECORD.

JORNALISMO RECORD. A SUA FONTE DIÁRIA DE INFORMAÇÕES. VERDADEIRO, IMPARCIAL E COMPROMETIDO COM A NOTÍCIA. A COMPETÊNCIA E O PROFISSIONALISMO DE UMA EQUIPE DE PRIMEIRA LEVANDO ATÉ VOCÊ A REALIDADE DOS FATOS COM AGILIDADE E RESPONSABILIDADE.

CÂMERA RECORD
COM MARCOS HUMMEL
SEXTA: MEIA-NOITE

ESPORTE FANTÁSTICO
COM MYLENA CIRIBELLI E CLÁUDIA REIS
SÁBADO: 13H

SP RECORD
COM REINALDO GOTTINO
SEGUNDA A SEXTA: 19H

RECORD NOTÍCIAS
COM ADRIANA REID
SEGUNDA A SÁBADO: 12H

SP NO AR
COM WILLIAM TRAVASSOS
SEGUNDA A SEXTA: 6H

MO RECORD.
PRIMEIRA A CAMINHO DA LIDERANÇA.

RECORD.
A CAMINHO DA LIDERANÇA
PORQUE É UMA
TV DE PRIMEIRA.

Babel

DEPOIMENTO

AGUINALDO SILVA
O senhor do destino

JORNALISTA COM PASSAGENS POR DIVERSAS REDAÇÕES, AGUINALDO SILVA É AUTOR DE TELENOVELAS DE SUCESSO, COMO TIETA, VALE TUDO, SENHORA DO DESTINO, ROQUE SANTEIRO, PEDRA SOBRE PEDRA *E* DUAS CARAS. *NESTA ENTREVISTA, ELE CONTA COMO É DAR VIDA E RUMO A CENTENAS DE PERSONAGENS E LEVAR ENTRETENIMENTO A MILHÕES DE TELESPECTADORES.*

POR PAULO CHICO

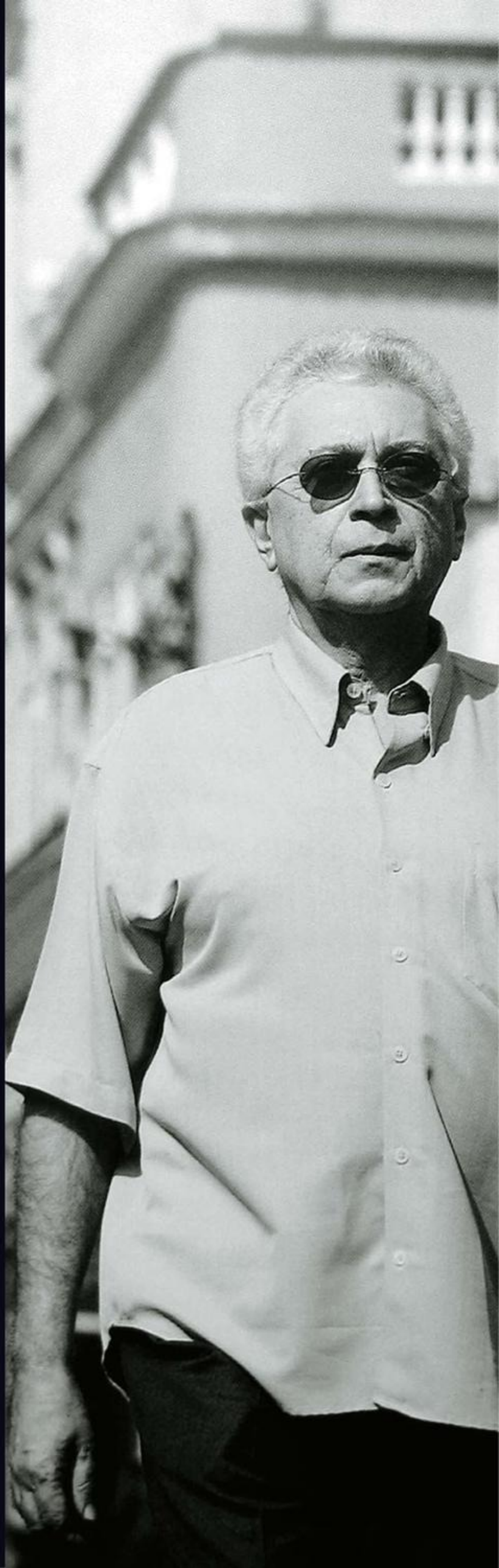
Não, não poderia ter sido com outro. Se o assunto em pauta são as telenovelas, e o veículo em questão é o *Jornal da ABI,* o entrevistado só poderia ser Aguinaldo Silva. De jornalista premiado, este pernambucano de 66 anos transformou-se num dos mais respeitados autores de novelas da televisão brasileira. Sem falsa modéstia, costuma lembrar que é o único cujas todas as obras do gênero foram exibidas no horário nobre da TV Globo, isto é, na chamada faixa das 20h, após o *Jornal Nacional*.

Aguinaldo, que nos concedeu esta entrevista em sua casa, parece um sujeito pacato. De fala mansa, voz bem colocada e emitida em baixos decibéis, vez ou outra deixa escapar um acento do sotaque nordestino. O humor é traço da sua narrativa, parece fazer parte de seu ponto de vista sobre as coisas. Pouco se mexe. Não é afeito a gestos expansivos. Talvez direcione toda a sua capacidade de produzir ação para a própria cabeça. Faz sentido. A cada novela, é ele quem dá à luz, em média, a 50 personagens. É ele quem, num diálogo indireto com o público, direciona os destinos de todos eles. Parece difícil. E é.

Dedicado à ficção praticamente desde o início dos anos 1980, Aguinaldo Silva sempre foi personagem dos mais corajosos na vida real. Em plena ditadura militar, esteve à frente do *Lampião da Esquina*, um jornal gay, dedicado também a outras minorias, que circulou por três anos e é lembrado até hoje. Em 1969, chegou a ficar preso 70 dias na Ilha das Cobras, apenas por ter escrito o prefácio para o livro *Diário de Che Guevara.* Como repórter policial, enfrentou até ameaças de morte.

Embora comece pelo jornalismo, o capítulo final dessa entrevista é mesmo a telenovela. Da lendária *2-5499 Ocupado,* primeira novela diária da tv brasileira, exibida pela Excelsior em 1963, até os dias de hoje, muitas foram as mudanças nessas produções. Em meio a altos e baixos, recordes de audiência e críticas, as telenovelas se firmaram como principal produto cultural do País, sendo capazes de reunir, todos os dias e diversas vezes por dia, milhões de brasileiros diante de aparelhos de tv.

O olhar apaixonado e crítico do entrevistado ajuda-nos a entender o fascínio dessas histórias e seu papel vital para a consolidação da televisão no Brasil. O que nos reservam os próximos capítulos? Autor técnico e criativo que é, Aguinaldo nos dá pistas. Várias delas. Aguça-nos os sentidos e a curiosidade. Prende a nossa atenção. Gera cumplicidade. Só não nos revela o final. Será preciso assistir para saber. Senhoras e senhores, garantam seus lugares na sala...



FOTOS ACERVO PESSOAL

JORNAL DA ABI – ANTES DE ENTRARMOS DE VEZ NO TEMA NOVELAS, GOSTARIA DE FALAR UM POUCO SOBRE SUA CARREIRA DE JORNALISTA. VOCÊ COMEÇOU NA REDAÇÃO DA *ÚLTIMA HORA NORDESTE*, NO RECIFE, E DEPOIS TEVE EXPERIÊNCIAS EM REDAÇÕES DO RIO DE JANEIRO. GOSTARIA QUE FALASSE UM POUCO DESSE PERÍODO.

Aguinaldo Silva – Pois é. Passei pelo *Jornal do Brasil*. E o *JB*, naquela época, era um templo... Eu era um garoto. Quando entrei ali e vi aqueles deuses todos, logo pensei 'não sou digno'... Na verdade, no jornalismo, fui basicamente redator, quase sempre trabalhei como copidesque. Fazia algumas matérias como freelancer. E fiz muitas para o jornal *Opinião*. Fui também editor de *O País*, quando este teve um retorno breve às bancas. Mas acabei me especializando em matérias policiais. Quando o Evandro Carlos de Andrade foi para *O Globo* e fez aquela reforma que transformou o jornal num produto interessante, eu era Subeditor de Cidade, que na época abrangia inclusive a Polícia, que não dispunha de uma editoria específica. Me lembro de que um repórter fez uma entrevista com a Wilza Carla, eu achei que o texto não estava legal e o reescrevi. No dia seguinte, o Evandro chegou lá e perguntou: 'Quem foi que escreveu isso aqui?'. Aí o editor respondeu: 'Foi o Aguinaldo'. Ele, então, disse que, dali pra frente, eu seria o Subeditor de Polícia do jornal. E não sei o porquê disso até hoje... Era uma matéria sobre a Wilza, não tinha nada a ver com polícia!...(*risos*). A partir daí, eu me tornei um especialista no assunto, pois *O Globo* revolucionou a cobertura policial, com a visão de que, por trás de cada crime há sempre uma história humana. A certa altura, já em 1978, eu estava muito insatisfeito com esse negócio de jornal, pois nunca chegava a editor, era sempre sub. Por exemplo, durante anos eu é que fechava a primeira página de *O Globo*. Eu fazia todos os textos, mas o editor era o Luiz Garcia, entendeu? Isso me deixava meio chateado.

JORNAL DA ABI – ÀQUELA ALTURA VOCÊ JÁ ACUMULAVA QUANTO TEMPO EM REDAÇÕES?

Aguinaldo Silva – Comecei em 1962, na *Última Hora Nordeste*. Portanto, já tinha 16 anos de estrada. Decidi fazer um curso de roteiro, eu era escritor. Havia escrito meu primeiro livro, o *Redenção para Job*, ainda na adolescência, e continuava fazendo livros. Agora, veja bem, eu sequer via televisão. Eu ia para o jornal e trabalhava à noite. Nunca passou pela minha cabeça ser autor de novelas. Eu quase não via telenovelas até então, a verdade é essa... (*risos*) Fiz o curso de roteiro e a TV Globo, nessa fase, decidiu fazer tele-seriados. E um deles, em pauta de produção, era o *Plantão de Polícia*, que se passava exatamente numa Redação de jornal, com um protagonista que era repórter policial. O Leopoldo Serran me recomendou ao Daniel Filho. "Olha, tem o Aguinaldo, que fez um curso de roteiro comigo, é escritor, repórter e um especialista no assunto". Então, eles me chamaram e eu fui pra televisão fazer o seriado. Mas até aí continuava achando que as novelas eram uma coisa que eu jamais faria...

JORNAL DA ABI – VOCÊ TINHA PRECONCEITO EM RELAÇÃO AO GÊNERO?

Aguinaldo Silva – Não, simplesmente não tinha interesse. Comecei a ver algumas novelas à noite, quando parei de trabalhar em Redação, e achei a coisa interessante. É um folhetim, não é? Uma coisa que sempre funcionou, desde o século XIX. Um belo dia, em 1984, já tinha feito seriados e teleplays, que eram longas de 90 minutos feitos especialmente para a televisão, e me disseram assim: 'Você vai fazer a próxima novela das 8, junto com a Glória Perez'. Pra você ter uma idéia, eu e a Glória nos conhecemos dentro do elevador...(*risos*) Os dois seguindo para a sala do Boni! Ela também não tinha feito uma novela sozinha, mas já tinha experiência como colaboradora da Janete Clair. Fizemos a história, que era *Partido Alto*. E, claro que não deu certo a parceria, pois não é assim que se faz uma parceria, com duas pessoas que nem se conhecem trocando as primeiras idéias dentro de um elevador... (*risos*) Eu saí no meio da novela para fazer uma minissérie chamada *Tenda dos Milagres,* uma adaptação de Jorge Amado. Até hoje ela passa em países como a Alemanha. Eles estão sempre passando essas histórias de negros, pois, devido ao nazismo, eles se redimem dessa forma, e financiando todas as ongs...

JORNAL DA ABI – E COMO FOI A HISTÓRIA DE *LAMPIÃO DA ESQUINA*?

Aguinaldo Silva – Isso coincidiu com a minha saída do jornal. Editei *Lampião* de 1978 a 1981, foram exatamente três anos e 36 edições regulares, pois ele era mensal. Tivemos ainda uma edição zero e algumas extras. Foi assim: recebi um convite para uma reunião de jornalistas e a condição é que eles fossem gays, assumidos, obviamente. Pois do tipo não assumido ainda há muitos por aí! (*risos*) Cheguei lá e o cara que convocara a reunião disse que queria fazer um 'jornal gay'. E a gente pensou, olhamos uns para as caras dos outros... Um jornal gay? A idéia causou estranheza, pois nenhum jornalista daquele grupo era, digamos assim, um ativista da causa. Cada um tocava a sua vida gay em particular. (*risos*) Então, concluímos que seria muito mais interessante fazer um jornal que fosse aberto às minorias em geral. Ele poderia até ser predominantemente gay, mas deveria também estar aberto a outros grupos. Era preciso escolher um editor, e ninguém podia. Havia o Antônio Crisóstomo, que também não topou. E fui só eu que sobrei! Aquela foi uma experiência fantástica, fui até processado pela Lei de Imprensa. O Armando Falcão me processou, por coisas que o jornal publicou, e coisa e tal. Mas, no fim de tudo, todos os 11 membros do conselho editorial foram absolvidos.

JORNAL DA ABI – CHEGARAM A TER MAIORES PROBLEMAS COM O REGIME MILITAR DA ÉPOCA?

Aguinaldo Silva – Havia um outro jornal no mesmo prédio em que funcionávamos, na Lapa, no Rio de Janeiro. Só que ficava dois andares acima... Um belo dia, explodiram uma bomba lá. E nós, de forma paranóica, sempre achamos que tinham errado de endereço. Que, na verdade, aquele artefato teria sido endereçado a nós.

JORNAL DA ABI – QUAL ERA O REAL SIGNIFICADO DE PUBLICAR UM JORNAL GAY NA DÉCADA DE 1970, ISTO É, EM PLENA DITADURA? E O QUE DECRETOU SEU FIM?

Aguinaldo Silva – O jornal era atrevido, ousado, desbocado, brincalhão, político e de comportamento. Era um sucesso! Abria espaço também para os negros e para as mulheres, para as feministas. Aquela Redação era uma loucura, conheci os tipos mais exóticos da época! (*risos*) Mas, aquilo tudo era muito desgastante. Eu era editor, o jornal não tinha dinheiro e eu tinha que prestar contas pra todo mundo, de cada centavo gasto. Eu chegava a botar dinheiro do meu bolso! Fizemos uma festa, uma vez, no Teatro Rival, pelo aniversário do jornal, que eu banquei com meu dinheiro – e os caras nunca souberam disso. O jornal não tinha dinheiro para pagar uma festa! Cada edição pagava a seguinte. Quando chegamos ao número 36, eu disse que não agüentava mais. Ninguém quis assumir e o jornal acabou ali...

JORNAL DA ABI – QUAIS EDIÇÕES DE *LAMPIÃO DA ESQUINA* CONSIDERA AS MAIS IMPACTANTES?

Aguinaldo Silva – A edição mais simbólica foi quando o Fernando Gabeira voltou do exílio. Marcamos com ele, fomos em cinco jornalistas, e tivemos uma fantástica conversa. Ele era quase um popstar. Quando chegamos na Redação e entregamos as fitas, constatamos que nada havia sido gravado. E foram mais de quatro horas de conversa! Ligamos para o Gabeira, que tinha sido jornalista, e sabia que essas coisas aconteciam. E ele nos disse: venham cá de novo. Fomos lá, fizemos a entrevista novamente, e foi um barulho danado, fez um enorme sucesso. Ele disse todas as coisas ali pela primeira vez. Gabeira já era conhecido, falava sempre com a imprensa, mas não sobre aquelas coisas, até porque ninguém ousava perguntar sobre sexualidade e comportamento. Em outra edição histórica, fizemos uma capa especial, mostrando como a Igreja Católica sempre foi preconceituosa e buscou tolher as pessoas e a individualidade em nome dessa coisa maior que ela chama de fé, apesar de os gays também estarem muito presentes no clero.

JORNAL DA ABI – VOCÊ TEVE UMA CARREIRA DE DESTAQUE COMO REPÓRTER POLICIAL...

Aguinaldo Silva – Eu ganhei um Prêmio Abril de Jornalismo com uma matéria sobre os *Pobres Homens de Ouro*, melhor reportagem individual, publicada numa revista. Tenho até hoje o troféu. Como eu fui o primeiro, era a edição de estréia da premiação, de vez em quando eles me chamam. Já fui duas vezes às festas de entrega. Hoje não vou mais, pois não tenho tempo e as pessoas já nem se lembram mais que eu fui

"Por mais que tentem diminuí-la, a novela é alta dramaturgia."

jornalista. Com essa garotada de hoje, quando vem aqui em casa me entrevistar, acontece uma coisa engraçada. Quando eu digo que era jornalista em 1978, eles acham que estou falando, sei lá, da Revolução Francesa... *(risos)* É uma loucura!

Jornal da ABI – Nessa época, você chegou a sofrer ameaças em função de sua atividade?

Aguinaldo Silva – Esses tais 'homens de ouro' eram o ovo da serpente do qual nasceu o Esquadrão da Morte e seus afiliados da época, todos de sinistra memória. Então, aos olhos de todos, inclusive os meus, os mocinhos (ou seja, a Polícia) eram os bandidos. O Mariel Mariscot, preso na época por fazer parte do Esquadrão, me mandou vários recados de que, quando saísse da cadeia, iria me matar. Quando saiu, *O Pasquim* fez uma entrevista com ele. Até me chamaram para participar da tal coletiva. Eu já estava na televisão e cheguei à conclusão de que aquele seria um trauma pelo qual eu não gostaria de passar. Durante a entrevista, o Jaguar puxou o assunto e ele voltou a fazer, de forma velada, ameaças a mim. Logo depois, foi morto. Mas, que fique claro, eu não tive nada a ver com isso... *(risos)*

Jornal da ABI – Do ponto de vista de quem escreve, isto é, do autor do texto, qual é a diferença entre contar uma história real (jornalismo) e outra de ficção (romances ou novelas)?

Aguinaldo Silva – O que muda é que no jornalismo você tem que ser totalmente factual, você conta o que aconteceu, não deve sair do limite do fato...

Jornal da ABI – Mas, para um autor criativo como você, com uma mente tão fértil, não dava às vezes uma vontade quase irresistível de melhorar um pouco a história, deixar os acontecimentos mais interessantes?

Aguinaldo Silva – Dava, dava sim. *(risos)* Uma vez eu fiz uma matéria sobre um sujeito que deu um tiro dentro do fórum, ali no Tribunal de Justiça, no Centro do Rio. Os bandidos estavam tentando resgatar alguém que estava ali para participar de uma audiência. Era uma coisa assim... Na fuga, o cara fez um disparo, que foi atingir uma senhora que estava ali por acaso. Eu não resisti e, na hora de escrever, fiz assim: 'A bala atravessou incólume a legião de advogados que perambulavam pelo local e foi se alojar na perna de uma desconhecida'. Ou seja, pobre mulher, com tanto advogado ali, dando sopa... *(risos)* A vida real não tem a intensidade da ficção, não é? Há muitos momentos 'mortos'. Na ficção isso não é possível! Você precisa exacerbar os acontecimentos, precisa sempre estar acontecendo alguma coisa. Você pode reparar que o ato de dormir, nas novelas, é utilizado como passagem de tempo. Vai dormir, amanhece, e já acordou. Geralmente, as mulheres já acordam inclusive maquiadas e penteadas. *(risos)* As minha novelas são diferentes. Eu sempre falo que não 'sou' novelista, eu 'estou' novelista. O que eu sou mesmo, sempre fui e sempre serei, é jornalista. Prova disso é que minhas novelas saem todas de noticiários de jornais. Eu leio, todos os dias, três jornais, que são *O Globo*, a *Folha de S.Paulo* e o *Estadão*. Agora estou fazendo a transição e começando a ler as coisas pela internet.

Jornal da ABI – Como se dá esse trabalho de reprocessar o noticiário nas novelas?

Aguinaldo Silva – Eu recorto as notícias. Guardo tudo. E aquilo fatalmente vai se transformar numa história, nem que seja daqui a dez anos. Por exemplo, a *Senhora do Destino* é aquela história da mulher que seqüestrou o menino Pedrinho, lá em Minas Gerais. Quando li as reportagens da época, percebi logo que aquilo ali daria uma história de novela. Embora tivesse seqüestrado aquelas crianças, ela tinha um amor verdadeiro por elas, como era o caso da minha personagem. A Nazaré, vivida pela Renata Sorrah, amava de fato as crianças que havia roubado. Aquilo tudo foi tirado da realidade. Quando você traz isso para a ficção, precisa 'carregar nas cores'. Mas, se você reparar, eu nunca deixo de ser factual.

Jornal da ABI – Ainda hoje, o quanto do jornalista Aguinaldo Silva se faz presente no autor de novelas? Quem é jornalista, ainda que mude de atividade profissional, conserva esse olhar e nunca deixa de sê-lo?

Aguinaldo Silva – Acho que nunca deixa. Hoje não vivemos mais isso, pois com a internet quase tudo é informado em tempo real. Mas, quando eu saí do jornal, e recebia os jornais em casa, era uma loucura. A primeira coisa que faço quando acordo, sempre muito cedo, é levantar, apagar as luzes da casa, desligar o alarme e pegar os jornais que assino, que já estão na minha porta. Ali fora eu já começo a olhar as manchetes. Antigamente, quando pegava o jornal e via uma notícia fantástica, eu ficava puto! Pensava que, desde a noite anterior, todo mundo das Redações já sabia daquilo, menos eu! *(risos)* Eu não me conformava com o papel de leitor comum... Isso era frustrante pra mim... Para o meu lado jornalista.

Jornal da ABI – O que faz das novelas o programa de maior audiência nos lares brasileiros e, ao mesmo tempo, o principal produto cultural de exportação do País? O que há de tão irresistível nas telenovelas brasileiras?

Aguinaldo Silva – Vou te responder, mas antes quero te dizer uma coisa que talvez seja meio polêmica. A telenovela brasileira é muito injustiçada. O tratamento que a mídia dispensa à telenovela é de puro desdém, como se ela fosse uma coisa menor. Isso é de uma injustiça atroz, pois se, daqui a 50 anos, você quiser saber como era o Brasil de agora, você não vai ter mais nenhum Gilberto Freyre para te dizer. Os sociólogos de hoje e nada são a mesma coisa! Eles fazem política, não fazem sociologia. Você só vai saber como é o Brasil de hoje assistindo às telenovelas. É isso que você vai ter de registro... Claro, você tem que dar o desconto da ficção, mas o Brasil está retratado ali. Pegue uma novela como *Pecado Capital*, da Janete Clair, feita há quase 30 anos. Ali você tem o retrato dos anos 1970 do Brasil, de como as pessoas se vestiam, do comportamento da classe média... Referências que você não encontra mais na literatura, por exemplo. Quem são os grandes autores brasileiros atualmente? Não temos! A literatura brasileira está fraquíssima. Quando o Chico Buarque começa a ganhar todos os prêmios é sinal de que alguma coisa está errada... Digo isso sem desmerecer em nada o excelente compositor que ele é. Ele consegue escrever livros muito bons, mas não é do ramo...

Jornal da ABI – Qual seria a origem desse desdém que você aponta?

Aguinaldo Silva – A palavra escrita tem um peso muito grande. Tanto que, quando quero tratar de um assunto importante, eu mando uma carta. Faço isso até hoje! A televisão é imagem. Acho que pesa contra as telenovelas o fato de aquilo passar na sua frente e depois sumir – apesar de sabermos que fica lá, no acervo da emissora. Por conta disso, algumas pessoas da mídia consideram a novela algo menor. Mas também acho que existe uma coisa de competição, pois a tv acabou sendo uma indústria poderosíssima no Brasil, e a imprensa tradicional tem um certo problema com isso. As pessoas se identificam com a novela, se vêem espelhadas ali. Ao contrário do que se diz, não há uma contradição da realidade. A novela tenta ser o mais real possível, por isso busca se aproximar das pessoas. Ela é uma grande fofoca! O objetivo é fazer com que todas as pessoas que assistam a cada capítulo se sintam parte daquele universo. É como se os personagens morassem ao lado, fossem seus vizinhos. Por isso cria-se a tal intimidade, quando o público começa a chamar o ator, nas ruas, pelo nome do personagem. Isto é, a criação ficcional vira personagem real. As pessoas acompanham a novela diariamente, e discutem, reclamam dos personagens...

Jornal da ABI – Sendo assim, como explicar o sucesso destas produções mundo afora?

Aguinaldo Silva – Vou falar outra coisa que é bem polêmica. Por mais que tentem diminuí-la, a novela é alta dramaturgia. Tecer aquele truncado de trama, de histórias e de personagens, por 180 capítulos... São cerca de 50 personagens, e fazer com que todas aquelas pessoas se apresentem, se comuniquem, se aproximem e se afastem, é uma operação muito complexa. Para as pessoas que estão lá fora, e que não dominam esta arte, e nem têm essa indústria de televisão que nós temos, isso é um fenômeno. Veja que os seriados americanos, todos eles, estão ficando cada vez mais novelísticos. Essa costura, esse bordado da trama, que nós fazemos aqui com perícia incrível, é uma coisa fantástica, que funciona em qualquer lugar do mundo. E funciona por quê? Porque a novela é média. Ela nunca trata de temas radicais. Não pode! Todos os personagens têm que parecer pessoas comuns, alguns mais, outros menos. Ela atinge todos os níveis sociais, das classes altas às mais baixas, do Oiapoque ao Chuí. E, atingindo todas as camadas da sociedade, ela está credenciada a atingir o mundo inteiro. As novelas brasileiras passam na Rússia com legendas, isto é, com áudio original. A Lucélia Santos, por conta de *A Escrava Isaura*, é recebida com festas em não sei quantos países...

Jornal da ABI – Há quem aponte as telenovelas como grandes responsáveis pela unidade do Brasil, um país de dimensões continentais. Elas foram 'saudáveis' neste sentido?

Aguinaldo Silva – Sempre há uma discussão sobre a necessidade de produção regional, que nós, praticamente, não temos. Está tudo concentrado. Há mesmo um certo monopólio no eixo Rio-São Paulo. Mas isso não é só com a tv. Ocorre, também, na política, campo no qual os grandes nomes nacionais estão concentrados

FOTOS: ARQUIVO PESSOAL

Aguinaldo Silva foi Subeditor de Polícia na época em que O Globo revolucionou essa editoria. Lá, ele conheceu Tim Lopes (foto ao lado), de quem se tornou amigo.

nestes dois Estados e Minas Gerais. Veja só como funciona Hollywood. Se eles percebem um tailandês, ou alguém do Vietnã, que seja talentoso, eles vão lá, pegam o cara, dão o dinheiro, bancam a produção... Assim fizeram com vários diretores brasileiros, como o Fernando Meireles e o Walter Sales. Há até alguns que não querem ir, o que eu acho um erro. Como não querer trabalhar num lugar onde são oferecidas as melhores condições? De certa forma, internamente, a televisão brasileira faz isso, também... Tem um João Falcão talentoso lá em Pernambuco? É bom? Traz pra cá. E, mesmo que feito por aqui, em emissoras do Rio ou de São Paulo, quando você assiste a um trabalho de um cara de fora, logo percebe que há algo diferente ali... Uma coisa que eu, enquanto escritor, lamento um pouco, é que essa centralização e unificação da televisão terminem por comprometer os vários sotaques regionais. As pessoas começam a falar de um jeito igual no Brasil todo. E temos falas tão diversas e tão bonitas no Brasil que, infelizmente, vão-se perdendo. Mas do ponto de vista social as telenovelas fazem um bem enorme para essas pessoas de regiões distantes. Primeiro, porque elas são o único divertimento ao qual têm acesso. E, segundo, porque dão noção do que seja a ascensão social e ampliam os horizontes das possibilidades de educação.

Jornal da ABI – As novelas cumprem sua função social?

Aguinaldo Silva – Atualmente, as novelas estão se tornando temáticas, com muitas campanhas sociais. Quando o autor anuncia uma novela, diz assim: 'Vou falar sobre viciados em crack e coisa e tal', e não que 'vou contar uma história que é a seguinte'. Acontece que novela é melodrama, é folhetim, uma linguagem estratificada desde o século XIX. Novela é uma bela trama. É isso, e não pode ser mais do que isso. Os temas, as coisas todas, só valem se estiverem inseridas na trama. Agora, se você quiser falar de um tema secamente, e só depois disso desenvolver uma trama no entorno, não adianta. Isso não funciona!. Há uma sensação no ar, neste momento, quando estréia uma novela, de que o telespectador já assistiu àquela história. Isso acontece pelo fato de os autores estarem se preocupando menos com as tramas e mais com os temas a serem abordados.

Jornal da ABI – Será que todas as histórias já não foram contadas?

Aguinaldo Silva – Pode ser que não exista mais um gancho original. Mas existem milhões de formas de se contar uma história. E uma das coisas mais interessantes nesta repetição é que existem maneiras de contar essas histórias, coisa que os americanos fazem muito bem, que é prender pelo inesperado, com reviravoltas e surpresas nas tramas. E isso a gente não está fazendo. É preciso manter o telespectador como seu cúmplice e, ao mesmo tempo, reservar surpresas para ele dentro desta cumplicidade. Este é o caminho certo para a novela fazer sucesso.

Jornal da ABI – Como é seu processo de produção?

Aguinaldo Silva – Eu trabalho com escaletas. Sei que no capítulo 60 vai acontecer tal coisa. Faço a escaleta dos seis capítulos da semana, e só depois começo a escrever o primeiro. E, antes mesmo da escaleta, eu faço os finais, ou seja, eu sei os finais dos seis capítulos da semana, antes mesmo de tê-los escrito. A partir daí, toda a estrutura, todo o enredo tem que ser desenvolvido para chegar àquele ponto, ao desfecho programado.

Jornal da ABI – E as repentinas mudanças de rota? As pesquisas junto aos telespectadores, ou os índices de audiência, influenciam seu trabalho? Podem, por exemplo, decretar a morte de um personagem?

Aguinaldo Silva – Influenciam, sim. Nunca tive que fazer uma intervenção tão radical, mas eu não teria dúvida em fazê-la, e vou te dizer o porquê. O que a novela precisa é de audiência. A emissora me paga pelo produto, que é dela. É ela quem produz. Quem bota a grana é que é o dono. Alguns autores até dizem assim: 'A novela é minha'. Não é, não. A novela é da TV Globo, eu estou só escrevendo, sou parte de uma engrenagem. Qualquer telenovela é como se fosse um Jumbo em pleno ar. Há pelo menos 400 pessoas diretamente envolvidas naquela produção. Ela precisa de audiência, para ter anunciantes, cobrar mais caro por cada minuto, por cada segundo de inserção. Quando escrevo novela, levo uma vida normal. Vou ao supermercado, à padaria. Não sou desses autores que ficam enclausurados. E eu ouço muito as pessoas na rua. Aqui mesmo, no supermercado ao lado, que eu freqüento há anos, as caixas falam demais comigo. Uma vez, em *Senhora do Destino*, aconteceu algo que me marcou. Há uma hora em que a personagem da Susana Vieira encontra a filha. Descobre que é a Carolina Dieckmann, que, neste primeiro momento, rejeita a Susana, pois acha que mãe é quem a criou, a Nazaré da Renata Sorrah. Exatamente como aconteceu na história real do Pedrinho, na qual me inspirei. E eu pensava: 'Essa história de rejeição, com a Susana levando seguidos foras da filha, eu vou desenvolver por uns 12 capítulos, vou estender isso ao máximo'. Começou assim e, na primeira semana, estava justamente no supermercado fazendo compras, quando chegou uma senhora e me disse: "Essa menina está ficando muito chata! Ela não pode tratar a mãe desse jeito!". 'Ah, tá bom!', pensei eu. Voltei pra casa e fiz a cena do encontro emocionado das duas na mesma hora. Antecipei aquilo que faria só seis capítulos depois.

Jornal da ABI – A dramaturgia sempre esteve presente na televisão brasileira, como na TV Tupi, nos teleteatros, transmitidos ao vivo. Mas foi com o advento do teipe que o gênero ganhou melhor acabamento e ritmo de produção industrial. Você acredita que a concretização e o sucesso da televisão no Brasil se devem, em grande parte, à criação de um jeito brasileiro de se fazer novela?

Aguinaldo Silva – Eu vejo a televisão em outros lugares e... Por exemplo, a tv na França é péssima, é um horror. É toda feita na base de programas de auditório, ou meio culturais. E sinto que aquelas pessoas que estão ali, fazendo aqueles programas, não levam muito a sério o que fazem. São meio envergonhadas, do tipo 'estou fazendo isso aqui, mas não sou assim, hein!'. Os profissionais da televisão brasileira se dão um valor maior, que é o valor que o País atribui a eles. E isso veio, mesmo, da telenovela. As pessoas me perguntam se a telenovela vai acabar. Eu digo que não, pois acredito que o futuro da televisão brasileira ainda é a telenovela. A novela das oito é a produção que paga o salário de todo mundo! É ela quem paga os salários dos profissionais, praticamente, da grade inteira. A televisão, na verdade, não poderia viver sem a telenovela, pois sem ela as emissoras teriam que produzir um programa novo por dia. Por ser de longa duração ela é caríssima, e a TV Globo não mede custos. Então, no começo ela sai caro, a médio prazo ela se paga, e com o tempo, dá grande lucro. Veja só os casos das minisséries, que não dão lucro, pois duram apenas uma semana e são também caríssimas. *Cinqüentinhas*, por exemplo, foi uma produção barata, com duas semanas, oito capítulos, boa audiência e que deu lucro. Agora, quando fazem uma série como *Amazônia*, com produção caríssima, e depois exibem aquilo às 11h30min da noite, dá prejuízo. É claro que dá! Um caminho para se investir são os seriados, que viraram mania e passam no mundo inteiro, como *House*. E a tv brasileira parece não ter percebido isso, estamos meio que perdendo esse bonde. O que fazemos aqui ainda são os sitcons, que são o início desta história, já nem são feitos mais nos Estados Unidos. Estão superados. Temos uma boa produção nesta área, como o *Na Forma da Lei*. Mas há muitos que são viagens muito particulares de um diretor com uma atriz, uma comediazinha engraçada, mas que não tem chances de sucesso internacional. Hoje, se não há chance de venda para o exterior, perde-se muito do investimento feito na produção. Tem que produzir pensando nisso também, na venda para o mercado externo.

Jornal da ABI – Quem são os maiores responsáveis pela excelência da produção de telenovelas no Brasil?

Aguinaldo Silva – Quando a TV Globo resolveu embarcar nessa onda de teledramaturgia, contratou alguns dos melhores escritores do Brasil, como Dias Gomes, Mário Prata, Lauro César Muniz, Cassiano Gabus Mendes e a própria Janete Clair, que não era considerada uma escritora do peso do marido, o Dias Gomes. Aliás, tem aquela frase famosa do Nélson Rodrigues. Diante de uma declaração do Dias, em que o próprio se apresentava como maior dramaturgo do Brasil, foram provocar e ouvir o Nélson. E ele disse: "O Dias não é o melhor dramaturgo nem na casa dele. Boa mesmo é a Janete..." (*risos*) A Globo pegou esses grandes caras da época, que tinham uma visão política da realidade brasileira – muitos deles eram politicamente engajados – e deu total liberdade para que fizessem as novelas. Isso numa época de censura e di-

"Entrei na ABI numa época de muita atuação política, com a presidência do Barbosa Lima Sobrinho. Vivíamos numa ditadura! Acontecia qualquer coisa, ou ameaça, corríamos todos para lá."

tadura. Aí a novela ganhou algum prestígio, que não perdeu nunca mais. Esses, eu acho, são os grandes responsáveis pela consolidação do gênero.

Jornal da ABI – Em praticamente todas as emissoras os telejornais noturnos são exibidos entre novelas. O que isso revela do perfil do telespectador brasileiro? Ele prefere engolir pequenas doses de realidade para, logo em seguida, se esquecer dela e mergulhar no mundo da ficção?

Aguinaldo Silva – Não sei como funciona esse mecanismo na cabeça do telespectador. Mas essa questão é muito interessante. Pois você tem no jornal uma dose violenta de realidade, da qual geralmente você pensa não fazer parte. Pois o telespectador tem essa reação. 'Aconteceu ali na esquina, mas não é comigo', pensa ele. E, na seqüência, vem uma história de ficção, da qual ele acha que faz parte. Ele se identifica com aquilo, com os personagens, chega a acreditar e a se envolver com eles. Isso é uma coisa engraçada.

Jornal da ABI – Provavelmente, você é o autor que mais investe no universo da fantasia, com o chamado 'realismo fantástico'. Gostaria que falasse um pouco disso, bem como sobre a resposta do público a esses personagens, tais como Sérgio Cabeleira, vivido pelo Osmar Prado em *Pedra Sobre Pedra*, que era atraído pela Lua...

Aguinaldo Silva – Eu sou nordestino, de Pernambuco, de uma cidade chamada Carpina, que na minha época era uma cidadezinha. Voltei lá há pouco tempo, e mudou tudo. Das minhas lembranças, a única coisa que resta é a estátua do leão. Ali já havia um pouco do realismo mágico que você citou. O nome original da cidade era Floresta dos Leões – isso num país que não tem leões! (*risos*) E o símbolo máximo da cidade é a tal estátua do leão. De onde é que saíram esses leões, gente? (*risos*) Quando eu era criança, ouvia histórias absurdas. A tal 'mulher de branco', que eu incluí na *Tieta*, eu cheguei a ver na cidade... Eu juro! Eu vi! (*risos, inclusive do entrevistador*) Eu e minha mãe, eu com uns sete anos de idade. Nós vimos a 'mulher de branco'! Ela aparecia no mato, nas ruas, de madrugada, e atacava os homens. Assim como reproduzi na novela. Portanto, o meu gosto por isso, além do fato de eu reprocessar histórias que tinham a ver comigo, que faziam parte da minha infância, era fazer com que as pessoas acreditassem. Em *A Indomada*, o delegado caía num buraco, saía no Japão e voltava casado com uma gueixa. E ninguém questionava o absurdo dessa história! (*risos*) Em outra, *Pedra sobre Pedra*, o personagem do Armando Bogus terminava a novela virando uma estátua de pedra... O bacana é fazer as pessoas embarcarem nesse universo e acreditarem no absurdo. Eu gostava de fazer isso. Depois, percebi que a realidade está tão mais absurda, que o mundo está tão maluco, que parei de investir nessa linha. Decidi voltar a ser realista... Acho que nada mais que eu faça poderá espantar as pessoas...

Jornal da ABI – Autoras como Janete Clair, Maria Carmem Barbosa, Ana Maria Moretzsohn, Andrea Maltarolli, Gloria Perez, Elizabeth Jhin, Leonor Bassères, Ivani Ribeiro e Maria Adelaide Amaral tiveram diversos sucessos. Mas, me parece, elas estão em menor número nesse mercado, gozam de menor status... Escrever novela é coisa de homem?

Aguinaldo Silva – É! (*risos*) E vou te falar porquê. Isso tem a ver com as chamadas regras sociais. Escrever novela é uma coisa pavorosa! Eu sempre digo que o dia de um novelista deveria ter 36 horas. Como tem apenas 24, ele está sempre atrasado. É um trabalho braçal terrível. Escrever quase 30 laudas de texto por dia é desumano. Se você vacila um dia, no dia seguinte o telespectador diz, 'Ih mas essa novela tá chata'... (*risos*) O novelista tem que matar um leão por dia! É um trabalho que exige dedicação e concentração total. Os homens novelistas têm mais tempo. Essas mulheres que você citou, quase todas, eram ou são casadas, têm marido e filhos. E isso dá a essas mulheres tarefas extras das quais elas não conseguem se livrar. Algo que os homens podem fazer. Isso é cultural! Elas não conseguem separar as coisas. As mulheres, no Brasil, ainda são muito vistas como donas de casa. A gente ainda não conseguiu se livrar disso, e espero que possamos conseguir um dia... Como as que já escrevem não conseguem se dedicar tanto às novelas, elas não conseguem fazer isso tão bem quanto os homens e só por isso têm menos prestígio. Havia uma exceção, que era a Janete Clair. E há uma outra hoje em dia, que é a Gloria Perez, que tem a vida pessoal organizada, o que permite que ela se afaste dos problemas do cotidiano e consiga escrever 'como homem', sem nada que a atrapalhe. Por favor, escreva esse 'como homem' entre aspas para não deturpar a minha declaração... (*risos*)

Jornal da ABI – Como vê o sucesso da reprise de *Vale Tudo* no Canal Viva, da qual você é co-autor? Qual seu olhar, hoje, sobre a produção, que marcou época?

Aguinaldo Silva – A novela é muito atual. Não assisto muito, pois não tenho tempo. Além de novas produções, sou supervisor de uma novela em Portugal, fruto de parceria da Globo com a SIC. Quando nós nos reunimos, Gilberto Braga, Leonor Bassères e eu, foi atendendo a um convite do próprio Gilberto, que não queria fazer a novela sozinho. Essa foi nossa única parceria. Depois, até tentamos trabalhar novamente juntos, em *O Dono do Mundo*, mas a TV Globo não deixou, pois achava que cada um deveria fazer a sua novela. Na primeira reunião de *Vale Tudo*, o Gilberto falou que queria fazer uma novela sobre esse egoísmo que estava imperando no Brasil, em que as pessoas só pensavam nelas próprias, em se dar bem, que o trabalho não valia nada, e que o negócio era levar vantagem em tudo. Começamos a trabalhar essa história que, na época, nos pareceu datada. Diante de todo o sucesso que a novela fez na primeira exibição, em 1988, eu vi que ela havia pegado na veia do público, pois tratava de um tema atual e pulsante. Por isso mesmo, pensei eu, dali a dez ou 15 anos ela estaria velha, desatualizada. Hoje, o tema não só permanece atual, como o seu contexto está ainda pior. Vivemos numa selva! É um salve-se quem puder generalizado. Uma coisa que tinha na época, e que já nos deixava bastante chocados, era a máxima de alguns personagens de que o dinheiro do Estado existia para ser roubado. Ainda assim, isso era dito de uma forma sutil, dissimulada. Agora, não. Parece que é lei: 'Dinheiro do Estado é pra ser roubado! E pode roubar à vontade! Não é crime, pois ninguém vai pra cadeia por isso'. Cara, ficou muito pior! As denúncias que *Vale Tudo* fez na época são piores ainda agora. E com um elemento novo, que é a indiferença das pessoas. Veja que os jornais fazem diariamente todo tipo de denúncias, que não dão em nada....

Jornal da ABI – Isso, por si só, explica o sucesso dessa novela?

Aguinaldo Silva – Outra característica que explica o sucesso de *Vale Tudo* é que os personagens são muito bem definidos, têm um perfil bem delineado. E a história não tem 'barrigas', ou seja, espaços sem ações de interesse. Na verdade, se você pegar toda essa novela, e depurar, depurar, depurar, vai ter a história de uma filha ingrata que tem vergonha da mãe, justamente por ela ser uma mulher pobre, trabalhadora e honesta. Isso funciona em qualquer lugar do mundo, quantas vezes você escrever! Eu vou contar um segredo pra você: essa história saiu de um filme, chamado *Mildred Pierce* (*Alma em Suplício*, 1945), com Joan Crowford, que mostrava exatamente isso, uma filha que tinha vergonha da mãe, que era pobre e honesta. O Gilberto Braga, logo na primeira reunião, fez referência a esse filme, cinéfilo como ele é, como base de inspiração para a novela. E hoje, mais de 20 anos depois, com essa reapresentação, o Canal Viva já é o primeiro em audiência, entre os canais a cabo.

Jornal da ABI – *Tieta*, *O Outro*, *Fera Ferida*, *Pedra Sobre Pedra*, *Duas Caras* e *Senhora do Destino* são algumas de suas novelas de sucesso, sem falar em séries como *Lampião e Maria Bonita*. Você ainda participou ativamente daqueles que, provavelmente, foram os dois maiores sucessos da história das novelas brasileiras: *Roque Santeiro* (com Dias Gomes) e a já citada *Vale Tudo*. Qual o segredo de tamanha capacidade de comunicação com o público?

Aguinaldo Silva – Tem uma coisa meio idiota, que eu vou falar, mas acho que permite o sucesso das novelas que eu escrevo. Eu me divirto muito quando estou escrevendo, eu adoro escrever essas coisas! Veja bem, quando eu digo que adoro escrever novela, estou falando do ato de escrever, pois todo o circo em volta de uma telenovela é um horror, é desgastante, sabe? Mas, quando eu estou escrevendo, me divirto muito. E quando sinto que estou me divertindo, sei que o público vai se divertir também. Eu gosto do que faço, sou sempre muito bem humorado. Minhas novelas nunca pesam, são sempre leves. A única que pesou um pouco mais foi *Duas Caras*, mas mesmo assim ela era bastante engraçada. O segredo é esse, você tem que escrever a novela como se estivesse conversando com as pessoas que vão assisti-la, sabendo sempre que a novela não é exatamente aquilo que você está escrevendo. O que as pessoas vão assistir passa ainda por um longo e complexo processo de produção, que modifica o que está no papel.

Jornal da ABI – Você tem voz ativa durante essa produção? Por exemplo, acompanha as gravações?

Aguinaldo Silva – Participo, sim, da escolha do elenco, da trilha sonora, vejo cenários, vejo locações, tudo isso. Mas eu nunca vou ao Projac durante as gravações, e nunca converso com atores. Na primeira reunião de elenco, o Wolf Maia, que há tempos é meu parceiro como diretor, diz assim: "Quem quiser perguntar alguma coisa para o Aguinaldo, pergunte agora. Depois, tudo que quiserem perguntar a ele terá que passar por mim". Ou seja, o diretor é um intermediário. Certamente, ele me passa algumas coisas, mas filtra a grande maioria. Caso contrário, o autor não consegue escrever, pois todo dia tem um ator ligando. E acontece uma coisa muito chata... Não vou citar nomes, mas tem ator que para se aproximar do autor começa a contar histórias dos bastidores da produção, faz intrigas, diz que não sei quem brigou com a protagonista... Isso é um horror! Eu descarto na hora! Lembro do caso da Susana Vieira e da Renata Sorrah, em *Senhora do Destino*. Os jornais todos diziam que elas brigavam, se estapeavam, e as duas estavam, na verdade, às gargalhadas. São amicíssimas há anos, se não me engano até comadres... Na época

de *Vale Tudo*, uma jornalista, uma senhora que fazia um programa de rádio – e não vou dizer aqui o nome dela –, disse que eu e o Gilberto havíamos tido uma discussão nos corredores da Globo e nos atracado, no tapa! Aí, eu liguei para ela pra desmentir a história, e ela fez uma sacanagem comigo! Me anunciou assim: 'Está aqui o Aguinaldo Silva para esclarecer o ocorrido, a história da briga entre ele e Gilberto Braga'. Aí eu comecei a falar, ao vivo, e ela me interrompeu: 'Mas, tudo bem, Aguinaldo! Que bom que vocês já fizeram as pazes'. E não desmentiu! Nem me deixou falar... Agora, imagine eu e Gilberto Braga trocando tapas num corredor da Globo... (*risos*)

Jornal da ABI – As telenovelas ainda são líderes, mas já não dão os altíssimos índices de audiência de antigamente. Elas estão em crise?

Aguinaldo Silva – Ah, sim. Acho que estão. Elas foram melhores quando os autores embarcavam totalmente na ficção. Você tinha o Dias Gomes. Vamos pegar o exemplo dele, pois destes autores todos era o mais notório. Ele era um autor seriíssimo, um homem politicamente engajado. Mas quando escrevia *Saramandaia*, por exemplo, ele estava cagando para as idéias políticas, para os discursos em seu formato tradicional. Estava tudo de político lá, pois aquele era um produto dele. Mas você tinha o Juca de Oliveira voando, a Wilza Carla explodindo no final... Esses autores eram pessoas do Partidão Comunista, mas que tinham a noção exata de que a novela era folhetim, que precisa ser algo desbragado. A novela não pode ficar amarrada a suas idéias políticas, aos seus temas ou obsessões pessoais. Esses autores tinham a grandeza de perceber isso. Hoje, sinto que é o contrário. Em busca de prestígio, o autor diz que 'a minha novela vai tratar do tema tal'. E não percebe que o público não está nem aí para isso. Ele quer ver é uma trama bem construída, um barraco. Quer assistir à briga entre a Maria do Carmo e a Nazaré... *(risos)*

Jornal da ABI – A patrulha do 'bom mocismo' parece gerar altas doses de hipocrisia na sociedade brasileira. O politicamente correto complica a vida dos autores e empobrece as novelas?

Aguinaldo Silva – Isso é uma coisa que está acabando com as novelas. Eu fiz uma cena, em *Senhora do Destino*, na qual a Nazaré se disfarçava de enfermeira. Você acredita que o Sindicato das Enfermeiras me processou por causa disso? Virou uma loucura! Não dá mais pra escrever com liberdade! Há palavras que você não pode mais usar. Aliás, as tecnologias da vida moderna vieram complicar muito a vida dos autores de novelas... Eu tenho uma lista de coisas que são malditas. (*risos*) Por exemplo, porteiro eletrônico.... Antigamente, todo mundo entrava livremente nas casas. O personagem abria a porta e tomava o susto! Lá estava o vilão, bem na sua frente. Agora, não. O vilão tem que se anunciar! 'Estou chegando!' (*risos*). E o mocinho não vai abrir a porta para o vilão. Então, você tem que simular uma situação, do tipo alguém esquecer o portão aberto, ou o porteiro ter uma dor de barriga e sair do posto de trabalho... O celular, é outra invenção... O e-mail também. Ele decretou o fim da carta misteriosa. Acho que só eu ainda escrevo cartas.. (*risos*) Várias coisas que eram típicas do folhetim acabaram superadas. Recentemente, e eu acho que pela quinta ou sexta vez, assisti ao filme *Blade Runner,* que é de 1982. Ele antecipava o caos das grandes cidades, que é como a gente vive hoje. Pois bem, em *Blade Runner*, não tem celular! Eles não conseguiram prever esse aparelhinho! Não é incrível? Tem até andróides, mas não celular... Essas tecnologias novas que surgiram, e ainda vão surgir, são inimigas ferrenhas do folhetim. Mas, nós vamos nos adaptando...

Jornal da ABI – Você tem milhares de seguidores no twitter. Já tinha um blog de sucesso; no dia 8 de novembro deste ano, lançou um portal informativo. Qual o objetivo dessa ação? Em que medida a internet e as redes sociais são, para você, um canal de desabafo do jornalista? Por outro lado, elas ajudam a abastecer e alimentar o autor de novelas?

Aguinaldo Silva – Quando comecei a fazer o blog foi exatamente por isso. Por sentir a necessidade muito grande de, ainda que de outra forma, continuar no cotidiano do jornalismo. Sempre senti falta disso. Mas, trabalhando na TV Globo, escrevendo novela, não dá para assumir outros compromissos. E escrever uma coluna semanal num jornal, por exemplo, não me interessa. Sempre fui do dia-a-dia na Redação dos jornais. Quando me ofereceram para escrever um blog, e eu não tinha muita intimidade com esse meio digital, pensei: o que eu vou fazer? De cara, sabia que não escreveria aquelas bobagens de 'bom dia, acordei, hoje estou com dor de cabeça, o mundo está cinzento...' (*risos*) Optei por dar as minhas impressões sobre o que leio e assisto, da maneira mais jornalística possível. Mas ao mesmo tempo em que era jornalístico acabou sendo muito pessoal. Ali eu estava me expressando. É um jornalismo opinativo, e muito em cima do que está acontecendo. Eu gosto de escrever, e esse espaço me deixa mais antenado. Antigamente, eu lia jornais e pensava em novelas. Agora, penso em notícias para o meu portal. E o retorno que tenho me alimenta, também. Criou-se no blog uma espécie de irmandade. Cerca de 200 pessoas fixas, que passam por ali sempre, e eu já as conheço, até pessoalmente. Agora, por exemplo, no lançamento do portal, veio ao Rio uma família inteira de Porto Alegre, com pai, mãe e três filhos. Vieram pra festa, e por conta deles! Essas pessoas interagem permanentemente. Eu escrevo e elas varam a noite discutindo os assuntos mais variados.

Jornal da ABI – E quando uma novela sua está no ar? Elas palpitam?

Aguinaldo Silva – Aí é uma loucura. Eles já começaram a dar palpites sobre elenco, sobre a história da próxima novela... Durante *Duas Caras*, eu fiz uma coisa que não vou fazer mais, a pedido da TV Globo, que era antecipar cenas do dia no blog. 'Hoje à noite vai acontecer tal coisa. Leia a cena', eu escrevia. Mas houve um certo movimento de hostilidade de boa parte da mídia que cobre televisão, e logo entendi por quê. Eu estava, na verdade, utilizando informação privilegiada... Enquanto autor, só eu sabia daquilo. Não era legal, não vou fazer mais. Inclusive, com essa história, arranjei alguns inimigos ferrenhos... O Daniel de Castro é meu inimigo mortal... Mas o poder da internet é fantástico. Em cerca de 24 horas com o portal no ar, já somávamos mais de seis mil acessos.

Jornal da ABI – Além do portal, você supervisiona uma novela em Portugal e prepara para a TV Globo, já para 2011, a série *Lara com Z* e a novela *Fina Estampa*. Como vai ser dar conta disso tudo?

Aguinaldo Silva – Aí vem de novo aquela coisa do jornalismo, né? Eu sempre funcionei sob pressão, e eu trabalhei na época mais terrível, mais pauleira dos jornais. Às vezes, você estava saindo às 23h30 da Redação e bem naquela hora chegava a informação sobre o seqüestro de um embaixador suíço. Pronto! Você não só não ia mais embora, como ficava três dias seguidos trabalhando, em função do jornal. Essa pressão, que é uma coisa terrível, pois é estressante, hoje me ajuda muito na minha profissão. Eu sou capaz de fazer várias coisas ao mesmo tempo. Ligo aqui, desligo dali. Mas com o passar dos anos até isso está ficando complicado. Hoje em dia, minhas pernas começam a doer... Aí preciso me levantar, andar um pouquinho... (*risos*).

Jornal da ABI – Assim que cheguei, você fez questão de me mostrar a sua carteira de associado da ABI, atualizada e em dia. Gostaria que falasse um pouco de sua relação com a Casa...

Aguinaldo Silva – Eu entrei na ABI numa época de muita atuação política, com a presidência do Barbosa Lima Sobrinho. Vivíamos numa ditadura! Acontecia qualquer coisa, ou ameaça, corríamos todos para lá, nos reuníamos lá. Para você ter uma idéia, a ABI, naquela época, já era uma entidade tão avançada que a primeira reunião de gays e lésbicas ativistas no Brasil ocorreu em suas dependências. Tentamos em vários lugares, mas todos recusavam quando sabiam do que se tratava. Fomos à ABI e lá conseguimos fazer nossa reunião no auditório, patrocinada pelo *Lampião*. O contexto atual é outro, de liberdade democrática no País, felizmente. Mas ainda hoje a ABI precisa e deve se manifestar diante de absurdos que vemos, como as leis estaduais de restrição aos meios de comunicação, que vemos pipocar em várias unidades. Isso é absolutamente inconstitucional. Ninguém deve legislar sobre a imprensa. Se for mesmo esse o caso, deve ser a União. Contudo, já há lei desse tipo, com a instituição de conselhos de comunicação social, feita pela Assembléia Legislativa do Ceará... Pernambuco quer fazer uma outra...

Jornal da ABI – O que o público pode esperar de suas próximas atrações na Globo?

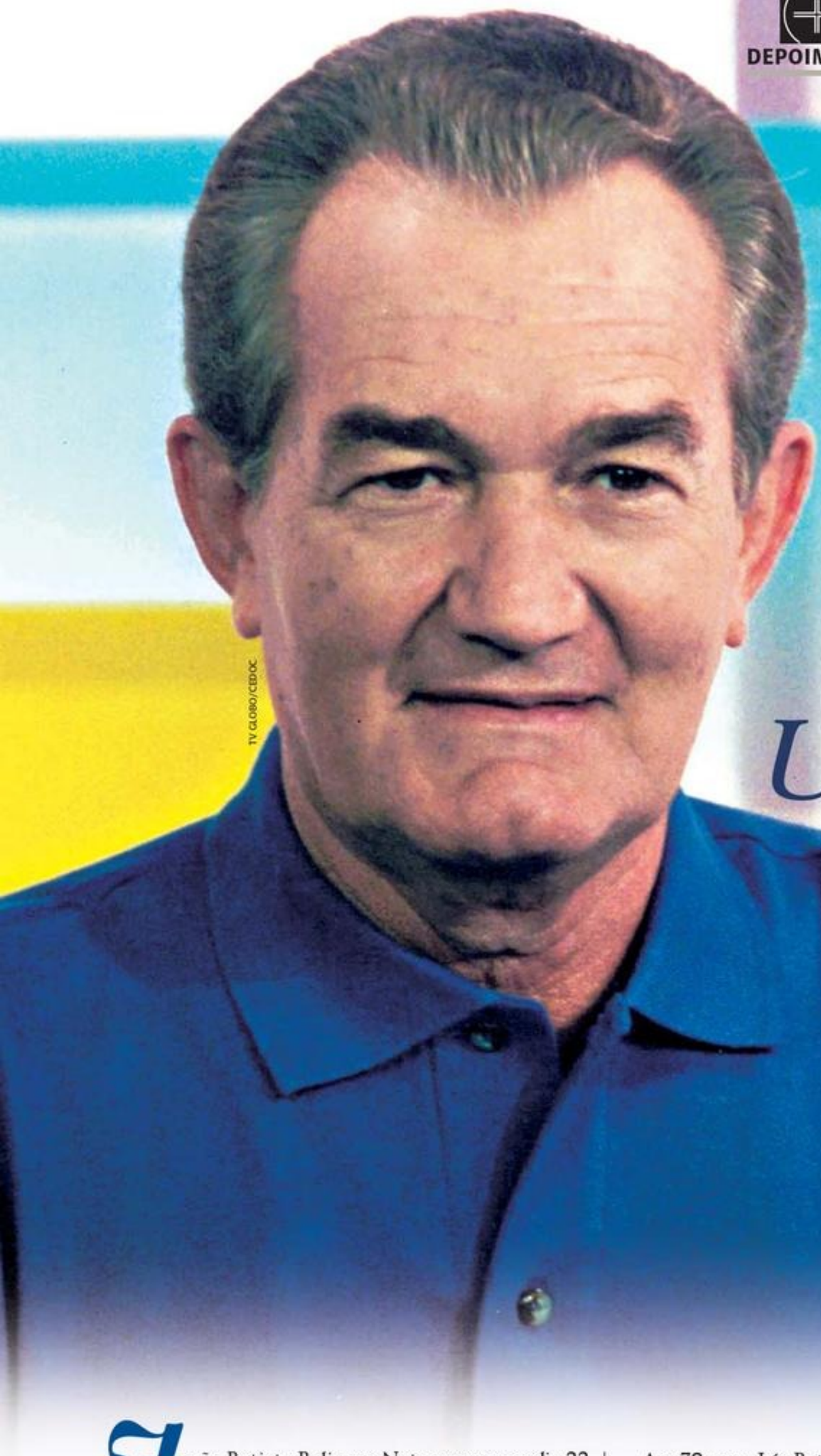
Aguinaldo Silva – Certamente, muito bom humor. *Lara com Z*, cujo título é totalmente aleatório, é uma espécie de filhote da personagem de Susana Vieira, em *Cinqüentinha*. Ou seja, agora é só a personagem da Susana, mais aqueles que a cercavam. É a história de uma grande diva da tv que se recusa a envelhecer e a entrar em decadência, tendo, por exemplo, que aceitar papéis secundários. E *Fina Estampa* é uma história urbana, contemporânea e carioca. Ninguém vai viajar para o exterior nessa novela! O máximo que vai acontecer é algum personagem viajar para o Méier... (*risos*)

Jornal da ABI – E seu lado escritor?

Aguinaldo Silva – Tenho 16 livros. Escrevi *98 Tiros de Audiência,* que pensei que seria um best-seller. Mas houve uma confusão danada... Na última hora a editora foi vendida, e tivemos que lançá-lo por outra. Eu sei que o livro não aconteceu... Ele retratava bastidores da tv, onde eu contava tudo que vi e que sei, de forma velada, é claro. No final, o assassino era preso – era o próprio autor da novela. Estou com vontade de mergulhar de novo neste universo, retomar essa história a partir do ponto em que ele foge da cadeia. Eu queria voltar a esse mundo do subterrâneo das telenovelas, que é algo fascinante.

Léo Batista

Um supercraque



POR PAULO CHICO

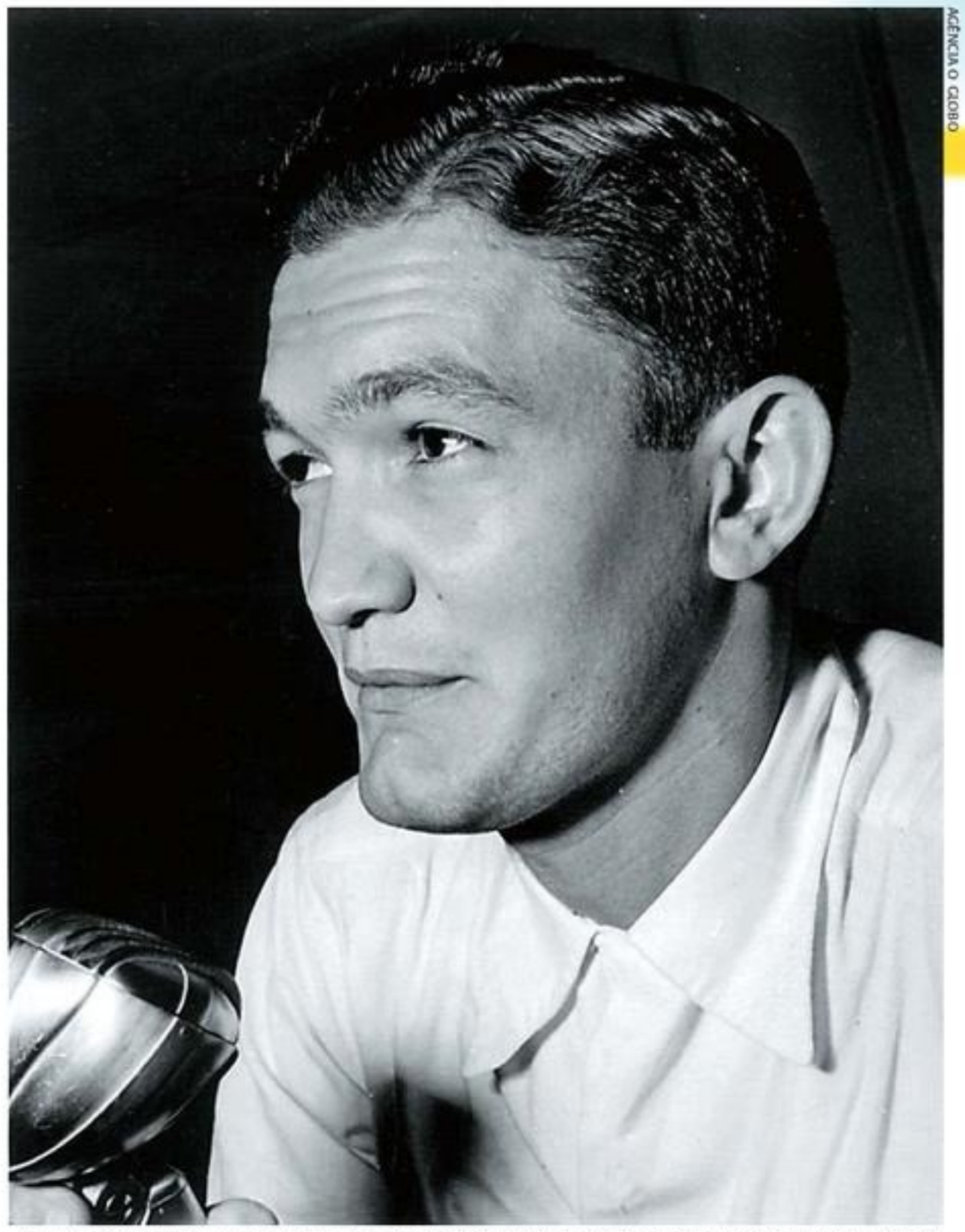
AOS 78 ANOS DE IDADE E 63 DE PROFISSÃO, LÉO BATISTA É O MAIS EXPERIENTE APRESENTADOR EM ATIVIDADE NA TELEVISÃO BRASILEIRA. NESTA ENTREVISTA ELE LANÇA MÃO DE TODA A SUA BAGAGEM PARA FALAR SOBRE O JORNALISMO ESPORTIVO. HÁBIL COM AS PALAVRAS, FAZ JOGADAS, POR VEZES, DESCONCERTANTES. E MARCA VÁRIOS GOLS. COISAS DE CRAQUE. DE SUPERCRAQUE.

João Batista Belinaso Neto nasceu no dia 22 de julho de 1932, em Cordeirópolis, interior de São Paulo. Do início informal no serviço de alto-falantes da cidade natal, logo profissionalizou-se no rádio, em Birigui. Já no Rio de Janeiro, ingressou, em 1951, na Rádio Globo, com passagens posteriores pela TV Rio e pela TV Excelsior. Em 1970, estreou na TV Globo, onde está até hoje. Esse é um breve – e quase telegráfico – currículo de Léo Batista, o mais experiente apresentador da televisão brasileira.

Apresso-me em explicar a razão de apresentá-lo assim, de forma tão sucinta, na abertura do texto. É para mudar logo de capítulo. Explorar as muitas histórias ao longo de seus 63 anos de carreira é uma tentação irresistível. Tanto que esta entrevista já foi feita pelo colega José Reinaldo Marques e publicada, neste *Jornal da ABI* em 2007. Três anos depois, fomos novamente atrás do Léo. A proposta aqui é outra. Desta vez, não estamos em busca de saborosas lembranças do passado, e sim de visões sobre o presente. E de suas expectativas sobre o futuro.

Aos 78 anos, Léo Batista está em plena forma. É inevitável a impressão de que poderiam, e deveriam, ser mais assíduas as suas aparições na tv. Atualmente, narra os gols das noites de quarta-feira e apresenta o *Globo Esporte* aos sábados, afora uma ou outra locução em especial. É pouco, diante de sua capacidade e importância. Sua imagem está definitivamente ligada ao esporte, mas ele foi muito além disso. Em 1954, por exemplo, noticiou desde o atentado a Carlos Lacerda na Rua Tonelero, em Copacabana, até o suicídio de Getúlio Vargas no Palácio do Catete – sendo este em primeira mão.

O relato feito nesta entrevista ajuda a compreender as transformações pelas quais passou e passa a cobertura esportiva, a reafirmar valores jornalísticos e a relativizar tendências e modismos do mercado. Provoca-nos a lançar um olhar crítico sobre o jornalismo e a carreira dos que o fazem. Com o devido crédito ao slogan freqüentemente repetido em tom de reverência pelo narrador Luís Roberto, o que Léo Batista tem de mais marcante é o seu pensamento. Sabedoria que aqui se faz ouvir pela voz da experiência. Boa leitura.


AGÊNCIA O GLOBO

Apesar de ter sido o principal locutor de futebol da Rádio Globo, Léo Batista é muito lembrado pelo programa de boxe que apresentava na TV Rio e pela transmissão dos resultados da Loteria Esportiva no Fantástico, *onde contracenava com a Zebrinha criada por Borjalo.*

Jornal da ABI - Como você se posiciona hoje diante de tantos recursos tecnológicos nas coberturas esportivas? Queria que falasse um pouco de como eram as coisas no início...

Léo Batista - Evidentemente, neste trajeto de 63 anos de carreira, milhões de coisas aconteceram, no aspecto de progresso tecnológico. Quando comecei eram apenas o microfone e a linha telefônica. Às vezes, não tínhamos nem como fazer o retorno. Era o chamado 'vôo cego'. A gente entrava no ar e pedia 'Meu Deus, me ajuda! Será que está chegando lá a minha transmissão?'. Eu gritava: "Alô estúdio, eu vou contar dez ao contrário e vocês me colocam no ar aí, está bem? Dez, nove, oito...". E assim entrávamos. Veja só, na TV Rio tínhamos duas câmeras, e só. Eram duas Dumont, dois verdadeiros caixotes. Aquilo era um trambolho imenso. E as duas eram levadas para o Maracanã, para transmitir a preliminar e o jogo principal. Você deve pensar... E a emissora? Como ficava a programação? Eu respondo. Ficava na base de filmes, repetidos à exaustão. Ninguém agüentava mais ver aquelas coisas! (risos). Essa era a estrutura! Ainda não havia sequer o videoteipe. Eu transmitia o primeiro tempo e quando chegava na metade do segundo tempo a equipe começava a desmontar uma das câmeras, para levar de volta à emissora, e preparar a transmissão da luta de boxe, que era uma sensação nas noites de domingo. Neste momento, todos nós começávamos a rezar fervorosamente para que a única que ficava ligada no jogo não pifasse até o final da partida. Hoje, trabalha-se com 30 câmeras. Elas estão até dentro do gol.

Jornal da ABI - Era mais fácil narrar antigamente, sem ter esse monte de câmeras que, às vezes, até desmentem o narrador e os comentaristas?

Léo Batista - Era melhor pra mentir... (risos). No rádio, então... Às vezes, eu estava lá transmitindo um jogo cansado, não agüentava mais aquilo, um calor danado! Eu virava de costas para o estádio, já tinha a escalação toda certinha na cabeça, e mandava 'lá vai fulano, que passa a bola pra sicrano...' Instantes depois, quando eu voltava a olhar o campo, a jogada que eu estava transmitindo como se estivesse de um lado do campo já estava lá do outro, na área adversária... (risos). E eu gritava: "Contra-ataque veloz do time tal, numa bola esticada!". Então, dava, sim, pra inventar... Hoje, não tem mais jeito. E, mais do que isso. Antigamente, tudo era feito de forma muita amadora. Não havia esse negócio de direitos de transmissão, nem rolava toda essa grana no mundo do futebol. A gente ia para o estádio lá com nosso equipamento, transmitia o jogo, e pronto!. Alguns, como Fla- Flu, nem davam problema. Mas nos jogos do Vasco, por exemplo, sempre acontecia alguma confusão. Era uma loteria! A gente estava transmitindo e, de repente, chegava o pessoal da diretoria do Vasco com a Polícia. E mandava parar tudo! Os caras colocavam as mãos na frente da lente e não tínhamos outra saída, se não interromper a transmissão, desmontar as câmeras e ir embora.

Jornal da ABI - E os erros de arbitragem? Eles estão ocorrendo mesmo em excesso, ou apenas se tornaram mais visíveis diante dessa profusão de câmeras?

Léo Batista - As câmeras de hoje deduram todo mundo. Mesmo os nossos comentaristas, às vezes açodadamente, arriscam um palpite no calor da hora. Fazem um comentário, dizem alguma coisa, e acabam desmentidos. Às vezes, por um primeiro ângulo, as imagens dão razão a ele. Mas uma segunda, terceira, ou décima câmera, mostra que não foi nada daquilo. Já tivemos jogos com 36 câmeras em campo. Geralmente são sempre mais de 20! Elas pegam tudo. O detalhe do pé do jogador, a sua expressão, o microfone capta cada palavra que o sujeito fala...

Jornal da ABI – Como se comportar, então?

Léo Batista - Os colegas têm que ter um pouco mais de cuidado hoje, ao dar opinião ou apontar o erro de um juiz. E, mais do que isso, têm que ter humildade. É preciso ser inteligente, esperar um pouco. Desenvolver uma certa malandragem, no bom sentido. Um dos comentaristas de arbitragem, que é mais meu amigo, sempre me pede dicas. E eu já falei: "Cara, quando o locutor que está narrando te chamar, perguntando sobre o lance, dá uma enroladinha, cozinha um pouco, questão de segundos, que é o tempo de passarem o replay. Ou, então, você mesmo diz que vai esperar o replay para esclarecer o que aconteceu de fato. Não afirma logo de cara que foi isso ou aquilo! Pois quantas vezes você afirma uma coisa e a imagem, exibida por outro ângulo, logo em seguida, traz o ridículo, desmente sua versão e provoca uma tremenda saia justa?"

Jornal da ABI - Você já falou alguma bobagem, ou palavrão, que vazou e foi ao ar?

Léo Batista - Já fui acusado, de fato, aqui mesmo num programa da TV Globo. Disseram que fui eu, mas eu não estava no local. Estava em outro lugar, fazendo outra coisa, e a voz era completamente diferente da minha... Mas como aqui no Brasil, por preguiça ou por maldade mesmo, nossos colegas embarcam nas histórias sem apurar devidamente, essa versão rolou e ganhou proporções de fato real. Saiu em colunas de jornal e coisa e tal. É aquela história de quem conta um conto aumenta um ponto. Por uns dias eu acabei sendo massacrado, até mesmo sem saber o que se passava. Eu tenho o maior cuidado no estúdio. Até mesmo quando estou colocando o microfone, hoje um radiotransmissor sem fio. Peço sempre para desligar. E para ligar o equipamento somente instantes antes de eu entrar no ar...

Jornal da ABI – Cada vez mais ex-atletas assumem o posto de comentaristas, em todos os esportes. Isso é bom para as transmissões?

Léo Batista - Evidente que é bom para o jornalismo. Isso é perfeito. Não estou discutindo aqui a questão dos sindicatos... Por exemplo, na Copa do Mundo da Alemanha, de 1974, a qual cobri praticamente sozinho, levamos o Gérson como comentarista. Ele não trabalhou, pois foi impedido, ficou por lá como turista. O Sindicato, na época, fez um auê tremendo, dizendo que ele não poderia comentar, por não ser jornalista. Não sei se é preciso, se é necessário ter ou não diploma de Jornalismo... Aliás, eu sou suspeito pra falar, pois não tenho diploma de coisa nenhuma, nem mesmo do ginásio. Tive que fazer uma espécie de supletivo. Eu venho de uma família muito humilde, pobre, lá do interior de São Paulo. Fui até seminarista, mas por pouco tempo, pois tive que parar para ajudar meu pai em casa. Fiz exame no Colégio Pedro II, uma referência, e fiz o chamado clássico de três anos. Até que prestei vestibular para Direito, mas parei por aí. Não havia curso de Comunicação naquele tempo! Hoje tem faculdade de tudo! Até para tirar pulga de cachorro! Outro dia fiquei até intrigado com um cartaz que vi, sobre uma faculdade de Logosofia. Fiquei curioso. Fui até procurar saber o que era...

Jornal da ABI - Fala-se muita asneira sobre futebol na televisão? Há, por exemplo, excesso de mesas-redondas?

Léo Batista - Acho que não. Isso já está entronizado. Num país que é chamado 'País do Futebol', tem que ter. Devia até ter mais... Quanto à qualidade, antigamente havia a *Grande Resenha Facit,* que foi a primeira mesa-redonda de futebol na TV Globo. Era composta por comentaristas que discutiam a atuação e o desempenho dos times cariocas, principalmente nos jogos disputados no Maracanã no final de semana. Ela começou na TV Rio, e teve como comandantes o Luiz Mendes e eu. Esse foi o melhor programa do gênero de todos os tempos. Basta ver a lista de debatedores: Nélson Rodrigues, Armando Nogueira, João Saldanha, Sérgio Cabral, o pai...

Jornal da ABI – Por que as transmissões de jogos em rádio são tão emocionantes?

Léo Batista - O rádio te permite a imaginação. Tudo que dá asas à imaginação te permite a fantasia. O locutor de rádio tem que saber criar o clima do jogo. Dar um tom de euforia, de show, tem que alimentar o ouvinte, que na própria cabeça multiplica e complementa o desenho. Eu amo o rádio. Cheguei a ser o principal narrador de futebol da Rádio Globo, como é hoje o José Carlos Araújo. Mas, engraçado, as pessoas, quando se lembram de mim, têm como referência três outros momentos. Elas falam do programa de boxe, da TV Rio, da 'Zebrinha' do *Fantástico* e do *Telejornal Pirelli.*

Jornal da ABI – O melhor momento da narração é mesmo o gol?

Léo Batista - Nem sempre. Esse é o objetivo principal do jogo, não é? Mas uma grande jogada, uma bola bem passada, um ataque muito concatenado, uma tabela bem feita, uma bola na trave, uma grande defesa... Há mil coisas tão ou mais vibrantes que o gol. Aliás, esse gol, pronunciado de forma tão comprida, 'goooool!', nem sempre foi assim, sabia?

Jornal da ABI - Quem inventou isso?

Léo Batista - Rebelo Júnior, em São Paulo. Ele era chamado de 'o homem do gol inconfundível'. Um grande locutor, um senhor obeso, imponente, foi um professor de muitos colegas. Encerrou a profissão na Rádio Tupi, aqui do Rio de Janeiro, já com problemas de saúde. No final da carreira, no meio dos jogos, no Mara-

"Fiquei comovido ao saber que as pessoas me respeitam e gostam de mim."

canã, ele dormia, coitado. Trabalhava sempre com uma caixinha, cheia dos remédios que tomava...

JORNAL DA ABI – VOCÊ É UM TORCEDOR ENTUSIASMADO?

Léo Batista - Sou Botafogo, inclusive sócio-proprietário. Só que eu não misturo as coisas. Não me nego a declarar meu time. Olha aqui o meu chaveiro com o escudo! O que não dá é para ficar com a cara triste porque o seu time perdeu, ou fazer gracinhas na transmissão porque ele ganhou. Ou, ainda, no noticiário, na hora de escrever, ficar puxando a brasa pra sua sardinha. Trabalhando aqui no Rio de Janeiro, onde estou já há muitos anos, torço para os times do Rio. Eu sou Botafogo, mas não quero que o Flamengo ou os demais sejam rebaixados. Eu sou a favor de todos! Torço pelos times do Rio, dos maiores aos menores. Até por uma questão de inteligência, caramba! Eu sou um profissional da área, vivo aqui. Então, quero que esses times caminhem bem.

JORNAL DA ABI - ALGUM COMENTÁRIO SEU, OU UMA CRÍTICA FEITA, JÁ CAUSOU PROBLEMAS COM ALGUMA TORCIDA?

Léo Batista – Nunca! Não, pois eu tomo muito cuidado. Eu detesto o outro extremo, que é a omissão. Eu não me omito diante dos fatos, mas acho que não dá para exagerar, gozar com a cara do outro, debochar...

JORNAL DA ABI – ACHAR ESSE PONTO DE EQUILÍBRIO NEM SEMPRE É FÁCIL...

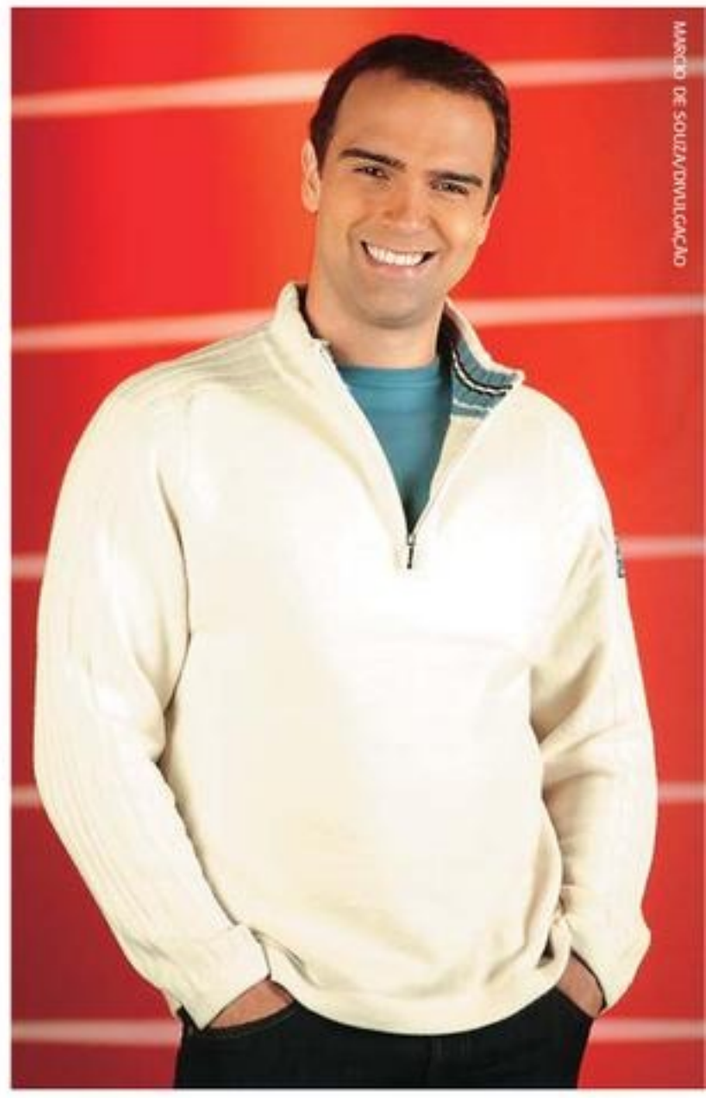
Léo Batista – Mas eu consigo! Pode fazer uma pesquisa na rua pra ver. Certamente, você vai encontrar alguém que não vai com a minha cara, não gosta da minha voz, sei lá... Porém, de um modo geral, as pessoas me respeitam e têm carinho por mim. Eu sinto isso. E é exatamente pelos cuidados que tomo. Primeira coisa: eu não gozo com a cara de ninguém. E não gosto de ser gozado! Botafogo perdeu? Não venha me encher o saco, não... Posso até não retrucar, mas também não embarco na brincadeira. Confesso, até gosto de fazer uma piadinha, mas eu mesmo não falo. Dou a dica para uma outra pessoa, que acaba fazendo a provocação no meu lugar... (risos).

JORNAL DA ABI – COM TANTO TEMPO DE TELEVISÃO, QUE INVADE A INTIMIDADE DAS PESSOAS EM SUAS CASAS E FALANDO JUSTAMENTE DE FUTEBOL, A PAIXÃO DOS BRASILEIROS, COMO É A RELAÇÃO DO PÚBLICO COM VOCÊ NA RUA?

Léo Batista – É uma loucura, rapaz! Às vezes, estou com a família... Outro dia, fui à feira de antiguidades da Lapa, no Centro do Rio. Dei tanto autógrafo, fiz tanta foto! Ainda mais agora, que todo mundo tem um celular e, nele, uma máquina fotográfica. Há coisas que me assustam, ainda hoje. Uma vez um senhor me viu, foi chegando perto de mim, com as lágrimas já descendo, me abraçou... Pensei que ele fosse me amassar, me destruir... O cara estava emocionado, dizendo que me ouviu e assistiu a vida inteira, que era um sonho me encontrar pessoalmente ali. Eu olhei pra minha mulher e pensei: 'Me salva aqui!' (risos).

ROBERTO FILHO/DIVULGAÇÃO

MANOEL SOARES/AGÊNCIA O GLOBO


MARCELO DE SOUZA/DIVULGAÇÃO

Léo Batista, que começou sua carreira como locutor de rádio, hoje é o mais experiente apresentador da televisão brasileira em atividade. Comandou o Telejornal Pirelli *durante 13 anos na TV Rio; na Rede Globo, esteve à frente de diversos programas, como* Esporte Espetacular *e* Globo Esporte. *E não deixa de elogiar novos talentos como Tiago Leifert (*acima, à esquerda*) e Tadeu Schmidt.*

JORNAL DA ABI – NOS ÚLTIMOS ANOS, NOTADAMENTE, TEM CRESCIDO UMA NOVA TENDÊNCIA NO JORNALISMO ESPORTIVO. NOMES COMO O ALEX ESCOBAR, O TADEU SCHMIDT E O TIAGO LEIFERT GANHARAM PROJEÇÃO. E COM ELES, SURGIU UMA FORMA DE APRESENTAÇÃO MENOS FORMAL E COM EVIDENTES TRAÇOS DE HUMOR. COMO VÊ ESSA NOVA POSTURA?

Léo Batista - O Tiago, por exemplo, eu conheço desde Miami. Ele morava lá, e minhas filhas moram mais lá do que aqui. Por causa dos assaltos, da violência no Brasil e coisas que já aconteceram, acabaram por fazer esse sacrifício. Assim que eu o conheci lá, e logo que ele começou, eu disse aqui: 'Fiquem de olho neste garoto que ele é especial, é bom!'. O próprio Tadeu... Quando ele começou, e nas vezes que me pediu, fui ao estúdio, dei alguns conselhos... A minha relação com esse pessoal que está chegando é muito boa. Não tenho nada contra. Talvez eles nem me tenham como referência, pois têm outro estilo. Mas me respeitam, como eu os respeito. Se não me respeitarem, ou nem quiserem contato, não vou dizer que não ligo. Fico triste, e só. A minha filosofia de vida é essa, você pode escrever aí. Se eu puder ajudar, eu ajudo. Se eu não puder, não atrapalho. Pelo menos, me esforço pra isso. Tem gente que me diz: 'Poxa, Léo, você está ensinando aos outros, está dando asa a cobra!' Respondo: 'Amigo, eu estou no fim da carreira, quase no fim da vida, nunca fui egoísta. Vou ser agora?' Saiba, o que eu puder transferir, transmitir, dar de contribuição, darei, com todo o prazer e de todo o coração. Mas acho que, às vezes, nesse atual esquema de apresentação esportiva, o humor está passando um pouco do ponto, há um certo exagero. Ouço isso dos próprios telespectadores, nas ruas. Por vezes, faz-se muita graça, em detrimento da informação. Tudo na vida tem um momento e uma dose certa. Isso é muito perigoso.

JORNAL DA ABI – VOCÊ TEM UM ESTILO NÃO EXATAMENTE BRINCALHÃO, MAS SEMPRE SIMPÁTICO E AFÁVEL DE APRESENTAÇÃO. JÁ TEVE PROBLEMAS COM ISSO?

Léo Batista - Vou te contar uma coisa. Eu me lembro de um memorando que recebi certa vez do falecido Armando Nogueira, nosso chefe aqui durante muito tempo. Eu achava que não tinha que ficar muito sério, achava legal sorrir para o telespectador. E recebi esse memorando. Até hoje não entendi a razão. O texto me alertava que, se eu continuasse a fazer aqueles 'esgares' ridículos no ar, a casa teria que tomar algumas medidas... Lembro que eu nem sabia o significado da palavra 'esgares'... (risos).. Fui no dicionário olhar, e vi lá os sinônimos de 'sorriso', 'trejeito de rosto', 'careta' e coisa e tal. O comunicado foi escrito de uma forma que me arrasou! Como assim? 'Esgares', pensei eu? Na época, fiquei preocupado, sabia? Não vou sorrir ao noticiar um enterro, é lógico. Mas, ao falar sobre a vitória de um time, eu não poderia sequer esboçar uma expressão de alegria?

JORNAL DA ABI – VOCÊ TOMA ALGUM CUIDADO ESPECIAL COM A VOZ?

Léo Batista - Eu fumei durante muitos anos, a média de um maço por dia. Bebo gelado, não faço exercício algum... E o curioso é que eu não sentia nada. Parei de fumar há cerca de um ano e meio e começo a ter probleminhas...

JORNAL DA ABI – ESTABELECE ALGUMA RELAÇÃO COM AS MÍDIAS DIGITAIS?

Léo Batista - Não sei nada. Até o celular eu uso pouquíssimo. Olha só o meu agora, tá até desligado. Deixa eu ligar! Outro dia minha filha, que chegou dos Estados Unidos, mexeu no meu celular e achou trezentas e poucas mensagens armazenadas. Pedi para ela apagar tudo, não quis nem saber! Não dou meu telefone para ninguém. Acho até que eu não sei o meu próprio número... Não me divirto com essas coisas. Eu tive vários hobbies, me dediquei a muitas coisas. Durante muito tempo, comprava material de bijuteria e ficava fazendo colares, pulseirinhas, em casa, de brincadeira mesmo, para minhas filhas e minha mulher. Como nunca vendi nada disso, fui guardando tudo. E outro dia descobri mais de 320 colares, fora alguns ainda por terminar.

Jornal da ABI - E você tinha tempo pra isso?

Léo Batista - Eu não gosto de freqüentar a noite, não gosto de sair, não vou a festas. Vou, no máximo, a uma noite de autógrafos, numa ocasião muito especial. Outro dia, fui à festa do final do Campeonato Carioca. Veja só: recebi dois convites. Um direto da organização do evento, e outro aqui de dentro, da TV Globo. Peguei um táxi, cheguei lá, aquela confusão toda, estava o pessoal do *Pânico na TV* na porta... E eu todo feliz, fui entrando... Cheguei na recepção. Entreguei o convite à mocinha, ela olhou uma lista e me perguntou. "O senhor tem outro nome?". "Como assim?", perguntei. "É porque não consta seu nome na lista de convidados", disse ela. E eu lá, vendo passar um monte de gente... Todo mundo olhando pra minha cara. Fiquei sem graça! Até que respondi. "Tenho, sim, outro nome: é Zebedeu, Zé das Couves, sei lá! Procure aí! Olha só, me desculpe, devolva aqui o meu convite que eu vou embora, vou desinfetar o ambiente", respondi. Até que veio um colega envolvido com a organização da festa. Pedi que ele não se preocupasse com a minha dispensável presença. Mas formou-se um grupo, juntou gente, começou um tumulto, as pessoas pedindo para eu entrar, que achei melhor entrar mesmo, para colocar fim à confusão do lado de fora. Entrei, fiquei de pé num canto, quietinho, com uns colegas do rádio. Assisti a um pedaço da solenidade. Ameacei ir embora, estava chateado, depois daquela humilhação na entrada. E os colegas pedindo que eu ficasse. Nesse entretempo, acabou o evento e acenderam-se as luzes. Aí foi um enxame em cima de mim! E tira foto daqui, e pede autógrafo dali, o juiz que foi premiado veio falar comigo, quase derrubou o troféu, os jogadores vieram me abraçar... E eu pensando: 'Poxa, logo eu, cujo nome nem estava na lista, que fui quase barrado na porta'... Não sou um cara vaidoso, mas aquilo me confortou um pouco... Fiquei comovido ao saber que as pessoas me respeitam e gostam de mim.

Jornal da ABI - A esta altura do campeonato você ainda tinha dúvidas sobre isso?

Léo Batista - Nunca tive essa dúvida. Tenho provas diárias disso no supermercado, na padaria... Até pelo meu jeito de ser, de brincar, de contar piada, de atender a todos. Brinco, converso, conto histórias. Se tiver que reclamar, por outro lado, reclamo mesmo. Sou uma pessoa normal, não ponho banca, até pela minha origem. Acho uma bobagem certos caras que eu vejo. Certos colegas, só porque ganham um certo nome ou aparecem um pouquinho mais, botam uma banca danada, tratam os outros mal, têm uma empáfia e uma arrogância... E penso: 'O que é isso, hein?'.

Jornal da ABI - Jornalista pode ser artista?

Léo Batista - Nunca pensei nisso, não. De repente, acho que sim, não é? Depende... Se o profissional faz um nome ou uma presença... Por exemplo, a Fátima Bernardes ou o William Bonner, quando chegam a um determinado lugar, marcam presença. Eles são, também, celebridades. É como algumas pessoas querem que eu me veja. Há quem diga: 'Você é uma lenda viva'. E eu brinco: "Não, eu sou é uma lêndea morta". (risos)

MARCELO THEOBALD/AGÊNCIA O GLOBO

Modesto, Léo Batista não costuma se pavonear como um dos bambas da narração esportiva. Ele rende homenagens a companheiros como Galvão Bueno (abaixo) , que ele considera completo.

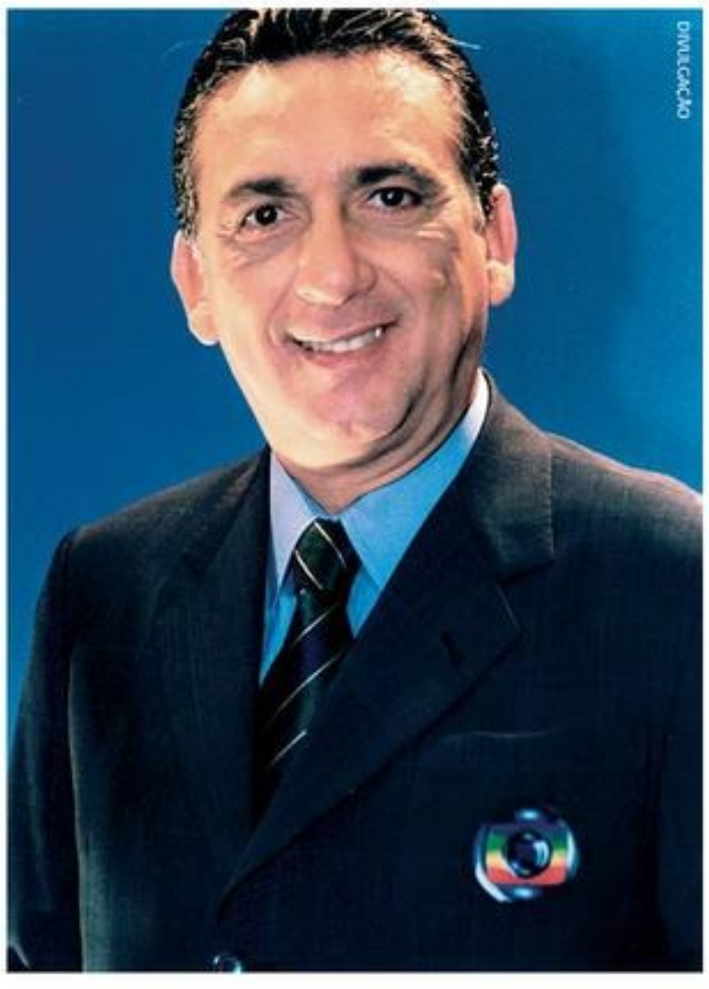
Jornal da ABI – Mas o narrador Luís Roberto, de uns tempos pra cá, inventou de te chamar de 'a voz marcante'. Isso está pegando...

Léo Batista - Já pegou! Às vezes, estou na fila do supermercado, e alguém grita lá do fundo: 'A voz marcante de Léo Batista!'...

Jornal da ABI - Queria falar um pouco do grande volume de dinheiro que circula no mundo dos esportes. Um cenário que, há algumas décadas, não existia. Certamente, você viu grandes jogadores, pessoas talentosas, terminarem a carreira em apuros...

Léo Batista - Eu estou nesse caminho aí... Não ria, não, pois não é totalmente mentira! Primeiro, porque todo mundo pensa que na TV Globo todo mundo ganha milhões – o que não é verdade. Certamente, há alguns nesse caso, mas não é todo mundo! Há colegas que são craques em fazer contratos, em negociar... Perto da renovação, começam a sair notas nos jornais, dizendo que a emissora tal está interessada... Não sei como é que eles fazem! No meu caso, nunca ocorreu isso. Não sei se é porque não me relaciono muito com esse pessoal das colunas, não costumo dar entrevistas. Talvez seja preciso ter um assessor, um manager, um empresário, um contato, ou até pagar pela notinha...

Jornal da ABI - Você renova com freqüência o seu contrato com a TV Globo?



DIVULGAÇÃO

Léo Batista - Não sou empregado da emissora, e pouca gente sabe disso. Sou empregado da minha firma, sou pessoa jurídica. Isso, por opção da casa. É uma tendência do mercado. O meu contrato atual vence agora, em dezembro de 2010. E eu estou muito preocupado... Mas voltando à questão anterior, eu quero, primeiro, excluir a situação de crimes, pois aí já entramos em outro departamento. E dizer que não tenho inveja de ninguém. Se o cara puder ganhar milhões, tudo bem, até pelo fato de a carreira ser curta. Agora, me desculpe... Não sei se alguém vai se ofender com o que vou dizer, mas acho um absurdo o que determinadas pessoas ganham -- atletas ou artistas. Quando se faz o cálculo de quanto algumas dessas personalidades ganham por hora, ou por dia, fico arrepiado, rapaz! E é claro que isso perturba a cabeça. Imagine o cara com um contrato pelo qual ganha milhões por dia, milhares por hora... Você acha que ele vai dar a perna dele, que ele vai correr o risco de ficar aleijado, ou vai disputar com garra uma bola? Às vezes, ele realmente nem consegue disputar com a mesma intensidade ou energia, pois há muitas boates, festas... Bom, aí a gente entra num terreno no qual eu nem gosto de pisar... Mas a verdade atual é essa.

Jornal da ABI - Qual o maior aperto que você já passou numa transmissão ao vivo?

Léo Batista - Foram muitos... Já tomei uma garrafada na cabeça. Aos sete ou oito minutos de transmissão, me deram uma garrafada. Foi em Mococa, num jogo pela Rádio Difusora, entre o XV de Piracicaba e o Radium de Mococa, que chegou a figurar na Primeira Divisão do Campeonato Paulista. Estava transmitindo o jogo, o cara veio por trás, me atacou e eu apaguei. Saímos do ar! Fui acordar, somente depois do término da partida, já no hospital, com os jogadores em volta de mim, esperando que eu ressuscitasse... (risos). Isso foi lá pelos anos 1950, não me recordo da data exata.

Jornal da ABI – Quais as características de um bom narrador esportivo?

Léo Batista - Ele tem que ter o dom, talento. Boa dicção, uma boa visão, com óculos ou sem óculos... Não pode errar muito os nomes dos jogadores. Precisa entender da tática do esporte, se aprimorar na regra pra não falar besteira, pois, de vez em quando escuto cada pedrada por aí... Eu continuo a ler as regras do futebol até hoje. De vez em quando, discuto com alguns colegas aqui dentro, com os comentaristas de arbitragem. Se o narrador não tiver o timbre de voz dos melhores que, pelo menos, tenha uma dicção clara, que seja esperto. Também ocorre o contrário. Às vezes, o cara tem um vozeirão, mas faltam os demais elementos...

Jornal da ABI - O Galvão Bueno é um bom locutor?

Léo Batista - Ele é completo. Ele transmite tudo, todos os esportes. Não estou falando isso para puxar saco, nem nada do gênero. Eu sei que ele gosta de mim, e eu gosto muito dele. Nós nos respeitamos. Trabalhei com o pai dele, o Aldo Viana Bueno, diretor de programas de rádio. Conheço-o há muitos anos. As pessoas reclamam, dizendo que ele fala demais, ou que faz a linha do 'sabe tudo'. Mas realmente ele sabe. Ele é craque, se prepara, tem o dom e o esforço. Naquilo que faz, na profissão que abra-

"Ninguém dava muita atenção ao esporte, até que um dia circulou um memorando do Boni afirmando que esse era um produto de televisão, no qual era preciso investir, pois dava audiência e retorno comercial."

çou, o Galvão é um fora-de-série. Isso é indiscutível. Até os críticos admitem. Mas às vezes ele passa um pouco da dose. Até eu, pessoalmente, já disse isso a ele. Outros falam o mesmo, dão conselhos. Mas esse é o jeito dele, vai fazer o quê? Ele se empolga... É um pouco ufanista, principalmente quando é época de Seleção. Porém, não dá para negar a sua qualidade e o seu conhecimento...

Jornal da ABI - Qual sua expectativa para a Copa de 2014? Que papel gostaria de desempenhar nesta cobertura?

Léo Batista – Olha, nessa Copa de 2010 eu não fiz quase nada. Acho que eles pensam que a minha lenha apagou, que já não acende mais a fogueira... Trabalhei pouco. Fiz o *Diário da Copa*, gravei uma bobagem aqui, outra ali. Antigamente, trabalhava bem mais, viajava para as Copas... Podia ter entrado em alguns desses batepapos que foram transmitidos este ano. Muita gente entrou. Falaram coisas interessantes, falaram bobagens... Para falar bobagem e fazer de conta eu também serviria... (risos). Não estou me queixando, não. Se eles querem me preservar, me fazer descansar, tudo bem, mas acho que estou em perfeitas condições, que poderia ser mais explorado, até pelo volume de histórias que tenho e por tudo o que aprendi. Não sei tanto quanto uns e outros por aí, mas alguma coisinha acho que sei.

Jornal da ABI – E a expectativa sobre a Seleção?

Léo Batista - É preciso renová-la. O primeiro amistoso com os Estados Unidos foi bonito, jogou bonitinho, coisa e tal. A Seleção norte-americana sempre foi um jogo difícil, sempre foi uma pedrinha no nosso sapato, apesar da falta de tradição deles. Aquele jogo já nos deu uma certa esperança, criou uma expectativa positiva. Mas eu não sei se, daqui até a Copa, sem eliminatórias para aferir a qualidade do time, e com o Brasil jogando somente amistosos, vamos ter um time realmente à altura de fazer uma boa figura e ganhar a Copa em casa, o que é uma obrigação. Particularmente, acho que o Brasil não estava na hora de sediar a Copa e as Olimpíadas. Ainda não...

Jornal da ABI - Se lhe fosse dada a oportunidade de criar um programa novo para a televisão, com total liberdade, como seria esse produto? O que falta na grade esportiva das emissoras?

Léo Batista - Se eu tivesse a capacidade de inventar um negócio desses, em dois minutos o meu prestígio voltaria ao ápice... (risos). Agora, o que teria que ser inventado? Eu é que te devolvo a pergunta. Outra mesa-redonda? Só se fosse uma quadrada, ou retangular... Tem programa de tudo que é jeito. Mas acho que o importante é fazer a cobertura cada vez mais bem-feita, com mais estrutura. E assim tem sido feito. Hoje, há câmeras dentro dos gols, aquela pequenininha, enterrada no chão das pistas de Fórmula 1... E a captação do som? É uma maravilha. É aquele show de palavrões, aqueles closes do jogador cuspindo... Eu não sei se eles ocorrem por acaso ou se os colegas daqui adoram ver o cara cuspindo! Acho que eles ficam esperando o momento certo em que o jogador vem vindo pra cortar a câmera e pegar o flagrante... Poderiam orientar o atleta, não é? Ô cara, coloca a mão na frente, cospe discretamente... Ô Vanderlei Luxemburgo! Fala menos palavrão... O pessoal em casa está assistindo. Sua mãe, sua filha, sua mulher, seu sobrinho, a freira... Inventa uma outra vírgula que não seja 'zorra'... (risos). O que falam de palavrão! Eu não sou pudico, nem contra o palavrão. Mas deveria haver até uma punição. Uma vez, quando comecei, falei que um determinado jogo estava chato. Você sabe o que era 'chato' antigamente? Era um bichinho que gente pegava, principalmente quando sentava no bonde. Uma espécie de percevejo, que subia pela gente e dava uma coceira danada nas partes íntimas... O cara tinha que passar pomada, se depilar... Por causa disso o departamento comercial da TV Rio caiu na minha cabeça, afirmando que eu estava dizendo que a nossa mercadoria estava ruim, que a nossa 'laranja' estava podre. Que eu estava jogando contra. E, principalmente, por eu ter utilizado a expressão 'chato', que era um tremendo palavrão. Agora, você imagina isso hoje em dia... Isso me lembra a história do pai do José Roberto Wright, o Benjamim Wright, que inventou aquela expressão 'o futebol é uma caixinha de surpresas'. Ele é uma lenda da história do futebol, e era um lorde. Certa vez ele disse, numa transmissão, diante de um pontapé na bunda de um jogador, que o mesmo fora atingindo em sua 'abundância adiposa'... (risos).

MARLENE BERGAMO/FOLHAPRESS

Com o faro que o transformou num dos maiores produtores de televisão no Brasil, Boni (José Bonifácio de Oliveira Sobrinho) anteviu que o esporte teria público e receita.

Jornal da ABI – Você é o apresentador mais antigo em atividade regular na televisão brasileira. Qual o peso dessa responsabilidade, num país que preza tanto o descartável e num meio que prioriza tanto a jovialidade? Como é carregar essa bandeira?

Léo Batista - Eu teria diversas formas de comentar isso. Prós e contras... Tem que renovar, é evidente. Posso te dizer que não vi o tempo passar. São 63 anos de carreira, mas sou capaz de lembrar dos meus primeiros dias, no serviço de alto-falante de Cordeirópolis, na Rádio Clube de Birigui, da Rádio Difusora de Piracicaba, da minha chegada à Rádio Globo... Tudo como se fosse ontem. Esses fatos estão muito frescos na minha memória. Mas aí, de repente, eu me pego, caindo na realidade de um homem de 78 anos. Outro dia estava me olhando no espelho e pensei. "Não sei se estou ruim da vista... Acho que não... Estou velho mesmo, né? O espelho não mente"... (risos). Eu ajudei pra caramba a construir o esporte na TV Globo, e na televisão brasileira. Ninguém dava muita atenção ao esporte, até que um dia circulou um memorando do Boni afirmando que esse era um produto de televisão, no qual era preciso investir, pois dava audiência e retorno comercial. Hoje eu vejo essa garotada animada, o pessoal que vai chegando, ganhando seu dinheiro... Às vezes, olho isso e acho que eles deviam se perguntar: "Quem foi o desgraçado que quebrou pedra, suou sangue, carregou a cruz? Quem bateu estacas e pavimentou essa estrada da cobertura esportiva na tv?" Alguns, não muitos, reconhecem, e eu sinto isso. O que me conforta. Mas boa parte não quer nem saber. Aí, eu fico chateado, fico triste. Não que eu queira ter glória ou vaidades... Aliás, eu digo sempre: "Nada mais me emociona"...

Jornal da ABI - Mas, cá entre nós, essa frase é uma brincadeira sua, não é Léo? Você é bastante emotivo. Pude perceber nesta entrevista...

Léo Batista - Sim, sou muito emotivo. Quando digo essa frase, na verdade quero dizer que nada mais me impressiona, nem me decepciona. É isso que eu quero dizer! Quando fiz 60 anos de carreira, me fizeram uma festa surpresa aqui, me chamaram correndo pra gravar uma coisa qualquer. Quando cheguei, havia colegas do Brasil inteiro, trouxeram minha mulher, a Leila, que estava até com o pé quebrado e engessado... Me deram uma placa de funcionário mais querido da TV Globo. Ela está guardada em casa. De vez em quando a olho e me pergunto: "Será possível? Quem escreveu isso aí? Será que foi autorizado, ou alguém fez de brincadeira?". De verdade, eu sinto que sou querido, até porque respeito todo mundo. Se tiver que gritar com a faxineira, eu grito. Com o diretor também!. E o mesmo vale na hora do abraço.

Jornal da ABI – Seu trabalho é seu alimento e seu segredo de longevidade, não é?

Léo Batista - Eu amo, adoro meu trabalho. Quando o Tadeu Schmidt me entrevistou, ainda no início da carreira dele aqui na TV Globo, eu disse que o pior dia da minha vida será quando me cassarem o crachá. Quando eu tiver saudades dos meus amigos, do meu ambiente, e chegar na portaria ali embaixo e for barrado. Não sei se vou conseguir vencer a humilhação de ficar esperando que alguém aqui de cima desça para autorizar a minha entrada, apenas para eu dar um abraço nos amigos. Eu fico mesmo pensando... O dia em que eu não puder entrar na emissora, como será? Afinal, tenho uma vida inteira aqui dentro... Olha aí! Me emocionei naquela entrevista, e me emociono de novo agora.

DIVULGAÇÃO/TV GLOBO

DEPOIMENTO

SANDRA PASSARINHO

40 anos no ar

Um vôo rápido pela trajetória profissional da repórter da TV Globo revela muito da história do telejornalismo no País e confirma a importância da televisão como principal meio de informação de milhões de brasileiros.

POR PAULO CHICO

"Eu sou uma baixinha assumida", diz Sandra Passarinho, logo no início da entrevista, concedida num calorento final de tarde, no Baixo Gávea, Zona Sul do Rio. Como ela própria faz questão de frisar, tem, 'no máximo', um metro e 60 de altura. Pesa 54 quilos. Medidas físicas que podem camuflar a real estatura de uma das mais experientes repórteres da televisão brasileira. Aos 60 anos de idade e 40 de TV Globo, Sandra é uma gigante quando a pauta é o telejornalismo. De diminutivo, tem apenas o sobrenome. Que, por sinal, não é de batismo.

Não por acaso, Sandra foi convidada a estar na bancada do *Jornal Nacional*, na condição de entrevistada, quando este comemorou quatro décadas no ar. Ela é a repórter mais antiga do telejornal. Ainda em plena atividade. E sem planos de se aposentar. "Não penso nestes termos, de que estou na televisão há tantos anos. Eu vou fazendo... A vida é um dia após o outro. A cada dia, que é sempre uma novidade, vou colocando meu tijolinho... O que tenho de trajetória é um lastro da vida. Eu me preocupo mesmo é com o fazer!", revela.

Tantos anos de intimidade com o universo da televisão permitiram a Sandra a formação de um olhar apaixonado e crítico sobre o veículo, como profissional e como telespectadora. Por isso a escolha de seu nome para a entrevista que, nesta edição especial do *Jornal da ABI* sobre os 60 anos da Televisão no Brasil, aborda o telejornalismo. Aqui, falamos de seu início. Das dificuldades técnicas do começo. Da conquista da credibilidade. Sobre a glória dos acertos, o peso dos pecados. A respeito dos grandes nomes e transformações. Da situação presente e dos desafios futuros. Tudo está neste relato que, na figura de Passarinho, presta uma homenagem a todos os profissionais do telejornalismo brasileiro.

JORNAL DA ABI – GOSTARIA DE COMEÇAR COM UMA CURIOSIDADE. SEU NOME DE BATISMO É SANDRA ALMADA LAUKENICKAS. COMO SURGIU A SANDRA PASSARINHO?

Sandra Passarinho – A paternidade desse apelido é uma interrogação. Tenho dúvidas até hoje. O cartunista Borjalo dizia que foi ele quem me deu esse nome, pelo fato de eu ser pequeninha, magrinha, jovem e espevitada. Vivia andando de lá pra cá... Parecia um passarinho... Ele assumiu a paternidade. Porém, o Amauri Monteiro, que era um jornalista das antigas, que trabalhou na TV Rio e chegou a ser Chefe de Reportagem na TV Globo, também reivindicava a autoria. Outros chegaram a fazer o mesmo... Mas, esses dois, Borjalo e Amauri, eram os 'pais' mais freqüentes. *(risos)* Defendiam enfaticamente essa paternidade. Um dia eu fiz uma matéria, na qual tinham que colocar meu nome. Meu nome verdadeiro não é muito pronunciável. O Amauri já havia feito essa sugestão e eu pensei: 'Por que não?'. Eu tive pouca participação na história. Na verdade, apenas adotei o nome. E assim ficou Sandra Passarinho. Muita gente pensa que sou filha do ex-Ministro Jarbas Passarinho. E, veja só que curioso: mesmo com tantos anos de vida pública dele e minha longa carreira no jornalismo, sequer nos conhecemos.

JORNAL DA ABI – VOCÊ SEMPRE FOI UMA DAS JORNALISTAS MAIS POPULARES DA TELEVISÃO. ME CORRIJA SE EU ESTIVER ERRADO, MAS ME LEMBRO, AINDA CRIANÇA, DE ALGUMAS SÁTIRAS A VOCÊ E A OUTROS REPÓRTERES DA ÉPOCA, EM PROGRAMAS HUMORÍSTICOS COMO *OS TRAPALHÕES*. COMO VIA ESSAS BRINCADEIRAS?

Sandra Passarinho – Ah, sim. Isso acontecia direto. Eu não morava no Brasil nessa época, mas ouvia falar desses quadros. Era uma brincadeira, pelo que sabia, sempre respeitosa... Acho que isso faz parte da vida de quem está na televisão. Muita gente na rua, o povão principalmente, acha que todo mundo que está na televisão é artista. Sempre que posso, eu digo que nós estamos na televisão, mas não somos artistas. Estamos lá por outra razão... Jornalista não é artista! São categorias diferentes.

JORNAL DA ABI – MAS, ALGUNS, ESPECIALMENTE DE TELEVISÃO, CONFUNDEM UM POUCO ISSO...

Sandra Passarinho – É um erro grave. Eu fui parar na televisão por acaso, e comecei a aparecer por acaso. Algumas pessoas pedem autógrafo, e eu até dou. Tiro fotos... Basicamente, por uma questão de elegância e simpatia. Não há por que negar isso a alguém que se aproxima e diz que gosta de você, que te assiste todos os dias há 40 anos... Dou o autógrafo por essa razão. Mas nunca entendi direito o motivo de alguém querer a minha assinatura num pedaço de papel. *(risos)* Como jornalista, em qualquer veículo em que esteja, o que vem antes, em primeiro plano, é a notícia. Você está a reboque de algum fato que ocorreu. É o transmissor. Nós fazemos a interface entre a notícia e quem está em casa assistindo...

JORNAL DA ABI – O IDEAL SERIA, ENTÃO, UMA MATÉRIA TODA EM OFF?

Sandra Passarinho – Poderia ser. Isso é bem comum na Inglaterra e nos Estados

"Todo jornalista deveria ser, antes de tudo, repórter! A reportagem é o cerne do jornalismo. É nessa função que você obtém a informação, a matéria-prima."

Unidos. O repórter só aparece quando é estritamente necessário. E de fato há momentos em que essa necessidade se impõe. No Brasil nós temos a tradição de sempre gravar a chamada 'passagem', talvez por uma questão de autoria. Ela funciona como uma espécie de 'assinatura' da matéria. Acho discutível isso... Aparecendo ou não, é preciso que o repórter se coloque decentemente. Ele está ali em função da notícia, é um prestador de serviço. Entra, informa e tchau! Não dá para querer chamar a atenção. Eu acho que as pessoas que conseguem fazer isso com decência acabam sendo respeitadas pelo trabalho. Elas têm neutralidade, equilíbrio, entram, fazem o seu trabalho, e pronto. É preciso ter a humildade para não se deixar levar pelo fato de estar no vídeo, falando para milhões de pessoas... Esse é o primeiro erro a ser evitado.

Jornal da ABI – Você chegou a iniciar um curso de Ciências Sociais e terminou por trabalhar com Jornalismo. Gostaria de saber como foi esse percurso...

Sandra Passarinho – Fui vestibulanda em 1968 – aquele ano fatídico. Em 1969 fui aprovada para o IFCS (Instituto de Filosofia e Ciências Sociais) da UFRJ (Universidade Federal do Rio de Janeiro). Logo depois, ele foi fechado pela repressão, pois era um pólo de agitação no Rio, naquela época. Bom, pensei: 'Essa faculdade vai ser fechada! Vou tratar de fazer outro vestibular...'. O Jornalismo era a minha segunda opção. Fiz e passei, de novo para a UFRJ. Eu tinha um colega de cursinho, que ficou meu amigo, que coordenava a produção de Jornalismo na TV Globo, e vivia me procurando, perguntando se eu não me interessaria por um estágio na emissora... Hoje todo mundo batalha um estágio loucamente. Pois a oportunidade batia repetidamente na minha porta, e eu não topava. Pois bem, até que aceitei a indicação, e fui fazer o estágio na tv. A UFRJ, naqueles anos, tinha muitos problemas, e larguei o curso. Ainda fiz um terceiro vestibular, para a Facha (Faculdades Integradas Hélio Alonso), onde fiz parte da primeira turma. Tudo isso pensando na minha profissionalização, pois provavelmente precisaria ser formada para ser efetivada. Fui aprovada na Globo e em 1970 passei para a situação de provisionada e, depois, tornei-me profissional, antes da lei que passava a exigir o diploma. Eu também não me formei no curso de Comunicação da Facha, pois logo fui mandada para Londres. E só fui conseguir me formar depois, em Ciências Sociais, já morando na Inglaterra.

Jornal da ABI – As Ciências Sociais continuavam a despertar seu interesse, mesmo já mergulhada no Jornalismo...

Sandra Passarinho – Em muitos aspectos, a formação neste curso de Humanas me foi mais útil para o exercício da profissão do que as coisas que estudava em Comunicação. Aliás, acho que o curso de Jornalismo deveria ser todo repensado. Agora tem essa coisa da derrubada do diploma, que é um outro erro. É claro que o diploma não faz de ninguém um jornalista, mas é preciso ter um mínimo de formação, de filtro. Por outro lado, da geração mais antiga, de grandes mestres como Zuenir Ventura, Alberto Dines e Armando Nogueira, ninguém passou pelas faculdades. Outro dia estavam me falando que o próprio Ricardo Boechat, que é excelente, não tem faculdade. E ele é brilhante! Culto e preparado...

Jornal da ABI – O que molda, então, um jornalista?

Sandra Passarinho – O jornalista tem que ser um curioso profissional. E não pode ter medo de perguntar. O que ocorreu? Por quê? Como foi? Tem que perguntar! Eu sempre fui curiosa. Por exemplo, eu era uma criança que gostava muito do colégio, pois ele me apresentava a coisas legais, aos livros... Eu adorava livros de História e, no início, de histórias em quadrinhos. Em Ciências, Geografia, em todas as disciplinas, eu sempre gostei de saber novas coisas. Se você for um curioso com formação, com alguma bagagem cultural, melhor ainda. Não é a faculdade que te torna curioso, e nem vai te ensinar a escrever bem. No máximo, se você já tem algumas dessas pré-condições, a boa faculdade pode sistematizar a leitura e organizar as idéias. E já está muito bom...

Jornal da ABI – Quais são suas primeiras lembranças como telespectadora, ainda antes de começar a trabalhar na TV?

Sandra Passarinho – Ah, me lembro bastante de *O Vigilante Rodoviário* e do *Falcão Negro*. E de desenhos animados, em geral. Na verdade, via pouco televisão. Durante toda a minha infância, não havia aparelho de tv na minha casa. Isso era um artigo de luxo! Havia alguns nas casas de coleguinhas e, mesmo assim, a sessão era sempre controlada. Era um evento! Me lembro de nos reunirmos para assistir ao *Teatrinho Trol* e outras coisas. Só depois, quando meu pai melhorou de vida, é que passamos a ter televisão em casa. Eu já era adolescente.

Jornal da ABI – De estagiária e repórter, você chegou a ser editora e apresentadora. Sentia-se confortável nessas funções?

Sandra Passarinho – Me sentia confortável, sim. Mas a coisa de que eu mais gosto de fazer é a reportagem. Eu acho que, em qualquer veículo, e em qualquer posição que você esteja, a reportagem é a característica que todos deveriam ter. Todo jornalista deveria ser, antes de tudo, repórter! Tudo bem, há gente que tem mais vocação para a edição, outros mais para a redação, para a apresentação, ou simplesmente para mandar nos outros... *(risos)* Contudo, a reportagem é o cerne do jornalismo. É nessa função que você obtém a informação, a matéria-prima. O repórter é um contador de histórias. E de qualquer história, viu? Eu não tenho preconceitos, não...

Jornal da ABI – Você já fez e faz de tudo, não é?

Sandra Passarinho – A gente gosta mais de umas coisas do que de outras. Faço Polícia até hoje. Passei por todas as editorias. Tenho uma tendência de fazer mais alguns tipos de matérias. Eu acho que é importante o repórter ser um generalista, em primeiro lugar. Mesmo que depois ele se especialize em algo. A especialização é boa por um lado. Porém, ao chegar num determinado ponto, ela 'mata' o repórter, que começa a olhar o mundo apenas por um prisma. Ele pode perder a noção das variáveis, de combinar informações diferentes. E, ao se aprofundar no tema, ao dominar o assunto, corre o sério risco de perder a curiosidade sobre ele...

DIVULGAÇÃO/TV GLOBO

Sandra Passarinho no começo de carreira faz uma entrevista por telefone. Hoje ela relembra a aventura de ser correspondente em Londres: "Foi um salto no escuro."

PAULO CHICO

Jornal da ABI – Quais são as características de um bom repórter de TV?

Sandra Passarinho – O primeiro ponto, como disse, é a curiosidade. E em particular a tv pede coisas específicas, como uma boa voz. Você conta uma história usando esse instrumento. Daí, é preciso ter uma voz agradável. Neste ponto vem uma explicação que talvez ajude a entender por que tanta gente nos confunde com os atores, com artistas. Ao ler a notícia, nós, repórteres, também damos a nossa interpretação, fazemos a entonação de intenções. A diferença é que nós estamos lendo, ao menos em tese, algo que é verdade, que ocorreu ou está ocorrendo – não é ficção. Nós, ao contrário dos atores, não interpretamos personagens... Outro segredo de um bom repórter é chamar pouca atenção para si próprio. O texto também é importante. E vou te dizer uma coisa. É mais complicado escrever para a televisão do que escrever para o impresso. Na tv, mais do que em qualquer outro veículo, escrever é cortar palavras. Na televisão, essa máxima, que era repetida pelo Carlos Drummond de Andrade, se aplica com uma inteireza impressionante. A idéia é que você tenha informações corretas, objetividade, clareza, bom gosto... Tudo isso apresentado de forma atrativa, e em pouco tempo. O repórter, na televisão, está dizendo algo para o telespectador. Está quase conversando com ele. Precisa ter a preocupação de falar com clareza e sem pedantismo.

Jornal da ABI – De que modo?

Sandra Passarinho – Eu tendo a fazer sempre na hora, pois a gente nunca sabe o que vai encontrar. Por exemplo, esses arrastões recentes no Rio de Janeiro... O que eu vou dizer vai variar conforme o local para onde eu for, e o que encontrar por lá. Claro, ao sair da Redação já tenho alguma informação, posso até ter uma idéia, que vou elaborando no carro, mas quase sempre faço o meu texto na hora. Não gosto desse negócio de passagem pronta! Você ainda não fez a matéria e já tem a passagem? Como assim? Por incrível que pareça, há colegas que fazem assim... O cara sai da Redação com a passagem pronta! Pra que vai para a rua, então? Em entradas ao vivo, normalmente, a regra geral é escrever o texto, nem que seja em tópicos, em função do controle do tempo determinado, da 'janela' que é aberta na programação para a sua entrada.

Jornal da ABI – Gostaria que você falasse de sua experiência como correspondente internacional. Você inaugurou o escritório da TV Globo em Londres... Que tal ser correspondente tão jovem?

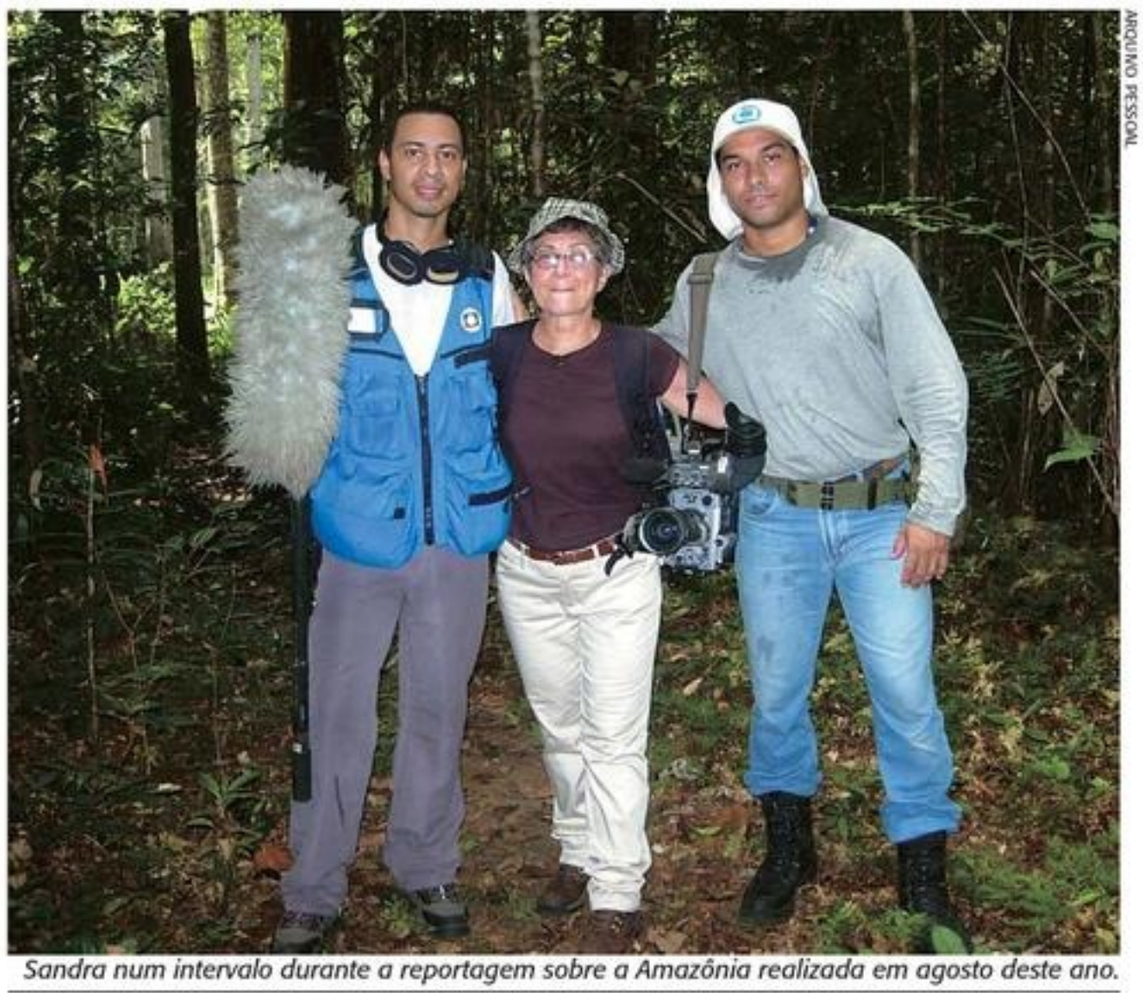
Sandra Passarinho – Eu era a pessoa certa, na hora certa, no lugar certo... *(risos)* Tinha uns 23 anos. Fui a correspondente mais jovem que conheci. Eu chegava nos lugares, na Inglaterra, e as pessoas todas se assustavam com a minha pouca idade. Os correspondentes mais jovens com os quais eu topava já tinham uns 35 ou 40 anos. Essa é uma função de certo status, que presume uma experiência grande em jornalismo, pelo menos nos países nos quais a televisão já estava amadurecida. O Brasil vivia uma ditadura, e era muito difícil falar sobre determinadas coisas aqui. Nesse contexto, uma das saídas de diversificação era montar escritórios fora do Brasil. Já havia o de Nova York, e decidiu-se fazer o da Europa, em Londres, que pra mim é, até hoje, o grande centro de televisão do mundo. E lá fomos eu e o cinegrafista Orlando Moreira para a Europa. No início, nem fomos para a Inglaterra. Ficamos seis meses em função da Revolução dos Cravos, que derrubara a ditadura em Portugal, e cobrindo outras coisas pela Europa. Não parávamos em lugar algum. Já em Londres ocupamos uma sala na UPI-ATM, que nos dava apoio operacional. Gravávamos em filme, ainda não havia o videoteipe. Precisávamos, nós dois, editar, fazer a geração por satélite, mandar a matéria por malote, de avião... Muitas vezes, em matérias feitas em viagens, eu ia para o aeroporto e procurava passageiros de um vôo de Roma para o Rio, por exemplo, que pudessem fazer a entrega aqui no Brasil... Às vezes, o tal vôo atrasava, ou o material se extraviava... *(risos)* Era uma aventura!

Jornal da ABI – Qual o risco dessa operação de inaugurar um escritório em Londres, naquela época? E qual a importância histórica desse fato?

Sandra Passarinho – O Brasil ainda estava nos primórdios do jornalismo como algo estabelecido na televisão. Os telejornais sempre existiram, como o *Telejornal Pirelli*, o *Repórter Esso*, e outros... Mas o telejornalismo, com as principais características que foram implantadas no *Jor-*

ZÉ PAULO CARDEAL/TV GLOBO

Sandra Passarinho foi entrevistada por William Bonner e Fátima Bernardes durante a semana em que o Jornal Nacional *comemorou 40 anos.*


ARQUIVO PESSOAL

Sandra num intervalo durante a reportagem sobre a Amazônia realizada em agosto deste ano.

nal Nacional, que estreou em 1969, ainda estava se formatando como sistema. Nos anos 1970, os dirigentes das emissoras começavam a pensar que era preciso fortalecer o sistema de rede. A maior rede, se não me engano, era a da Tupi, que depois faliu. A Bandeirantes também foi pioneira nesse esquema. Mas foi a TV Globo quem enxergou a necessidade da cobertura nacional, com a unificação da programação. Era preciso que o *Jornal Nacional* fosse, de fato, nacional. Para isso, eram necessários pólos de redistribuição de sinal. Sobre a nossa aventura em Londres, tecnicamente falando, tudo era muito complicado. Éramos só nós dois para fazer tudo. Nós éramos a sucursal! A gente acordava na hora de Londres e dormia na hora do Brasil. Era muito cansativo! Muitas vezes, eu dormia apenas uma ou duas horas por noite. Ainda bem que eu era jovem... *(risos)*

Jornal da ABI – Será que não foi também por isso que te enviaram nessa missão?

Sandra Passarinho – Sei lá... *(risos)* A verdade, mesmo, é que ninguém sabia como seria essa experiência. As coisas foram se formando à medida que foram sendo feitas. O que é um escritório? A gente mal sabia... Aquilo era um salto no escuro para todo mundo! Foi mais ou menos assim: 'Vão vocês dois pra lá! Depois a gente vê o que acontece...' *(risos)*

Jornal da ABI – Nessa época, houve alguma experiência traumática com a censura?

Sandra Passarinho – De lá de fora, não. Nem nunca soube de alguma matéria enviada por nós que não tivesse ido ao ar por recomendação dos militares, apesar de haver, na Redação daqui, uma pessoa específica para fazer essa negociação diária com os censores. Isto ocorria antes mesmo de eu seguir para o exterior. Agora, por certo, algumas das coisas que produzimos se perdeu no caminho. Em relação à censura, ocorreu um episódio interessante. Era final de ano e eu ainda estava morando no Brasil, mas me lembro bem. Entrou uma matéria sobre o preparo das celebrações do réveillon no Palácio do Planalto, na época ocupado pelo General Médici. Logo na seqüência, foi exibida uma reportagem sobre um banquete de mendigos, no meio da rua. Um contraste danado, não é? E isso foi involuntário! Aconteceu pois, na hora de montar o telejornal, foi aquele negócio... Derruba matéria, puxa essa reportagem pra cá, leva essa outra pra lá... E essas duas acabaram ficando juntas... Deu um burburinho dentro da emissora! Mas, aí, já tinha ido ao ar. Foi ótimo...

Jornal da ABI – Por muito tempo, pesou sobre o jornalismo da TV Globo a suspeita de alinhamento da emissora com os Governos militares, inclusive com a não-exibição das passeatas pelas Diretas Já, em 1984. Houve ainda o episódio da edição do debate entre Collor e Lula, nas eleições de 1989. Qual sua análise sobre esses casos?

Sandra Passarinho – Na fase das Diretas eu ainda não estava de volta ao Brasil. Quanto ao debate, certamente houve um erro na edição daquela matéria. Tanto que esse episódio levou à saída do Armando Nogueira da Direção de Jornalismo, pouco depois. Ele afirmava que a orientação dele não tinha sido aquela, e sim a de reproduzir, no *Jornal Nacional*, a mesma matéria exibida no *Hoje*, com uma edição equilibrada. A ordem para a nova edição, destacando uma suposta vitória do Collor sobre o Lula, partiu de outra pessoa... O fato é o seguinte: aquilo foi muito ruim! Foi uma mancha, não é? E infelizmente a empresa demorou a admitir, embora tenha admitido. E aquilo nunca mais voltará a acontecer, pois levou à mudança de procedimento, que é a decisão de não mais se exibir material editado a partir de debates. O debate agora é aquela transmissão feita ao vivo – e ponto final. Se bem que, na minha opinião, dá para editar um debate, com critérios e pesos iguais. Nessa edição do debate para o *Jornal Nacional*, de fato, não tínhamos isso... E tem outra coisa... Provavelmente, o Collor teria vencido as eleições de qualquer maneira. Ele não ganhou por causa do debate! Isso é bobagem! Ele foi um fenômeno, e fez uma campanha de marketing muito inteligente. Não votei nele! Nem sou a favor dele... Contudo, é preciso reconhecer isso. Várias coisas do marketing político, utilizadas até hoje, começaram na campanha de 1989, feita pelo Collor. Ele descobriu o potencial de voto dos grotões brasileiros. E, a partir daí, novos candidatos se dirigem a esses grotões a cada eleição. Ele ganharia com ou sem a edição do debate. Ou seja, aquele episódio não foi exatamente bom para o Fernando Collor. E foi ruim para a TV Globo.

Jornal da ABI – Por outro lado, para alguns, o *Jornal Nacional*, e o telejornalismo da TV Globo, em geral, vive atualmente a sua melhor fase. Concorda?

Sandra Passarinho – Os conceitos estão mais firmes, as coisas estão mais amadurecidas. Já se sabe o que não podemos fazer. Ou o que não devemos fazer, sob pena de se cometer um mau jornalismo. Há mais critérios, sobretudo, para definir a cobertura política. Veja que em épocas de eleições o espaço dado para cada candidato é milimetricamente medido. E a cobertura fica até chata, muito descritiva... A eleição de 2010 foi uma das campanhas mais mornas e politicamente mais fracas. O marketing atrapalha tudo. Ele tira o debate político de cena... Você pode até discordar, por exemplo, no *Jornal Nacional*, da escolha do viés, do foco da abordagem do assunto. O *JN*, como qualquer outro telejornal, tem a cara do seu editor. No caso, o William Bonner. Mas é inegável que os assuntos do País estão todos lá, apresentados de forma equilibrada. A verdade é que é impossível agradar a todo mundo. Principalmente num telejornal dessa dimensão.

Jornal da ABI – Qual o maior desafio de produzir matérias para o principal telejornal do País, que fala com cerca de 50 milhões de brasileiros a cada noite, das classes A a Z? Como é se comunicar com um público tão vasto quanto diversificado?

Sandra Passarinho – Dependendo da matéria, percebo que a Dona Maria, aquela simples dona de casa, não vai entender direito. Assuntos como superávit primário, por exemplo, são áridos para grandes parcelas da população. A taxa de inflação já é um tema mais fácil, pois mexe com o cotidiano das pessoas. Não existe essa história de falar para todo o público – sempre, e ao mesmo tempo. Você fala de A a Z? Tudo bem, pode ser. Mas não é sempre que a classe Z vai entender determinada matéria. Ou que outro assunto vai despertar o interesse da classe A. Isso é uma falácia. Na verdade, acho que cada vez mais falamos menos de A a Z, pois a audiência está se pulverizando. As classes A e B saem muito, têm a tv a cabo. Acho que a televisão aberta se firma, hoje, na classe C e principalmente nas classes que estão ascendendo à condição de classe média.

Jornal da ABI – O monitoramento freqüente dos índices de audiência faz bem ou mal ao jornalismo?

Sandra Passarinho – Eu me lembro de que na época do escândalo do mensalão havia todos aqueles meandros dos bastidores políticos das negociações, sobre quem mandou, quem pagou, se o Presidente Lula sabia ou, como disse, não sabia de nada. Às vezes, esse assunto era o principal da edição daquele dia. Quando

"Temos o mesmo formato de telejornal há muito tempo. Não aprendemos ainda a reinventar esse formato. Talvez a internet nos ensine."

entrava a seqüência das matérias de Brasília, o ibope do *JN* caía. Mas fazer o quê? Agente tem que falar disso, não é? É nosso papel. Nesse sentido, acho que essa ditadura da audiência nos faz mal. Você não pode fazer um telejornal pautado pelo ibope. Você cai naquela questão: é o que o povo quer? Você vai, então, fazer o jornal somente com os assuntos agradáveis ao telespectador? Ou vai assumir seu compromisso de informá-lo sobre o que acontece de importante? Em primeiro lugar, é preciso pensar: quem quer o quê? São tantos telespectadores diferentes... Nós somos um espelho do que ocorre na sociedade. É preciso que tenhamos consciência crítica para identificar o que é importante para o País, embora isso não seja assim percebido por todas as parcelas da população.

Jornal da ABI – Por quais transformações o *JN* passou ao longo dessas décadas?

Sandra Passarinho – O *Jornal Nacional* já teve várias fases. Não apenas o cenário mudou, mas também o estilo e proposta de apresentação. Antes, os apresentadores eram apenas locutores. Hoje, em quase todos os jornais da TV Globo, e nas demais emissoras, os apresentadores são os próprios editores. O Bonner, por exemplo, é o Editor-Chefe do *JN*. A Fátima Bernardes também tem um papel ali, mas o comando de tudo está com ele. Ele não é só um leitor. Escreve, faz as cabeças, opina... E, mesmo enquanto o jornal está no ar, há dias em que acontece uma intensa transformação na edição. Da bancada, ele altera a ordem de exibição das matérias, cobra informações, inclui reportagens, derruba outras... Isso é muito bom! Deixa o produto mais firme e vivo. É importante que aquele que apresenta também faça. O apresentador não pode estar separado do produto, chegar na hora simplesmente para ler qualquer coisa que coloquem na frente dele... Houve também mudanças editoriais ao longo da história do *JN*. Ele passou por altos e baixos. Teve fases piores e melhores, até em função das mudanças políticas e de perfil da direção da emissora. E, sem dúvidas, o Bonner é o editor com mais liberdade que já passou por ali. Claro, digo isso sem fantasias... Liberdade em jornalismo não é a liberdade utópica. Ela é relativa. Isso ocorre assim aqui no Brasil, na Inglaterra ou nos Estados Unidos. Digo que nós temos a liberdade possível dentro do nosso cenário, que é diferente da realidade de outros países, onde a democracia está consolidada, sedimentada, e onde a sociedade é mais participativa e preparada. Acho que a gente está chegando lá...

Jornal da ABI – Nesse aspecto, como você vê as diversas propostas de regulação da mídia?

Sandra Passarinho – Sou contra. Isso tem cheiro de autoritarismo... E a gente sabe até aonde elas podem chegar... Essas propostas vão na contramão de tudo, principalmente contra a democratização da própria mídia. Hoje, todo mundo escreve o que quer, fala bem, fala mal... Tem muita bobagem sendo publicada... A internet é um terreno livre. Tem coisas boas e muita porcaria, baixaria. Tem pra todos os gostos... *(risos)* Então, nós temos que desconfiar dessa proposta reacionária de querer monitorar o conteúdo da mídia. Até porque já existem legislações neste sentido, por parte da Anatel e do Ministério das Comunicações. Não é preciso que venha um novo órgão ditar regras, numa ação que parte de dentro do Governo, atendendo não se sabe bem a quais interesses.

Jornal da ABI – A TV Globo foi responsável pela formatação do telejornalismo como o conhecemos no Brasil?

Sandra Passarinho – De certa forma, sim. Você pode reparar que hoje os telejornais que deveriam competir fazem concorrência ao *Jornal Nacional*. Acabam sendo uma espécie de cópia. O que não é bom. Se eu estivesse na direção de outra emissora, como a TV Record, pensaria em como abrir um espaço nas brechas do *JN*. Fazer com a mesma qualidade, ou até melhor, um produto diferente. Mas os outros canais vêem o que a Globo está fazendo e tentam fazer igual. Com a total facilidade do controle remoto, de repente, o telespectador, mudando de canal, acaba confundindo o original com alguma cópia. Pode levar gato por lebre. É bem verdade que a concorrência está crescendo. Já há emissoras somando dois dígitos com alguma freqüência. Porém a qualidade da oferta poderia ser bem melhor. Mais diversificada. Como está, pasteurizou. Está tudo muito parecido...

Jornal da ABI – Quais elementos, basicamente, fizeram do *JN* um padrão que passou a ser seguido?

Sandra Passarinho – A revolução no telejornalismo no Brasil, especificamente via *JN*, começou com a questão da programação. Quem pensou a grade da TV Globo colocou o *Jornal Nacional* entre dois programas extremamente populares, que são as telenovelas. Isso foi propositalmente feito, com a idéia de que a audiência de uma atração alavancasse a outra. Inicialmente, aliás, só havia jornal nas tvs por uma exigência legal. Os telejornais não eram respeitados. Os próprios colegas da imprensa escrita tratavam o pessoal da televisão com certo desdém. Outro ponto fundamental foi a questão visual, o apelo das imagens. Isso se deve muito ao José Bonifácio de Oliveira Sobrinho, o Boni, inclusive no jornalismo. Ele exigia perfeccionismo no acabamento. Assim, foi melhorada a qualidade da transmissão e da recepção e, simultaneamente, do acabamento do produto, que ficou visualmente mais atraente. E com menos erros técnicos, do tipo chamar a matéria e ela não entrar, ou cair o link. Era, sim, preciso diminuir o número de erros. Na nossa profissão a gente erra com muita freqüência...

Jornal da ABI – Você já se martirizou muito por erros?

Sandra Passarinho – Quando mais jovem, sim. Eu me preocupava exatamente com o fato de estar falando para milhões de telespectadores. Muitas vezes, eu me sentia solitariamente responsável. Parece que é graças a você, que está ali, que todas as pessoas são informadas. Está tudo nas suas costas! O jovem pensa muito com essa cabeça, não é? Com o tempo, você vai relaxando um pouquinho. Contudo, acho que a gente deve deixar esse bichinho na nossa cabeça, mexendo, chamando a nossa atenção. Ele não precisa tomar conta de tudo, nem deve nos dominar. Mas é útil para nos manter ligados e atentos ao que estamos dizendo, ou como estamos dizendo...

Jornal da ABI – Que erro você cometeu e nunca conseguiu esquecer?

Sandra Passarinho – Ah, foram muitos. De ler os textos errados, verbos na conjugação errada... Eu, uma vez, disse 'houveram'... *(risos)* Você tem noção? Eu não me perdôo até hoje! Nunca me perdoei! Mas na correria aconteceu, passou. É aquela coisa... Às vezes, você está dizendo uma coisa, mas já está pensando em outra, se desconcentra ou distrai...

Jornal da ABI – Um ano após a estréia do *JN*, o *Repórter Esso* saiu do ar, depois de quase duas décadas como referência. O que leva um telejornal de sucesso a sucumbir?

Sandra Passarinho – São muitos fatores. Talvez, o primeiro deles seja mesmo a política da empresa, pois o telejornal não existe solto, não é um produto isolado. Ele está dentro de uma programação, e seu sucesso também depende das decisões do conselho da emissora. Se a decisão é de fortalecê-lo, as coisas caminham num determinado rumo, mas pode ocorrer o contrário. Se a empresa desmorona, o telejornal vai junto. A TV Rio tinha telejornalismo, com o *Correspondente Vemag* e o *Telejornal Pirelli*, com apresentação do Léo Batista e o Heron Domingues. Tudo foi se acabando, ao mesmo tempo que a emissora definhava. Com a TV Tupi, e o *Repórter Esso*, durante muito tempo comandado pelo Gontijo Teodoro, ocorreu o mesmo. Isto é, um misto de problemas empresariais e até políticos. Você tinha ainda a Excelsior, a TV Continental... Todas elas atuavam no campo do jornalismo. Mas, o tempo foi passando, e essas empresas não se modernizaram. Outro fator decisivo foi que esses jornais, apesar de estarem na televisão, ainda eram, em grande parte, uma transposição do jornalismo feito no rádio. O que era natural, pois a tv veio mesmo do rádio. O *Jornal Nacional*, embora inicialmente também radiofônico, aos poucos foi se transformando. E o padrão estabelecido pela TV Globo no *JN* e nos demais noticiários veio revolucionar essa tradição, impor uma nova importância e tratamento à imagem. Até então, os telejornais eram muito mais descritivos, narrativos, com uso de imagens congeladas, e notícias lidas por aqueles locutores com vozes empostadas.

Jornal da ABI – Falta espaço para reportagens especiais na TV? O telejornalismo é cada vez mais superficial?

Sandra Passarinho – De modo geral, sim. No mundo todo! E isso não ocorre só com o telejornalismo. Pode pegar os principais jornais impressos... Eles estão menores. A reportagem tem que estar toda contada no primeiro parágrafo! E bem contada, pois as pessoas têm cada vez menos tempo para a leitura daquilo. Os textos de internet são curtos. As matérias longas, as grandes reportagens, aparecem raramente, e em veículos específicos. Isso pelo fato de os custos terem aumentado. Tudo ficou mais caro, desde o papel para impressão até manter uma equipe de reportagem durante um mês inteiro dedicada a uma só pauta. Por conta disso, houve uma superficialização do jornalismo, mas ao mesmo tempo temos maior disseminação da informação. A internet é uma terra de ninguém... E um terreno pantanoso para a atividade jornalística. Ela é fundamental, inclusive para a pesquisa. Porém, você tem todo tipo de informação colocada ali. O fato de qualquer pessoa produzir informação e publicá-la não faz dela jornalista. Jornalismo é outra coisa, tem que ter discernimento, organização, crítica e distância. É ótimo que todo mundo possa escrever, mas nem todo mundo é escritor... Assim como todo mundo pode cantar, mas nem todos são cantores.... Felizmente, os internautas parecem ter alguma noção disso. Basta ver que no mundo todo os sites e os portais mais acessados são exatamente aqueles de tradicionais publicações jornalísticas.

Jornal da ABI – Neste contexto, os canais de TV a cabo são um porto seguro para os profissionais que querem fazer um jornalismo diferenciado, mais aprofundado?

Sandra Passarinho – Em tese, sim, mas à medida que mais público chegar a esses canais, em geral pessoas que ascendem de classes mais populares, o próprio cabo terá que repensar sua programação. Hoje, já acontece isso. Começam a proliferar canais a cabo com apelo popular, justamente para atender a esses telespectadores que, agora, têm conseguido acesso a essas assinaturas. E isso é perfeitamente legítimo. Até as telenovelas começam a ter seu espaço. E a novela é o carro-chefe da televisão brasileira, é mesmo o seu grande produto, inclusive de exportação. Quer se goste de novela ou não... O fato é que ela é um produto premium, que nós sabemos fazer muito bem. Outras atrações populares estão presentes nesses canais, e nas emissoras do mundo todo, como os programas de auditório... Tem de tudo! A televisão precisa atender a todo mundo. Já não dá mais para dizer que o cabo é só para a elite. Não é mais! E a tendência é de que seja cada vez menos. Não dá para formatar um veículo industrial de massa só para a elite. Não faz sentido...

Jornal da ABI – Quase todos os jornais impressos, no Brasil e no mundo, reservam espaços para charges e ironias, sobretudo na esfera da cobertura política. Não falta um pouco mais de humor ao telejornalismo?

Sandra Passarinho – Podemos dizer que sim! Antigamente, tínhamos nomes do humor dedicados ao telejornalismo. O Borjalo tinha bonecos que imitavam políticos como Castelo Branco, o General Médici... Os jornais impressos ainda têm charge. A televisão abandonou essa linha. Até a passagem do Chico Caruso pelo *JN* não funcionou como esperávamos. A tv quer atender de A a Z, fala com um espectro de pessoas enorme... Então, com quem vamos falar? Que tipo de humor fazer? Acaba que você vai ter uma coisa tão politicamente correta, feita para não ofender ninguém, que deixa de ser humor. Fica sem graça... Para ser assim, é melhor não ter!

Jornal da ABI – Neste sentido, como vê o sucesso do CQC, que mistura jornalismo e humor e atrai os jovens? Essa pode ser uma receita para renovar o público da TV?

Sandra Passarinho – Bem lembrado! Eles são um ótimo exemplo, que atrai grande público. Mas, em concepção, eles não são um telejornal. O que eles fazem, na verdade, é até uma crítica ao telejornalismo. Eles são, basicamente, um progra-

ma de humor, cujo mote é a informação. E isso é muito diferente de informação com humor. Você não assiste ao *CQC* para saber o que aconteceu, para ver notícias. Sintoniza ali para rir. Eles fazem graça em cima da informação. Poderiam fazer isso em cima de qualquer outra coisa...

Jornal da ABI – Quais foram os grandes nomes do telejornalismo no Brasil?

Sandra Passarinho – O Heron Domingues, como apresentador, era um profissional fantástico. Ele apresentou o *Jornal Internacional,* da TV Globo, quando eu era Editora. Já estava mais maduro, mas era um homem charmoso, tinha presença... Já se aproximava do modelo dos telejornalistas norte-americanos, quanto ao estilo de apresentação. Falam muito também do Silveira Sampaio, que inaugurou o gênero talk-show. Dele não tenho memória, pois era muito criança. Na televisão brasileira como um todo, e inclusive no jornalismo, o Boni foi muito importante. E o Armando Nogueira, sem dúvida alguma... Foi ele quem implantou o telejornal, e fazia a ponte de diálogo com a ditadura. Ele era um homem muito político... Sabíamos que certos problemas podíamos deixar na mesa, que ele resolveria na base das negociações. Puxava pra lá, de novo pra cá, recuava em alguns pontos... Mas avançava em muitos! Algumas pessoas, inclusive, o atacavam, por acreditar que, quando aceitou o desafio de comandar o jornalismo da TV Globo, naquele contexto político de regime militar, o Armando teria se rendido ao outro lado... Ele era um apaixonado pelo texto. E na TV Globo também tivemos a Alice-Maria. Atualmente, temos que falar no William Bonner. Na feitura do *JN*, ele decide e paga o preço por isso. Assume a responsabilidade de suas escolhas. E por vezes deve sofrer pressões. Não sei te apontar exatamente quais são. Mas imagino que ele deve ouvir recomendações das mais diversas...

Jornal da ABI – E entre os colegas repórteres?

Sandra Passarinho – O Caco Barcelos é ótimo, pois ele é daquele jeito, mesmo. Gosta daqueles assuntos, se identifica com aquelas situações e pessoas. Passa veracidade. Não é um boneco, ou uma representação. Temos ainda o Ernesto Paglia, o Tonico Ferreira, a Neide Duarte e o Marcelo Canelas, que é um rapaz mais novo, que tem um lado humano bem bacana, de saber ouvir as pessoas, na mesma linha do Caco. O Pedro Bial tem carisma, e um texto impecável! Eu digo sempre pra ele: 'É uma pena que você tenha ido para o *Big Brother*!'. Reconheço que ele consegue dar uma dignidade ao programa. A presença dele garante elegância. Ele tem estilo.

Jornal da ABI – O que interessa a Sandra Passarinho como telespectadora?

Sandra Passarinho – Filmes, documentários, telejornais... Esses últimos, por gostar, e até mesmo por obrigação... E desenho animado, que desopila. Só não gosto desses desenhos japoneses e futuristas... Por trabalhar no meio, acho que telejornal demais cansa. A gente não deve se alimentar só pela televisão, isto é, só daquilo que faz. É um outro erro. Isso empobrece sua visão. Então, ler é fundamental. E leio de tudo! Por exemplo, agora estou acabando de ler um clássico da Doris Lessing, chamado *The Golden Notebook*. E também adoro Tchecov, Graciliano Ramos, Carlos Heitor Cony, Moacyr Scliar, Machado de Assis...

FOLHA IMAGEM/FOLHAPRESS

ZÉ PAULO CARDEAL/TV GLOBO

Entre os profissionais que dignificam o jornalismo no Brasil, Sandra Passarinho destacou a importância de Armando Nogueira, que implantou o Jornal Nacional *e fez a ponte de diálogo com a ditadura, e Caco Barcelos, que passa veracidade em suas reportagens.*

Jornal da ABI – A tradicional figura do âncora é bem resolvida no Brasil?

Sandra Passarinho – Os âncora ingleses são mais soltos do que os nossos, até porque na BBC há menos ditadura do tempo do que nas emissoras brasileiras, em geral. E eles têm mais tradição e experiência nisso. O âncora na televisão brasileira, como tal, ainda é relativamente recente. Acho que ele precisa de mais tempo e liberdade. Ele pode e deve ser opinativo. Mas o opinativo na televisão não deve ser para impor a sua opinião, e nem para formar uma tendência. É para mostrar, informar e, complementar. Um 'eu creio que...'.

Jornal da ABI – Um dos âncoras mais contundentes no Brasil é o Boris Casoy. Às vezes, acredita que ele passe desse ponto?

Sandra Passarinho – Passa, sim... Veja bem, o papel principal de quem está na televisão, seja âncora, apresentador ou repórter, é ser canal para a notícia. É informar. Eu parto do princípio de que o telespectador está assistindo ao jornal não para saber o que eu penso, ou o que o Bonner pensa... É para se informar! Em certas situações, a informação precisa de contexto. Aí, cabe ao âncora fazer essa contextualização, que não é exatamente opinião taxativa. Claro que isso vai ser feito de acordo com a visão daquele profissional. A contextualização pode, ou não, vir acompanhada da opinião. Mas ela deve ser crítica, e não apaixonada do ponto de vista das crenças do âncora. Caso contrário, o jornal termina e o telespectador acaba assimilando mais as opiniões, e não os fatos em si.

Jornal da ABI – O que poderia ser aperfeiçoado no telejornalismo no Brasil?

Sandra Passarinho – As matérias poderiam ser um pouco maiores. Isso eu ouço, inclusive, das pessoas, do público nas ruas. Entra uma reportagem, você comenta algo com quem está a seu lado, na sala da sua casa, e, quando volta a olhar para a tv, mudou o assunto, a matéria já é outra. Talvez ter menor número de matérias e aprofundar algumas delas possa ser um caminho interessante nesse universo de tanta informação pulverizada. Às vezes, a gente sofre muito na edição. Chega um momento em que a gente lamenta ter que cortar, em função do tempo, dados que são relevantes. Temos o mesmo formato de telejornal há muito tempo. Estamos numa espécie de encruzilhada. Não aprendemos ainda a reinventar esse formato. Talvez a internet nos ensine...

Jornal da ABI – Você já passou por situações de agressão nas ruas?

Sandra Passarinho – Não, felizmente nunca ocorreu. Mas já levei pitos por causa da emissora... Já me acusaram de estar dizendo que determinados grevistas estavam errados, com discursos do tipo: 'Vocês são contra a greve? Deveriam nos defender, pois também são trabalhadores!'. Carros da TV Globo já levaram pedradas, o pessoal já empurrou a gente, já jogaram coisas... Ouvi várias vezes a acusação de que a TV Globo era 'vendida'... E tinha aquela história de 'o povo não é bobo, abaixo a Rede Globo!'. Ouvia isso direto. Bom, fazia parte do contexto. Hoje, não existe mais... As pessoas reclamam de outra forma...

Jornal da ABI – Como vê os chamados 'programas populares', com ênfase nos casos de polícia e violência? Trabalharia em algum deles?

Sandra Passarinho – Não. Contudo, na minha visão, o 'popular', em televisão, é outra coisa. É algo legal! Populares são os telejornais da TV Globo, nas suas respectivas faixas de horário. Entendo 'popular' neste sentido... Ruim é o 'popularesco'. O jornalismo sensacionalista, do tipo que 'torce e sai sangue'. Esse não me apetece. Pois, acima de tudo, ele é feito muito em cima de coisas forjadas. Isso existe! Há pessoas que armam situações, formulam depoimentos, e até matérias inteiras... E eventualmente até colhem louros por isso. É armação para conseguir ibope, chamar a atenção... Tal como se fazer passar por polícia... Isso eu não faço! Infelizmente, o telejornalismo às vezes se presta a essa prática que, em alguns casos, chega a esferas extremas. Como nos Estados Unidos, onde um repórter que ganhou o Prêmio Pulitzer com uma história inventada.... Estou fora! Eu não armo!

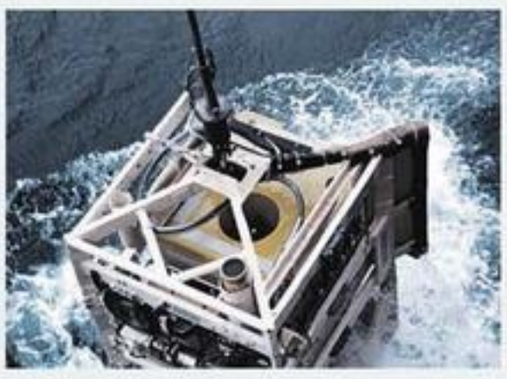
Jornal da ABI – Qual o futuro do telejornalismo?

Sandra Passarinho – Bom, eu quero acreditar que ele tem um futuro... *(risos)* Assim como o rádio não morreu quando a televisão estreou. E o teatro não foi extinto quando o cinema surgiu. Da mesma forma como a literatura sobrevive, acho que sempre vai existir espaço para o telejornal. Talvez pela televisão ser muito ligada à tecnologia, ele venha sofrer um impacto maior, ao longo do tempo. Há quem diga que, no futuro tudo isso vai estar dentro do celular. Num único aparelho você vai fazer tudo, até mesmo assistir às telenovelas e aos jornais. Acho que o jornalista precisa estar atento à revolução digital, às novas ferramentas. De uma coisa eu tenho certeza. Quem dá certo, em qualquer veículo, é quem tem conteúdo.

Jornal da ABI – Muito obrigado, Sandra. Faltou falarmos de algo?

Sandra Passarinho – Obrigada a você. Nós falamos por quase duas horas, e teríamos outras duas para continuar a conversa. A gente nunca esgota um assunto, um bom papo. Isso, aliás, é outra coisa que escuto muito nas ruas. As pessoas reclamam: 'Mas você não falou disso ou daquilo na sua matéria!'. E respondo que é impossível falar de tudo, ou sobre tudo. Ainda que tivéssemos todo o tempo do mundo, algo ficaria de fora, faltando. A riqueza de um simples palito de dentes é tão grande... (neste exato momento, Sandra pega um deles sobre a mesa do restaurante em que gravamos esta entrevista, como que disposta a explorá-lo) Não existe assunto esgotado! Não existe! Um palito como este tem maravilhas que nós desconhecemos. E, por isso, não damos muita bola pra ele... *(risos)*

www.



www.agenciapetrobrasdenoticias.com.br | www.petrobrasnewsagency.com

A fonte exclusiva de notícias da Petrobras para a imprensa. Acesse e cadastre-se.

F/NAZCA 5&S

com.br

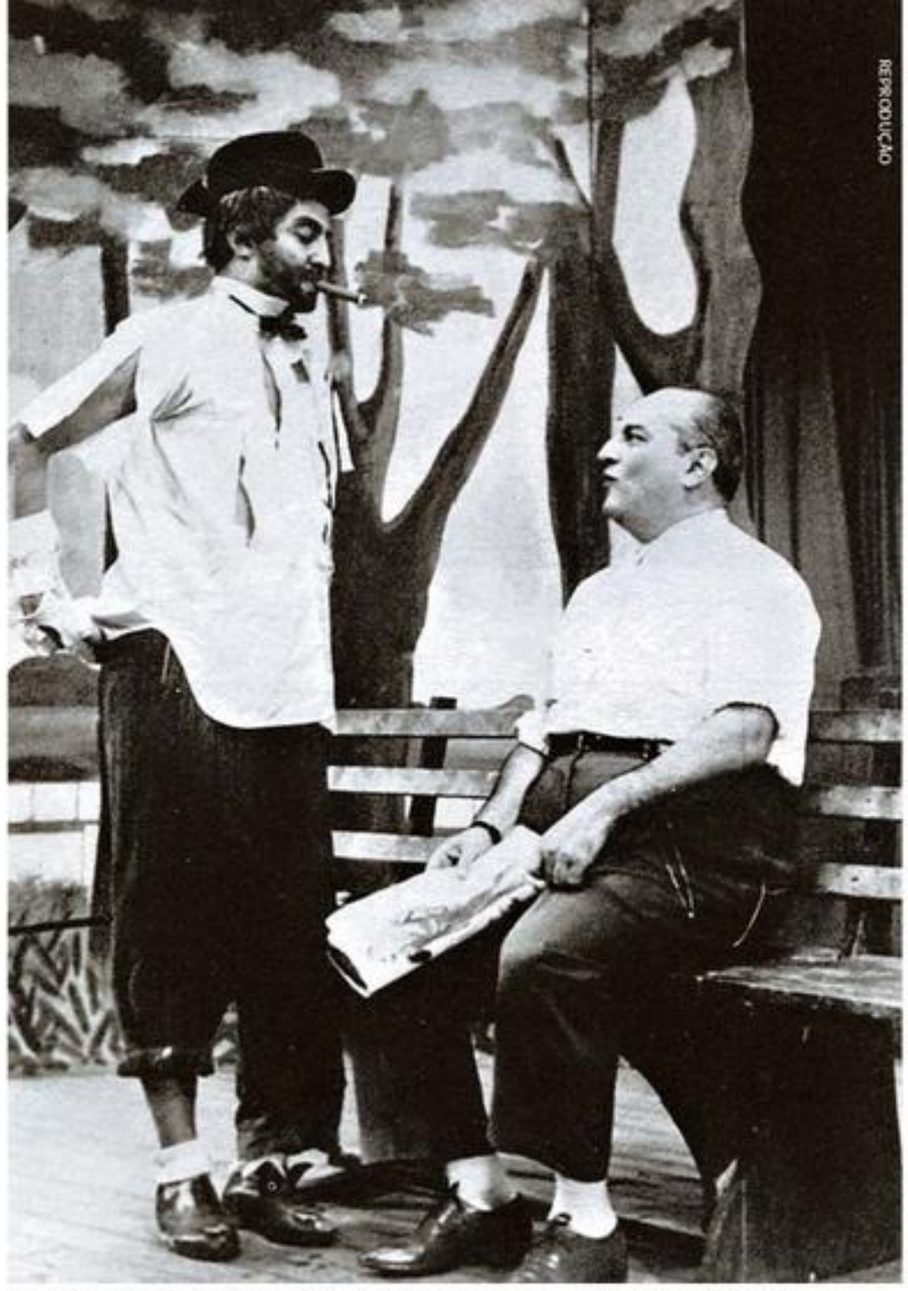
BR PETROBRAS
O DESAFIO É A NOSSA ENERGIA

Ministério de Minas e Energia

BRASIL
UM PAÍS DE TODOS
GOVERNO FEDERAL

ACERVO PRÓ-TV

REPRODUÇÃO



Rancho Alegre, *com Mazzaropi, Geny Prado e João Restiffe, foi o primeiro programa de humor da tv brasileira.* A Praça da Alegria, *criação de Manoel da Nóbrega, o que se manteve mais tempo no ar.*

Tanto riso, oh!, quanta alegria!

Os programas humorísticos estão presentes desde as primeiras transmissões da televisão no País. Nestas seis décadas, eles passaram por transformações e se firmaram como um dos produtos de maior popularidade, e dos mais rentáveis, nas principais emissoras. Na tv brasileira, humor é coisa séria.

POR PAULO CHICO

A afirmação de que a televisão brasileira deu seus passos iniciais já cheia de graça pode até parecer, mas está longe de ser uma provocação. Tampouco é uma piada infame. Afinal, se em 18 de setembro de 1950 ocorreu a inauguração da primeira emissora do Brasil, a TV Tupi de São Paulo, apenas dois dias depois foi ao ar o programa *Rancho Alegre*. Com essa transmissão, em 20 de setembro, era apresentado ao respeitável e pequeno público – ainda havia pouquíssimos aparelhos receptores em São Paulo – o primeiro programa humorístico da tv brasileira. Mesmo antes disso, no dia de sua estréia, a Tupi teve espaço para o humor, com o quadro *Escolinha do Ciccilo*, adaptação do programa homônimo do rádio.

Rancho Alegre tinha como destaque as figuras de Mazzaropi e Abelardo Barbosa, que anos mais tarde se tornaria mais conhecido como Chacrinha. E era encenado como quase todos os programas daquela época: ao alto custo de sacrifícios e à base de muita improvisação, com cenários simples. Alguns dias após a estréia, os atores Geny Prado e João Restiffe se juntaram ao elenco. O programa durou quase quatro anos, sendo extinto em 1954, quando Mazzaropi passou a dedicar-se ao cinema, no qual se tornou campeão nacional de bilheteria. Mais do que abrir vastas trincheiras para o humor na televisão brasileira, *Rancho Alegre* plantou sementes. E fincou raízes.

A Praça, de Nóbrega

A linha inaugurada por Mazzaropi, com seu humor caipira e inocente, fez seguidores. Um dos programas de maior sucesso na história da tv no Brasil, *A Praça da Alegria* surgiu em 1957, na antiga TV Paulista, concebida por Manuel da Nóbrega. O autor se inspirou durante uma viagem à Argentina, quando, da janela do seu hotel em Buenos Aires, observava, todos os dias, um homem sentado num banco de praça, onde conversava com as pessoas, dos perfis mais variados, que por ali passavam. Dito e feito. Pelo cenário de baixo custo, com fundo de papelão e adornado com um solitário banco, passavam inúmeras figuras curiosas, que foram se tornando populares junto aos telespectadores.

Muitos daqueles personagens eram pessoas de carne e osso, que um dia Nóbrega conhecera pessoalmente. Como o velho que circulava pela Galeria Cruzeiro, no Centro do Rio, e que vivia dizendo ser irmão do Almirante Tamandaré. No programa ele passou a se chamar Nobre Colega, e foi interpretado por Borges de Barros. A jornaleira desbocada do Largo do Machado transformou-se em Dona Catifunda, uma personagem inesquecível da atriz Zilda Cardoso. O mendigo também era uma figura do cotidiano do humorista. O cantor e ator Moacyr Franco viveu com graça o pobretão com ares de lorde, e sonhos megalomaníacos.

Não apenas um marco do humor, *A Praça da Alegria* é, também, um dos programas mais longevos da televisão no Brasil. Da TV Paulista, passou pela TV Record e pela TV Rio. Já cansado do formato por ele criado, Manoel de Nóbrega decidiu afastar-se da produção. Com sua morte, em 1976, o programa chegou à TV Globo, nos anos de 1977 e 1978. Nesta fase, foi apresentado por Luiz Carlos Miéle. Até que o filho de Manoel, Carlos Alberto de Nóbrega, optou por dar continuidade ao projeto. Após curto período na TV Bandeirantes, o programa estreou, rebatizado de *A Praça é Nossa*, no SBT, em 1987. Está no ar até hoje.

Em quase seis décadas passaram pelo banco dos Nóbrega alguns dos maiores humoristas do País, como Ronald Golias, Walter D'Ávila, Costinha, Arnaud Rodrigues, Canarinho, Rony Rios, Tutuca, Carlos Leite, Sylvia Massari, Jorge Lafond, Santa Cruz, Maria Tereza, Rony Cócegas, Derci Gonçalves e Jorge Loredo, ainda hoje em cena como o personagem Zé Bonitinho.

Alguns sucessos que marcaram época

O final dos anos 1960 e praticamente toda a década de 1970 foram marcados por programas que reuniam numerosos elencos de humoristas, organizados em quadros ou esquetes. São dessa época atrações como *Família Trapo*, da TV Record; *Faça Humor, Não Faça Guerra*; *Satiricom*; *Balança, Mas Não Cai* e *Planeta dos Homens*, todos da TV Globo. A serviço do humor, nesses programas estava presente o texto inspirado de criadores como Max Nunes, Haroldo Barbosa, Hilton Marques e Renato Corte Real.

Exibido pela TV Record entre 1967 e 1971, o humorístico *Família Trapo*, cujo nome é irreverente alusão à família von Trapp, do filme *A Noviça Rebelde*, grande sucesso no cinema na época, tinha o núcleo familiar divertido e confuso que girava em torno de Carlos Bronco Dinossauro, personagem vivido por Ronald Golias. Renata Fronzi, Otelo Zeloni, Cidinha Campos, Ricardo Corte Real e Jô Soares completavam o elenco. O programa foi líder de audiência no horário durante três anos consecutivos.

As apresentações eram gravadas 'ao vivo', inicialmente no Teatro da Record, em São Paulo, sempre lotado de público. Os improvisos e as eventuais falhas eram exibidos, deixando o programa ainda mais engraçado. Esse mesmo expediente foi muito usado, posteriormente, em outros programas de humor, em especial da TV Globo, como *Sai de Baixo*. Com textos de Carlos Alberto de Nóbrega e do próprio Jô Soares, a atração, dirigida por nomes como Nilton Travesso, recebeu inúmeros convidados ilustres, como Pelé, Roberto Carlos e Elis Regina.

Balança, Mas Não Cai, foi outro humorístico de sucesso. Criado por Max Nunes e Paulo Gracindo na Rádio Nacional do Rio de Janeiro, na década de 1950, migrou para

ARQUIVO PESSOAL

TV GLOBO/CEDOC

O jovem Chico Anysio em início de carreira e, ao lado, num de seus quadros mais tocantes junto com Castrinho: Meu paipai!

Chico Anysio: O humor é 'irmão de sangue' do jornalismo

Humoristas afiados fazem denúncias e críticas ao poder e nisso têm parentesco com o jornalismo, diz o mais fecundo criador de personagens da tv, que concebeu e interpretou nada menos de 209 tipos.

Ele dispensa apresentação. Até porque, para ser justa ou completa, ela levaria algumas boas horas. Ocuparia páginas e páginas. Alberto Roberto, Azambuja, Painho, Bozó, Coalhada, Salomé, Coronel Limoeiro, Cascata, Neide Taubaté, Tim Tones, Bento Carneiro, Pantaleão, Tavares, Deputado Justo Veríssimo, Haroldo, Jovem, Zé Tamborim, Nazareno... Chico Anysio é todos eles. São 209 personagens. E, repare bem, falamos até aqui só da carreira de humorista. Francisco Anysio de Oliveira Paula Filho é também ator, escritor, radialista, compositor, diretor e pintor.

Em entrevista ao *Jornal da ABI*, este cearense de Maranguape, nascido no dia 12 de abril de 1931, conta o momento em que percebeu ser um humorista de talento:

"Foi quando escrevi um número com piadas, imitando 32 pessoas famosas do rádio, do teatro e do cinema daquela época. Com ele, ganhei todos os programas de calouros do Rio e de São Paulo", relembra. "Meu começo na televisão ocorreu sem estardalhaço. Fui parar na extinta TV Rio, onde fiz um papel no programa *Aí vem Dona Isaura*, de Haroldo Barbosa, que era estrelado pela Ema D´Ávila. Na época, além deste, havia somente mais um programa de humor, na TV Tupi, escrito pelo Max Nunes e dirigido pelo Maurício Sherman."

Chico Anysio, que aponta o mesmo Haroldo Barbosa como seu grande mestre e influência no início de carreira, destaca o vasto elenco da Escolinha do Professor Raimundo como os representantes da época de ouro do humor na tv brasileira. Um programa que, aliás, já tinha toda uma trajetória de sucesso no rádio.

"Essa adaptação de veículo ocorreu sem maiores problemas. Não houve dificuldades para mim, e nem mesmo para o elenco. A questão foi somente de como enquadrar professores e alunos diante das câmeras", recorda.

Em 1990, o programa foi premiado pela Associação Paulista de Críticos de Arte (APCA). Em 1994, recebeu o Diploma de Honra ao Mérito no Festival Internacional de Filme e TV de Nova York.

ARQUIVO PESSOAL

Chico Anysio lamenta a falta da claque nos programas humorísticos atuais e garante: O povo quer mais programas de humor!

Humoristas afiados, tal como Chico, fazem de seus esquetes e personagens uma válvula de denúncias e críticas ao poder. Nesse aspecto, acredita ele, o humor é 'irmão de sangue' do jornalismo:

"Na época da ditadura militar era complicado fazer qualquer coisa na televisão e em especial o humor. E era difícil driblar a censura. Na verdade, eu a contornava... Ao mesmo tempo era impossível escapar da realidade. No meu processo de criação, a fonte de inspiração era a vida. Isto é, incluía o cotidiano e o noticiário."

Um mistério

Reconhecido pelos mais renomados colegas e por gerações e gerações de humoristas, Chico diz não entender quais motivos levaram o gênero a perder espaço nas grades das principais emissoras, sobretudo no final dos anos 1990 e no início dos 2000.

"Isso é o que nós humoristas mais antigos sempre nos perguntamos. É mentira que o público perdeu o interesse pela graça. Os programas de humor são sempre os de maiores índices em todas as emissoras. Mas, felizmente, nesta década temos assistido à abertura de novos espaços e formatos de humorísticos. Vejo isso com grande alegria. O povo quer mais programas de humor! Só me chama a atenção, e lamento, a falta daquela gravação de riso nos programas mais novos. O riso é importantíssimo, pois ele é a sonoplastia do humor", defende.

Na opinião de Chico Anysio, não há humor velho, antiquado, ou humor novo. "Só há duas formas de humor: engraçado e sem graça. Existe a piada bem contada. E a mal contada", diz ele, que, apesar do talento e da disposição para o trabalho, lamenta ser pouco aproveitado na emissora que ajudou a construir. Faz participações especiais no *Zorra Total* e um especial a cada final de ano. A situação chamou a atenção até mesmo de colegas de outros canais. Em 2008, o *Pânico na TV* fez, durante diversas semanas, a campanha 'Volta Chico'.

"Assisti a essa campanha com a maior simpatia, apesar de saber que em nada resultaria. Acho que a Globo quer me dar um descanso", conclui o mestre do riso da tv brasileira. Evidentemente, sem achar graça alguma da situação. (*Paulo Chico*)

a TV Globo no ano de 1968, na qual foi exibido até dezembro de 1971. Inicialmente, era apresentado ao vivo por Augusto César Vannucci. Em 1972, passou a ser exibido na TV Tupi, e só retornaria à Globo em 1975, lá permanecendo até 1983, com a apresentação de Paulo Silvino. O quadro mais importante era 'Primo Rico e Primo Pobre', estrelado por Paulo Gracindo e Brandão Filho. No elenco fixo, artistas como Lúcio Mauro, Sônia Mamede, Costinha, Tutuca, Berta Loran, Ferrugem e Tião Macalé.

As matrizes: o rádio e o teatro de revista

Até o final da década de 1960, os humorísticos eram basicamente adaptações de formatos inventados e consagrados no rádio ou no teatro de revista. *Faça Humor, Não Faça Guerra*, com supervisão do mesmo Vannucci e direção-geral de João Loredo, Marlos Andreucci e Carlos Alberto Loffler, quebrou essa estrutura, tanto que é apontado por muitos, como o ex-Diretor de Operações da Globo, José Bonifácio de Oliveira Sobrinho, o Boni, o primeiro programa de humor moderno da televisão brasileira.

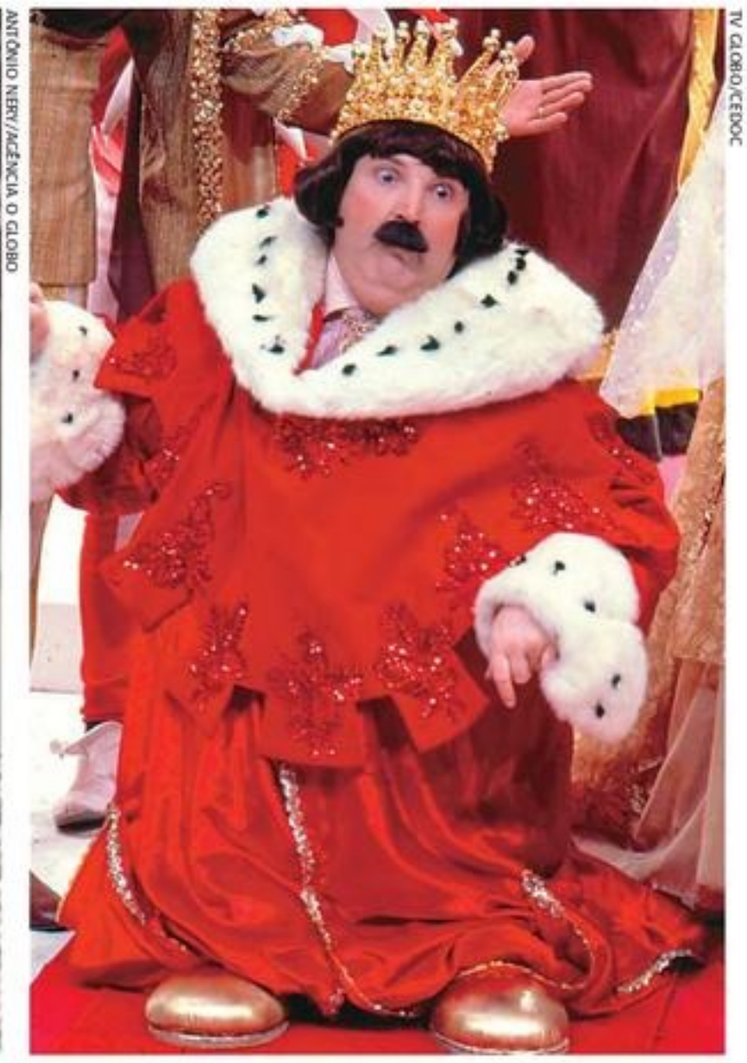
Nele eram exploradas criativamente todas as possibilidades da linguagem da televisão. O programa, que estreou em junho de 1970, tinha um dinamismo raro na época, o que exigia muito esforço das equipes de criação e de produção. No lugar dos personagens fixos, de comicidade repetitiva e quase previsível, apresentava vários quadros curtos, alinhavados por piadas rápidas e uma edição ágil, com o objetivo de não 'cansar' os telespectadores. No numeroso elenco, estrelas como Miéle, José Vasconcelos, Sandra Bréa, Eliezer Motta e Carlos Leite.

Revolucionário, o formato de *Faça Humor, Não Faça Guerra* foi criado pelos veteranos Haroldo Barbosa e Max Nunes, responsáveis por diversas transposições do humor radiofônico para a televisão, como *Bairro Feliz* (1965), *Riso Sinal Aberto* (1966) e o próprio *Balança, Mas Não Cai* (1968). Inicialmente, os textos eram escritos por Jô Soares e Renato Corte Real, que também costumavam contracenar no quadro 'Lelé & Dakuca', no qual viviam malucos que cavalgavam cavalinhos de pau, vestidos de Napoleão e travando um hilário diálogos nonsense. Nomes como Geraldo Alves, Luís Orione, Hugo Bidet e Leon Eliachar juntaram-se à equipe de redatores do programa, que saiu do ar em 1973 para dar lugar ao *Satiricom*.

A era de Renato Aragão, o Didi, e Os Trapalhões

A estréia de *Os Trapalhões* na TV Globo, em 1977, representaria a possibilidade de maior visibilidade e incremento na pro-

ANTÔNIO KERT/AGÊNCIA O GLOBO



TV GLOBO/CEDOC

Desde Faça Humor, Não Faça Guerra, Satiricom *(esquerda),* Planeta dos Homens e Viva o Gordo, *com o impagável Reizinho, Jô Soares era garantia de qualidade nos programas de humor da TV Globo.*

dução para a formação clássica – com Renato Aragão (Didi Mocó), Manfried Sant'anna (Dedé), Antônio Carlos Bernardes Gomes (Mussum) e Mauro Faccio Gonçalves (Zacarias). Anteriormente, e com o título de *Adoráveis Trapalhões*, o grupo havia passado pela TV Excelsior, onde estreou em 1966, então com Renato Aragão, Wanderley Cardoso, Ted Boy Marino e Ivon Cury, e também pela TV Record (com o título *Os Insociáveis*) e pela TV Tupi.

Esta última emissora já apresentava sinais da crise que decretaria sua falência em 1980. Diante das dificuldades, o grupo, em sua formação definitiva, com Zacarias substituindo Roberto Guilherme – que continuou a fazer parte do elenco de apoio da atração –, mudou-se para a TV Globo. Apesar do padrão Globo de qualidade, que não permitia erros, o quarteto teve carta branca de Boni para dar continuidade ao que sabia fazer melhor. Isto é, improvisar em cena e inserir cacos no texto com o único objetivo de fazer o público rir, sem a preocupação de respeitar normas cênicas convencionais.

Era comum que Didi levantasse a grama cenográfica para esconder uma chave, brincasse com um câmera ou chutasse rochedos de isopor para o alto. Bem além do aspecto circense, o grupo passou a explorar o humor em cima de questões de cotidiano, de hábitos da sociedade brasileira e de sátiras a cantores. Com isso, além do tradicional público infantil, o programa despertava agora também a atenção dos adultos. A encenação cômica de canções como *Teresinha*, de Chico Buarque e gravada por Maria Bethânia, e a interpretação jocosa de Ney Matogrosso por Renato Aragão, com o próprio artista presente, foram exemplos de quadros que entraram para a história do humor na televisão no Brasil.

Renato Aragão, na pele de Didi Mocó, criou alguns dos principais bordões de humor, ainda hoje vigentes, como "audácia da pilombeta!"; "é fria!"; "bufunfa"; "bicho bom"; "ô da poltrona" e "ô psit", estes dois últimos repetidos sempre que queria chamar a atenção para falar diretamente ao telespectador. Em cerca de duas décadas, o programa passou por várias fases e teve diretores como Wilton Franco, Osvaldo Loureiro, José Lavigne, Paulo Aragão Neto, Walter Lacet e Gracindo Júnior, além de Carlos Alberto de Nóbrega, este quase sempre dedicado à redação final. Com as mortes de Zacarias (em 1990) e Mussum (1994), o grupo sofreu duas baixas irreparáveis, que levaram a mudanças radicais, até a extinção do tradicional formato de *Os Trapalhões*.

Nos anos seguintes, as estrelas do humor

Se Manoel de Nóbrega, sentado em seu banco da praça, executava com maestria o papel de 'escada', dando todo o suporte para a graça ser executada pelos comediantes, a geração dos anos 1980 mostrava um perfil distinto. Eles eram, sim, a atração principal e o centro das atenções de seus programas, que quase sempre levavam seus nomes. São exemplos dessa fase Jô Soares (*Viva o Gordo*, ainda na TV Globo, e *Veja o Gordo*, no SBT); Ronald Golias (com *Bronco*, na TV Bandeirantes); Agildo Ribeiro (com *Agildo no País das Maravilhas*, também pela Bandeirantes, e o inovador *Cabaré do Barata*, já na TV Manchete); e Chico Anysio (*Chico City*, *Chico Anysio Show*, *Chico Total,* e outros, todos na TV Globo). Este último, ao lado de *A Praça é Nossa*, sob o comando de Carlos Alberto, foi responsável pelo resgate de humoristas, muitos deles já afastados da tv, preteridos por novos formatos dos programas.

Nos anos 1990, ao adaptar para a televisão a *Escolinha do Professor Raimundo*, sucesso do rádio e esquete recorrente dentro de humorísticos de várias emissoras, Chico Anysio fez o papel de 'escada' para alunos interpretados por Grande Otelo, Brandão Filho, Zezé Macedo, Orlando Drummond, Mário Tupinambá, Rogério Cardoso, Francisco Milani, Marcos Plonka, Antônio Carlos, Nádia Maria, Lúcio Mauro e Castrinho. Chico abre, dentro da mesma sala de aula, espaços para novos talentos, como Claudia Jimenez e Tom Cavalcante, que deixaria a atração para viver o porteiro Ribamar, no sitcom dominical *Sai de Baixo*, na mesma TV Globo, reunindo estrelas como Luiz Gustavo, Miguel Falabella, Marisa Orth e Aracy Balabanian. Após alguns programas na Globo, Tom Cavalcante mudou-se para a TV Record em 2004, onde atualmente comanda o *Show do Tom*.

A TV Pirata, um marco do humor

A *TV Pirata*, exibida pela TV Globo entre 1988 e 1990, com breve retorno em 1992, foi um marco do humor na televisão brasileira. O programa semanal, criação da dupla Guel Arraes e Cláudio Paiva, contava com colaboradores do peso de Luís Fernando Veríssimo, Laerte e Glauco, além de integrantes de duas publicações: *Planeta Diário* e *Casseta Popular* – que viriam a se reunir para, depois, formar o *Casseta & Planeta*, outro sucesso da emissora. À frente da *TV Pirata*, um elenco brilhante – Marco Nanini, Ney Latorraca, Regina Casé, Cristina Pereira, Guilherme Karan, Luis Fernando Guimarães, Cláudia Raia, Diogo Vilela e Débora Bloch, entre outros – dava forma a um texto ágil e abusava do humor nonsense e da sátira, que não poupava sequer as atrações da própria emissora.

Sete rapazes e uma moça – Bussunda (morto em 2006), Reinaldo, Hélio de la Peña, Claudio Manoel, Beto Silva, Marcelo Madureira, Hubert e Maria Paula – constituem o *Casseta & Planeta*. Após participações na Globo, como em *Doris para Maiores* e nas transmissões de carnaval, eles estréiam na grade em 1992 e se firmam como principal referência do humor na televisão por quase duas décadas, com uma aposta arriscada no politicamente incorreto.

Nos anos 1990 e 2000, coube majoritariamente à TV Globo a missão de inovar em formatos, com a produção de atrações como *A Grande Família* (releitura baseada no original de Oduvaldo Viana Filho, da década de 1970); *Os Normais*; *Separação*; e *Os Aspones* (estes três de Fernanda Young e Alexandre Machado). Ainda fazem parte dessa lista *A Diarista*; *Toma Lá, Dá Cá*; *Sob Nova Direção*; *Minha Nada Mole Vida*; *Sexo Frágil*; *S.O.S. Emergência*; *Os Caras de Pau* e *Junto e Misturado,* tentativas de renovação de uma linguagem que sobrevive em produções tradicionais, como *Aventuras do Didi* e *Zorra Total*.

REPRODUÇÃO

Renato Aragão e os Trapalhões em sua formação definitiva, com Zacarias, Dedé e Mussum, ganharam roteiros mais criativos e uma produção mais cuidada quando chegaram à TV Globo.

Novos programas, novos espectadores

A segunda metade da década atual é, então, marcada pelo surgimento de novos programas, com sucesso, em especial, entre o público jovem, como o *Pânico na TV*, da Rede TV!, adaptado de um programa líder de audiência na Rádio Jovem Pan, sob o comando de Emílio Surita. Tendo como líder Marcelo Tas, o *CQC*, da TV Bandeirantes, é a versão brasileira de um formato criado na Argentina, com a mescla de humor e jornalismo. *Legendários*, exibido pela TV Record, segue a mesma linha. E o canal pago Multishow também apostou no gênero com programas como *Cilada*, de Bruno Mazzeo. Até a MTV Brasil lançou mão desse expediente para alavancar a audiência. Atualmente, programas como *Furo MTV*, *Quinta Categoria*, *15 Minutos* e *Comédia MTV*, feitos por alguns dos representantes da mais nova geração do stand-up, como Marcelo Adnet, Dani Calabresa e Rodrigo Capella, conquistam os maiores índices da emissora.

ARQUIVO PESSOAL

PAQUITO

DIVULGAÇÃO/REDE GLOBO

A partir da esquerda, Laura Cardoso em início de carreira; com Luís Melo na peça Vereda da Salvação, *e na novela* A Viagem.

Uma dama com lembranças e brilho eterno

Pioneira da televisão, Laura Cardoso continua em plena atividade e com disposição de iniciante. Em livro biográfico, ela conta momentos de sua carreira, que se confunde com a História da televisão no Brasil.

POR PAULO CHICO

Em recente entrevista, concedida em meio às comemorações dos 60 anos da televisão no Brasil, ela declarou: "Nós, da TV Tupi, não morreremos nunca. Somos encantados".

Mais do que 'encantada', Laura Cardoso é encantadora. Pelo talento em cena. Pela elegância fora dela. Pelo não-deslumbramento com a fama, comum a tantos colegas. E, sobretudo, pelo olhar curioso de principiante, que conserva intacto, apesar de ser uma das pioneiras da televisão no Brasil. Aos 83 anos de idade, tem inacreditável fôlego de garota. Está no ar em *Araguaia*, novela das seis da Globo, o que a obriga a freqüentar a ponte aérea semanalmente – mora em São Paulo e grava no Rio. Uma rotina cansativa. Mas disso ela está longe de reclamar. Laura ama trabalhar.

Sorte a nossa que, a partir de agora, os detalhes de quase sete décadas de carreira da atriz estão à disposição do público, tudo bem organizado no livro *Laura Cardoso – Contadora de Histórias*. E, acredite, ela é ótima nessa função de remexer o baú de lembranças.

UM TIME QUE JOGAVA UNIDO

"Conversei bastante. Fiz diversas entrevistas com a jornalista Júlia Laks, que escreveu o livro com dedicação e sensibilidade. Só que, ainda hoje, de vez em quando me lembro de uma ou outra história que ficou de fora... Quando me dou conta, percebo que esqueci de algo. Não é fácil contar, em 250 páginas, mais de 60 anos de trajetória, não é?", brincou Laura, ao falar por telefone com o *Jornal da ABI* diretamente da cidade de Campinas, um dia antes de embarcar para o Rio, onde o livro, editado pela Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, foi lançado em 14 de dezembro. Como eu disse, ela não pára.

Laura trabalha na televisão desde 1952, quando estreou na TV Tupi, inaugurada apenas dois anos antes. Começou no programa *Tribunal do Coração*, ao lado de Vida Alves, outra grande veterana.

"O que havia de mais especial naquela turma era que a gente fazia parte de um time que jogava unido. Fomos desbravadores do caminho que veio dar no monumento que a televisão brasileira é hoje. Tudo que está aí, em termos de linguagem, fomos nós que inventamos. E, repare bem, já tínhamos carreiras no rádio, no teatro ou no circo, mas sobre aquele novo veículo não sabíamos nada. Aliás, ninguém sabia. Queríamos fazer, descobrir. E, nesse processo, colecionamos erros e acertos. Amizades, desilusões e amores", conta Laura, que foi casada, por mais de 30 anos, com o ator, autor e diretor Fernando Balleroni – falecido em 1980 e pai de suas duas filhas, Fernanda e Fátima.

UMA TV FEITA COM AS MÃOS

Naquele início da década de 1950, conta, o grupo de pioneiros da televisão sequer tinha noção de que estava escrevendo História. Ou melhor, ajudando a colocar no ar um veículo que alteraria para sempre os rumos da comunicação no Brasil.

"Não tínhamos idéia da importância do nosso trabalho. Não havia tempo pra isso! Tudo era muito difícil, sobretudo do ponto de vista técnico e de equipamentos, nos quais havia poucos recursos; sobre eles, pouco conhecimento. Costumo dizer que a Tupi, nos primeiros anos, era uma televisão feita com as mãos, de forma quase artesanal", diz a atriz, que lamenta que a importância da emissora, como pedra fundamental do veículo no País, nem sempre seja reconhecida a contento.

Laura afirma que desde muito criança gostava de representar.

"Lembro de mim, ainda bem pequenina, brincando de viver outras vidas. Isso é fascinante. Experimentar outros sonhos e idéias, com o suporte de um bom texto e uma boa direção... Essa é a graça de representar, que me inspira até hoje".

Premiada no teatro e com destacadas participações no cinema, Laurinda de Jesus Cardoso, seu nome de batismo, foi também dubladora, mas tornou-se sobretudo um 'bicho de televisão'. É uma das recordistas de personagens em telenovelas, feitas na Tupi, Record, Excelsior, Bandeirantes e Globo, onde estreou em 1981, em *Brilhante*, de Gilberto Braga.

"Em relação às novelas de antigamente, as produções atuais têm coisas melhores, e outras piores. Isso é natural... Foram muitas as transformações ao longo dessas décadas. Me lembro, por exemplo, de que o videoteipe modificou o nosso processo de trabalho, na medida em que permitiu parar a encenação e corrigir erros. Se, por um lado, as pausas garantem um produto final sem gafes, por outro interrompem a emoção do momento. Adaptar-se a esse novo ritmo de gravações foi uma dificuldade, sobretudo para o pessoal do teatro", recorda.

O DESAFIO DA BIÓGRAFA

Do ponto de vista jornalístico, qual a principal dificuldade em contar a história de uma artista com uma trajetória tão rica quanto extensa? Com a palavra, Julia Laks, autora da biografia da atriz.

"O desafio está em condensar isso em algumas páginas, sem que o leitor perca a dimensão de tudo o que a Laura viveu. No entanto, apesar de pensar bastante em como colocar tantas histórias no papel, acho que foi exatamente essa trajetória – narrada pela atriz com uma alegria contagiante – que mais me motivou a escrever o livro. Ela passou por muitas mudanças e ainda hoje é uma pessoa muito certa do que faz. Laura revela seus grandes momentos na TV Tupi de São Paulo com o mesmo entusiasmo que divide suas experiências nas gravações de hoje".

Júlia define como 'maravilhosas' as conversas com a artista.

"Laura é extremamente generosa com seu conhecimento. As entrevistas duravam quatro, cinco horas e eu nem sentia o tempo passar. Foi um privilégio reviver tantos momentos: o início no rádio, a transição para a televisão, as vivências no teatro e no cinema. É instigante acompanhar também a História do Brasil e dos meios de comunicação através de conversas com alguém que foi parte integrante de todo esse processo. Laura batalhou para tornar-se atriz numa época em que a profissão era muito marginalizada, viveu a chegada da televisão no País, acompanhou de perto o advento do videoteipe, da cor e participou da primeira novela em hd da TV Globo", enumera Júlia.

"ARTE É SENTIMENTO"

Tantas mudanças de forma pouco influenciaram no princípio da arte, como bem define a atriz no livro de suas lembranças.

"A narrativa, a câmera, os estúdios e as montagens no teatro podem ganhar novos elementos. Mas os sentimentos continuam os mesmos, desde que o mundo é mundo. E o trabalho do ator nada mais é do que descobrir a melhor forma de transmiti-los para contar a sua história".

Que venham, então, muitos outros capítulos.

FOTOS: ACERVO PRÓ-TV

Na cerimônia de inauguração da TV Tupi, que contou com a presença do indiozinho símbolo da estação, Assis Chateaubriand recebeu os cumprimentos do candidato ao Governo do Estado de São Paulo Lucas Nogueira Garcez. O engenheiro Walther Obermüller (à direita), que veio dos Estados Unidos ajudar na implantação da emissora, mostra os novos equipamentos a Frei José Mojica.

TUPI DE SÃO PAULO, ONDE TUDO COMEÇOU

O espírito inquieto do jornalista Assis Chateaubriand, criador dos Diários Associados, lançou entre nós em setembro de 1950 a inovação tecnológica que começava a fazer sucesso nos Estados Unidos, na França e na Inglaterra.

POR CELSO SABADIN

Assis Chateaubriand discursa em frente às câmeras durante as festividades do programa de inauguração da PRF-3 TV Tupi Difusora, de São Paulo. Ao seu lado, Homero Silva.

A Segunda Guerra Mundial terminara havia apenas cinco anos. O mundo passava por profundo processo de transformação, entrando numa nova era de modernidade. E o Brasil não queria ficar para trás. Porém, não era nada fácil, naquele ano de 1950, romper com as amarras tradicionais da cultura e da política nacionais. Principalmente após o grande golpe desferido contra a auto-estima do País, exatamente em seu ponto mais vulnerável: o futebol. Em 16 de julho daquele ano, a favoritíssima Seleção Brasileira caía frente aos uruguaios, diante de um Maracanã atônito e lotado, na final da Copa do Mundo. Já então o ex-Presidente Getúlio Vargas, que governara o País de 1930 a 1945, entre 1937 e 1945 como ditador, preparava sua volta ao poder, agora pela via das eleições diretas, já que o novo Brasil do pós-guerra havia finalmente encontrado seu caminho democrático com a promulgação da Constituição de 18 de setembro de 1946.

Mais do que democracia, o Brasil ansiava de alguma forma começar a fazer parte daquele "novo mundo de paz" que o fim do conflito mundial preconizava, com a exuberância e ostentação econômica, onde a cultura norte-americana acenava com seus carros rabo-de-peixe, modernas batedeiras de bolo, sorvetes gigantescos, liquidificadores e a grande novidade do momento, passaporte imprescindível para a nova era: a televisão.

As pesquisas para o desenvolvimento dessa estranha e maravilhosa caixa de transmitir imagens, que haviam se iniciado ainda no começo do século, foram interrompidas pela Guerra, e retornavam agora com força total. Estados Unidos, França e Inglaterra já haviam implantado seus sistemas de televisão comercial, e o Brasil ainda via a vida passar pelo rádio.

O pioneirismo da implantação da televisão no Brasil coube ao paraibano Assis Chateaubriand, misto de jornalista, mecenas, empresário e político, proprietário dos Diários Associados, que chegou a ser o maior conglomerado de mídia da América Latina. Foi o polêmico Chatô, seu apelido, que três anos antes havia fundado o Museu de Arte de São Paulo, o responsável pela inauguração, em 18 de setembro de 1950, da PRF-3 TV Tupi de São Paulo, a primeira emissora de televisão do Brasil.

NO MUQUE, À BRASILEIRA

A Tupi nasceu, por assim dizer, "à brasileira", ou seja, sem muito planejamento, com um punhado de radialistas treinados durante poucos meses, estúdios pequenos e equipamento precário. Mesmo porque a aparelhagem, importada dos Estados Unidos a um custo divulgado de US$ 5 milhões, ficou presa na alfândega por muito mais tempo do que previa Chateaubriand, provocando um atraso em sua instalação e no treinamento dos técnicos.

Não faltaram, porém, pompa e circunstância à cerimônia de inauguração, comandada pelo próprio Chateaubriand. No programa, o Frei cantor mexicano José Mojica e a atriz Lolita Rodrigues (substituindo Hebe Camargo na última hora, vítima de uma inesperada rouquidão) interpretaram *A Canção da TV*, hino composto pelo poeta Guilherme de Almeida, conhecido como Príncipe dos Poetas Brasileiros, especialmente para a ocasião. Um balé de Lia Marques, uma poesia declamada pela poetisa Rosalina Coelho Lisboa e algumas breves palavras da atriz Yara Lins deram continuidade ao show de abertura. Show, aliás, que pouca gente viu, pois ainda eram raros os receptores de tv no País. Havia cinco deles instalados no saguão do prédio dos Diários Associados e umas poucas unidades importadas por Chateaubriand e distribuídas para políticos e membros da alta sociedade paulistana.

Nessa era pré-satélite, a transmissão era apenas local e sintonizada somente pelo Canal 3 de São Paulo, que seria alterado para o Canal 4 pouco tempo depois. A noite rendeu várias histórias que hoje fazem parte do folclore da televisão brasileira. Passados 60 anos, é difícil diferenciar a verdade da lenda. Há quem diga, por exemplo, que o entusiasmado Chateaubriand teria inaugurado a Tupi como se inauguram os navios, isto é, quebrando uma garrafa de champanhe numa das duas caríssimas câmeras RCA importadas para a ocasião. Mas como uma câmera de tv é razoavelmente menos resistente que um casco de navio, o ato simbólico teria colocado o equipamento fora de operação logo na primeira noite, obrigando que tudo fosse transmitido de um único ângulo, o da câmera remanescente. Outros dizem que uma das câmeras realmente deu defeito, mas que a história do champanhe teria sido inventada pelo ator Lima Duarte, um dos primeiros artistas contratado pelo nascente veículo de comunicação.

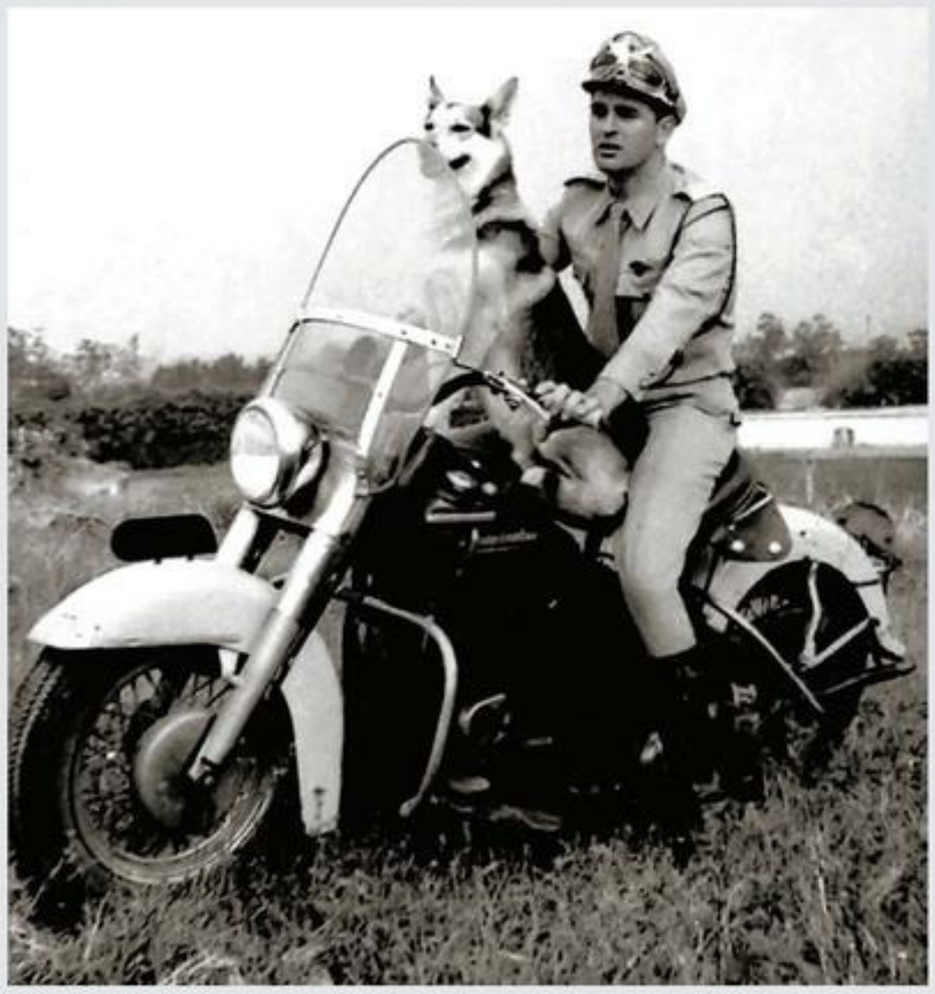
Outra história diz que, encerrada a festa de inauguração, percebeu-se que ninguém havia atentado para um detalhe importante: o que colocar no ar no dia seguinte. Assim, a toque de caixa, produziu-se rapidamente um programa humorístico no estilo "Escolinha", que já fazia sucesso em emissoras de rádio. E tudo ficou pronto para a "programação" do dia 19 de setembro de 1950. O que não era muito difícil, pois naquele instante só havia transmissão de tv das 20 às 22 horas.

UMA FORMA DE RÁDIO, COM IMAGEM

Lançado o "navio", os profissionais da televisão logo adaptaram para a telinha o senso de improvisação e de rapidez aprendido no rádio. Todos faziam um pouco de

Observado por Dermival Costalima, Cassiano Gabus Mendes gesticula durante uma cena. Ao lado, ele dirigiu a atriz Lia de Aguiar no primeiro teleteatro que foi ao ar completo: A Vida Por um Fio, *baseado no filme de suspense* Sorry, Wrong Number. *Abaixo, cena da novela que comoveu o País:* O Direito de Nascer, *com Nathália Timberg e Amilton Fernandes.*

Hebe Camargo e Raul Gil participaram do início da Tupi.



O Vigilante Rodoviário, *com Carlos Miranda, foi o primeiro seriado filmado da tv brasileira. Antes dele, a Tupi produziu ao vivo a primeira versão do* Sítio do Pica-Pau Amarelo, *com Lúcia Lambertini (como a boneca Emília) e Hernê Lebon (Visconde de Sabugosa). Em 1953 estréia a primeira comédia de situação no Brasil:* Alô, Doçura, *com John Herbert e Eva Wilma.*

tudo, e naquele momento ainda era impossível falar em especialização de funções. Desenvolvia-se a nova linguagem no dia-a-dia, na base da improvisação, da raça e do jeitinho brasileiro. Não por acaso, a televisão brasileira é filha do rádio: a Tupi, através dos profissionais radialistas que ali deram os primeiros passos, começou a adaptar para o novo veículo programas já consagrados pela era do rádio.

Inspirado em teatralizações radiofônicas, a emissora de Chateaubriand lança seu *TV de Vanguarda*, com a apresentação de peças teatrais de autores clássicos mundiais, como Shakespeare e Dostoiévski. Surgem na tela os talentos de Dionisio Azevedo, Lima Duarte, Laura Cardoso, Luís Gustavo, Flora Geny e Jaime Barcellos, entre vários outros.

Logo a Tupi consegue desenvolver uma grade de programas de sucesso que abrangiam diferentes gêneros e públicos. Para toda a família, Cassiano Gabus Mendes cria e dirige a série cômica/romântica *Alô Doçura* (de 1953 a 1964), que lança Eva Wilma e John Herbert.

As crianças se encantam com *O Sítio do Picapau Amarelo* (de 1952 a 1962), primeira adaptação para a televisão da consagrada obra de Monteiro Lobato, exibida sempre ao vivo dentro do programa *Teatro Escola de São Paulo*, criado por Júlio Gouveia e Tatiana Belinky. No elenco, Lúcia Lambertini, Antônio Silvio Lefèvre, David José, Lidia Rozenberg, Edy Cerri, Rubens Molino, Sydneia Rossi e Benedita Rodrigues. Num mundo pré-satélite e pré-videoteipe, toda a série começa a ser reencenada para a TV Tupi do Rio (inaugurada em 20 de janeiro de 1951) a partir de 1957, com algumas alterações de elenco.

Também fizeram grande sucesso o game show *O Céu é o Limite* (apresentado por Aurélio Campos em São Paulo e por J. Silvestre no Rio), que chegou a alcançar 84 pontos de audiência; e o inimitável *Clube dos Artistas* (no ar de 1952 a 1980), comandado pelo casal Ayrton e Lolita Rodrigues.

No setor jornalístico, o histórico telejornal *Repórter Esso* (com Heron Domingues e Gontijo Teodoro), marcou época permanecendo 18 anos no ar e veiculando diariamente um dos mais famosos prefixos musicais da história da televisão brasileira.

As telenovelas começam

Já as telenovelas, descendentes diretas das famosas radionovelas, tiveram também na Tupi o seu início, transmitidas sempre ao vivo, a princípio apenas uma ou duas vezes por semana. A pioneira estreou em 21 de dezembro de 1951: *Sua Vida Me Pertence*, com Walter Forster, protagonista, ao lado de Vida Alves, do primeiro beijo da tv brasileira.

A primeira novela diária da Tupi, *Alma Cigana*, só entraria no ar em março de 1964. Também marcaram época *O Cara Suja* (1965), *A Cor da Pele* (1965), *Irmãos Corsos* (1966), *Antônio Maria* (1968) e principalmente *Beto Rockfeller* (com Luís Gustavo e Plínio Marcos, também de 1968), que lançou as bases para um estilo verdadeiramente brasileiro de se fazer novelas.

O ano de 1968 também marca a morte de Chateaubriand e o início da decadência da Tupi. Nem sucessos como *Mulheres de Areia* (com Eva Wilma, de 1973) e *O Machão* (com Antônio Fagundes, 1974) foram suficientes para reverter o processo de dívidas acumuladas que a empresa sofria. A emissora pioneira e líder de audiência nos anos 1950 e início dos 1960 começa a dar sinais visíveis de seus problemas administrativos e financeiros, e perde terreno diante da crescente concorrência. No final da década de 1970, acumulam-se salários atrasados, greves e dívidas gigantescas junto à Previdência Social.

O colapso, o fim

Em fevereiro de 1980 a emissora fechou seu departamento de teleteatro e dispensou 250 funcionários. Em 17 de julho do mesmo ano, a Tupi tem sua concessão cassada pelo Governo Federal, que logo no dia seguinte lacrou o transmissor do edifício-sede localizado no bairro paulistano do Sumaré.

A dois meses de completar seu trigésimo aniversário, terminava de forma melancólica a iniciativa pioneira de Assis Chateaubriand.

A Família Trapo, *com Renata Fronzi, Ricardo Corte Real, Otelo Zeloni, Golias, Jô Soares, Cidinha Campos;* Dois na Bossa, *com Elis Regina e Jair Rodrigues, e o infantil* Capitão 7 *foram atrações da Record.*

Record, aquela que mudou a cultura musical brasileira

Sob a liderança de Paulo Machado de Carvalho, comandante da delegação brasileira na Copa do Mundo de 1958, o Canal 7 de São Paulo projetou nacionalmente Elis Regina e Jair Rodrigues, lançou Roberto Carlos, Erasmo e Wanderléa e organizou os históricos festivais de música popular.

Enquanto as rádios do País tocavam insistentemente a guarânia *Índia*, com Cascatinha e Inhana, e o cinema brasileiro fazia bonito no exterior com o premiado *O Cangaceiro*, o advogado e empresário Paulo Machado de Carvalho lutava contra o tempo: corria o ano de 1953, e o já consagrado fundador da Rádio Record cuidava apressadamente de todos os detalhes para que seu grupo de comunicações entrasse na era da televisão.

Afinal, até aquele momento apenas a pioneira TV Tupi estava no ar, e a entrada de uma emissora concorrente certamente abalaria o mercado. Como de fato abalou. Em 27 de setembro de 1953, exatamente às 20h53min, um programa musical apresentado por Sandra Amaral e Hélio Ansaldo inaugurava a TV Record.

Com a experiência das Rádios Record, que ele fundou em 1931, e Pan Americana, que adquiriu em 1944, Paulo Machado de Carvalho equipou sua tv com a mais moderna tecnologia disponível na época, e atraiu para a sua empreitada forte divulgação de toda a mídia. Ele optou por uma programação que mesclasse jornalismo, música e uma de suas maiores paixões: o futebol. Não por acaso: ele havia sido Presidente do São Paulo Futebol Clube na década anterior; pouco depois, em 1958, comandaria a delegação brasileira à Copa do Mundo da Suécia, a primeira em que o Brasil foi campeão.

Saindo na frente

Já em 1954, a Record dá mostras do empreendedorismo que marcaria sua história ao produzir o primeiro seriado da televisão brasileira: *Capitão 7*, estrelado por Aires Campos e Idalina de Oliveira, que faria muito sucesso até 1966.

Outro dos grandes sucessos da Record em seus primeiros anos foi o programa musical *Grandes Espetáculos União*, patrocinado pelo açúcar homônimo, com apresentação de Sandra Amaral e Blota Jr. A emissora também criou, em 1954, o até hoje consagrado formato de debates para programas esportivos através do seu pioneiro *Mesa-Redonda*, apresentado por dois dos maiores narradores esportivos da história da televisão: Geraldo José de Almeida e Raul Tabajara.

Ainda na área esportiva, a emissora inovou com suas transmissões ao vivo, uma novidade espetacular para a época. Em 18 de setembro de 1955, comemorou seu aniversário transmitindo Santos 3 x Palmeiras 1 diretamente do estádio da Vila Belmiro. No ano seguinte foi a vez do Grande Prêmio de Turfe do Brasil, diretamente do Jóquei Clube do Rio de Janeiro.

Na virada da década, a Record já roubava a liderança de audiência da Tupi, e destacou-se no campo jornalístico ao superar a concorrente e transmitir, com exclusividade, a festa da inauguração de Brasília, em 21 de abril de 1960.

Apostando na música

Com a moral e as contas em alta, passou a investir mais pesadamente em talentos e produções musicais, transformando-se no principal veículo divulgador de importantes movimentos da música brasileira. Astros como Jair Rodrigues, Elis Regina, Roberto Carlos, Erasmo Carlos, Wilson Simonal e tantos outros eram nada menos que funcionários da emissora. Em 1965, a Record "rouba" da Excelsior o programa *Dois na Bossa*, apresentado por Jair Rodrigues e Elis Regina, muda seu nome para *O Fino da Bossa*, e marca época na tv brasileira.

No mesmo ano, um desentendimento com a Federação Paulista de Futebol acaba, ironicamente, gerando o programa *Jovem Guarda*, não somente uma das mais importantes produções musicais da TV Record, como também a catalisadora de toda uma mudança de comportamento da juventude. Motivo: ao não conseguir renovar os direitos de transmissão do Campeonato Paulista de Futebol, a Record se vê repentinamente sem programação para as tardes de domingo. Resolve então, um pouco às pressas, criar um programa de música jovem, baseado em modelos que já existiam em emissoras de rádio. Nasce assim o *Jovem Guarda*, título cunhado pelo publicitário Carlito Maia, a partir de um discurso de Vladimir Lênin, líder da Revolução de 1917 na Rússia czarista. Se a ditadura militar da época soubesse...

Assim, as chamadas "jovens tardes de domingo" passam a ser embaladas por Vanusa, Eduardo Araújo, Silvinha, Martinha, Ronnie Cord, Wanderley Cardoso, Bobby di Carlo, Jerry Adriani, Sérgio Reis, Os Incríveis, Renato e Seus Blue Caps, Golden Boys e, claro, Roberto Carlos, Erasmo Carlos e Wanderléa, os principais donos da festa.

No ano seguinte, mais uma vez a Record recicla uma atração da antiga TV Excelsior: os festivais de música popular brasileira. A primeira edição, em 1965, havia acontecido na cidade paulista do Guarujá, consagrando Elis Regina e seu *Arrastão*, ainda com produção e transmissão da Excelsior. A partir de 1966, o evento passa a ser produzido e transmitido pela Record, ganhando importância e projeção sequer imaginadas nem pelos seus próprios idealizadores.

Até 1969, ano do último Festival da Record, passaram pelos palcos dos Teatros Record e Paramount nomes como Gilberto Gil, Caetano Veloso, Nara Leão, Chico Buarque, Os Mutantes, Roberto Carlos, Edu Lobo, Tom Zé, Sérgio Ricardo (no famoso momento em que o compositor quebrou um violão e o arremessou sobre

O jovem compositor Chico Buarque, um dos lançados pelos festivais de música da Record.

WILSON SANTOS/CPDOC JB/DIVULGAÇÃO

a platéia) e muitos outros. Toda uma nova geração da mpb nasce e se consagra diante das câmeras da Record, alterando radicalmente o cenário musical brasileiro pós-Cascatinha e Inhana.

A CHEGADA AO TOPO

Mesmo abalada em julho de 1966 por um grande incêndio, que consumiu parte de suas instalações e inestimáveis registros de seu arquivos, a Record estréia, em 1967, o inesquecível *Família Trapo* (no embalo do sucesso da Família von Trapp, do filme *A Noviça Rebelde*), seriado cômico protagonizado por Ronald Golias, Jô Soares, Otelo Zeloni, Renata Fronzi, Cidinha Campos e Ricardo Corte Real. Sucesso absoluto, a atração era gravada ao vivo no Teatro Record, com a presença da platéia, o que dava ainda mais vigor aos momentos mais divertidos. O programa permanceu no ar até 1970.

Líder absoluta de audiência em seu apogeu, a Record criou, produziu e exibiu alguns dos programas de maior sucesso da própria história da televisão brasileira. De *O Circo do Arrelia* ao *Pullman Jr.*, que permaneceu 16 anos no ar. De *A Praça da Alegria* ao *Esta Noite se Improvisa*. Do *Show em Si...Monal* ao *Corte Rayol Show,* com Renato Corte Real e Agnaldo Rayol. Isto sem falar de toda uma linha de apresentações especiais que incluía a entrega do Troféu Roquette-Pinto, e o aguardado *Show do Dia 7*.

A empresa não conseguiu, porém, resistir ao crescimento e à forte concorrência da Globo, que começava a se apresentar como a nova grande potência da televisão brasileira, e aos vários incêndios que sofreu.

1989, UM RECOMEÇO

Em busca do capital perdido, em 1972 a emissora da família Machado de Carvalho vende 50% de suas ações a Silvio Santos. A programação, antes rica, variada e influente, começa a se embasar em reprises de desenhos animados e filmes antigos. A audiência despenca e a emissora entra nos anos 80 quase como uma retransmissora do Sistema Brasileiro de Televisão, de Silvio Santos.

O fundo do poço chega em 9 de novembro de 1989, quando a TV Record é vendida a Edir Macedo, líder da Igreja Universal do Reino de Deus-Iurd. A partir daí, com a forte injeção de capital proporcionada pela Iurd, a Record se reergue tentando copiar o modelo da estação líder de audiência, contrata profissionais de peso no mercado, aparelha-se tecnologicamente e passa a brigar com o SBT pelo segundo lugar no mercado. (*Celso Sabadin*)

Uma Noite em 67

Documentário cinematográfico com esse título revive uma noite gloriosa da TV Record e da melhor música popular brasileira.

POR CELSO SABADIN

Uma noite histórica: em 21 de outubro de 1967, reuniram-se sobre o mesmo palco talentos como Chico Buarque de Holanda, Caetano Veloso, Gilberto Gil , Os Mutantes, Roberto Carlos, Edu Lobo, Sérgio Ricardo, MPB 4 e vários outros. Era a finalíssima do 3º Festival da Música Popular Brasileira da TV Record, que consagraria *Ponteio* como vencedora.

Décadas depois, os cineastas Ricardo Calil e Renato Terra decidiram dirigir um documentário de longa-metragem sobre aquele momento inesquecível, e o resultado é *Uma Noite em 67*. Elogiado pela crítica, o filme já levou mais de 80 mil espectadores aos cinemas, de acordo com o boletim informativo *Filme B*, especializado no mercado cinematográfico. Pode parecer pouco, se comparado ao megassucesso *Tropa de Elite 2*, que ultrapassou 10 milhões e 736 mil ingressos vendidos, mas é um resultado muito acima da média, no Brasil, para o gênero documentário, que infelizmente não tem tradição de público. O *Jornal da ABI* conversou com os diretores de *Uma Noite em 67*.

JORNAL DA ABI – O FILME ME EMOCIONOU MUITO, POIS ME LEMBRO COM DETALHES DAQUELA HISTÓRICA NOITE DE 1967. LEMBRO-ME INCLUSIVE DE QUE QUANDO O CANTOR E COMPOSITOR SÉRGIO RICARDO QUEBROU SEU VIOLÃO, ANTES DE ATIRÁ-LO SOBRE A PLATÉIA, ELE CHAMOU O PÚBLICO E O BRASIL DE "SUBDESENVOLVIDOS". AO VIVO. A CENA FOI MUITO MARCANTE, TANTO QUE, DURANTE UM BOM TEMPO APÓS ISSO, RONALD GOLIAS A REPRODUZIA CARICATA E DIVERTIDA NO PROGRAMA HUMORÍSTICO *FAMÍLIA TRAPO*, ENGOLINDO RAPIDAMENTE AS SÍLABAS DA PALAVRA "SUBDESENVOLVIDO", QUE A DITADURA DA ÉPOCA NÃO PERMITIA. A PERGUNTA É: NÃO SOBROU NENHUM PEDAÇO DE VIDEOTEIPE, DE FILME OU DE GRAVAÇÃO SONORA, NADA QUE CONTENHA ESTE MOMENTO ESPECÍFICO DO DESABAFO DE SÉRGIO RICARDO? SERÁ QUE OS MILITARES SE ENCARREGARAM DE NÃO DEIXAR NENHUM VESTÍGIO PARA OS DIAS DE HOJE?

Renato Terra - Ótima memória! Nas várias fitas do festival de 1967 que existem na Record (os filmetes acabaram originando diversas betas), não encontramos o pedaço desse episódio, que foi relatado na autobiografia do Sérgio Ricardo e em alguns outros livros sobre o período. Se foi a ditadura? Não dá para afirmar.

Ricardo Calil - Mas há uma outra curiosidade que talvez alimente a tese: a apresentação do Geraldo Vandré nesse festival, com *Ventania*, é a única música que não encontramos nas fitas da Record, entre as 12 finalistas.

JORNAL DA ABI – NUM MOMENTO EM QUE EXISTEM VÁRIOS DOCUMENTÁRIOS SOBRE PERSONALIDADES DO MERCADO MUSICAL, COMO SURGIU A IDÉIA SIMPLESMENTE GENIAL DE ENFOCAR UMA ÚNICA DATA, UMA ÚNICA NOITE?

Ricardo Calil - Na idéia original, que o Renato Terra teve sete anos atrás, seria um filme sobre a grande era dos festivais, que de acordo com Zuza Homem de Melo aconteceu de 1965 a 1972. Logo ficou claro que o tema era amplo demais, pois no período aconteceram mais de uma dezena de festivais divididos entre Excelsior, Record e o Festival Internacional da Canção. Não caberia tudo num único filme. Pensamos em vários enfoques e chegamos à conclusão de que deveríamos nos concentrar no festival que foi o mais rico musicalmente.

Renato Terra - A princípio, seria um filme sobre 1967, mas que falaria um pouco do que veio antes e depois. Na montagem, decidimos nos concentrar só em 1967. Depois, só na noite da final. E, depois, preferimos nos focar mais em seis músicas. A gente não queria fazer um catálogo sobre o evento, passar superficialmente pelas músicas e situações, mas sim, de alguma forma, tentar passar a experiência daquela noite, usar as músicas na íntegra, aproveitar os bastidores, ter apenas depoimentos na primeira pessoa. Isso foi possível pelo recorte bem específico.

JORNAL DA ABI – TODAS AS CENAS DE ARQUIVO EXIBIDAS NO FILME SÃO AQUELAS TRANSMITIDAS PELA RECORD. NÃO HOUVE NENHUM OUTRO REGISTRO DE IMAGENS EM MOVIMENTO, INCLUSIVE COLORIDAS, DE ALGUM CINEASTA AMADOR, POR EXEMPLO, A QUE A PRODUÇÃO TIVESSE ACESSO?

Renato Terra - Adoraríamos ter outros registros, mas não encontramos na pesquisa. Nas cenas de bastidores, você percebe um cinegrafista filmando os artistas com câmera na mão. Fomos atrás da trilha, mas ela deu em becos sem saída. Há uma única cena de arquivo que não é da Record: as imagens da passeata contra a guitarra elétrica, que conseguimos na Cinemateca Brasileira – e que jamais havíamos visto.

FOTOS WILSON SANTOS/CPDOC JB/DIVULGAÇÃO

O Festival da Record de 1967 reuniu grandes nomes da música popular brasileira, como Gilberto Gil (embaixo) e Roberto Carlos (à esquerda). Foi nessa noite que aconteceu a antológica cena em que Sérgio Ricardo (ao lado) quebra seu violão e o arremessa na platéia.

JORNAL DA ABI – POR TER SIDO CO-PRODUTORA, A TV RECORD INTERVEIO DE ALGUMA FORMA NA CONCEPÇÃO DO FILME?

Ricardo Terra - Não, não houve orientações específicas, ou mesmo gerais, da Record. Nós tivemos absoluta liberdade para fazer o filme que queríamos.

JORNAL DA ABI – COMO FOI A MONTAGEM DOS EXTRAS DO DVD, QUE ACABOU DE SER LANÇADO? QUAIS SÃO OS DESTAQUES?

Renato Terra - Tentamos aproveitar ao máximo o enorme material que colhemos e deixamos de fora por conta do enfoque específico.

Ricardo Calil - E aproveitamos uma boa parte do material que colhemos para os extras do dvd. Por exemplo, a exibição de cinco canções que também disputaram o título naquela noite, mas foram esquecidas. É emocionante ver Nara Leão e Sidney Miller em *A Estrada e o Violeiro*, assim como Nana Caymmi superar as vaias e ganhar o público com *Bom Dia*. Há também um depoimento em que Dori Caymmi conta que a versão defendida por Elis Regina de *O Cantador* incluía elementos "apelativos" que o desagradaram.

Renato Terra - Um outro conjunto de extras reúne "causos" relatados aos diretores do filme, mas sem ligação direta com os temas centrais que exploramos no documentário. Há histórias ótimas, como o depoimento de Paulinho Machado de Carvalho sobre o nascimento da Jovem Guarda, o primeiro encontro de Carlos Manga com Roberto Carlos, a ajuda do velho Partidão (o PCB) a Geraldo Vandré relatado por Ferreira Gullar e a participação de Martinho da Vila, com *Menina Moça*, no festival.

Ricardo Calil - Também são muito divertidos os depoimentos de Chico Buarque, sobre o seu primeiro festival, em 1965, com *Sonho de Carnaval*, interpretada por Geraldo Vandré fora do tom, e sua participação, ao lado de Vinicius, no programa *Esta Noite se Improvisa*. Caetano também tem boas recordações dessas noitadas e de bebedeiras com Chico e Toquinho pela noite de São Paulo. Dois depoimentos incluídos nesta série de "causos" mereciam constar de *Uma Noite em 67*. No primeiro, Chico Anysio, jurado do festival, defende a tese de que a verdadeira canção vencedora foi *Alegria, Alegria*, classificada em quarto lugar. "Ninguém é capaz de cantar *Ponteio* hoje em dia. Nem o autor", diz Chico, ironizando a vitória da canção de Edu Lobo.

Renato Terra - Já Arnaldo Baptista descreve suas contribuições e de Rogério Duprat para o arranjo revolucionário de *Domingo no Parque*, classificada em segundo lugar. "Eu dizia pra ele: 'Esse trecho quero que lembre os Dez Mandamentos. Aqui, quero uma coisa que lembre os cavalos de Roy Rogers'", conta Arnaldo, divertidíssimo.

13: mais que de sorte, esse era o canal líder de audiência

Um fenômeno da História da televisão no Brasil: com a novela *O Direito de Nascer*, no final de 1964, a TV Rio foi sintonizada por 99,75% dos televisores ligados.

POR MARCOS STEFANO

Campeã de audiência. Nunca esse título foi tão significativo para uma emissora quanto foi para a TV Rio, nos anos 1950 e 1960. Com nomes como Tom Jobim, Walter Clark, Chico Anysio, Carlos Manga, Jô Soares, Carlos Alberto Loffler, Boni, Sérgio Porto, o Stanislaw Ponte Preta, Antônio Maria, Ari Barroso, Luiz Mendes, Adolpho Celi, Geraldo Casé, João Loredo, Chacrinha, Osvaldo Sargentelli, João Saldanha, Norma Benguell, Moacyr Franco, Derci Gonçalves, Consuelo Leandro, Ronald Golias, Flávio Cavalcânti e Fernando Barbosa Lima, o então Canal 13 do Rio de Janeiro chegava a ter em certos momentos mais de 99% dos televisores sintonizados em sua programação.

Com tantas personalidades e humorísticos que marcaram época, a TV Rio foi durante bom tempo a principal emissora brasileira. "A TV Tupi de São Paulo foi pioneira e tinha muito mais experiência, mas a TV Rio ganhava em criatividade e boas idéias. Ali estavam sendo criadas as raízes de uma televisão que ia além do rádio com imagem", conta o jornalista Fernando Barbosa Lima, no livro *Nossas Câmeras São Seus Olhos* (Ediouro).

Inaugurada em 1955, a TV Rio pertencia a João Batista "Pipa" do Amaral, cunhado de Paulo Machado de Carvalho, dono da TV Record, de São Paulo. Pipa adquiriu a concessão que originalmente fora dada à Rádio Rio. A emissora funcionou primeiramente em Copacabana, no Posto 6, antigo Cassino Atlântico, em frente à colônia de pescadores. Um local requintado, mas que não escapava dos problemas. O primeiro era a maresia, que destruía as câmeras. O segundo era justamente a quantidade de câmeras, muito aquém das necessidades.

Fernando Barbosa Lima conta que aos domingos a TV Rio transmitia o futebol ao vivo do Maracanã. Depois, já em seu auditório, punha no ar o *TV Rio Ring*, um programa de boxe apresentado por Léo Batista e dirigido por José Brasil Câmpio e Téti Afonso. Como se tratava de sucessos, não era possível privilegiar um só. Mas como só havia duas câmeras, quando o futebol terminava o caminhão de externas saía disparado, rumo ao Posto 6, para entregar os equipamentos. Dependendo do trânsito, esse trajeto poderia durar até 40 minutos, tempo preenchido por um interminável intervalo comercial.

"Entre uma bola na trave e um soco na cara fica o nosso faturamento", dizia Péricles do Amaral, então Diretor-Artístico da emissora.

AUDIÊNCIAS FANTÁSTICAS

Com um "Malandrinho Carioca" como mascote, a TV Rio teve programas de sucesso desde os anos 50. *Família Boaventura, Histórias do Dom Gatão* e *Preto no Branco* foram alguns deles. Nos anos 60, o destaque ficou por conta de humorísticos como *O Riso é o Limite*, *Teatro Psicodélico* e o *Chico Anysio Show*. Seus noticiosos de maior destaque no período eram o *Correspondente Vemag* e o *Telejornal Pirelli*, dirigidos por Walter Clark e apresentados por Léo Batista e Heron Domingues. Foi na TV Rio que a série japonesa *National Kid* se tornou a partir de 1964 a de maior sucesso na televisão brasileira. Mas também havia espaço para as novelas de Nélson Rodrigues, escritas sob o pseudônimo de Verônica Blake.

FOTOS REPRODUÇÃO

O jornalista Flávio Cavalcânti estreou na tv fazendo entrevistas num bloco do programa Noite de Gala, *da TV Rio.*

No final de 1964, a emissora comprou os direitos de exibição no Rio da telenovela *O Direito de Nascer*, produzida pela Tupi paulista. Foi o maior sucesso de audiência da tv nacional. O último capítulo marcou o índice de 99,75% dos aparelhos ligados. Por tudo isso, o local escolhido para a festa de encerramento da trama foi o Maracanãzinho, com transmissão da TV Rio e apresentação de César de Alencar e Adalgisa Colombo, famosa como Miss Brasil, além da presença de todo o elenco.

Transmitido também para São Paulo, o episódio foi o estopim para a demissão da direção da Tupi do Rio, que meses antes rejeitara a telenovela por achar que não daria audiência por já ter sido apresentada no rádio.

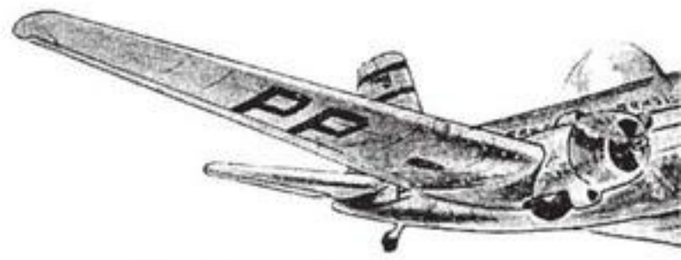
Não foi esse um caso de sucesso isolado. *A Buzina do Chacrinha*, em 1962, deu 99,6% de audiência; o humorístico *Noites Cariocas*, em 1961, 99%; as séries *Os Intocáveis* e *Bat Masterson*, em 1962, chegaram a 96%, e *O Riso é o Limite*, a 98%, em 1961. A TV Rio ainda foi a primeira a realizar transmissões a longa distância, via UHF, no Brasil. Em 12 de outubro de 1957, a emissora transmitiu direto da Basílica de Nossa Senhora Aparecida, inclusive para a subestação de Guaratinguetá, o Canal 12, uma retransmissora da matriz carioca.

UM PASTOR COMO COVEIRO

Em 1972, a TV Rio foi vendida para um grupo empresarial também proprietário da TV Difusora, Canal 10, de Porto Alegre, com quem já mantinha uma associação – transmitia em março daquele ano a Festa da Uva, direto de Caxias do Sul, oficialmente a primeira transmissão em cores da tv brasileira. Mas a programação implantada desde então, baseada em filmes, séries e desenhos, não deu certo. Endividada, a TV Rio foi fechada e seus transmissores lacrados em 1977. Mas ainda não era o fim.

Na década de 1980, a concessão do Canal 13 foi transferida para a Fundação Igreja Evangélica Ebenézer, do pastor batista Nilson Fanini. Foi a primeira concessão de televisão dada a uma entidade religiosa no Brasil. Para alavancar a emissora, Fanini chamou o experiente Walter Clark e montou uma grade comandada por locutores de rádios fm. A parceria, no entanto, naufragou antes mesmo da inauguração, em 1987. Vendida à Rede Record em 1992, a TV Rio tornou-se oficialmente a TV Record do Rio de Janeiro.

A luta de Eliot Ness (Robert Stack) e seus Intocáveis contra o crime organizado rendeu ótima audiência à TV Rio.



POR CELSO SABADIN

Nos anos 1950 não era ilegal que um mesmo grupo ou empresa detivesse a concessão de mais de um canal de televisão na mesma praça. Assis Chateaubriand, por exemplo, detinha na mesma São Paulo os canais 4 (Tupi) e 2 (Cultura). Assim, não causou estranheza o fato de as Organizações Victor Costa, que já possuíam a TV Paulista canal 5, mais tarde comprada pela Rede Globo, terem recebido, em 1959, a concessão para um segundo canal na mesma cidade. Como o grupo já era proprietário da Rádio Excelsior, determinou-se então que a nova televisão receberia o mesmo nome da rádio.

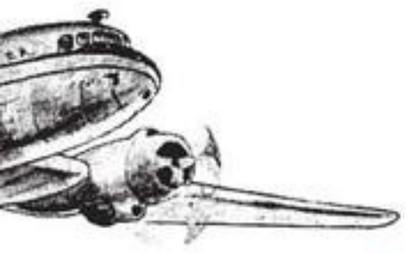
Mesmo antes, porém, de ter sequer traçado um planejamento ou esboçado uma programação para a futura TV Excelsior, a Victor Costa recebeu uma irrecusável proposta de 80 milhões de cruzeiros para vender o canal a um grupo de empresários. Liderado pela tradicional família Simonsen, este grupo contava com mais de 40 empresas, entre elas a Panair do Brasil, na época a maior empresa de aviação do País, e reunia o empresário de café José Luís Moura, o Deputado Federal Ortiz Monteiro, fundador da TV Paulista, e o jornalista João de Scantimburgo, proprietário do jornal *Correio Paulistano*.

Feito o negócio, rapidamente o sistema de transmissão da nova tv foi instalado na esquina da Rua da Consolação com a Avenida Paulista, os estúdios na Avenida Adolfo Pinheiro e a área administrativa na região central de São Paulo. Aproveitando a data festiva da Revolução Constitucionalista, a TV Excelsior canal 9 entrou no ar em 9 de julho de 1960, com a intenção de fazer frente à Tupi e à Cultura de Chateaubriand, à Record da família Machado de Carvalho e, ironicamente, à própria TV Paulista das Organizações Victor Costa.

Também sem perder tempo, a Excelsior alugou o Teatro Cultura Artística, no Centro da cidade, de onde passou a transmitir caprichados programas de auditório, musicais e shows humorísticos. En-

ARQUIVO/AGÊNCIA O GLOBO

Victor Costa recebeu uma proposta irrecusável para vender a TV Excelsior mesmo antes de sua inauguração.



A Excelsior de Wallace Simonsen decolou e submergiu nas asas da Panair

Inovadora e ousada, a emissora criada em São Paulo e logo implantada no Rio contratou artistas de renome, lançou programas criativos, como o *Jornal de Vanguarda* de Fernando Barbosa Lima, promoveu os festivais de música popular. Descrevia trajetória ascendente até que a ditadura lhe impôs represálias pelo apoio que seu principal acionista dera ao Presidente João Goulart.

tre eles, *Brasil 60*, com Bibi Ferreira, o qual, por motivos óbvios, ia trocando de nome a cada ano: *Brasil 61, 62, 63*...

Com Álvaro de Moya como seu primeiro diretor artístico, a Excelsior começou a implantar algumas novidades e diferenciais em sua programação. A primeira foi a pontualidade no início de cada programa, fator que não era muito respeitado pelas concorrentes da época. Foi a Excelsior também a primeira a criar uma grade na qual não apenas cada programa era exibido no mesmo horário, todos os dias, como também a atração seguinte era planejada para manter o público da anterior, via afinidade de conteúdo. Com esta clara e, na época, pioneira proposta de fidelização do telespectador, a Excelsior conquista a liderança de audiência em São Paulo com apenas seis meses no ar.

O sucesso fez que logo em 1962 a então novata Excelsior já tivesse cacife suficiente para adquirir novos e modernos equipamentos, além de construir um grande estúdio no bairro paulistano de Vila Guilherme. No mesmo ano, muito à frente das suas concorrentes, a emissora realiza uma transmissão experimental em cores do seu *Moacyr Franco Show*, mas os altos custos do sistema escolhido na época, o americano NTSC, inviabilizam a continuidade da empreitada.

Oficialmente, a primeira transmissão de tv em cores do Brasil, já com sistema PAL-M, foi a Festa da Uva de Caxias do Sul, realizada pela Rede Record e TV Rio, em parceria com a Rede Globo, Rede Tupi e TV Bandeirantes, a partir da TV Difusora de Porto Alegre.

Reinando no Rio

Para ampliar suas operações no Rio de Janeiro, a Excelsior alugou o antigo Cine Astória, em Ipanema, e adquiriu da Rádio Mayrink Veiga a concessão do canal 2 carioca, que entrou no ar em 2 de setembro de 1963, com o programa *O Rio é o Show*. Entre as atrações, Jorge Ben, Sílvio César, Miltinho, Os Cariocas, Booker Pitman e sua filha Eliana. Ainda no auditório da TV Excelsior do Rio, foram produzidos programas que marcaram época, como *Times Square*, com Grande Otelo; *A Cidade Se Diverte; Gira o Mundo Gira*, com Chico Anysio; *My Fair Show; Vovô Deville*. Desfilavam pelo palco da Excelsior artistas como os irmãos Walter e Ema D'Ávila, Dorinha Duval, Waldir Maia, Lilian Fernandes, Myriam Pérsia, Castrinho, Hugo Brando, Geraldo Barbosa, Marinalva, Hamilton Ferreira, Ari Leite, Jaime Filho, Paulo Celestino, Flávio Cavalcânti, Daniel Filho, Zélia Hoffman, Iza Rodrigues, Aizita Nascimento e muitos outros.

No esporte, havia luta-livre com Ted Boy Marino, o mesmo Ted Boy Marino que a partir de 1966 passou a co-estrelar na Excelsior o humorístico *Adoráveis Trapalhões*, ao lado de Ivon Cury, Wanderley Cardoso e Renato Aragão. O jornalismo inovou com o *Jornal de Vanguarda*, criado por Fernando Barbosa Lima.

Provavelmente o maior legado que a Excelsior deixou para a televisão em particular e para a cultura em geral tenha sido a criação dos festivais de música popular brasileira, posteriormente assumidos pela Record. A emissora foi berço de grandes talentos musicais do País, como Elis Regina e Jair Rodrigues, no show *Dois na Bossa*, e Gilberto Gil, com *O Brasil Canta no Rio*.

O troco da ditadura

A implantação da ditadura militar traria trágicas conseqüências para a emissora, entre elas a cassação de rotas da Panair, promovida por motivos políticos e que levou à falência a empresa e, de quebra, o empresário Celso Rocha Miranda, um dos maiores acionistas da Excelsior. Outro grande acionista, Mário Wallace Simonsen, que era o grande mentor da emissora, também não era bem visto pelo novo regime, por ter apoiado o Presidente deposto João Goulart. Entre desmandos políticos e uma alegada má administração financeira, a Excelsior inicia acentuado processo de decadência, agravado por dois incêndios estranhamente ocorridos numa única semana de 1969.

No dia 1º de outubro de 1970, pouco depois das seis da tarde, o apresentador Ferreira Neto invade o estúdio de onde estava sendo transmitido um programa humorístico e, ao vivo, anuncia aos poucos espectadores sintonizados que o Governo estava decretando o fim da empresa. Imediatamente, os funcionários do Departamento Nacional de Telecomunicações-Dentel que ocupavam a central técnica da emissora tiraram a Excelsior do ar definitivamente.

Até o final do mesmo ano, melancolicamente, todas as concessões da Excelsior são cassadas. Desde seus primeiros anos, pois, a ditadura militar demonstrava que não brincava em serviço.

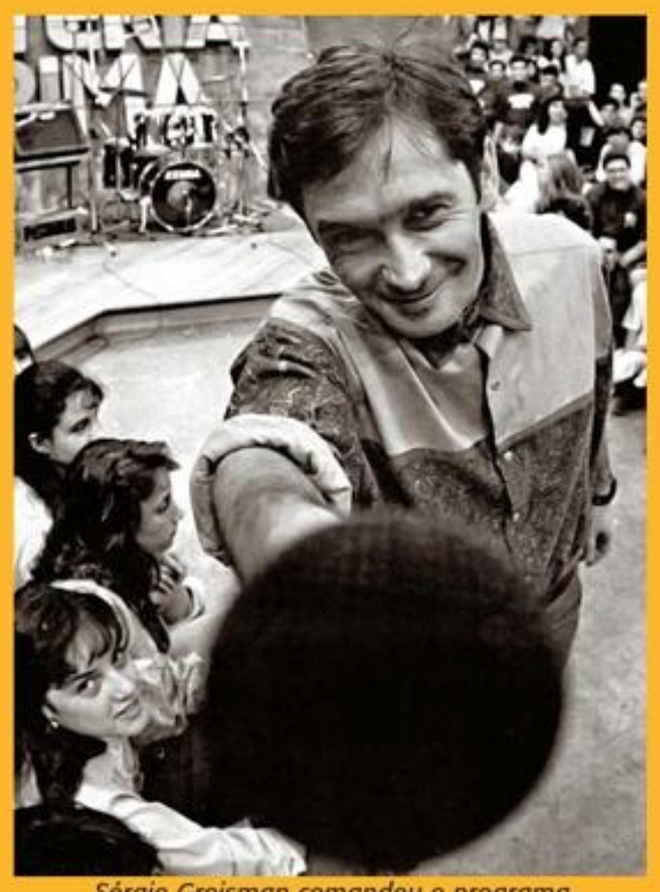
FOTOS: REPRODUÇÕES

Bibi Ferreira comandou o programa de variedades Brasil 60. *Mas a TV Excelsior também lançou talentos como Tarcísio Meira e Glória Menezes na primeira novela exibida pela emissora:* 2-5499 Ocupado *(acima). Pelé (abaixo, ao lado de Ana Maria Neumann) estreou como ator em* Os Estranhos, *e Francisco Cuoco e Mirian Mehler atuaram em Redenção, a novela mais longa da tv brasileira.*

ACERVO PRÓ-TV

A TV Cultura de Chatô só fez jus ao nome quando trocou de dono

O introdutor da televisão no Brasil queria manter um canal dedicado à promoção cultural, mas este seu projeto só se realizou após uma associação parcial com o Poder Público e, em seguida, a venda da emissora ao Governo de São Paulo.



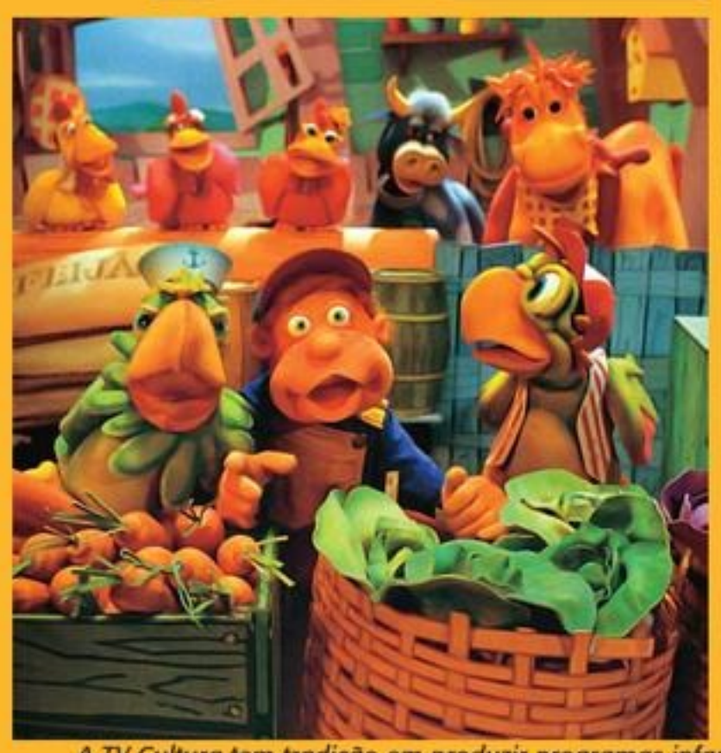
Sérgio Groisman comandou o programa Matéria Prima, *na Cultura, em 1991.*

O pioneiro Assis Chateaubriand conhecia muito bem as vantagens de associar a arte e a cultura ao empreendedorismo comercial. Fundador do Museu de Arte de São Paulo-Masp, Chateaubriand sabia que no mundo dos negócios não basta ser rico e bem-sucedido economicamente: é necessário também que exista um viés artístico que abra as portas de novos relacionamentos vinculados à esfera cultural. Não eram assim os mecenas da Renascença?

Assim, após fundar a TV Tupi, em 1950, Chateaubriand buscava um braço mais cultural para seu império, o que acabou conseguindo em 1958, quando os Diários Associados receberam a concessão do Canal 2 de São Paulo. Batizado de TV Cultura, o Canal 2 entra no ar em 20 de setembro de 1960, em plena euforia desenvolvimentista do Governo Juscelino Kubitschek, com o nada modesto slogan "um verdadeiro presente de cultura para o povo".

Ao contrário do seu slogan, o início foi tímido, com apenas um estúdio de 30 metros quadrados localizado num edifício no Centro de São Paulo, atores e técnicos "emprestados" da Tupi, e a utilização da antiga torre da emissora pioneira, situada no alto do edifício do Banespa, já que a nova torre do Canal 4 já havia sido transferida para o Sumaré.

FOTOS: REPRODUÇÕES



A TV Cultura tem tradição em produzir programas infantis educativos, como o Vila Sésamo (direita) *e Cocoricó* (esquerda), *além de musicais de grande qualidade, como o* Ensaio, *com Tim Maia* (no alto).

Como arguto empresário que era, certamente deve ter passado pela mente de Chateaubriand reproduzir, agora no Canal 2, alguns programas de sucesso do Canal 4, o que ajudaria a minimizar custos. Comercialmente, o pensamento poderia ser até interessante, mas tecnicamente era inviável: na época, ainda não havia videoteipe, e a base da programação era feita ao vivo. Programação, aliás, que não chegava a ter exatamente o cunho cultural a que se propunha. Pela tela do Canal 2, circulavam Ney Gonçalves Dias, apresentador, Fausto Rocha, produtor, Xênia Biar, garota-propaganda, Carlos Spera, repórter, e Jacinto Figueira Jr., criador de *O Homem do Sapato Branco*, programa de cunho sensacionalista que pouco ou quase nada tinha a ver com o nome da emissora.

Associação com o Poder

O caráter cultural pretendido por Chateaubriand em sua nova emissora só começaria a tomar contornos mais definidos a partir de 1963, quando os Diários Associados firmam parceria com o Serviços de Educação de Rádio e Televisão-Serte, órgão do Governo do Estado de São Paulo criado com o objetivo de produzir conteúdo educativo para a mídia eletrônica. A TV Cultura passa então a assumir um compromisso mais estreito com uma programação diferenciada.

Em 28 de abril de 1965, porém, a Cultura passa pelo mesmo flagelo de todas as emissoras brasileiras de tv. Um grave incêndio consome aparelhagens, arquivos, e um pouco da própria história da televisão: perde-se nele a câmera TK-30, de 80 quilos, que registrou a inauguração da TV Tupi. Os programas da emissora passam a ser produzidos provisoriamente num dos estúdios da Tupi no Sumaré, enquanto a Cultura se muda para um grande terreno, rodeado por um bosque e um lago, no então distante bairro paulistano da Água Branca.

Desolado com as despesas e o prejuízo, Chateaubriand opta por vender a emissora e suas novas instalações à Fundação Padre Ancheita, instituição criada em setembro de 1967 pelo então Governador de São Paulo, Abreu Sodré. A maioria dos funcionários e o nome da emissora foram mantidos. A sede é radicalmente reformada e ampliada.

A nova TV Cultura é (re)inaugurada às 19h30min do dia 15 de junho de 1969, transmitindo discursos do Governador e do Presidente da Fundação Padre Anchieta, José Bonifácio Coutinho Nogueira, que mais tarde fundaria a Rede EPTV. Em imagens num videoteipe, o Papa Paulo VI abençoava a empreitada.

Enfim, cultura

Entre os primeiros programas estavam o documentário *Planeta Terra*, o *Curso de Madureza Ginasial,* a teatralização de *O Feijão e o Sonho,* de Orígenes Lessa, o programa de orientação vocacional *Quem Faz o Quê* e até concertos eruditos com o pianista Fritz Jank. Mais do que nunca, a Cultura fazia jus ao seu nome.

A partir de 1990, a emissora estende seu alcance ao se integrar à TVE carioca para formar a Rede Pública de Televisão, que viria a ser extinta em dezembro de 2007, com a inauguração da TV Brasil.

A Cultura marcou época ao exibir e produzir, em parceria com a Rede Globo, o programa *Vila Sésamo* (de 1972 a 1977), franquia do norte-americano *Sesame Street*. A experiência abriu uma linhagem de inesquecíveis atrações infantis da emissora, como *Bambalalão*, *Rá-Tim-Bum* – premiado com medalha de ouro no Festival de Nova York –, *Castelo Rá-Tim-Bum, Jardim Zoológico, Glub Glub*, *Mundo da Lua, Catavento, Baú de Histórias* e *Cocoricó.*

Além das crianças, o público jovem também sempre recebeu uma atenção especial da emissora, preocupada com a delicada questão de formação de platéia. Passaram pela tela da Cultura programas marcantes especialmente dedicados aos adolescentes e pré-adolescentes, como *TV 2 Pop Show,* com Kid Vinil, os game shows *Quem Sabe Sabe* e *Enigma*, o musical *Fábrica do Som,* com Tadeu Jungle, *Vestibulando, Revistinha, Matéria Prima*, que revelaria Serginho Groisman, *Galera* e a série *Confissões de Adolescente*.

Esses jovens cresceram e se acostumaram a acompanhar pela emissora toda a movimentação cultural do País. Nenhuma outra rede de televisão no Brasil deu e dá tanto espaço e divulgação às opções de lazer e entretenimento cultural como a Cultura. Atrações como *Panorama, Ação Super 8, Lanterna Mágica, Metrópolis,* no ar desde 1988, *Vitrine,* desde 1990, e *Zoom,* desde 1995, transformaram-se em verdadeiras referências do setor.

Destaques esportivos

Na área esportiva, destacaram-se os programas *É Hora de Esporte, Esportevisão, Vitória, Cartão Verde* e *Grandes Momentos do Esporte*, além dos locutores e comentaristas Luís Noriega, Walter Abraão, Juca Kfouri, José Trajano, Jorge Kajuru, Flávio Prado, Nivaldo Prieto e Armando Nogueira, entre vários outros. O slogan "Esporte é Cultura" influenciou gerações de esportistas pelo País.

Se esporte é cultura, o que dizer da música? O tema marcou e marca espaço na emissora com *O Choro das Sextas-Feiras, Jazz Brasil, Ensaio*, coberturas ao vivo do Festival de Inverno de Campos do Jordão, festivais de jazz, inúmeros concertos clássicos, *Bem Brasil, Sr. Brasil,* com Rolando Boldrin, *Café Concerto* e *Viola Minha Viola*, que Inezita Barroso comanda desde 1980.

Jornalismo inovador

Atuante e inovador, o jornalismo da Cultura é responsável por alguns dos melhores programas informativos e de entrevistas da tv brasileira. Entre eles, *Vox Populi, Câmera Aberta, Roda Viva,* no ar desde 1986, *Provocações* e *Repórter Eco*.

Como se tudo isso não bastasse, é importante registrar que pertencia à Redação da TV Cultura um dos maiores nomes do jornalismo brasileiro em todos os tempos: Vladimir Herzog, assassinado pela ditadura militar em 25 de outubro de 1975.
(*Celso Sabadin*)

Marcelo Tas, um dos integrantes do programa infantil Rá-tim-bum.

FOTOS TV GLOBO/CEDOC

Uma receita simples de sucesso: histórias criativas e grandes atores. Foi o caso de Guerra dos Sexos*, com Paulo Autran e Fernanda Montenegro, e* Roque Santeiro*, com Lima Duarte e Regina Duarte.*

Qualidade, obsessão da Globo

A rede de Roberto Marinho definiu um padrão para a televisão no País, inalcançável pelas concorrentes, e se transformou na quarta do mundo, superada apenas pelas norte-americanas ABC, CBS e NBC. Sua trajetória, passo a passo.

POR CELSO SABADIN E FRANCISCO UCHA

Os primeiros anos da televisão no Brasil foram impulsionados por três importantes grupos pioneiros: os Diários Associados, com a Tupi, as Emissoras Unidas, que englobavam TV Record e TV Rio, e a Organização Victor Costa. Os mais jovens podem perguntar: Organização Victor quem? Mas é importante saber que parte da origem do que é hoje a maior rede de televisão no Brasil encontra-se exatamente nesse grupo de comunicação.

Victor Costa era o nome artístico de Victor Petraglia Geraldini, radialista de origem humilde, autodidata, que começou a carreira como locutor e ator de rádio, e chegou a diretor da famosa Rádio Nacional do Rio de Janeiro. Adquirindo várias emissoras de rádio pelo Brasil, Victor funda em 1953 a Organização Victor Costa-OVC, que, assim como vários outros grupos radiofônicos daquele momento, tem na televisão a sua menina dos olhos. Assim, já em 1954 a OVC compra do Deputado José Ortiz a deficitária TV Paulista Canal 5, inaugurada em 1952 e que não estava resistindo à concorrência da Tupi e da Record.

O empreendedorismo de Victor Costa logo transformou radicalmente a TV Paulista, que começou a produzir e transmitir programas de boa repercussão, como *Teledrama Três Leões* e *Hit Parade*. A rede cresceu, abrindo novas emissoras em Santos, Bauru e Recife. Graças ao bom relacionamento que mantinha com o Presidente Getúlio Vargas, Victor chegou a obter uma nova concessão para outro canal em São Paulo (9), mas que foi prontamente vendida antes mesmo da inauguração do que viria a ser a TV Excelsior.

Em 22 de dezembro de 1959 um câncer venceu o empresário, e a OVC entrou em processo de decadência, capitaneado pela viúva e por um enteado de Victor Costa. O Grupo é então vendido ao empresário Roberto Marinho, herdeiro de Irineu Marinho, que havia fundado em 1925 o jornal *O Globo*, criador da Rádio Globo, em 1944, e que desde o último dia de 1958 era detentor da concessão do Canal 4 do Rio de Janeiro.

O COMEÇO, EM 1965

Com a concessão desse canal e o espólio do grupo paulista em mãos, Marinho inaugura primeiramente a TV Globo do Rio de Janeiro, às dez e meia da manhã de 26 de abril de 1965, com a execução do Hino Nacional Brasileiro, um discurso dele próprio e uma bênção do Cardeal Arcebispo D. Jaime de Barros Câmara. Meia hora depois entra no ar uma programação especialmente dirigida às crianças, com o programa *Uni Duni Tê*, apresentado por Fernanda Barbosa Teixeira, e desenhos animados americanos. Às cinco da tarde era a hora do infantil *Capitão Furacão*, com o ator Pietro Mário Bongiancchini repetindo o slogan *Sempre alerta e obediente*. Às 18h30min estreou o seriado, que na época ainda não tinha essa denominação, *Rua da Matriz* com Lafayette Galvão, Míriam Pires, Cláudia Martins, Milton Gonçalves e vários outros. Mais tarde, inicialmente às 19h30min e depois ocupando a faixa das 22 horas, entra no ar a primeira novela da Globo, *Ilusões Perdidas*, com Reginaldo Farias, Leila Diniz, Osmar Prado, Norma Blum e grande elenco, parte dele vindo da TV Tupi.

Naqueles tempos heróicos, eram muitos os nomes importantes (ou que viriam a ser) que circulavam pela nova emissora. Entre eles, Darlene Glória, Cyl Farney e Dick Farney, que comandavam um show musical), Betty Faria e Márcia de Windsor (apresentadoras do humorístico *TNT*), Walter Forster, no comando do game show *A Caça ao Tesouro*, Agildo Ribeiro e Paulo Silvino, titulares do humorístico *TV Ó Canal Zero e TV 1 Canal Meio*.

Em outubro de 1965, Walter Clark assume a direção-geral da TV Globo e suas idéias ajudam a emissora a se tornar líder de audiência em poucos anos. A expansão para outras praças é inevitável: em 1966 a TV Paulista passa a se chamar TV Globo São Paulo; no ano seguinte, a emissora chega a Porto Alegre; em 1968, a Belo Horizonte.

Dois meses depois da chegada de Walter Clark, a Globo é palco de um acontecimento típico de um filme de horror: o autor teatral Gláucio Gil entra no ar para apresentar seu programa *Show da Noite*. Encara a câmera e diz seu texto de abertura: "Hoje é sexta-feira, 13 de agosto. Dia azi-ago. Mas até agora vai tudo caminhando bem, felizmente". Dez minutos depois, ele cai morto, ao vivo, diante de todos.

AS ENCHENTES, O DESAFIO

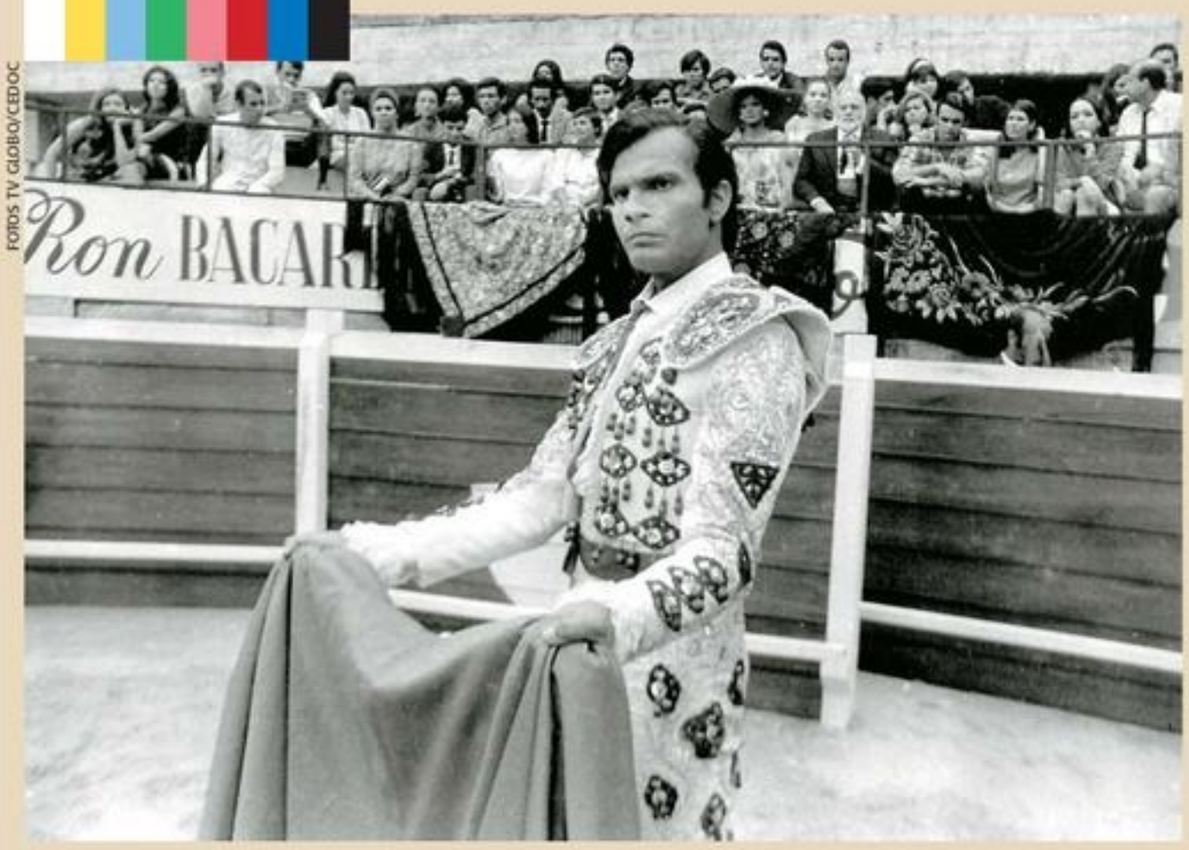
Em janeiro de 1966, a TV Globo ainda não havia comemorado seu primeiro ano de fundação e Walter Clark mal acabara de completar três meses no cargo, quando a equipe de jornalismo da emissora teve que enfrentar um verdadeiro batismo de fogo ao cobrir uma das piores enchentes que se abateu no Rio de Janeiro. Em cinco dias de temporal, que deixou mais de 20 mil desabrigados, diversas equipes foram para as ruas cobrir a tragédia e um esquema de emergência foi montado, com motociclistas a postos para levar todo o material filmado à tv, onde era revelado e imediatamente exibido.

Não podia ser diferente: o jornalismo sempre teve grande importância na emissora, descendente direta do jornal *O Globo*, e esteve presente na sua grade de programação desde o início. Criado por Mauro Sales, na época Diretor de Jornalismo, *Tele Globo* foi o primeiro jornal exibido e tinha duas edições diárias, uma no início da tarde, e outra na faixa das 19 horas. Além desse telejornal, o jornalismo em 1965 estava presente em programas como *Se a Cidade Contasse*, *Tele-Semana*, *Agenda*, *Terra de Nossa Gente* e *Primeiro Plano*.

Quando completa seu primeiro ano de fundação, a TV Globo traz da TV Tupi toda a equipe do *Jornal de Vanguarda*, um verdadeiro marco na televisão criado por Fernando Barbosa Lima (*ver matéria na página 9*). Em março de 1967 estréia a primeira versão do *Jornal da Globo*, exibido às 19h45min, mas é em 1969 que o mais im-

Hilton Gomes fez dupla com Cid Moreira na estréia do Jornal Nacional.

FOTOS TV GLOBO/CEDOC



portante telejornal da tv brasileira faria sua estréia: o *Jornal Nacional*, com as notícias transmitidas via satélite, simultaneamente e ao vivo, para todas as emissoras da Globo foi uma verdadeira revolução para a época. A nova atração entra no ar em 1°. de setembro de 1969, apresentada por Hilton Gomes e Cid Moreira. A abertura da primeira edição anuncia *"O Jornal Nacional, da Rede Globo, um serviço de notícias integrando o Brasil novo, inaugura-se neste momento: imagem e som de todo o País"*. No encerramento, Cid Moreira se despede: *"É o Brasil ao vivo aí na sua casa. Boa noite"*.

A expansão da rede prossegue de forma acelerada, com novas emissoras em Fortaleza, 1970; Brasília, 1971, e Recife, 1972. Eram tempos difíceis e a repressão militar impunha uma censura impiedosa aos veículos de comunicação. Mesmo acusada de apoiar o regime surgido após o golpe de 1964, a Globo negava, dizendo-se tão prejudicada pela censura como qualquer outro veículo. Em agosto de 1969, por exemplo, a emissora chegou a ser retirada do ar durante algumas horas como punição pela leitura, no programa de Ibrahim Sued, de uma nota sobre a doença do Presidente Costa e Silva. Houve também grande repercussão com as proibições das novelas *Roque Santeiro*, em 1975, e *Despedida de Casado*, no ano seguinte, ambas censuradas já com vários capítulos gravados.

A IMPULSÃO: A NOVELA

O fato é que o gênero telenovela dava grande impulso à tv. Afinal, desde os anos 1960, a Globo produz e exibe uma média de cinco telenovelas por ano, ditando comportamentos, pautando modas, criando hábitos e até parando o País nos últimos capítulos de suas produções de maior sucesso. Entre os quase 300 títulos já produzidos pela emissora, seria muito arriscado listar os mais importantes, mas entre eles estão certamente *Irmãos Coragem*, de 1970; *Selva de Pedra*, de 1972; *Pecado Capital*, de 1975; *Guerra dos Sexos*, de 1983; *Vale Tudo* , de 1988, e *O Rei do Gado*, em 1996, entre muitas outras.

Ainda na área da teledramaturgia, principalmente a partir do final dos anos 70, a Globo cria formatos, como seu *Caso Especial*, lançado em 10 de setembro de 1971, produz seriados (*22-2000 Cidade Aberta; Carga Pesada; Obrigado Doutor; Malu Mulher; Plantão de Polícia*), especiais e minisséries (*Lampião e Maria Bonita; Avenida Paulista; Bandidos da Falange; Anarquistas Graças a Deus; O Tempo e o Vento; Anos Dourados*).

Inicialmente as novelas da Globo eram baseadas em histórias clássicas, como Sangue e Areia, *com Tarcísio Meira,* O Sheik de Agadir, *com Henrique Martins e Yoná Magalhães, e* O Homem Proibido (Demian, O Justiceiro) *com Carlos Alberto e Yoná Magalhães. Mas a partir de 1969 as novelas ganharam histórias contemporâneas, como* Selva de Pedra, *com Francisco Cuoco e Regina Duarte e* Gabriela, *com Sônia Braga e Armando Bogus (ao lado).* O Bem Amado *foi uma novela de grande repercussão que depois se tornou uma série de sucesso. Na foto abaixo, Kleber Macedo, Paulo Gracindo e Lima Duarte.*

Valdomiro Pena, interpretado por Hugo Carvana, é o repórter da série Plantão de Polícia.

TV GLOBO/NELSON DI RAGO

rados; Anos Rebeldes; Agosto; O Auto da Compadecida) como nenhuma outra concorrente jamais havia feito.

Os programas humorísticos também não foram esquecidos. Max Nunes e Haroldo Barbosa foram os grandes nomes desse gênero. Eles produziram ou criaram diversos programas de sucesso, como *Bairro Feliz,* 1965; *TV0-TV1,* 1966, primeiro humorístico da TV Globo a fazer paródias de outras atrações da televisão; *Riso Sinal Aberto,* 1966. Em setembro de 1968, um dos maiores sucessos do apogeu da Rádio Nacional estréia na TV Globo e logo se torna líder absoluto de audiência: *Balança, Mas Não Cai*. Em março de 1970 Chico Anysio passa a comandar o seu programa *Chico Anysio Especial* e em junho estréia um humorístico que revolucionaria a forma de fazer humor na tv – *Faça Humor, Não Faça Guerra* –, que explorava com muita criatividade o potencial da linguagem da televisão. Novamente Max Nunes e Haroldo Barbosa inovariam com quadros curtos apresentados por Jô Soares e Renato Corte Real, liderando um elenco de humoristas e atores. O programa foi um marco no gênero e inaugurou o humorismo moderno e inteligente na televisão brasileira.

Em 1971 estréia mais um marco jornalístico da TV Globo: o *Jornal Hoje*. Dois anos depois é a vez de *Globo Repórter* e *Fantástico*. Todos no ar até hoje.

Padrão Globo ou padrão Boni?

A partir de 1976, a emissora comandada por Walter Clark e José Bonifácio de Oliveira Sobrinho, o Boni, sedimenta o seu chamado "padrão Globo de qualidade", que populariza a fórmula do horário nobre, composta por novela 1 + jornal + novela 2 + linha de shows ou filme. O padrão agrada ao público, que consagra a Globo como líder absoluta de audiência, enquanto suas principais concorrentes passam por processos de desgaste e/ou decadência.

A busca obsessiva desse padrão é atribuída a Boni, que acompanhava a programação no ar com forte espírito crítico e não tinha contenção de linguagem quando chamado a opinar sobre o formato e o conteúdo de um programa a ser posto no ar.

"É uma merda!", dizia na bucha, sem rodeios, condenando a proposta de forma irremediável.

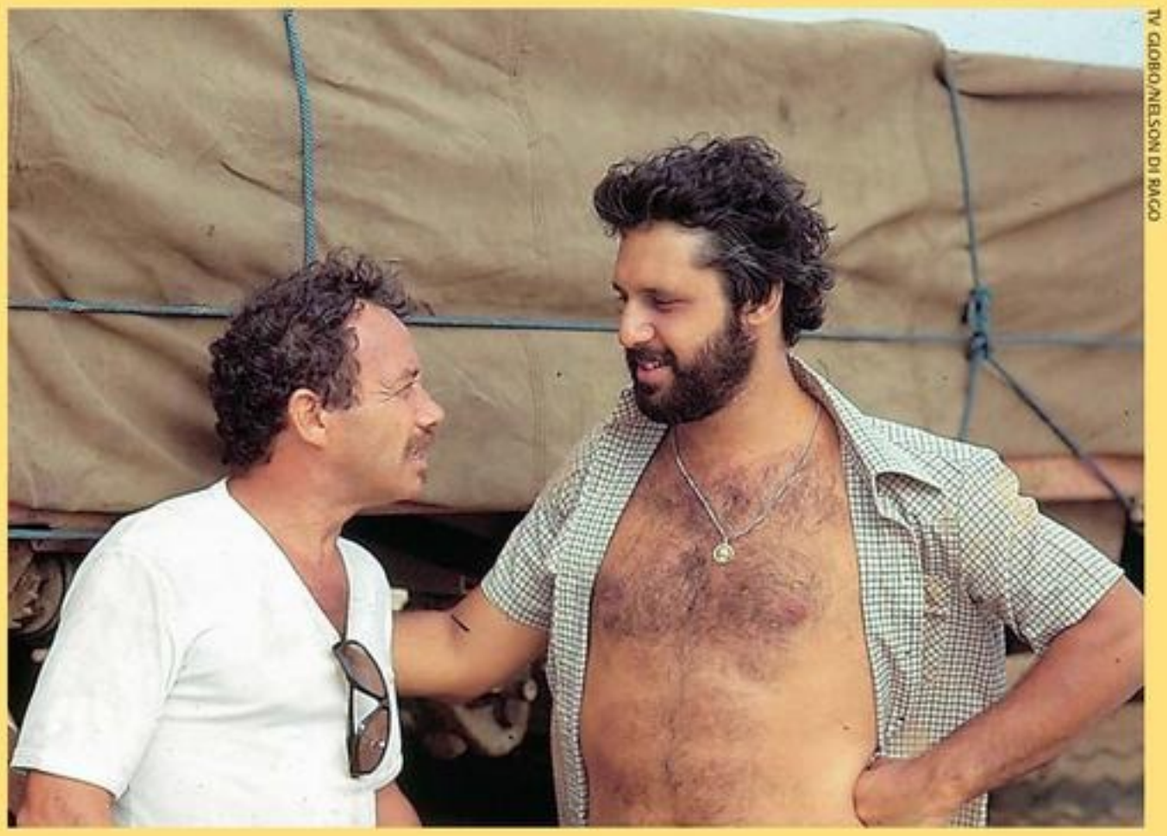
Sob a liderança de Boni, as estréias de programas de sucesso se sucedem: *Os Trapalhões,* 1977; *Globo Esporte,* 1978; *Globo Rural* e *TV Mulher,* ambos em 1980; *Viva o Gordo,* 1981; *Balão Mágico,* 1982; os telejornais segmentados por praça, 1983; *Armação Ilimitada,* 1985; *Domingão do Faustão,* 1989.

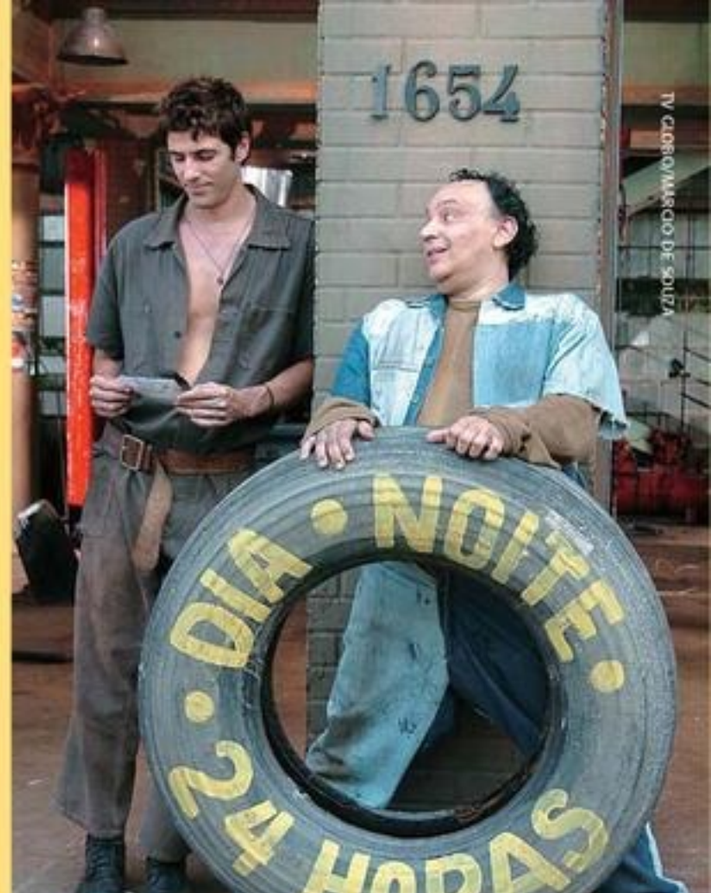
Ignorando as diretas-já

Se o lado artístico da programação ditava os padrões da época, o mesmo não se pode dizer do jornalismo da emissora. Nos anos de 1983 e 1984, a Globo perde parte de sua credibilidade jornalística ao ignorar solenemente o movimento pelas eleições diretas, que mobilizava milhões de pessoas em por todo o País. A situação chegava a ser surreal: enquanto quase 2 milhões de pessoas se concentravam no Vale do Anhangabaú, em São Paulo, pedindo "diretas já", a emissora do Jardim Botânico noticiava que a aglomeração era em função da "festa de aniversário da cidade". Nas ruas, um dos gritos de guerra era "O povo não é bobo, abaixo a Rede Globo".

Nos anos 90 e na virada do século, a Globo viu-se obrigada a enfrentar a concorrência do SBT, num primeiro momento, e da Record logo em seguida. Tanto a rede de Silvio Santos como posteriormente a de Edir Macedo, bancada pela Igreja Universal, realizaram pesados investimentos e urdiram criativas estratégias para tentar tirar a chamada "Vênus Platinada" de seu pedestal de audiência. Alguns horários de liderança foram arranhados aqui e ali, algumas baixas aconteceram esporadicamente, mas na verdade até hoje a posição da Rede Globo é inabalável quando o assunto são os índices de audiência.

Programas infantis como o Sítio do Pica-Pau Amarelo *e* TV Colosso *têm produções muito requintadas. Assim como a minissérie* Memorial de Maria Moura, *com Glória Pires no papel-título e a série* Carga Pesada, *com Antônio Fagundes e Stenio Garcia, que teve duas versões.*





Duas duplas muito divertidas: Pascoal (Reynaldo Gianecchini) e Jamanta (Cacá Carvalho) fizeram sucesso em Belíssima, *enquanto Dona Nenê (Marieta Severo) e Lineu (Marco Nanini) aprontam em* A Grande Família.

Posição no mundo

Atualmente a Globo é a quarta maior rede de tv comercial do mundo, perdendo apenas para as americanas ABC, CBS e NBC. Opera com mais de 120 emissoras próprias ou afiliadas. Números oficiais dão conta de que as Organizações Globo faturaram mais de 8 bilhões de reais em 2009, somando-se aí as receitas da Rede Globo de Televisão, dos Canais Globosat, da Globo.com, da TV Globo Internacional, da Globo Filmes, da Som Livre e da Editora Globo.

Luciano do Vale, incentivador de todos os esportes, comandou o Show do Esporte *a partir de 1983 e lutou para trazer a Fórmula Indy para o Brasil e transmitir todas as suas etapas.*

Bandeirantes, o canal do esporte e do jornalismo

Com vitoriosa experiência no campo do rádio, o criador da emissora, João Saad, lança em 1967 na telinha uma programação de apelo popular, mas sem concessões ao popularesco.

POR CELSO SABADIN

São Paulo, 1967. Os enormes e redondos seletores de canais dos receptores de tv da época não tinham muitas opções, e giravam apenas pelos canais 2, 4, 5, 7 e 9. Estes eram os números válidos para a capital paulista, mas o raciocínio era o mesmo em todo o País. Controle remoto, pra quê?

Como as "caçulas" Excelsior e Cultura estavam no ar desde 1960, já fazia sete anos que nada de muito novo surgia nem nos seletores, nem nos ares da tv brasileira. Assim, causou grande expectativa a entrada no mercado televisivo do empresário João Saad, que desde 1948 já comandava com sucesso a Rádio Bandeirantes.

Num sábado, 13 de maio de 1967, entra no ar a TV Bandeirantes, Canal 13 de São Paulo, inaugurada com um discurso de seu fundador, seguido por um show musical comandado pelos cantores Agostinho dos Santos e Cláudia. Agora, o seletor de canais já podia ir um pouco mais longe. A emissora ocupava moderníssimo prédio, no então longínquo bairro paulistano do Morumbi, construído especialmente para abrigar uma estação de tv. a novidade para a época.

FOTOS DIVULGAÇÃO REDE BAND

Rafinha Bastos, comediante e jornalista, é um dos integrantes de A Liga, *um ousado programa de reportagens. Ao lado, Bahia Filho, que foi um dos integrantes do telejornal* Titulares da Noticia, *que estreou na TV Bandeirantes em 1969 e marcou época na televisão e no rádio.*

Com a experiência de sua rádio bem sucedida, João Saad cria uma programação baseada em jornalismo, esportes e entretenimento, de apelo popular mas não popularesco, visando o grande público. Criativo, o novo canal ousa ao não separar seus programas com intervalos comerciais, mas apenas com vinhetas em desenho animado de um simpático "coelho bandeirante", o mascote da nova emissora.

Logo em sua primeira segunda-feira no ar, 15 de maio, a Bandeirantes estréia a novela *Os Miseráveis*, inaugurando o formato de capítulos de 45 minutos, utilizado até hoje, num momento em que a concorrência operava com sessões de apenas 15 ou 30 minutos.

Em 1969 estréia a versão televisiva de *Titulares da Notícia*, programa jornalístico que já conhecia grande repercussão na rádio. Entre os apresentadores, nomes hoje históricos, como Maurício Loureiro Gama, Vicente Leporace, Salomão Esper, Murilo Antunes Alves, Júlio Lerner, Lourdes Rocha e mais tarde José Paulo de Andrade.

Na área de entretenimento, destacavam-se *Ari Toledo Show*, *Leporace Show*, *I Love Lúcio*, com Lúcio Mauro e Arlete Sales, *Xênia e Você* e *Além, Muito Além do Além*, com Zé do Caixão.

De repente, o fogo

Tudo corria bem na nova caçula do mercado até que em 16 de julho de 1969 o moderno Edifício Radiantes foi atingido por um grande incêndio, que o destruiu quase por inteiro. Enquanto o fogo consumia equipamentos caríssimos e um precioso arquivo de filmes e teipes, um caminhão de externa da Bandeirantes sai do pátio coberto pelos rolos de fumaça e passa a transmitir ao vivo a destruição, não permitindo que a emissora saia do ar.

Imediatamente a empresa adota o slogan *A Bandeirantes não vai parar* e prossegue as transmissões, ainda que de forma precária, enquanto prepara sua reconstrução. A empresa se reequipa já pensando na era da tv em cores, que finalmente se aproximava do Brasil. Com equipamentos Bosch adquiridos em 1972 na Alemanha, ela passa a produzir e transmitir integralmente uma programação em cores e alterava seu slogan para *TV Bandeirantes, a imagem colorida de São Paulo*. Nas vitrines da cidade, os modernos aparelhos eram o novo e grande sonho de consumo da população, e seduziam seu público exibindo com todas as cores programas como *A Cozinha Maravilhosa de Ofélia* e *A Hora do Bolinha*.

Na era do "Brasil Grande" alardeado pelo Governo militar, a Bandeirantes se sintoniza com o conceito de integração nacional alardeado pelo regime e a despeito de seu nome eminentemente paulista se torna rede nacional, incorporando emissoras em Belo Horizonte, em 1975, e Rio de Janeiro, em 1977, e chegando a 24 emissoras pelo País em 1980. Dois anos depois torna-se a primeira empresa comercial brasileira a operar uma rede de televisão por satélite.

Nos reconstruídos estúdios do Morumbi, Carlos Alberto de Nóbrega recria o sucesso da TV Record *Praça da Alegria*, criado por seu pai, Manoel de Nóbrega, agora com o título *Praça Brasil*. Pelos corredores da emissora circulam grandes nomes da tv brasileira, como Hebe Camargo, de 1979 a 1981 e depois de 1982 a 1986; Chacrinha, de 1978 a 1982;, Flávio Cavalcânti, apresentando o *Boa Noite Brasil*, em 1982; Fausto Silva, em 1986 e 1987; Jota Silvestre, Silvia Poppovic, Moacir Franco.

A emissora também revoluciona as manhãs com seu *Dia Dia*, programa que desafia o antiquado conceito de futilidade do horário, ao veicular quadros informativos sobre psicologia, literatura, teatro, cinema, legislação e muitos outros.

"Luciano do Vôlei"

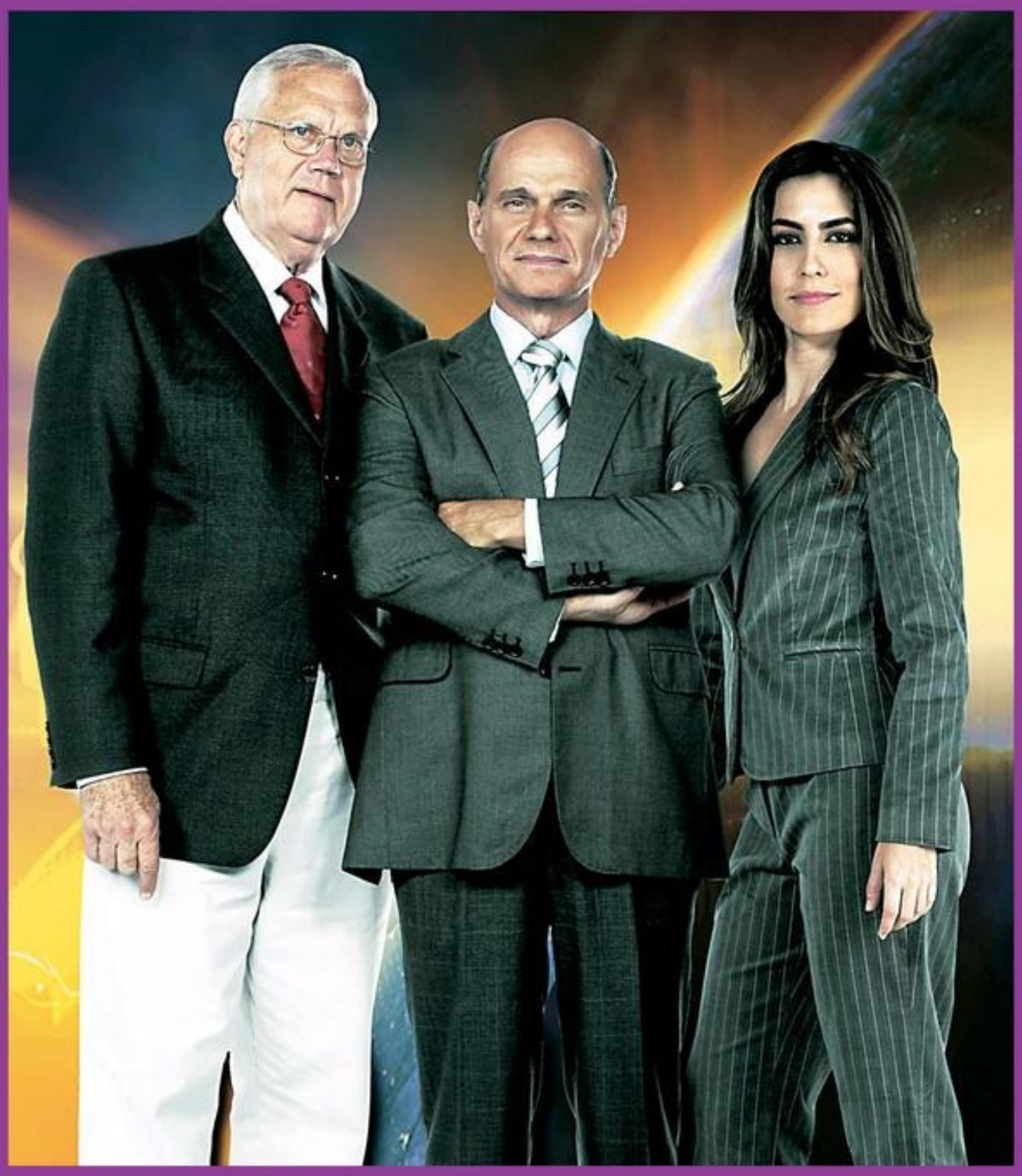
Também a partir dos anos 1980 foi marcante o trabalho desenvolvido pela Bandeirantes na área esportiva. A partir da estréia do *Show do Esporte*, em 1983, tem início uma verdadeira maratona televisiva que abre espaço para os mais variados gêneros esportivos, da sinuca ao automobilismo, passando pelo basquete, atletismo, boxe e, claro, o futebol. A emissora passa a ser conhecida como "O Canal do Esporte", e o comandante do setor, Luciano do Vale, chega a ser chamado pela revista *Veja* de "Luciano do Vôlei", graças à inestimável divulgação de um esporte que era praticamente desconhecido no Brasil antes da geração de ouro de Montanaro e Bernard ganharem as telas da TV Bandeirantes.

Um dos grandes trunfos da Rede Bandeirantes foi saber se aproveitar, jornalisticamente, do fato de o Brasil começar a dar sinais de abertura política. A emissora foi uma das mais atuantes na cobertura da volta dos exilados, principalmente pelo *Canal Livre*, programa apresentado por Roberto D´Ávila e dirigido por Fernando Barbosa Lima. Foi a Bandeirantes também a primeira emissora a promover um debate eleitoral no País, em 1982. Marcam época ainda o *Jornal Bandeirantes*, apresentado por Ferreira Martins e Joelmir Betting, com comentários de Newton Carlos, e o *Jornal da Noite*, a partir de 1986, no qual estreou Lillian Witte Fibe. Nos anos 1990, com a consolidação de sua rede de afiliadas, a Bandeirantes passa a ser chamada de Band.

Um erro de estratégia

Em 1999, aos 80 anos de idade, morre o fundador da Bandeirantes, que passa a ser comandada por seu filho, João Carlos, conhecido como Johnny, que opta por uma programação mais popularesca e elimina o conceito de "Canal do Esporte". A estratégia não dá resultados, e faz a Rede perder o seu até então consolidado terceiro lugar de audiência.

Ultimamente a emissora do Morumbi vem reconquistando o espaço perdido com atrações de peso como o humorístico *CQC*, a volta da programação esportiva e a ênfase no jornalismo político.



Partindo de cima, no sentido horário: Joelmir Beting, Ricardo Boechat e Ticiana Villas-Bôas são os apresentadores do Jornal da Band. *Fernanda Montenegro e Luiz Gustavo numa cena da novela* Cara a Cara, *de 1979. Ao lado, Hebe Camargo em seu programa da TV Bandeirantes, com Ronnie Von e Caçulinha. A rainha da Cozinha, Ofélia Anunciato e, embaixo, Silvia Poppovic e Astrid Fontenelle. O ator Roberto Petráglia contracena com o ratinho italiano Topo Gigio em sua volta ao Brasil, no ano de 1983. Dois anos depois, o programa de entrevistas* Marília Gabi Gabriela *estréia na Bandeirantes. À esquerda, Faustão recebe Mário Covas em seu programa* Safenados e Safadinhos.

Gazeta, a mais paulista das emissoras, que nunca foi o que poderia ter sido

Integrada num complexo concebido pelo pioneiro do ensino de Jornalismo no Brasil, Cásper Líbero, a estação da Avenida Paulista teve tudo para ser uma das principais do País, mas patinou, patinou, e 40 anos depois sobrevive de lembranças.

POR CELSO SABADIN

GAZETA PRESS

GAZETA PRESS

À esquerda, o jovem Galvão Bueno, que participou da bancada do programa Futebol é com Onze. *Ao lado, a equipe da segunda fase do* TV Mix*: em primeiro plano, o diretor do programa Tadeu Jungle e Sérgio Groisman, que apresentava um dos blocos da atração.*

MARCELO FERRELLI/GAZETA PRESS

O veterano Ronnie Von apresenta o Todo Seu *de segunda a sexta na faixa das 22 horas.*

Quando o jornalista e empresário Cásper Líbero morreu, em agosto de 1943, deixou expresso em testamento o desejo de que seu patrimônio fosse utilizado para o desenvolvimento da educação, das comunicações e do jornalismo do Brasil. Nasce assim, um ano após a sua morte, a Fundação Cásper Líbero, que iria administrar o jornal e a Rádio Gazeta, bem como a Faculdade de Jornalismo, fundada em 1947, que em pouco tempo seria uma das mais conceituadas do País.

A TV Gazeta surge mais tarde. Entra no ar em caráter experimental em 23 de junho de 1969, data limite para que a Fundação não perdesse a concessão do canal 11 de São Paulo. A inauguração propriamente dita só aconteceria no aniversário da capital paulista do ano seguinte, em 25 de janeiro de 1970. Em plena ditadura, que difundia a imagem de um Brasil gigante e desenvolvido, a Gazeta foi a primeira emissora do País a ser montada já com a aparelhagem necessária à transmissão em cores, ainda que naquele momento os receptores disponíveis no Brasil fossem em preto e branco.

Instalada em prédio próprio, no número 900 da moderna Avenida Paulista, a Gazeta entra no mercado num momento estratégico, quando as pioneiras Tupi e Record já davam sinais de desgaste, a Bandeirantes ressurgia de um grande incêndio e a Globo ainda se firmava. O momento era de otimismo, de "milagre econômico", e a caçula do mercado já conseguia retransmitir seu sinal em emissoras da Região Norte, além de mirar seus esforços para a obtenção da concessão do canal 11 do Rio de Janeiro.

Em 1973, quando a televisão colorida dava apenas os seus primeiros passos na América do Sul, a Gazeta torna-se a grande responsável pela implantação, instalação e treinamento do sistema em cores na vizinha Argentina, graças a um acordo feito entre os Presidentes Médici e Perón.

A oportunidade perdida

Com tanta tecnologia e contatos tão próximos no Governo Federal, transformar-se em rede nacional era uma simples questão de tempo. Ou não... Os planos da Gazeta começam a cair por terra em 1976, quando o empresário Silvio Santos vira o jogo e fica com a concessão do canal 11 carioca, a menina dos olhos da Gazeta, ao mesmo tempo que a Bandeirantes leva para sua rede as emissoras que a empresa da Avenida Paulista havia afiliado na região amazônica.

Foi um duro golpe na pretensa rede, que rapidamente percebe que seu grande investimento em sede própria e equipamentos de última geração não conseguia encontrar resposta no faturamento obtido. Circunscrita a São Paulo, a Gazeta assume compulsoriamente sua condição de ser "A Mais Paulista das Emissoras" e vê sua audiência praticamente desaparecer, numa época em que as redes nacionais de televisão eram o grande chamariz de público. Boa parte de seus ganhos provinha de locação de equipamentos para outras emissoras.

A audiência da Gazeta era tão pequena que, em tom de piada, comentava-se na época que o Governo militar brasileiro iria comprar a emissora... para transmitir mensagens secretas.

Uma parceria infecunda

A situação piora em 1983, com a chegada de uma nova rede concorrente, a Manchete, do Grupo Bloch. Buscando novos caminhos e saídas para a crise, a Gazeta firma então, em 1984, uma parceria com o Grupo Abril, concorrente direto da Bloch e que não havia conseguido sua concessão de tv.

Produzida pela Abril e transmitida pela Gazeta, a nova programação entra no ar em 11 de agosto de 1983, com atrações como *São Paulo na TV,* com Paulo Markun e Silvia Poppovic; *Placar,* com Juca Kfouri; *Veja Entrevista,* com Augusto Nunes, *Dois na Cidade,* com Cláudia Matarazzo e Otávio Ceschi Jr.; *Bastidores,* com Thomaz Souto Corrêa.

As atrações colocam novamente a Gazeta no mapa das emissoras de tv – ela volta a registrar pontos no Ibope, ainda que timidamente. Reexibir seriados cult que estavam há anos fora do ar, como *Perdidos no Espaço* e *Além da Imaginação*, também ajudou no ressurgimento da emissora.

É também na Gazeta que surgem, nesse mesmo ano de 1983, os primeiros trabalhos em televisão produzidos pela Olhar Eletrônico, produtora independente de Marcelo Tas, Fernando Meireles, Tonico Ramos e Marcelo Machado. Os então garotos foram contratados para preencher parte do extenso programa *23ª Hora*, comandado por Goulart de Andrade, e chamaram a atenção para um estilo mais jovem e despojado de se fazer tv.

Porém, a parceria com a Abril se desfaz em 22 de novembro de 1985. A Gazeta mantém-se no ar com os programas *Brincando na Paulista,* comandado pelos palhaços Atchim e Espirro, de 1984 a 1988; *Flash,* que revelaria Amaury Jr., de 1985 a 1986, e *TV Mix,* sucesso matinal com Astrid Fontenelle, Paula Dip, Sérgio Groissman, Emílio Surita, entre 1987 e 1990.

Vivendo do passado

Nos anos 90, uma parceria com a então Rede OM (Organizações Martinez), posterior CNT, pouco ou quase nada acrescenta à Gazeta, que prossegue em seu caminho de pouca audiência e alcance restrito.

Num processo de reerguimento e renovação que parece eterno, a Gazeta até hoje é muito mais uma emissora lembrada por alguns dos seus antigos programas do que propriamente pelo seu presente. O público feminino, por exemplo, não se esquece do tradicional *Mulheres em Desfile*, atual *Mulheres*, que marcou época sob o comando de Clarisse Amaral, posteriormente de Ione Borges e Claudete Troiano e atualmente com Cátia Fonseca. Da mesma forma que o fã de futebol tem na Gazeta sua sintonia obrigatória com o consagrado formato *Mesa-Redonda*, desde a época de Peirão de Castro, Ennio Pesce, Roberto Petri, José Italiano e Geraldo Bretas, até os dias de hoje, com Flávio Prado, Celso Cardoso, Chico Lang e Wanderley Nogueira.

Atualmente a emissora da Avenida Paulista tem entre suas principais estrelas o excantor e atual apresentador Ronnie Von, que comanda o *Todo Seu*, e a jornalista Maria Lydia, âncora do *Jornal da Gazeta* e do *Em Questão.*

LUIZ CARLOS MURAUSKAS/FOLHAPRESS

O jingle anunciava: "Sílvio Santos vem aí". Ele veio, e mexeu com tudo

Com impressionante capacidade de comunicação, o antigo camelô transformou-se em apresentador de programas de auditório, tornou-se forte empresário e provocou na televisão o que lhe faltava: competição.

"Agora é hora de alegria, vamos sorrir e cantar. Do mundo não se leva nada. Vamos sorrir e cantar. Silvio Santos vem aí". Há aproximadamente meio século este simples, pequeno e até ingênuo jingle perpassa gerações de espectadores dominicais da televisão brasileira. Afinal, muito antes de Silvio Santos ser proprietário de rede de televisão, ele já era um dos mais conhecidos e queridos apresentadores da telinha, comandando seus programas de auditório, em horários comprados ou arrendados, desde os anos 1960.

Líder de audiência e com uma estrutura própria de produção que fazia inveja a muitas emissoras, o empresário/apresentador viu seu sonho de comandar a própria rede começar a ser realizado em 22 de outubro de 1975, data em que o Presidente Ernesto Geisel lhe concedeu a concessão do canal 11 do Rio de Janeiro. A então TVS, que se chamava oficialmente TV Studios, mas os espectadores associavam o S às iniciais do seu dono, passou a transmitir o tradicional *Programa Silvio Santos* simultaneamente com a Tupi. Era "Silvio Santos vem aí" das 11 da manhã até às 8 da noite.

Mas o ex-camelô de sucesso precisava de mais, muito mais. E o sonho, agora de transformar a emissora em rede, realizou-se em 1980, quando o fechamento da Tupi e da TV Excelsior abriu espaço para a chegada de mais dois grupos no concorridíssimo mercado televisivo brasileiro. Por meio das concessões do Presidente João Figueiredo, o grupo Bloch ganhou os canais para a TV Manchete e Silvio Santos os da Tupi: o pioneiríssimo canal 4 de São Paulo, ex-TV Tupi SP; o 5 de Porto Alegre, ex-TV Piratini, e o 5 de Belém (ex-TV Marajoara). Estes, somados ao canal 11 do Rio, passam a formar o Sistema Brasileiro de Televisão-SBT, inaugurado em 10 de agosto de 1981, com sede e geradora em São Paulo.

A BATALHA DA AUDIÊNCIA

Num primeiro instante, houve um grande aproveitamento de artistas e técnicos da extinta Tupi, até por questões trabalhistas pendentes com a antiga rede, mas muito rapidamente o SBT se configurou como uma rede de apelo popular. Com rapidez impressionante, conquista audiências expressivas junto às classes sociais mais baixas. Proliferam os programas de auditório comandados por Gugu Liberato, Raul Gil, Moacyr Franco, J. Silvestre, Flávio Cavalcânti e, claro, pelo próprio "patrão", que jamais deixou de vestir a roupa de apresentador, sempre demonstrando divertir-se muito com o que faz.

Importando telenovelas do México e da América Latina (*Os Ricos Também Choram* em 1982, *Cristina Bazán* em 1983, *Chispita* em 1984) e amparado pelo seu sempre fiel escudeiro mexicano *Chaves,* cujas incessantes reprises poderiam aparecer na tela a qualquer momento do dia ou da noite, o SBT conquista já nos anos 1980 a vice-liderança do mercado, perdendo somente para a poderosa Globo.

Foi um baque para a emissora do Jardim Botânico (e para os analistas de tv) perceber que atrações toscas e popularescas como o mundo-cão *O Povo na TV* e o rudimentar *Bozo*, ambos de baixíssimo custo de produção, conseguiam concorrer quase em igualdade de condições com os caros e elaborados programas globais. A própria Globo foi obrigada a redefinir seu padrão de qualidade. Para baixo.

Fiel ao seu estilo despachado e bem humorado, Silvio Santos quebra todos os protocolos ao pedir que o público veja os programas do SBT "logo após a novela da Globo", admitindo publicamente que vai esperar o término do programa do concorrente para colocar no ar a sua atração. E diverte a todos fazendo chamadas para este ou aquele longa-metragem, "que é muito bom": "Eu não vi, mas minha mulher viu e disse que é muito bom!". Provocativo, lança o slogan: "SBT - Líder absoluto da vice-liderança".

É essa a época de apresentadores populares como Mara Maravilha, Christina Rocha, Sérgio Mallandro, Luis Ricardo e Mauro Zukerman.

POPULAR, MAS NEM TANTO

A partir da segunda metade dos anos 1980, o SBT começa a reformular sua grade de programação, tentando torná-la menos popular. Motivo: a audiência, ainda que ótima, era composta por um público de baixo poder aquisitivo, o que afastava os patrocinadores. Com grande poder de fogo, Silvio Santos "rouba" da Globo o humorista Jô Soares, que conhece na emissora sua fase de maior sucesso com o programa de entrevistas *Jô Soares Onze e Meia*, que jamais começava no horário prometido. Ainda em busca de credibilidade, contrata o prestigiado Boris Casoy para ancorar o *TJ Brasil*.

Em briga aberta, a Globo tira Gugu Liberato do SBT em agosto de 1987, e a rede de Silvio Santos leva o filho pródigo de volta à casa logo em fevereiro do ano seguinte.

Nesse clima de forte concorrência, a Globo consegue uma gigantesca audiência exibindo o filme *Guerra nas Estrelas*. O SBT contra-ataca imediatamente, e publica páginas inteiras nos principais jornais do País com o premiadíssimo anúncio "Eles vão ter que passar *Guerra nas Estrelas* todos os dias". Na ilustração, o corpo de Jô Soares vestindo a máscara de Darth Vader, o vilão do filme.

Em 1991 o SBT marca época com o policialesco *Aqui Agora*, para o qual câmeras e repórteres da emissora saíam, literalmente, correndo atrás das ações policiais, mostrando de forma sensacionalista tudo o que fosse possível sobre prisões, seqüestros e tiroteios. O formato causou e causa até hoje danos incalculáveis e irreversíveis no bom gosto e no bom senso do jornalismo televisivo.

Paralelamente, Miéle passa a apresentar o bizarro game-show *Coktail*, ladeado por assistentes de palco que faziam rápidas aparições com os seios nus. Não era nada fácil para o SBT tentar se livrar da pecha de popularesco.

Na área infantil, o SBT mantem três apresentadoras: Eliana, Angélica, que iria para a Globo em 1996, e Mara. Visando o público jovem, traz Serginho Groisman da Cultura e lança o seu *Matéria Prima*. Aos domingos, utiliza Gugu Liberato para bater de frente com Fausto Silva, da Globo.

Na virada da década, a rede investe US$

ROBSON VENTURA/FOLHAPRESS

No alto, Silvio Santos, Gugu Liberato e Maria Ornellas durante a gravação do quadro Roletrando, *exibido durante o programa Silvio Santos. Ao lado, a grande dama da televisão, Hebe Camargo, que está no SBT desde 1986.*

120 milhões na transferência de sua sede e seus estúdios para o moderno Complexo Anhanguera, na rodovia de mesmo nome.

Mantendo-se firme na vice-liderança, o SBT tira em 1998 o apresentador Carlos Massa, o Ratinho, da Record, mas perde Eliana para a concorrência. Serginho Groisman e Jô Soares também migrariam para a Globo, já no ano seguinte.

Uma das estratégias do SBT para compensar as perdas foi fechar contratos com a Disney e a Warner para exibir, com exclusividade, os melhores longa-metragens dessas empresas. Assim, *Tela de Sucessos* e *Cine Espetacular* passaram a exibir filmes realmente bons, e não "bons porque minha esposa disse que são".

"Na nossa frente, só você"

O estilo empresarial de Silvio Santos causa polêmica nos bastidores. Reconhecidamente, o "patrão" cria e mata programas e atrações como quem troca de microfone na gravata. Não é muito afeito a planejamentos e deixa fluir sua intuição de grande vendedor que sempre foi. Apesar disso (ou talvez por isso mesmo, quem há de dizer?), o SBT continua crescendo, e em 2001 lança novo slogan provocando a Globo: "Na nossa frente, só você".

Mas quem vê o largo sorriso e as gargalhadas de Silvio Santos jamais poderia pensar que seu grupo passava por dificuldades financeiras. Num caso que extrapolou as editorias de entretenimento e foi parar nas páginas de economia e finanças, o empresário admitiu publicamente que criou a Tele Sena, em 1991, para cobrir prejuízos, e que o SBT dependia dela. Acusada de irregularidades, a Liderança Capitalização, do Grupo Silvio Santos, foi obrigada a descontinuar a Tele Sena, por ordem do Tribunal Regional Federal. O Grupo recorreu na Justiça, venceu, mas abriu uma crise de confiança quanto à saúde financeira do SBT.

Crise de confiança que se agravou com o episódio dos ataques terroristas de 11 de setembro de 2001: o SBT chamou a atenção por ignorar totalmente o fato, preferindo colocar no ar reprises do desenho *Pica-Pau*.

No mesmo ano, a emissora faz sucesso ao se antecipar à Globo e colocar no ar o *Casa dos Artistas*, o primeiro reality show produzido no Brasil, inaugurando o formato que iria fazer sucesso na concorrência somente a partir do ano seguinte, com *Big Brother*.

O novo adversário

Enquanto isso, municiada pelos grandes capitais da Igreja Universal do Reino de Deus, a Record cresce no mercado. O SBT responde contratando Marília Gabriela, Ana Paula Padrão e Carlos Nascimento, mas a emissora do Bispo Edir Macedo se mostra sólida em seus investimentos e sua consolidação junto à audiência. A grande "briga" passa a ser muito mais com a Record do que propriamente com a Globo: o SBT vê ameaçada a sua "liderança do segundo lugar", principalmente depois que perde Gugu Liberato para a Record.

A década termina mal para o SBT e seu fundador: no último mês de novembro, cai como uma bomba a notícia da descoberta de um rombo de R$ 2,5 bilhões no Banco Panamericano, de propriedade de Silvio Santos. Sem perder o sorriso nem o bom humor (pelo menos diante da imprensa), o empresário, a dias de completar 80 anos, diz que venderá o SBT para sanar a situação. E com seu inconfundível estilo, anuncia: "Quem pagar leva!". (*Celso Sabadin*)

Manchete, da glória de Pantanal aos aventureiros das raspadinhas

A emissora de Adolpho Bloch chegou a bater a TV Globo em audiência, mas naufragou com suas dívidas colossais, mesmo depois de recorrer a um grupo empresarial, o IBF, que também entrou em colapso.

Início dos anos 1980. Havia uma grande expectativa no mercado de comunicações do Brasil. Afinal, numa era pré-tv paga, quando ainda não proliferavam as dezenas de canais que existem hoje, o Governo Federal havia aberto concorrência para duas novas redes, visando a preencher os espaços deixados pelas falidas Tupi e Excelsior.

Era a chamada "briga de cachorro grande", como se diz popularmente, com os Grupos Abril, Silvio Santos, Bloch, Capital, Visão, Sistema Brasileiro de Comunicação, *Jornal do Brasil*, Rede Rondon de Comunicação e Rede Piratininga concorrendo às duas vagas.

Em 19 de agosto de 1981, Silvio Santos e Bloch foram proclamados vencedores, causando indignação em boa parte da mídia, que ansiava por opções menos populares e mais substancialmente culturais. Afinal, Silvio Santos na época era sinônimo de entretenimento popularesco, enquanto o carro-chefe da Bloch era a revista *Manchete*, tida como superficial e até certo ponto fútil.

Nasce então a rede de televisão batizada com o mesmo nome da consagrada revista *Manchete*, formada pelos canais 6 do Rio de Janeiro, antiga Tupi carioca, 9 de São Paulo, antiga Excelsior, 2 de Fortaleza, antiga TV Ceará, o 4 de Belo Horizonte, antiga TV Itacolomi, e o 6 do Recife, antiga TV Rádio Clube de Pernambuco.

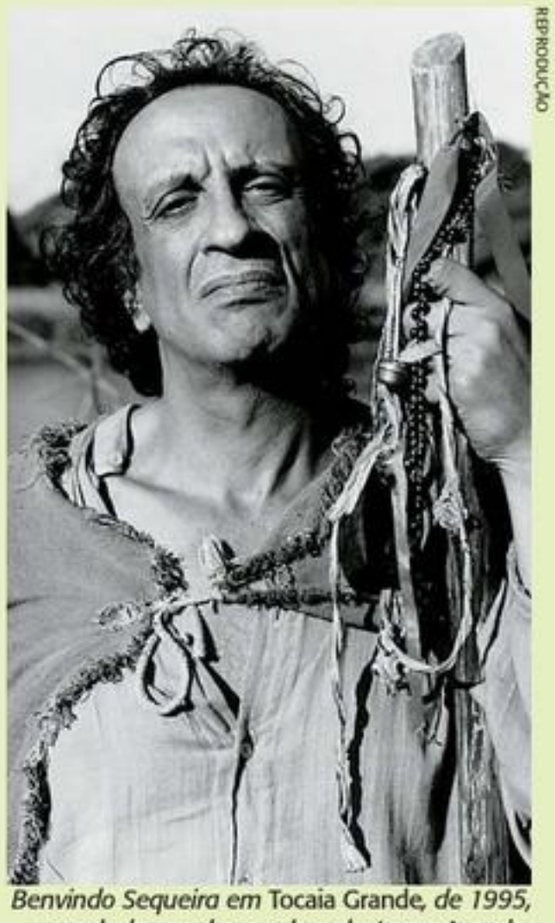
Foram necessários quase dois anos após o anúncio dos vencedores da concorrência para que a Bloch conseguisse finalmente colocar suas emissoras no ar. A estréia se deu às 19 horas de 5 de junho de 1983, um domingo, com um discurso no qual Adolpho Bloch homenageia o pioneiro Assis Chateaubriand, saúda as redes concorrentes, e promete "uma programação de alto nível".

O primeiro programa transmitido pela Manchete foi o show de variedades *Mundo Mágico*, sucedido pelo filme *Contatos Imediatos do Terceiro Grau*, de Steven Spielberg, então inédito na tv brasileira, embora tenha sido produzido seis anos antes da inauguração da Rede Manchete. Mesmo picotado por incontáveis intervalos comerciais, o longa-metragem obteve uma audiência impressionante, com a Manchete registrando na cidade do Rio de Janeiro 27% dos televisores ligados, contra 12% da poderosa Globo.

Compõem a programação da emissora programas como *Clube da Criança*, com a estreante Xuxa Meneghel; *Conexão Internacional*, com Roberto D'Ávila; *Bar Academia*, com Walmor Chagas; *Um Toque de Classe*, sobre música erudita, e o *Jornal da Manchete*.

Logo no ano seguinte ao da sua inauguração, a Manchete começa a investir em dramaturgia, produzindo e exibindo com sucesso a minissérie *Marquesa de Santos*, com Maitê Proença. A novela *Dona Beija* surgiria em 1985 e *Corpo Santo* em 1987.

Surge também na emissora a apresentadora Angélica, na época com apenas 13 anos, estudante da sétima série do primeiro grau. Ela comanda o infantil *Nave da Fantasia*.



REPRODUÇÃO

Benvindo Sequeira em Tocaia Grande, *de 1995, novela baseada na obra de Jorge Amado.*

Porém, em 1988, após cinco anos investindo num tipo de programação diferenciada e sob vários aspectos mais elitizada, a Rede Manchete vê sua dívida alcançar a marca de US$ 34 milhões. A resposta do público não era satisfatória, e a debandada de anunciantes era inevitável. A direção da emissora contra-ataca, reformulando toda a sua grade de programação e colocando nada menos que 19 novas atrações no ar, entre elas o humorístico *Cadeira de Barbeiro*, com Lucinha Lins e Cacá Rosset, e *Sem Limite*, com Luiz Armando Queiroz. Seriados japoneses como *Jaspion* e *Changeman* faziam a alegria da garotada no período da tarde.

A busca da popularização começa a dar melhores resultados principalmente quando, a partir de 1989, a Manchete passa a investir em novelas que se diferenciavam da concorrência pela estética mais caprichada, beirando o cinematográfico, e mais ousadia nas cenas picantes.

Em julho entra no ar *Kananga do Japão*, com Christiane Torloni e Raul Gazolla; menos de um ano depois, em março de 1990, estréia aquele que foi o maior sucesso da Rede: a novela *Pantanal*, dirigida por Jaime Monjardim, primeiro programa a bater a audiência da Globo desde 1975, ano em que a Tupi havia registrado a última liderança. Belas paisagens, fotografia cinematográfica, ritmo contemplativo e breves lampejos de nudez mudaram a história e o estilo da telenovela brasileira.

O sucesso permaneceu até dezembro, quando *Pantanal* foi sucedida por *A História de Ana Raio e Zé Trovão*, com Ingra Liberato e Almir Sater, que, mesmo sem repetir os mesmos índices de sua antecessora, conseguia uma média de expressivos 20 pontos. Em 1991, porém, a caríssima novela *Amazônia* mostra-se um desastre, com média de apenas 2 pontos de audiência. Monjardim é demitido, os prejuízos se acumulam, a audiência cai, e em 1993 a Rede Manchete é vendida para o Grupo IBF, de Hamilton de Oliveira, proprietário da Indústria Brasileira de Formulários, especializada na produção das populares "raspadinhas". Efetivam-se a demissão de 670 funcionários e a transferência da base do Rio para São Paulo.

A nova administração põe no ar os programas *Clodovil Abre o Jogo* e *Manchete Especial: Documento Verdade*, com Henrique Martins, substituindo *Documento Especial: Televisão Verdade*, apresentado por Roberto Maya e dirigido por Nélson Hoineff, que havia se transferido para o SBT.

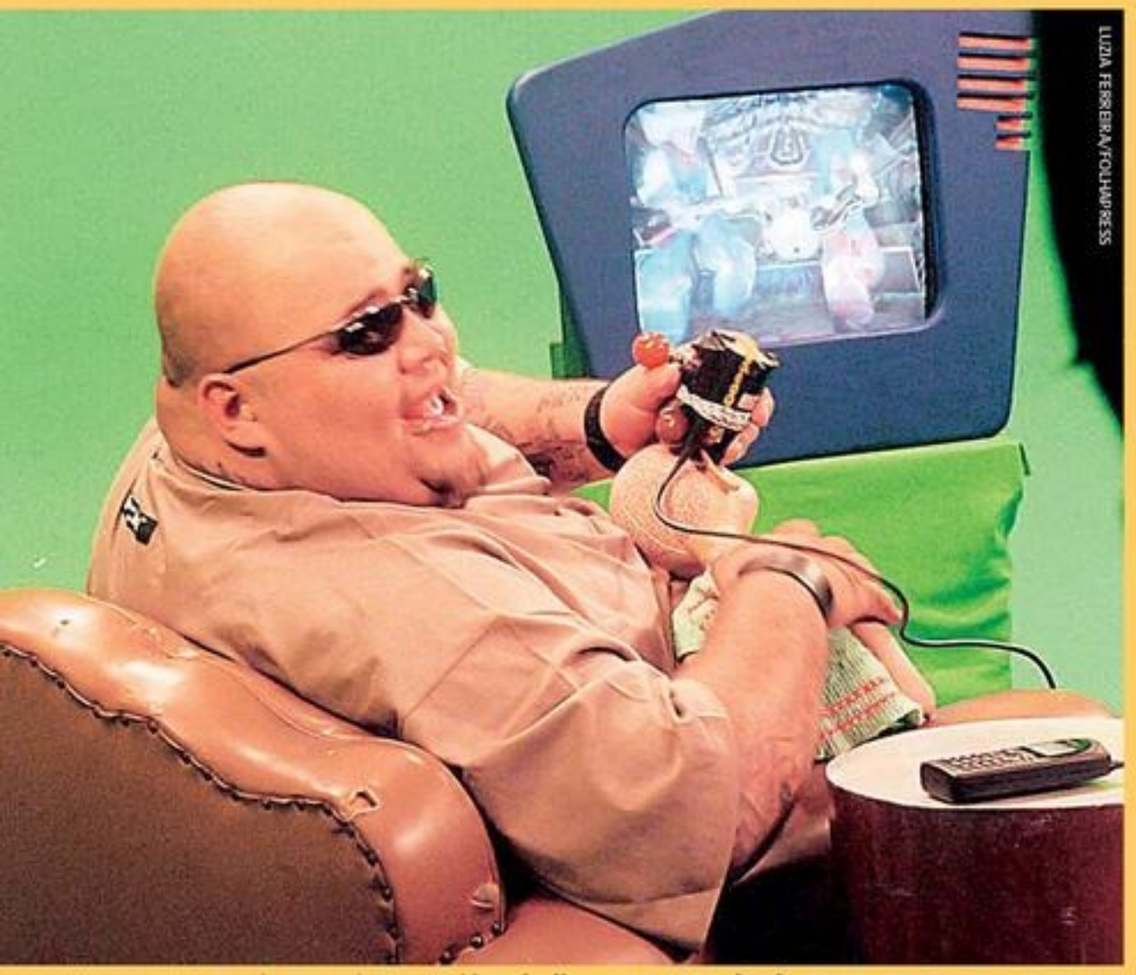
Porém, o Grupo IBF também se mostra incompetente para sanar as dívidas da Rede. Os atrasos nos pagamentos, as greves e os protestos permanecem, e a emissora chega a ser retirada do ar por várias horas, pelos próprios funcionários, em 15 de março de 1993. A Bloch entra então na Justiça para retomar a Rede, o que consegue em 23 de abril. Os grupos entram numa briga judicial que dura anos e corrói as bases da empresa de maneira irreversível.

A Manchete sobrevive arrendando seus horários a Igrejas e programas de telessexo. As produções próprias, salvo raras exceções, como a novela *Tocaia Grande* e o jornalístico *Márcia Peltier Pesquisa*, têm repercussão praticamente nula. Todo esse processo de decadência é agravado pela morte de Adolpho Bloch, em 20 de novembro de 1995, aos 87 anos de idade. Seu sucessor, seu sobrinho Pedro Jacques Kapeller, não pode deter a derrocada.

A partir daí, de Tiririca a Raul Gil, de Jota Silvestre a Sérgio Reis, de Márcia Goldschmidt a Sérgio Malandro, passando por Sula Miranda, Otávio Mesquita, Zagallo e Celso Russomano, a Manchete tenta de tudo. Sem sucesso: em 1998 as dívidas já ultrapassavam o valor da própria emissora, que chega a viver a vexatória situação de ter seu fornecimento de energia cortado pela Eletropaulo, por falta de pagamento.

Finalmente, em 9 de maio de 1999, é anunciada a venda da Rede Manchete ao Grupo TeleTV, de Amilcare Dallevo Jr., pelo surpreendente valor de US$ 608 milhões. Dallevo teria levantado o dinheiro junto à financeira norte-americana Lehman Brothers, que se tornaria, anos mais tarde, uma das maiores responsáveis pela gigantesca crise mundial de 2009.

Já na madrugada de 10 de maio, a Manchete sepulta definitivamente seu nome e, nas mãos do novo dono, passa a se chamar TV!. Poucos dias depois, RedeTV!, que é lançada oficialmente em 1° de agosto de 1999 e tem sua sede transferida para a cidade de Barueri, na Grande São Paulo. Sua inauguração acontece no feriado de 15 de novembro, sem festa, nem nenhum tipo de solenidade especial. Não havia o que festejar. (*Celso Sabadin*)



LUZIA FERREIRA/FOLHAPRESS

OTAVIO DIAS DE OLIVEIRA/FOLHAPRESS

Sonia Francine, que já trabalhava na MTV desde 1990, começou a aparecer na frente das câmeras em 1994. João Gordo, vocalista da banda Ratos do Porão, estreou dois anos depois.

MTV Brasil, em busca do público jovem

Versão verde-amarela de fórmula norte-americana que conquistou milhões de novos espectadores, a emissora da parceria Viacom-EUA/Grupo Abril recorre a novas receitas para renovação do público.

O desenvolvimento da televisão brasileira em suas primeiras décadas sempre esteve mais ligado à área técnica que propriamente ao seu conteúdo e programação. Formatos antiquados herdados do rádio foram aos poucos se consagrando e se cristalizando na programação televisiva desde 1950. Não é muito difícil perceber que o público está acostumado a ver os mesmos programas com apenas uma nova roupagem.

Assim, quando faltava apenas uma década para terminar o século 20, um grupo de executivos ligados à área de comunicações percebeu que existia mercado para uma experiência mais radical na área. O público jovem já se consolidava como grande consumidor; neste mundo ainda engatinhando na informática, a televisão era uma gigantesca vitrine. Ou seja, estava pavimentado o caminho para a chegada da MTV Brasil, versão verde-amarela da já consagrada MTV norte-americana que conquistava milhões de fãs pela América do Norte com seus disputados clipes musicais.

A MTV Brasil nasce a partir de um acordo firmado em 1989 entre a MTV Networks (subsidiária do grupo de comunicações Viacom, proprietário também da Paramount Pictures) e a então TV Abril (atual Abril Radiodifusão), que por sua vez fazia parte do Grupo Abril, mesma Abril que anos antes havia tentado, sem sucesso, sua própria concessão de televisão no Brasil.

Fisicamente, o endereço da nova televisão vinha carregado de história e pioneirismo: Rua Alfonso Bovero, em São Paulo, no mesmo prédio e utilizando a mesma antena da finada TV Tupi. Já, no ar, o "endereço" era inovador: Canal 32 UHF na capital paulista, com uma afiliada carioca, a TV Corcovado.

A nova empreitada entra no ar ao meio dia de 20 de outubro de 1990. A MTV Brasil foi a segunda MTV fora dos Estados Unidos, atrás apenas da MTV Europe. Inicialmente, a transmissão aconteceria somente das 12 horas às 2 da manhã, e o primeiro clipe a ser exibido foi brasileiro: *Garota de Ipanema*, com interpretação de Marina Lima e apresentação de Cuca Lazarotto. A programação era eminentemente musical, quase toda tomada por videoclipes importados da matriz norte-americana.

As novas figuras

É na MTV que nasce a hoje popular figura do vj (video jóquei), modernização do antigo dj (disc jóquei). Entre eles, destacavam-se figuras até hoje muito presentes no cenário televisivo brasileiro, como João Gordo, Lorena Calabria, Marcelo Tas, Didi Wagner, Paulo Bonfá, Kid Vinil, Luana Piovani, Adriane Galisteu, Zeca Camargo, Astrid Fontenelle, Thunderbird, Soninha Francine, Marina Person, Marcos Mion, Fernanda Lima e vários outros.

Já no ano de sua inauguração a MTV passa a apresentar o Video Music Awards, uma espécie de "Oscar" dos videoclipes, cujos direitos de transmissão até então eram da Rede Bandeirantes. Cinco anos depois foi realizado o primeiro MTV Brasil Video Music Awards, rebatizado mais recentemente como Video Music Brasil.

A nova linguagem, ágil e moderna, agrada em cheio o público jovem, e chega a revolucionar o próprio mercado publicitário, que passa a criar comerciais diferenciados e fora dos padrões convencionais apenas para veiculação na emissora. Tudo na MTV é mais rápido, mais frenético, mais musical, mais descontraído, enfim mais "clipado".

Além da exibição praticamente ininterrupta de clipes, novos programas iam compondo a grade da emissora, como o humorístico *Hermes e Renato*, que permaneceu no ar de 1999 a 2009. Aos poucos a música brasileira também ganhava mais espaço, brigando diretamente com os clipes internacionais.

Mesmo tendo alcance restrito, a MTV começou a servir de vitrine para muitos profissionais, e vários de seus vjs e apresentadores passaram a ser cooptados por promessas de melhores salários e mais destaque em emissoras maiores. Os programas *Barraco MTV, Os Piores Clipes do Mundo, Cine MTV, Central MTV* e *Fica Comigo* conseguem boa repercussão na emissora. Não o suficiente, porém, para que ela se torne comercialmente competitiva junto às grande redes.

Mudando de rumo

A partir de 2007, a MTV muda radicalmente sua programação. Com o advento da internet e de vários sites de compartilhamento de vídeos, tem cada vez menos sentido ligar a televisão em busca de videoclipes. Assim, a MTV reserva a maior parte da sua grade para novos programas de comportamento e humor. Em dezembro de 2009, o Grupo Abril adquire os 30% da Viacom e os direitos da marca MTV. (*Celso Sabadin*)

KARIME XAVIER/FOLHAPRESS

Um dos pontos fortes da MTV são os programas humorísticos como o Comédia MTV, *que acabou de ser indicado pela Associação Paulista dos Críticos de Artes-APCA como o melhor programa de humor da televisão. No sentido horário, a partir do centro, o elenco é composto pelos humoristas Paulinho Serra(de boné), Guilherme Santana, Marcelo Adnet, Bento Ribeiro, Tatá Werneck, Fábio Rabin, Dani Calabresa, Rafael Queiroga e Rodrigo Capella.*

Notícias em tempo real
do BRASIL e do MUNDO
com foco no **ESTADO DO RIO DE JANEIRO**

- Cobertura dos acontecimentos de todos os segmentos editoriais.
- Liberação de "ticker" com as últimas notícias em sites de corporações.
- Notícias e perfis dos 92 municípios (incluindo a capital) do Estado do Rio de Janeiro.
- Conteúdo para visualização em elevadores dos principais prédios do centro do Rio (capital).

Agência Rio de Notícias

www.agenciario.com

A nossa televisão começou e cresceu com eles

Um quem-é-quem sumário daqueles que construíram essa forma de entretenimento, lazer e cultura entre nós.

POR PAULO CHICO
Com seleção de nomes e pesquisa de
ELIANE SOARES

Contar a trajetória da televisão é tarefa delicada, que exige centenas de capítulos. Ao longo dessa história de seis décadas, muitos foram, são e ainda serão protagonistas. Nos seus primórdios, antes do advento do videoteipe, as transmissões eram todas feitas ao vivo – com altas doses de coragem e improviso. Daí a falta de registro documental e histórico de seus pioneiros, dos profissionais que emprestaram sua ousadia, força de trabalho e talento para colocar no ar a tv brasileira. Muitos já tinham um nome a zelar, vindos do rádio, veículo que lhes deu fama. Por vezes, arriscaram suas carreiras para investir num veículo que chegava e que não tinha público. Talvez até sem se dar conta do potencial daquela 'caixa mágica', que ao imaginativo áudio do rádio adicionava o movimento dinâmico das imagens. Esses profissionais pioneiros ajudaram a formatar um padrão de excelência, hoje respeitado no Brasil e no mundo.

Por isso mesmo, o *Jornal da ABI*, no encerramento desta edição especial, abre espaço para uma homenagem especial a 65 pioneiros da televisão brasileira que deixaram saudades. São atores, atrizes, diretores, produtores e autores que estiveram presentes nos estúdios desde os primeiros anos. Em alguns casos, já nas primeiras transmissões. Obviamente, diversos outros nomes poderiam estar nesta lista. Uma extensa relação de artistas que, para ser justa, ocuparia centenas de páginas. Dessa forma, esperamos que todos os pioneiros da televisão brasileira se sintam aqui representados. E homenageados. Recebam de seus telespectadores, de hoje e de sempre, respeito, audiência e gratidão.

AÉRTON PERLINGEIRO
(1921/1996)
Apresentador de muito prestígio, começou sua carreira artística em 1943, na Rádio Transmissora, no Rio de Janeiro. No ano de 1956 foi para a televisão. Em São Paulo, o colega Aírton Rodrigues criou o programa *Almoço com as Estrelas*. A versão do programa no Rio chamava-se *Aérton Perlingeiro Show*. Ficou quase 30 anos no ar, de 1956 até 1980, quando a emissora faliu e saiu do ar. O programa de Aérton teve 2.204 edições. Produtor, além de apresentador, ele criou diversos quadros, sendo um deles dedicado ao samba, apresentado por seu filho Jorge Perlingeiro, que há diversos anos apresenta o *Samba de Primeira*, atualmente na CNT.

AIRTON RODRIGUES
(1922/1993)
Aírton Rodrigues estava na televisão desde os primeiros dias das transmissões no Brasil. Era assessor de Assis Chateaubriand. Não demorou muito e passou a conversar com as pessoas sobre os programas, divulgando nos Diários Associados o que via na TV Tupi. Sua função, até então, era a de crítico de tv. Passou a atuar em frente às câmeras no programa *Almoço com as Estrelas* e *Clube dos Artistas*, ambos na TV Tupi. Foi casado com a atriz Lolita Rodrigues por 30 anos. Dividindo a apresentação dos programas, eles formavam o 'Casal 20' da televisão brasileira na época.

ANTONINO SEABRA
(1933/2010)
Ainda jovem, começou a trabalhar como operador de som na Rádio Guanabara, do Rio. Começou a fazer logo sonoplastia e apaixonou-se. Passou para a Rádio Nacional, já com bom salário. Foi para a TV Paulista, onde foi um desbravador. Logo passou à função de cinegrafista e, depois, Diretor de Cena. Continuava, porém, com sua sonoplastia. Não demorou a ascender ao cargo de Diretor-Artístico, já que sabia de tudo, e passava dias e noites dentro da emissora. Depois passou para a TV Tupi, onde ficou vários anos. Em seguida foi para a TV Record, retornou à TV Paulista, outra vez TV Tupi, onde fez *Teatro da Juventude* e *Poliana*, entre outros programas. Teve, ainda, passagens pelo SBT e pela TV Bandeirantes.

ACERVO PRÓ-TV
AÍRTON RODRIGUES E LOLITA RODRIGUES

ACERVO PRÓ-TV
AURÉLIO CAMPOS

ARMANDO NOGUEIRA
(1927/2010)
Foi um dos maiores jornalistas e cronistas esportivos do Brasil. Pioneiro do telejornalismo, foi responsável pela implantação do jornalismo na TV Globo, com destaque para a criação do *Jornal Nacional*, primeiro jornal com transmissão em rede e ao vivo da História da televisão brasileira, que estreou em 1969 e mais de quatro décadas depois mantém-se líder absoluto de audiência. Apaixonado pelo texto, era dono de um estilo original e elegante, que fugia dos lugares-comuns que proliferam na crônica esportiva. Por isso, é considerado um mestre por muitos dos colegas que comandou.

AURÉLIO CAMPOS
(1914/1981)
Na PRA-5 Rádio São Paulo, Aurélio Campos exercia as funções de apresentador de programas e Diretor-Artístico. Em seu programa, descobriu vários cantores de talento, dentre os quais Nélson Gonçalves. Estava presente no show inaugural da TV Tupi, em 18 de setembro de 1950. Apresentou o quadro *Vídeo Esportivo*, trazendo o craque Baltazar, diante de um campo de futebol em miniatura. Com o passar dos meses, Aurélio adaptou para o Brasil o *game-show* de maior sucesso americano, que aqui recebeu o nome de *O Céu É o Limite*, em 1953. Foi o criador do bordão 'Absolutamente Certo!'.

ACERVO PRÓ-TV

BLOTA JÚNIOR
(1920/1999)
José Blota Júnior iniciou sua carreira na Rádio Cosmos, hoje Rádio América, mudando-se depois para a Rádio Cruzeiro do Sul, onde foi Diretor Artístico. Foi contratado em 1943 pela Rádio Record, onde foi desde comentarista esportivo até Diretor. Em 1953, na inauguração da TV Record, apresentou o show inaugural junto com sua mulher, Sonia Ribeiro. O casal apresentou ainda o Troféu Roquette Pinto (idealizado pelo próprio Blota), o Show do Dia 7 e os Festivais da Música Popular Brasileira, também na Record. Apresentou programas na TV Bandeirantes e SBT, teve destacada carreira política e foi vice-presidente da Associação dos Pioneiros da Televisão.

BORJALO
(1925/2004)
Mauro Borja Lopes começou a desenhar com dois anos de idade. Num dia, anos mais tarde, como de brincadeira, fez um desenho, uma charge, e qual não foi a sua surpresa quando viu seu trabalho publicado. Tinha sido levado à Redação da *Folha de Minas*. Imediatamente o rapaz foi contratado. Logo passou para o *Diário de Minas*, passando ainda por publicações do porte da *revista Manchete, O Cruzeiro, A Cigarra*. Esteve na TV Excelsior e depois foi para a TV Globo. Antes, porém, tinha estado na TV Rio e na TV Itacolomi, um dos dois canais de televisão pertencentes aos *Diários Associados* que tinham sede em Belo Horizonte. Lá fez um programa que foi a base para o *Fantástico*, que seria lançado anos mais tarde pela TV Globo, onde ficou por 20 anos. Foi um dos 'braços-direitos' do diretor José Bonifácio de Oliveira Sobrinho, o Boni. Chegou a ser Diretor- Geral de Produção e de Controle de Qualidade da emissora.

CACILDA BECKER
(1921/1969)
Foi um dos maiores mitos dos palcos nacionais. Sua morte prematura, vítima de um derrame cerebral, interrompeu uma carreira já consolidada no teatro e promissora na televisão, onde fez apenas uma novela (*Ciúmes*, em 1966, na TV Tupi), mas diversas participações em teleteatros. É irmã da também atriz Cleyde Yáconis, atualmente no ar como Dona Brígida Gouveia, na novela *Passione*, de Sílvio de Abreu, na TV Globo.

CARLOS SPERA
(1929/1966)
Desde garoto queria ser repórter. Em 1954, já contratado pela Rádio Difusora de São Paulo, e começou a desenvolver intenso trabalho jornalístico. Investiu tanto no setor nacional como internacional. Esteve nos Estados Unidos, em toda a Europa e no Oriente Médio. Era considerado por muitos o maior repórter de seu tempo. Além de trabalhar na TV Tupi, foi também repórter da TV Cultura. Hoje, empresta seu nome à rua que contorna a sede da Fundação Padre Anchieta, que atualmente congrega a TV Cultura, a Rádio Cultura AM e a Rádio Cultura FM.

VICENTE GRECCO/FOLHA IMAGEM

CARLOS ZARA
(1930/2002)
Participações de destaque em diversas peças do Teatro Brasileiro de Comédia, o TBC, logo o levaram à TV Tupi, onde os grupos de teatro se revezavam para a apresentação do *Grande Teatro Tupi*, que ia ao ar às segundas, às 21 horas, com grande elenco. Zara foi para a TV Record e lá implantou o *Tele-Teatro Record*, que fazia frente ao *Grande Teatro Tupi*. Seguindo ainda as pegadas do programa *Alô Doçura*, com John Herbert e Eva Wilma - atriz com quem viria a se casar - Zara fez *Papai, mamãe e eu*. Nessa emissora foram feitas encenações célebres, como *OIdiota*, *O Pagador de Promessas* e *Chapéu Cheio de Chuva*. Passou pela TV Excelsior, sempre como ator e diretor, e teve destacada atuação no cinema e em mais de 30 telenovelas, muitas delas na TV Globo.

CASSIANO GABUS MENDES
(1927/1993)
Filho do radialista Octávio Gabus Mendes, desde garoto Cassiano freqüentou as emissoras de rádio. Era praticamente seu auxiliar e isso o ajudou a ser seu seguidor, pois o pai o deixou cedo, aos 40 anos de idade. Cassiano deu continuidade à obra do pai na Rádio Tupi e, logo a seguir, quando surgiu a televisão, foi convidado para Diretor-Artístico. Estava com menos de 24 anos. Foi com grande capacidade que se tornou chefe e colocou de pé o veículo, que nem sequer conhecia. Mas, como o pai, conhecia e amava o cinema, o que o ajudou muito. Idealizou o memorável *TV de Vanguarda*, programa que permaneceu no ar por 16 anos consecutivos, além do seriado *Alô Doçura*. Foi diretor de inúmeros programas e autor de novelas como *Locomotivas, Marron Glacê, Ti Ti Ti, Brega & Chique*, e *Que Rei Sou Eu?* Os atores Cássio Gabus Mendes e Tato Gabus são seus filhos.

CESAR DE BARROS BARRETO
(1907/1953)
Em 1951, chegava ao Rio de Janeiro a PRG-3 TV Tupi, Canal 6. Seu diretor-geral era Fernando Chateaubriand

Bandeira de Melo, que ainda no primeiro ano chama Cesar de Barros Barreto, com rica passagem pela Rádio Nacional, para assumir a Direção Artística da emissora. Em um pequeno estúdio, com mínimas condições, ele criou três horas diárias de programação ao vivo – um feito para a época –, além de programas memoráveis como *História do Teatro Brasileiro*, *História do Teatro Universal*, *Telejornal Tupi*, e *Sucessos Musicais*. Em sua homenagem, a revista *Radiolândia* criou o Prêmio Barros Barreto, também chamado de Antena de Prata, que homenageava os melhores da televisão.

CHACRINHA
(1916/1988)

José Abelardo Barbosa de Medeiros iniciou sua carreira como locutor na Rádio Tupi do Rio de Janeiro, em 1939. Em 1943 foi para a Rádio Fluminense e lançou o programa *Rei Momo na Chacrinha*, que fez grande sucesso. Logo, passou a ser chamado de Abelardo Chacrinha Barbosa e, depois, só Chacrinha. Em 1950 lançou o programa *Cassino do Chacrinha*, no qual lançou vários sucessos da música brasileira. Estreou na televisão em 1956, na TV Tupi do Rio, onde lançou *Rancho Alegre*, programa homônimo do de Mazzaropi, em São Paulo. Ali, lançou *A Discoteca do Chacrinha*. Foi depois para a TV Rio e, em 1968, para a TV Globo. Depois de passar pela TV Tupi de São Paulo e pela Bandeirantes, retornou à Globo em 1982, onde recebia calouros ao lado de jurados como Elke Maravilha, e das chacretes. Lançou frases como "Eu vim para confundir, e não para explicar" e "Quem não se comunica se trumbica".

COSTINHA
(1923/1995)

Lírio Mário da Costa. Um nome sério, até pomposo. Sisudez que não resistia à primeira careta... Veio de família artística, filho de um palhaço de circo. Exerceu diversas profissões quando, aos 13 anos, o pai abandonou a família. Costinha trabalhou como garçom, engraxate e até com o jogo do bicho. Em 1942, começa a trabalhar como faxineiro na Rádio Tamoio, na qual teve a chance de ser radioator em vários programas, inclusive na primeira versão radiofônica da *Escolinha do Professor Raimundo*. Atuou com destaque no teatro de revista. Também lançou discos de humor nos anos 1970 e 1980, com grande sucesso. Durante muitos anos interpretou diversos personagens em humorísticos.

CYRO DEL NERO
(1931/2010)

Iniciou a carreira no teatro e logo se tornou um grande cenógrafo de televisão. Esteve na TV Record e na TV Excelsior, que para ele modernizou completamente a linha televisiva. Criou as 'grades de programação', as 'vinhetas', os intervalos desenhados, a fim de personalizar a emissora. Depois foi para a TV Globo, como Diretor de Arte, e seu campo se expandiu ainda mais. Fez, entre outros trabalhos, a abertura do *Fantástico* e de todas as principais novelas da casa. Trabalhou também na TV Tupi do Rio e, posteriormente, de São Paulo. Ganhou prêmios como o de Melhor Cenógrafo Nacional na IV Bienal de Artes Plásticas de São Paulo.

DIONÍSIO AZEVEDO
(1922/1994)

A voz de Dionísio Azevedo era vigorosa, forte, ótima. Quando chegou à TV Tupi, em 1950, Dionísio ficou feliz e aliou-se a Cassiano Gabus Mendes e a Walter George Durst e, arregaçando as mangas, começou a escrever roteiros, a dirigir teleteatros e a interpretar grandes papéis. Durante os vários anos da televisão ao vivo, foi um dos maiores nomes. Foi ele que assinou o primeiro *TV de Vanguarda*: *O Julgamento de João Ninguém*, um grande sucesso. Depois de trabalhar por muitos anos nas Emissoras Associadas, esteve na TV Excelsior, onde fez *Ambição*; *A Moça Que Veio de Longe*; *A Outra Face de Anita*; *O Tempo e o Vento*, novela elogiada pelo escritor Érico Veríssimo, autor do romance. Mais tarde, Dionísio Azevedo foi para a TV Globo e lá teve seu maior sucesso com o personagem Salomão Hayalla, de *O Astro*, novela de Janete Clair.

EDNA SAVAGET
(1928/1998)

Programadora e escritora, foi um dos principais nomes do começo da televisão do Rio de Janeiro. Começou na Rádio Nacional, que era a mais importante emissora de rádio do País. Na televisão, para onde foi em 1957, comandou na TV Tupi do Rio o programa *Boa Tarde Cássio Muniz*. Dois anos depois, foi para a TV Continental, para ser titular do programa *Edifício Semina*. Esse programa era apresentado por Edna Savaget e Eleida Casé, mãe de Regina Casé. Mas a emissora faliu, e Edna voltou à TV Tupi. Em 1965, a TV Globo foi implantada e Edna Savaget foi convidada para coordenar a parte vespertina da emissora. Foi criado o *Sempre Mulher*, primeiro programa feminino da Globo, apresentado por Célia Biar. Depois de seis anos na Globo, Edna voltou à Tupi, e criou o *Boa Tarde*, que logo depois passou a ser chamado *Programa Edna Savaget*.

ELI COIMBRA
(1942/1998)

Foi atleta do Santos de Pelé e, apaixonado por futebol, cunhou com o amigo Roberto Petri o termo 'dente de leite', que logo deu nome a uma categoria esportiva. Programa da TV Tupi de São Paulo, *Futebol Dente de Leite* surgiu após o fracasso brasileiro na Copa de 1966 na Inglaterra, para estimular e revelar novos atletas, aliando esporte com a educação das crianças. Craques como Falcão e Casagrande disputaram torneios ainda na condição de iniciantes. Eli marcou época com suas entrevistas bem humoradas e amistosas. Foi repórter e comentarista da Tupi, Manchete, Gazeta, Record e Bandeirantes. Em 1996, na TV Record, comandou o programa *Com A Bola Toda*, exibido nas noites de domingo. Esteve em cinco Copas do Mundo e quatro Olimpíadas.

FABIO SABAG
(1931/2008)

Chegou a cursar três anos da Escola Paulista de Medicina, até descobrir que não era isso que queria. Começou a fazer figuração em óperas, participou de programas de rádio e conheceu o grupo de teatro de Antunes Filho, no qual fez amigos como Flávio Rangel, Fernanda Montenegro e Fernando Torres. Começou a gostar de fazer programas infantis e ingressou na TV Paulista, que funcionava num pequeno edifício de apartamentos. Já no Rio, entrou na turma de Sérgio Britto, para realizar um grande teatro semanal pela televisão, que iria rivalizar com os grandes teatros da Tupi. Mas o maior sucesso de Sabag foi o *Teatrinho Trol*, que ficou dez anos no ar. Eram textos adaptados para crianças, contos infantis nacionais e estrangeiros. Ali foram lançados muitos atores e atrizes. Foi para a TV Globo em 1968, nas funções de ator e principalmente diretor de teleteatros e novelas, além de programas como *Sítio do Pica-pau amarelo*.

Flávio Cavalcanti e Hebe Camargo no programa *Boa Noite Brasil*

FLÁVIO CAVALCÂNTI
(1923/1986)

Começou aos 22 anos a trabalhar no Banco do Brasil, mas ao mesmo tempo estreou como repórter no jornal carioca *A Manhã*. Entrou para a televisão e muitos artistas que se consagraram começaram em seu programa. Seu estilo era contundente. Letras medíocres e músicas fracas iam para o lixo. Literalmente. Ele quebrava discos e os jogava fora. Criou gestos marcantes, como a mão direita estendida para o alto, ao pedir o intervalo. Em 1957, na TV Tupi, estreou seu programa definitivo: *Um Instante, Maestro*. Passou pela TV Excelsior e em 1970 lançou o *Programa Flávio Cavalcânti* na TV Tupi do Rio.

FRANCISCO MILANI
(1936/2005)

Sua carreira artística teve início em 1959, na TV Tupi de São Paulo, na qual participou de vários programas *TV de Vanguarda*, principal teleteatro da época. Também atuou em muitos *TV de Comédia*, pois já se percebia sua veia cômica. Em 1970 participou pela primeira vez, na TV Globo, da novela *Irmãos Coragem* e depois de várias outras. Milani foi também diretor, responsável, ainda na década de 1980, pelo comando do programa *Viva o Gordo*. Foi dublador e locutor do programa *Casseta & Planeta*. Mas seu grande cartaz veio com interpretações marcantes, como a de 'Seu Saraiva' e seu bordão 'Pergunta idiota, tolerância zero!'.

GENY PRADO
(1918/1998)

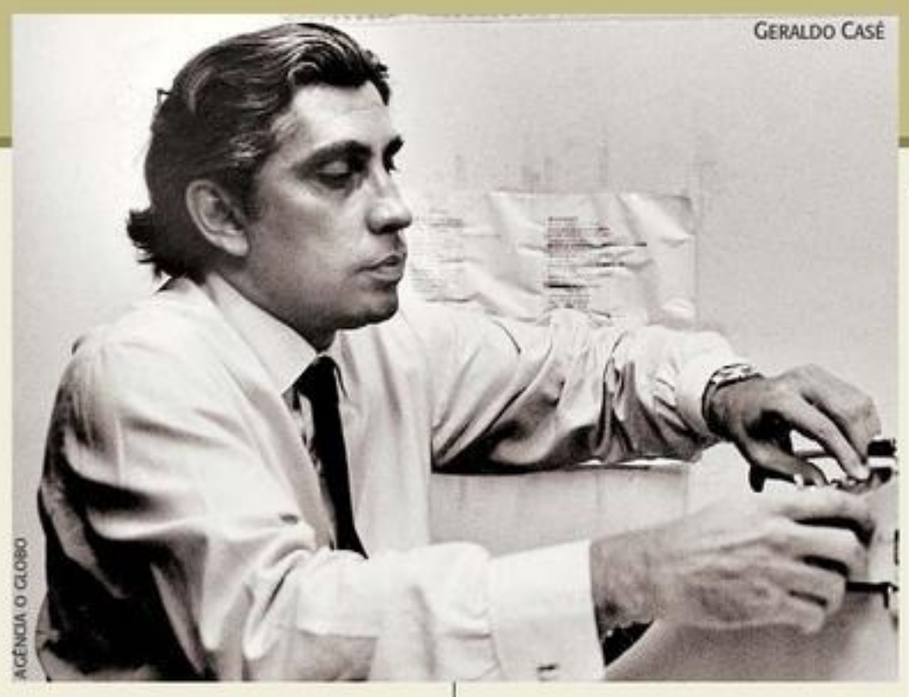
Foi corretora de publicidade, mas começou sua atividade artística como radioatriz e passou pelas Rádios Cruzeiro do Sul, São Paulo, Excelsior e pelas Emissoras Associadas Rádio Tupi e Rádio Difusora. Atuou em muitos *TV de Vanguarda* e *TV de Comédia*, escritos por Geraldo Vietri. Geny trabalhou com o humorista Mazzaropi durante muitos anos. Fazia sua esposa ou namorada, empregada ou sogra; enfim, era sempre sua companheira de elenco em programas de tv e filmes. Quando esteve na TV Tupi, Geny Prado participou dos seriados *Os Anjos Não Têm Cor; Miguel Strogoff; O Palhaço; Os Três Mosqueteiros; O Pequeno Mundo de D. Camilo*; e muitas novelas.

GERALDO CASÉ
(1928/2008)

Foi radioator, locutor e escritor. Foi com esse currículo que chegou à televisão, como um elemento eclético, conhecedor de tudo o que se passava dentro de uma emissora. Trabalhou em quase todas as tvs da época - Tupi, Rio, Excelsior, Continental, Educativa e Paulista. Na área de entretenimento, criou o programa de auditório *Um Instante, Maestro*, estrelado por Flávio Cavalcânti. Sempre ligado ao público infanto-juvenil, criou programas como o *Teatro de Malasartes*. Neste nicho, a maior realização de Geraldo foi a

Costinha e Berta Loran

Andreia Beltrão e Francisco Milani em *Armação Ilimitada*


GERALDO CASÉ

AGÊNCIA O GLOBO

adaptação das histórias do *Sítio do Pica-Pau Amarelo*, de Monteiro Lobato, para a série de televisão. A atriz Regina Casé é sua filha.

GERALDO VIETRI
(1930/1996)

Começou sua carreira na TV Tupi, em 1958, quando um de seus textos, *Este Mundo é dos Loucos*, foi aprovado e produzido pela emissora paulista. Depois disso, Geraldo viria a ser contratado para trabalhar no *TV de Comédia*, como autor e diretor. Começou a produzir telenovelas ainda não diárias. Em *Alma Cigana*, atuou como diretor. Dois anos depois, escreveu *A Inimiga*, adaptação de um original argentino. Os maiores sucessos viriam com as telenovelas *Antônio Maria* e *Nino, O Italianinho*, duas marcas registradas de sua trajetória.

GILBERTO MARTINHO
(1927/2001)

Ainda bastante jovem e percebendo sua forte vocação para as artes, iniciou os estudos no Teatro do Estudante. Logo começou carreira no cinema e fez 15 filmes até o ano de 1976. Em 1957, foi escolhido para estrelar o seriado O *Falcão Negro*, na TV Tupi do Rio de Janeiro. O seriado foi um grande sucesso, tanto em São Paulo, com o ator José Parisi, como na versão do Rio, estrelada por ele. Os meninos imitavam o herói e o adoravam. Depois disso, já em 1967, Gilberto passou a fazer muitos outros trabalhos, como novelas e seriados, já na TV Globo.

GLÓRIA MAGADAN
(1920/2001)

Cubana, chegou ao Brasil em 1964. Logo que chegou, auxiliada por Walter George Durst e Daniel Más, iniciou a produção de telenovelas, para a TV Tupi. São dessa época as tramas *Gutierritos*, *O Drama dos Humildes*, *A Cor de Sua Pele* e *A Outra*. Logo em seguida, foi contratada pela TV Globo, na qual escreveu sucessos com seu jeito grandioso de escrever, com heroínas frágeis, vilões terríveis, roupas fantásticas e dramas levados ao extremo, em novelas como *Paixão de Outono*; *Um Rosto de Mulher*; *Eu Compro Essa Mulher*; *O Sheik de Agadir*; *A Sombra de Rebecca* e *Anastácia, a Mulher Sem Destino*.

GONTIJO TEODORO
(1924/2003)

Na primeira vez em que participou de um programa de calouros Gontijo cantou e foi 'gongado'. Para falar, porém, tinha jeito. Depois de passar por rádios de São Paulo e do Rio, foi convidado a apresentar *Retratos da Semana*, na Tupi do Rio. Já era jornalista registrado e tinha o futuro à frente. Foi aí que a verdadeira sorte chegou: foi escolhido para comandar o *Repórter Esso*, programa que já existia no rádio e que seria produzido também na televisão. Esse foi o principal telejornal por muitos e muitos anos, com enorme importância em todo o Brasil. Gontijo ficou à frente do *Repórter Esso* por 18 anos, nove meses e dez dias – entre os anos de 1952 e 1970, quando o programa saiu do ar.

HERON DOMINGUES
(1924/1974)

Aos 16 anos resolveu que iria ser cantor, mas diante de um imprevisto iniciou sua carreira profissional na Rádio Gaúcha de Porto Alegre, em 1941. Faltou um locutor e foi Heron quem anunciou a entrada dos Estados Unidos na Segunda Guerra Mundial, como reação ao ataque de Pearl Harbor. Em 1944, mudou-se para o Rio e foi trabalhar na Rádio Nacional. Lá apresentou o *Repórter Esso* por 18 anos. Na televisão, trabalhou na extinta TV Rio, onde apresentou o *Telejornal Pirelli*, ao lado de Léo Batista, e na TV Globo, onde apresentou o *Jornal da Noite* e o *Jornal Internacional*, de 1971 até 1974.

HERVAL ROSSANO
(1935/2007)

É desse diretor brasileiro o maior número de telenovelas vendidas para o exterior. Viveu no Chile por cinco anos. Foi diretor no Canal 13 da Universidade Católica do Chile. Dirigiu novelas de época que se tornaram marcos da televisão, como *Escrava Isaura*, em sua primeira versão; *Cabocla*; *A Sucessora*; *Maria, Maria*; e *A Moreninha*, todas na Rede Globo, além de *Dona Beija*, na TV Manchete. Estreou na TV Tupi em 1958 com programa musical. No ano seguinte, comandou o Grande Teatro Leões.

HILTON GOMES
(1924/1999)

Seu pai, Luiz Gomes de Souza, trabalhava em *A Noite*, de Irineu Marinho. E foi lá que um dia Hilton conversou com Roberto Marinho, que também trabalhava no jornal. Foi trabalhar na Rádio Tupi, de Assis Chateaubriand, mas logo passou para a TV Tupi do Rio. Era o ano de 1951. Foi depois para a TV Rio, onde estavam Péricles do Amaral e Cerqueira Leite. Fez sucesso com o *Telejornal Bendix*. Esteve ainda na TV Excelsior. E foi por esta que, representando o telejornalismo, fez nos Estados Unidos a cobertura do assassinato do Presidente John Kennedy, em 1963. Narrou tudo pela *Voz da América*, emissora do Governo norte-americano. Quando voltou, já como profissional consagrado, foi para a TV Globo e logo destacado para o horário nobre, às 8 horas da noite, no *Jornal da Globo*, em 1967. No começo, ao lado de Luiz Jatobá e Nathalia Timberg, que apresentava um quadro de crônicas. Depois veio Cid Moreira. E Hilton continuava no ar.

IDA GOMES
(1924/2009)

Polonesa, foi criada até os 13 anos na França e seguiu depois para a Inglaterra, até chegar ao Brasil. Começou sua carreira artística em rádio. Esteve em várias emissoras do Rio de Janeiro. Trabalhou na Rádio Nacional, na Rádio Educadora e na

CEDOC-FUNARTE

IDA GOMES

Rádio Tupi. Em televisão, começou na Tupi do Rio em 1951, ano de sua inauguração. Ida Gomes foi chamada para fazer parte do grupo que fazia o *Grande Teatro Tupi*, dirigido por Sérgio Brito. Ela também participava do programa *Câmera Um*, dirigido e organizado por Jacy Campos. Participou das novelas *O Morro Dos Ventos Uivantes* e *A Canção de Bernadete*. Em 1966, rescindiu seu contrato com a Tupi e passou para a TV Globo, recém-fundada. Lá teve um de seus maiores sucessos em 1973: a personagem Dorotéia, uma das três irmãs Cajazeiras, ao lado de Dirce Migliaccio e Dorinha Duval, em *O Bem-Amado*.

IVANI RIBEIRO
(1920/1995)

Quando foi inaugurada a TV Tupi, fez a série *Os Eternos Apaixonados*. Em 1963 escreveu a novela *Corações em Conflito*, adaptação de um sucesso radiofônico. Ainda para a TV Tupi escreveu *Alma Cigana* e *A Gata*, novelas de muita aceitação popular. Ivani passou então para a TV Excelsior, onde o sucesso foi ainda maior. Fez as novelas *A Moça que Veio de Longe*; *A Outra Face de Anita*; *Onde Nasce a Ilusão*; *A Indomável*; *Vidas Cruzadas*; *A Deusa Vencida*; *Almas de Pedra*; *Anjo Marcado*; *As Minas de Prata*; *Os Fantoches*; *O Terceiro Pecado*; *A Muralha*; *Os Estranhos*, entre outras. A emissora foi à falência e Ivani voltou para a TV Tupi, onde ficou mais dez anos e escreveu sucessos como *Mulheres de Areia*; *O Machão*; e *A Viagem*. Passou pela Record e Bandeirantes. Finalmente, emprestou seu talento à TV Globo, com *Final Feliz*; *Amor com Amor se Paga*; *A Gata Comeu*; *Hipertensão* e *O Sexo dos Anjos*, como obras inéditas, além de alguns remakes.

JANETE CLAIR
(1925/1983)

Sua primeira profissão foi como analista de laboratório. Começou a carreira artística como radioatriz. Estava nas Emissoras Associadas, em São Paulo, em 1945, quando conheceu Dias Gomes, depois grande autor teatral e de novelas, com quem se casou. Começou a escrever radionovelas como *Rumos Opostos*. Quando a TV Tupi foi inaugurada, Janete Clair estava contratada; alguns anos depois, passou também a escrever telenovelas, como *O Acusador* e *Paixão Proibida*. Já na TV Globo, escreveu sucessos como *Irmãos Coragem*; *Selva de Pedra*; *Pecado Capital*; *O Astro*; *Pai Herói*; *Coração Alado*; *Eu Prometo* e *Direito de Amar*. É considerada por muitos a autora que estabeleceu um jeito brasileiro de fazer novelas.

JOSÉ CASTELAR
(1924/1994)

Foi um dos fundadores da TV Tupi de São Paulo, a pioneira. Fez ali, em 1952, a segunda novela da TV brasileira: *Um Beijo na Sombra*. Depois se transferiu para a TV Paulista, na qual foi um dos grandes produtores, escrevendo e dirigindo vários programas de variedades. Por fim deu início à TV Cultura. Junto com a mulher, Heloísa Castelar, escrevia e dirigia programas culturais como o *Nada Além de 2 Minutos*. Ganhou diversos prêmios internacionais para a TV Cultura. No final da carreira, tornou-se consultor de criação da emissora. As principais novelas e programas de José Castelar foram *Rosas Para o Meu Amor*; *Direto ao Coração*; *O Último Inverno*; *Minha Boneca*; *Teledrama Três Leões*; *O Ultimo Inverno*; *Na Noite do Passado*; *Minha Devoção*; *Hino Ao Amor*; *O Ébrio*; *Papai Coração*.

JOSÉ PARISI
(1924/1992)

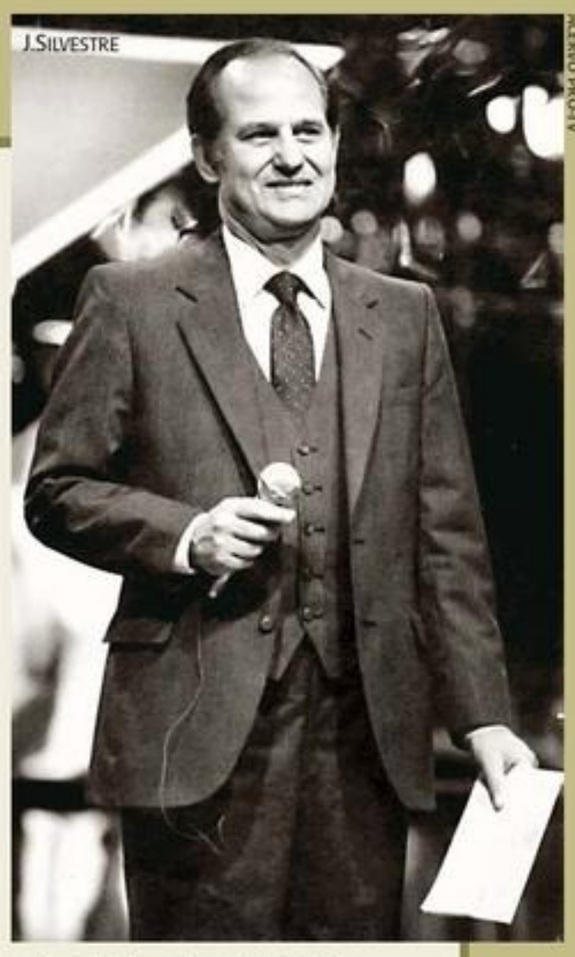
Jovem ainda, resolveu fazer um teste com Maria Della Costa para um papel na peça *Depois da Queda*, que faria grande sucesso. Era 1946, e Parisi logo foi contratado pelas Emissoras Associadas para trabalhar na Rádio Tupi. Assim que a tv começou, seu porte físico lhe abriu as portas dos estúdios. Fez teleteatro, shows e até a primeira telenovela do Brasil, *Sua Vida Me Pertence*, ao lado de Walter Forster e Vida Alves. Somente na primeira década da televisão (1950-1960) atuou em mais de 20 produções. Foi um dos ativos participantes da implantação da tv no Brasil. Mas o papel que o lançou ao estrelato foi o do herói *Falcão Negro*, um aventureiro medieval de capa-e-espada, na versão da TV Tupi paulista.

JOTA SILVESTRE
(1922/2000)

De todos os 'mestres de cerimônia' da televisão, foi o que ganhou maior

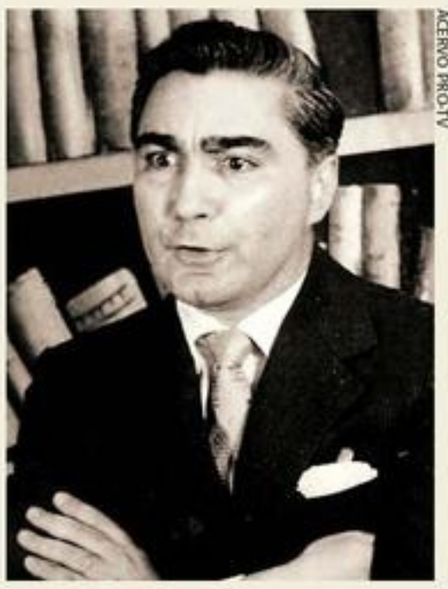
FOLHAPRESS

JANETE CLAIR


J.SILVESTRE

ACERVO PRÓ-TV

notoriedade nacional. Não tinha formação universitária, mas era de uma inteligência viva, rápida, própria para dominar situações de auditório. Nascido no interior de São Paulo, foi escriturário antes de entrar em rádio. Em 1941 começou com Walter Forster na Rádio Bandeirantes de São Paulo, como radioator, mas era também sonoplasta, contra-regra, e depois ensaiador e redator. Foi contratado para a Rádio Tupi em 1949. Na TV Tupi começou a escrever novelas e, ao mesmo tempo, a aparecer como ator. Foi para o Rio, onde passou a apresentar muitos programas de auditório, sendo o principal *O céu é o limite*, transmitido já pela Rede Nacional de Emissoras Associadas. Radicou-se depois nos Estados Unidos, por vários anos, com a família. Lá montou com seu filho uma produtora de programas de televisão.


ACERVO PRÓ-TV

JÚLIO GOUVEIA
(1914/1988)

Em 1948, já casado com a escritora infanto-juvenil Tatiana Belinky, foi chamado pela Secretaria Municipal de Cultura de São Paulo para formarem um grupo, que iria levar peças e textos às crianças do Município. Com amigos, eles fundaram o Tesp-Teatro Escola de São Paulo. Logo o casal foi chamado pela recém-inaugurada TV Tupi. Em 24 de dezembro de 1951, eles levaram ao ar a adaptação de *Os Três Ursinhos*. Tatiana e Júlio haviam conhecido Monteiro Lobato pessoalmente e tiveram a idéia de levar para o público os textos infantis do autor. Em 10 de janeiro de1952, lançaram *O Sítio do Pica Pau Amarelo*. Fizeram: *A Pílula Falante*, extraída de *Reinações de Narizinho*, na TV Paulista, segunda emissora de São Paulo. O casal foi então chamado para a TV Tupi. Semanalmente era levado ao ar um texto dirigido aos jovens e às crianças, no programa inicialmente chamado *Teatro Infantil*, e depois rebatizado de *Era uma Vez*.

KALIL FILHO
(1930/1970)

Em 1952, foi convocado para ser o *Repórter Esso* de São Paulo, na TV Tupi, então Canal 3. Como representante do *Repórter Esso*, era 'o primeiro a dar as últimas' e a 'testemunha ocular da História'. Esses eram os slogans do programa jornalístico, que foi o mais importante da televisão. No Rio de Janeiro o *Repórter Esso* era Gontijo Teodoro. Kalil estava na inauguração da TV Bandeirantes, em 13 de novembro de 1967. Dois anos depois, em 16 de julho de 1969, um grande incêndio no Edifício Radiantes, no bairro do Morumbi, reduziu a sede a cinzas. Kalil Filho estava lá e fez a reportagem do incêndio, ao mesmo tempo que conseguiria um novo local para retransmitir seu programa. Foi também o apresentador do show inaugural do Teatro Bandeirantes, na Avenida Brigadeiro Luiz Antonio, em São Paulo, em 1974.

REPRODUÇÃO

LÉLIA ABRAMO
(1911/2004)

O porte alto e a voz forte eram suas marcas registradas. E era também grande atriz, tendo se destacado no teatro, no cinema e na televisão. Formou-se em jornalismo, mas em 1960 fez o filme *Cidade Ameaçada* e foi fisgada pelo prazer de representar. Entrou para novelas, nas emissoras da época. Na TV Excelsior, fez *Gente Como a Gente*. Na TV Record fez *Prisioneiro de um Sonho*. Esteve depois na TV Tupi, fazendo *Os Quatro Filhos*, *Um Rosto Perdido, Calúnia, Paixão Proibida*. Intercalou com brilhante participação em *Redenção*, novela da TV Excelsior. De volta à Excelsior, participou de *Terceiro Pecado, Dez Vidas, As Bruxas*. Mais uma vez na Tupi, emprestou seu talento a sucessos como *O Meu Pé de Laranja Lima, Beto Rockfeller, Nossa Filha Gabriela e Na Idade do Lobo*. Entrou para TV Globo, na qual trabalhou nas novelas *Avenida Paulista* e *Pão Pão, Beijo Beijo,* e a série *O Tempo e o Vento*, na qual fez o célebre personagem *Bibiana*. Foi para TV Manchete, e trabalhou em: *Mania de Querer* e *A História de Ana Raio e Zé Trovão*.

LIA DE AGUIAR
(1927/2000)

Chamou a atenção ao fazer papéis de 'ingênua' em radionovelas. Seu primeiro grande papel foi em *Quo-Vadis*, com Otávio Gabus Mendes. Depois passou para o elenco de Oduvaldo Viana e esteve em inúmeros radioteatros. Em 1950, chegou à televisão. A Tupi era a primeira emissora da América do Sul, e Lia esteve presente desde o primeiro dia. Foi ela que fez, poucos meses depois da inauguração, o espetáculo *Sua Vida Por um Fio*. Personagem única, paralisada em uma cama, a atriz foi

VICENTE GRECCO/FOLHAPRESS

Hebe Camargo e Nair Belo

soberba na interpretação, ao vivo. Passou então a estrelar os *TV de Vanguarda*, principal programa de televisão. Participou também de inúmeras novelas e foi entrevistadora de enorme sucesso. Seu programa *Encontro Entre Amigos* ficou no ar por muitos anos, sempre em horário nobre. Chegou a abandonar a carreira, em 1958, após um casamento. Voltou, porém, 11 anos depois, a fazer teatro e novelas na TV Bandeirantes, na Record e no SBT.

LUIZ JATOBÁ
(1915/1982)

Dono de uma voz esplêndida, chegou a ser considerado melhor locutor do Brasil e das Américas. Esteve à frente do mais importante noticioso do rádio do País: *A Hora do Brasil*. Fernando Chateaubriand, sobrinho do jornalista Assis Chateaubriand, fundador da televisão no Brasil, convidou-o para apresentar o primeiro telejornal da TV Tupi do Rio de Janeiro, que foi inaugurada em janeiro de 1951. Além desse jornal televisivo, Jatobá foi trabalhar na Rádio Mayrink Veiga, no mesmo ano, e depois esteve na Rádio Nacional. Em 1969, chegou à TV Globo. Voltou aos Estados Unidos, onde já havia estudado e trabalhado como locutor, para narrar trailers para as empresas Columbia, Paramount, Universal Pictures e United States Information Agency. Também trabalhou no *Jornal de Vanguarda*, na TV Excelsior, sob direção de Fernando Barbosa Lima.

MURILO NERY
(1923/2001)

Começou como ator de rádio e fez sucesso na Rádio Nacional, que era a maior de seu tempo. Quando a televisão chegou ao Brasil, porém, Murilo passou para o novo veículo e, além de ator, destacou-se como apresentador de programas. Ele estava na TV Tupi do Rio de Janeiro quando, ao lado de Lourdes Mayer, apresentou o concurso Miss Distrito Federal, realizado no Hotel Quitandinha, em Petrópolis. Depois, esteve muitos anos na TV Rio, onde também foi apresentador do programa *Consul Hit Parade*, ao lado de Ilka Soares e Eva Wilma. Passou pela TV Corcovado e pela TVS, apresentando o programa *O Rio é Nosso*. Na TV Globo, além de ator em várias novelas, foi apresentador. Em 1984, ganhou o Troféu Imprensa de Melhor Apresentador, concorrendo com Flávio Cavalcânti e Jota Silvestre.

NAIR BELLO
(1931/2007)

Começou sua vida profissional aos 18 anos na extinta Rádio Excelsior. Trabalhou também na Rádio Record. Seu grande sucesso acabou se dando na tv. Nair começou como garota-propaganda e participou de diversas novelas e minisséries em 1958. Em 1960, participou como atriz coadjuvante do seriado infantil *A Turma dos Sete*, na TV Record. Um de seus personagens de maior destaque foi 'Dona Santinha', a dona da pensão, que usava o seu tamanco para se defender dos trapaceiros. O quadro 'Epitáfio e Santinha' foi uma criação de Renato Corte Real, em 1961, na TV Record, no programa *Grande Show União*. Esteve na TV Rio. Estrelou o seriado *Dona Santa*, exibido pela Bandeirantes, entre 1981 e 1982. Na TV Globo, participou de diversas novelas, como *Perigosas Peruas*; *A Viagem*; *Uga Uga* e *Kubanacan*.

ACERVO PRÓ-TV

OFÉLIA ANUNCIATO
(1924/1998)

Pioneira da televisão, estreou como culinarista na TV Santos (Canal 5 ,de Santos), uma subestação da TV Paulista, também pertencente às Organizações Victor Costa, no dia 11 de fevereiro de 1958. Passados seis meses, estava na TV Tupi de São Paulo, sob a direção de Abelardo Figueiredo. Com ele, tornava-se culinarista do primeiro programa feminino da televisão brasileira, *Revista Feminina*, apresentado por Maria Teresa Gregori. Ficou na TV Tupi até 1968, quando ela, o programa e toda a equipe se transferiram para a Rede Bandeirantes, onde ganhou um programa próprio — *Cozinha Maravilhosa de Ofélia*, que apresentou por mais de 30 anos.

OLDER CAZARRÉ
(1935/1992)

Era filho de Darci Cazarré e Déa Selva, ambos atores. Começou a carreira em cinema, já no ano de 1936, com menos de dois anos de idade, no filme *O Bobo do Rei*. Começou depois a fazer televisão: *Sétimo Céu; Doce Lar Teperman* e várias participações no famoso *TV de Vanguarda*, da TV Tupi de São Paulo. Todos perceberam sua veia cômica e ele passou a entrar em

REPRODUÇÃO

Otelo Zeloni

vários *TV de Comédia*, que eram escritos e dirigidos por Geraldo Vietri. Participou também de muitas novelas, mas não deixou de fazer participações humorísticas. Na TV Globo, entre outros programas, destacou-se na *Escolinha do Professor Raimundo*. Cazarré foi grande nome na dublagem de filmes. Morreu vítima de uma bala perdida, vinda por ocasião de um tiroteio no Morro do Pavãozinho, perto de sua casa, em Copacabana, zona Sul do Rio.

OTELO ZELONI
(1921/1973)

Italiano, veio para o Brasil em 1947. Aqui, logo se interessou pela arte de representar, dedicando-se mais aos papéis cômicos. Começou em cinema. Já em 1951 apareceu no filme *Suzana e o Presidente*. Em 1954 fez *É Proibido Beijar*. Em 1956 fez outros três filmes. Em 1957 apareceu em *A Baronesa Transviada*. Nesse mesmo ano, estourou na TV Tupi, a pioneira, fazendo *Pequeno Mundo de Dom Camilo*. Ele era o Dom Camilo, personagem já conhecido do cinema. O texto de Giovani Guareschi foi traduzido para vários idiomas. No Brasil, teve direção de Túlio de Lemos e Heitor de Andrade.

PAULO PORTO
(1917/1999)

Mineiro de Muriaé, radicou-se no Rio de Janeiro e logo começou a trabalhar em rádio, embalado pela voz grave. Ficou muitos anos na Rádio Nacional. Aos 20 anos estreou em teatro, como protagonista de uma montagem de *Romeu e Julieta*, de Shakespeare. Seu começo em cinema foi em *Asas do Brasil*, filme dirigido por Moacyr Fenelon, em 1947. Teve um programa com seu nome, *Teatro Paulo Porto*, na TV Tupi do Rio de Janeiro, em 1957. Em 1956 já havia estrelado, ao lado de Yoná Magalhães, o teleteatro *Moreninha*. E, antes disso, em 1953, esteve na primeira telenovela carioca, *Drama de Uma Consciência*, escrita por Jota Silvestre, com direção da Bob Chust.

RÉGIS CARDOSO
(1934/2005)

Régis fez sua primeira aparição em teatro, aos três anos de idade. Era uma peça trágica, de nome *Ásia*. Em 1950, veio a televisão, e ele foi trabalhar na PRF3 - Tupi. Fazia de tudo. Era garoto, olhava os grandes, aprendia, gostava de ver a intensa vida artística da mãe Norah e do irmão Renato, que também trabalhavam na emissora. Foi convidado para ir para a TV Paulista pelo diretor Demerval Costa Lima. Continuava a atuar, mas foi como diretor que se destacou. Voltou para a TV Tupi em 1958 e lá ficou até 1964. Foi quando deu o grande salto e foi para a TV Globo, no Rio. Walter Clark, recém-contratado, gostou de Régis e o chamou para dirigir a primeira novela, *Eu compro essa mulher*. Ao lado de Henrique Martins, dirigiu outros sucessos, como *A Sombra de Rebeca, Cabana do Pai Tomás, Próxima*

REPRODUÇÃO

Renata Fronzi

Estação, O Bem Amado, Estúpido Cupido, Pecado Rasgado.. Chegou a dirigir novelas na RTP, em Portugal, até voltar ao Brasil para dirigir *Tocaia Grande*, na TV Manchete.

RENATA FRONZI
(1925/2008)

De família italiana, Renata nasceu durante uma excursão, pois seus pais eram artistas de teatro. Começou sua vida artística estudando balé no Teatro Municipal de São Paulo. Estudou no famoso colégio italiano Dante Alighieri. Estreou profissionalmente na Companhia de Eva Todor, na peça *Sol de Primavera*. Fez *Teatrinho Trol*, de Fábio Sabag, na TV Tupi do Rio de Janeiro. Sua carreira prosseguiu e ela entrou para o seriado *Família Trapo*, na TV Record de São Paulo, sucesso absoluto na época. Depois, já na Globo, fez programas de Chico Anysio, além do seriado *Bronco*, com Ronald Golias, na TV Bandeirantes. Atuou em novelas como *Jogo da Vida*, *Mico Preto* e *Quatro por Quatro*, além da série *Memorial de Maria Moura*, todas na TV Globo.

RENATO CORTE REAL
(1924/1981)

Sua família sempre foi ligada à arte e ele, em 1950, apareceu na televisão de São Paulo fazendo humor. Tornou-se um dos maiores comediantes de seu tempo. Participou de todos os programas importantes de humor, nas décadas de 1960 e 1970, como *Papai Sabe Nada; Grande Show União; Corte Rayol Show; Galeria 81; Alô Brasil; Aquele Abraço; Faça Humor, Não Faça Guerra; e Satiricom,* estes dois últimos na Globo. Foi colega de cena de Jô Soares em vários desses programas. Criou o quadro humorístico *Epitáfio e Santinha,* inicialmente estrelado por ele próprio e Nair Bello.

ROBERTO CORTE REAL
(1921/1988)

Credibilidade. Era essa a impressão que Roberto Corte Real passava pelo rádio, pela televisão ou até pessoalmente. Sua família teve muitos membros tanto no rádio, como na televisão paulista. Há quem confunda Roberto com o irmão Renato ou o sobrinho Ricardo, que apresentou o *SuperMarket,* na Bandeirantes. Roberto Corte Real era um grande jornalista, dos primeiros noticiosos da TV. Patrocinado por uma das maiores lojas de departamentos, marcou época com o telejornal *Mappin Movietone*, na TV Paulista - Canal 5 de São Paulo, que ficou no ar muitos anos. Apresentou também o *Jornal do Meio Dia*. Chegou a ser repórter de duas Emissoras Associadas: a TV Tupi de São Paulo, na época já Canal 4, e a TV Tupi do Rio, Canal 6. Depois exerceu o cargo de produtor e apresentador de telejornal da TV Record.

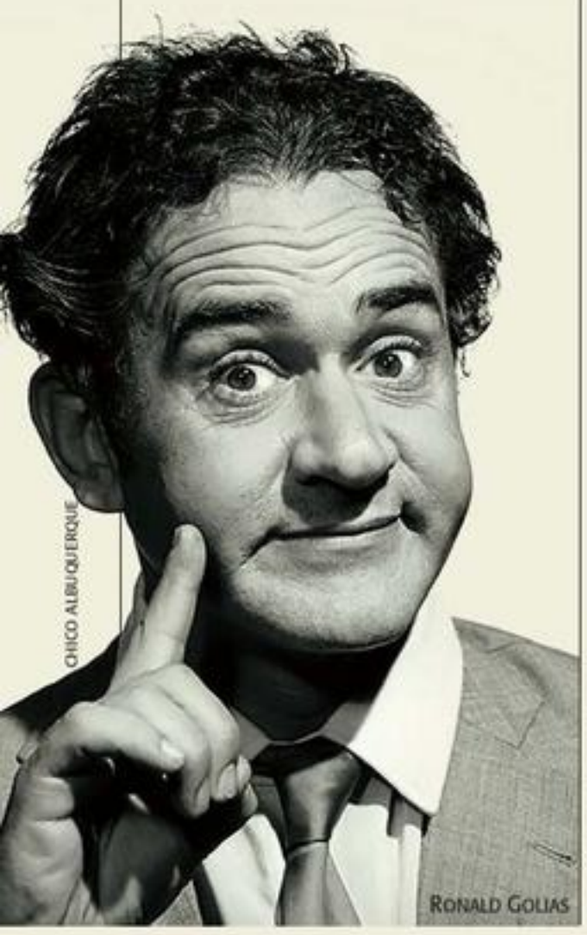
RONALD GOLIAS
(1929/2005)

Em 1953, entrou para a TV Paulista e começou a fazer as suas graças. Convidado para participar da *Praça da Alegria*, principal programa humorístico, em 1956 ganhou o

personagem 'Pacífico', onde tornou famoso o bordão 'Ô Cride, fala pra mãe...'. Foi seu primeiro grande sucesso. No cinema, Ronald Golias apareceu em 1957 na comédia *Um Marido Barra Limpa*, de Luis Sérgio Person. Continuou fazendo inúmeros quadros na tv, mas se destacou novamente quando, em 1967, criou o personagem 'Bronco'. Ele estreou esse tipo no programa *Família Trapo*, da TV Record. Contracenava com Jô Soares, Otelo Zeloni, Renata Fronzi, Ricardo Corte Real e Cidinha Campos. O programa foi um estouro e Ronald Golias se tornou o mais aplaudido do seriado. Em mais de 50 anos de carreira, esteve em quase todas as emissoras do Brasil: Globo, Bandeirantes, Record e SBT, sua última casa, na qual fez *A Praça é Nossa*, de Carlos Alberto de Nóbrega, e *Meu Cunhado*, ao lado de Moacir Franco.

SILVEIRA SAMPAIO
(1914/1964)

Autor, ator, diretor e empresário. Homem de teatro, foi criador de um estilo cômico intrinsecamente ligado à cultura carioca dos anos 50 e 60. Em meados dos anos 1950, envolve-se com a recém-inaugurada televisão brasileira, sendo considerado pioneiro do gênero talk show, programas de entrevistas e sátiras políticas. Em 1957, lança o *SS Show*, na TV Rio, logo seguido por *Bate-papo com Silveira Sampaio,* no qual, sozinho, diante de um telefone, inventava conversas de cunho cômico com políticos da época. O programa terminava com o antológico conselho, 'Carlos, meu filho, não faça isso…', numa jocosa referência aos atos do então Governador do Estado da Guanabara, Carlos Lacerda.



TEIXEIRA FILHO
(1922/1984)

Começou a carreira como locutor de rádio. Conheceu Carmem Lídia, radioatriz, que veio a ser sua mulher. Teixeira Filho também se tornou radioator. Mudaram-se de Santos para a capital paulista e entraram para a Rádio Tupi. Ao mesmo tempo trabalharam no Rio de Janeiro. Foi lá que Teixeira Filho começou sua carreira de novelista, no que era, às vezes, ajudado pela mulher. Os dois escreveram inúmeras novelas de rádio. Quando a televisão foi implantada, passaram também para o novo veículo. Sua inclinação era por adaptações de obras de grandes dramaturgos. Foi assim que Teixeira Filho fez grande sucesso, quando, em 1964, escreveu em parceria com Talma de Oliveira a novela *O Direito de Nascer*. Após ser transmitida em rádios, essa novela foi para a televisão. Com Benedito Rui Barbosa, escreveu *Meu Pedacinho de Chão*, transmitida pela TV Cultura e TV Globo.

TICO-TICO
(1922/1999)

José Carlos de Moraes foi um dos primeiros repórteres da televisão brasileira. Muito agitado e curioso, Tico-Tico enveredou por vários jornais e emissoras de rádio, onde logo se adaptou. Esteve nas Rádios Educadora Paulista, São Paulo, Panamericana, Record, Bandeirantes e Tupi Difusora. Era considerado o mais 'furão' dos repórteres, capaz de tudo. Entrevistou desde os papas da época, até Che Guevara, Fidel Castro, Kennedy e várias outra personalidades. Foi o primeiro a adaptar um pequeno teipe, para gravações inéditas. Ao lado de Mauricio Loureiro Gama, iniciou com sucesso os jornais vespertinos para a televisão. Fez por vários anos o jornal *Edição Extra*, na TV Tupi de São Paulo.

TÚLIO DE LEMOS
(1911/1978)

Era um autodidata, pois cursou somente até o quarto ano primário. Com sua inteligência e carisma, escreveu e dirigiu inúmeros programas de sucesso na TV Tupi. Produtor e jornalista, era dele a produção do célebre programa *O Céu é o Limite*. Também eram dele *Antarctica no Mundo dos Sons; Honra ao Mérito; Ora Direis Ouvir Estrelas; Os Grandes Condenados Fora das Grades.* e outros. Foi um intelectual, devorador de livros e colecionador de arte. Foi várias vezes premiado como o 'Melhor do Ano' em sua especialidade, principalmente com o cobiçado Prêmio Roquette-Pinto, em rádio e tv.

WALTER AVANCINI
(1935/2002)

Em 1950, na inauguração da PRF3 - TV Tupi, Walter, apesar de garoto, já acumulava experiência em rádio e fazia parte do cast da emissora. Ainda fazia rádio e admirava os profissionais da época, tais como Túlio de Lemos, Walter George Durst, e Osvaldo Moles. Da TV Tupi passou para a TV Paulista, com Demerval Costa Lima. Fazia de tudo, até programas humorísticos. E ganhava prêmios. Como ator, fez *Romeu e Julieta; Tristão e Isolda; Enio, O Matador*, sempre com grandes personagens. Começou a escrever para tv e ganhou em 1959 um prêmio como adaptador, com *Navios Iluminados*. Sua carreira deslanchou quando foi para a TV Excelsior, onde estavam os maiores nomes e se fazia a melhor televisão. Lá, fez novelas como *A Deusa Vencida, A Indomável, A Grande Viagem,* e *Minas de Prata*. Passou pela TV Record e pela Bandeirantes. Voltou para a TV Tupi. Em 1972, passou para a TV Globo, na qual dirigiu novelas (*Selva de Pedra, Saramandaia, Gabriela, O Grito*), minisséries (*Anarquistas, Graças a Deus; Grande Sertão–Veredas; Rabo de Saia; Memórias de um Gigoló*) e especiais.

WALTER CLARK
(1936/1997)

Começou a trabalhar aos 16 anos na Rádio Tamoio, do Rio. Em 1956, transferiu-se para a TV Rio, onde chegou a Diretor-Geral. Transformou-se logo num grande produtor. Tinha idéias brilhantes. Em 1965 foi para a TV Globo, que ainda era uma emissora que vinha de dificuldades financeiras e sem identidade própria. Foi isso que o executivo Walter Clark lhe deu. Em primeiro lugar, formou uma grande equipe. Foi ele quem chamou José Bonifácio de Oliveira Sobrinho, o Boni, para estar ao seu lado. Além de outros importantes nomes. Walter e Boni montaram a famosa 'grade' de programação da Globo. E à dupla é dado o crédito pela criação do chamado 'padrão Globo de qualidade'.

WALTER FORSTER
(1917/1996)

Em 1935, aos 18 anos, Walter Forster começou a carreira como locutor na Rádio Educadora de Campinas, onde ficou até 1939. Foi um dos pioneiros da televisão brasileira, participando ativamente de sua inauguração em 1950. Como era Diretor-Artístico na Rádio Tupi, ajudou a formar o elenco para a tv do mesmo grupo. Foi dele a idéia de realizar a primeira novela para a televisão, *Sua Vida me Pertence*, na qual fazia um triângulo amoroso com a atriz Vida Alves e Lia de Aguiar e na qual aconteceu o primeiro beijo da televisão brasileira. Atuou, dirigiu e escreveu novelas e programas para o rádio e a televisão. Atuou também na TV Paulista. Ganhou cinco vezes o Prêmio Roquette-Pinto.

WALTER GEORGE DURST
(1922/1997)

Estava na Rádio Tupi, emissora associada, quando do lançamento da TV Tupi. Estudioso de cinema, foi o idealizador do tipo de teleteatro que a emissora implantou e ali reinou por muitos anos. Associou-se a Cassiano Gabus Mendes, que era o Diretor-Artístico da televisão pioneira, a Dionísio Azevedo, a Silas Roberg, a Álvaro de Moya e a Lima Duarte, grupo que se tornou responsável pela teledramaturgia da TV Tupi. Walter George Durst, ao lado de Dionísio principalmente, fazia as adaptações dos grandes textos universais. Esteve na TV Bandeirantes, onde dirigiu *Cacilda Becker*. Foi para a TV Cultura, onde se destacou na criação do *Teatro 2* e do núcleo de teledramaturgia. Foi para a TV Globo em 1975 e recebeu vários prêmios por suas novelas,

WALTER D'ÁVILA
(1911/1996)

Começou no teatro e estreou na Rádio Sociedade Gaúcha de Porto Alegre, em 1952. Foi para a televisão em 1957, na TV Rio. Alcançou o sucesso no programa *Praça da Alegria*, comandado por Manuel de Nóbrega, na TV Record, como 'O Sabichão', um homem que trocava o nome e a história dos livros que lia. Trabalhou em vários programas de humor ao lado de Jô Soares, Renato Corte Real e Chico Anysio. Fez uma novela, *Feijão Maravilha,* na TV Globo. Seu último trabalho foi na mesma emissora, na *Escolinha do Professor Raimundo*, interpretando o Sr. Baltazar da Rocha.

WANDA KOSMO
(1930/2007)

Em 1953, Wanda conheceu Olavo de Barros, um dos diretores da TV Tupi, no Rio de Janeiro. Na TV Tupi de São Paulo havia um teatro organizado pelas companhias, que se apresentavam sempre às segundas-feiras, às 21 horas. Grandes sucessos, grandes espetáculos. Foi ali que Wanda Kosmo começou a exercer sua grande função, a de diretora de espetáculos. E, logo na primeira, ganhou um prêmio de Aírton Rodrigues, Os Melhores da Semana. Dedicou-se ao trabalho com força total. Passou a dirigir o *TV de Vanguarda*. Com sua voz grave, com seu jeito forte e decidido, firmou-se também como atriz. Da TV Tupi foi para a TV Bandeirantes, para a Record e, por fim, para a TV Globo. Ali foi muito bem recebida por Boni, que a queria não só como atriz, mas também dirigindo. Participou de algumas novelas, mas não suportou o clima do Rio de Janeiro, pediu demissão e voltou para São Paulo. Num breve retorno à emissora do Rio, chegou a atuar em novelas como *Amor Com Amor se Paga* e *Roque Santeiro*.

YARA LINS
(1930/2004)

Fez radionovelas por muitos anos. Na Excelsior, na Nacional e na Difusora. Até que veio a televisão. Começou na pioneira TV Tupi e foi seu o primeiro rosto a aparecer na tela pequena da televisão brasileira, no dia 18 de setembro de 1950. Depois foi para a TV Paulista. Yara Lins esteve em todas as principais emissoras. Fez novelas no SBT (*Os Ossos do Barão; Sangue do Meu Sangue; Éramos Seis*); Manchete (*A História de Ana Raio e Zé Trovão; Kananga do Japão*) e TV Globo (*Selva de Pedra* e a série *As Noivas de Copacabana*), além de produções na Bandeirantes e TV Cultura.

ZILKA SALABERRY
(1917/2005)

Formada em Economia, não exerceu a profissão. Após seu casamento com Mario Salaberry, que era ator, foi para o teatro, adotando o sobrenome Salaberry. Estreou como atriz profissional no filme *Cidade-Mulher* (1936), de Humberto Mauro. Na televisão, estreou em 1956 na TV Tupi do Rio de Janeiro, no programa *Câmera Um*. No ano seguinte atuou na telenovela *A Canção de Bernardete*. Durante dez anos participou do *Teatrinho Trol*, programa que adaptava contos infantis, onde lhe davam sempre o papel de bruxa. Depois de passar pela TV Rio e voltar à Tupi, Zilka chegou à TV Globo em 1967, estreando na telenovela *A Rainha Louca*. Nessa emissora realizou seus trabalhos mais importantes, atuando em *Irmãos Coragem, O Bem-Amado, O Casarão, Que Rei Sou Eu?* e *O Primo Basílio,* além, é claro, da vovó 'Dona Benta', do *Sítio do Pica Pau Amarelo.* Seu último papel na tv foi em *Esperança* (2002), de Benedito Rui Barbosa.

ZILKA SALABERRY, ROSANA GARCIA (NARIZINHO) E RENY DE OLIVEIRA (EMILIA)

CRÉDITO DAS FOTOS

QUEM É QUEM

Identificação das 35 fotos publicadas nas páginas 4 e 5:

1 - Roberto Carlos, Erasmo Carlos, Wanderléa, Wanderley Cardoso, Jerry Adriani e a turma do iê-iê-iê no programa *Jovem Guarda*, da TV Record. (*reprodução, bit.ly/e6QKJ2*)

2 - A famosa cena de Ronald Golias (Bronco) ensinando Pelé a bater um pênalti no programa *A Família Trapo*, da TV Record. (*reprodução, bit.ly/e6QKJ2*)

3 - Rubens de Falco e Lucélia Santos na novela *Escrava Isaura*. (*TV Globo/ Cedoc*)

4 - Luciano do Vale e Neto, ex-jogador e comentarista. (*Divulgação, Rede Band*)

5 - John Herbert e Eva Vilma na série *Alô, Doçura*, criada e dirigida por Cassiano Gabus Mendes. (*Reprodução*)

6 - Luiz Armando Queiroz, Osmar Prado, Paulo Araújo, Djenane Machado, Brandão Filho, Eloísa Mafalda e Jorge Dória na primeira versão da série *A Grande Família*, em 1973. (*TV Globo/Cedoc*)

7 - A irreverente Nair Bello. (*Alexandre Schneider/Folhapress*)

8 - Laura Cardoso na segunda versão da novela *Mulheres de Areia*. (*TV Globo/ Cedoc*)

9 - Antônio Fagundes e Stênio Garcia na primeira versão da série *Carga Pesada*. (*TV Globo/ Nelson Di Rago*)

10 - Leila Diniz e Ênio Santos em *Anastácia, a Mulher sem Destino*. (*Reprodução*)

11 - Silvio Santos. (*Divulgação*)

12 - Caetano Veloso no *Festival da Canção* de 1967, da TV Record (*Wilson Santos/CPDocJB/Divulgação*)

13 - Jô Soares (*TV Globo/Cedoc*)

14 - Chico Anysio personifica o vampiro Bento Carneiro em *Zorra Total*. (*TV Globo/Cedoc*)

15 - Gracindo Júnior e Maitê Proença em *Dona Beija*, da Rede Manchete.

16 - Paulo Goulart e Nicete Bruno fotografados em 1962 para a revista *TV RadioLândia*, da Rio Gráfica. (*Reprodução*)

17 - Geórgia Gomide (*Acervo da Associação dos Pioneiros, Profissionais e Incentivadores da TV-Pró-TV*)

18 - Pelé, Chico Anysio e Roberto Carlos com Flávio Cavalcanti. (*Acervo Pró-TV*)

19 - Os apresentadores do Jornal Nacional, Cid Moreira e Sérgio Chapelin, em 1975. (*TV Globo/Cedoc*)

20 - Isaura Bruno em *O Direito de Nascer*, novela da TV Tupi.

21 - Faustão e a jogadora de basquete Hortência no programa *Perdidos na Noite*, da TV Bandeirantes. (Divulgação)

22 - Laura Cardoso, Luís Gustavo e Henrique Martins na montagem de *Hamlet*, de William Sheakespeare, que Dionísio Azevedo dirigiu para o *TV de Vanguarda*, da Tupi (Arquivo pessoal da atriz)

23 - Andréa Beltrão, Lúcio Mauro Filho, Natália Lage, Pedro Cardoso, Guta Stresser, Marieta Severo e Marco Nanini na segunda versão de *A Grande Família*. (*TV Globo/Renato Rocha Miranda*)

24 - Hebe Camargo em seu programa da TV Bandeirantes, antes de se transferir para o SBT. (*Divulgação*)

25 - O cameraman e uma das câmeras utilizadas no início da TV Record. (*Acervo Pró-TV*)

26 - Galvão Bueno (TV Globo/Dario Zalis)

27 - Uma das mais famosas vinhetas de abertura do *Fantástico, o Show da Vida* (*TV Globo/Cedoc*)

28 - Betty Faria e Francisco Cuoco em *Pecado Capital*, novela de Janete Clair (*TV Globo/Cedoc*)

29 - Ernesto Paglia e Mariana Ferrão, apresentadores do programa *Globo Mar* em foto de divulgação (*TV Globo/ Alex Carvalho*)

30 - Chacrinha, o Velho Guerreiro (*Divulgação*)

31 - Tarcísio Meira durante entrevista na década de 1980. (*Francisco Ucha*)

32 - Glória Pires em *Belíssima* , novela de Silvio de Abreu (*TV Globo*/Márcio de Souza)

33 - Lima Duarte e Paulo Gracindo, os inesquecíveis Zeca Diabo e Odorico Paraguaçu da novela *O Bem Amado*, de Dias Gomes e Aguinaldo Silva. (*TV Globo*/Nelson Di Rago)

34 - Sérgio Cardoso em 1971 na novela *A Próxima Atração*, de Walther Negrão (*TV Globo/Cedoc*)

35 - Tônia Carrero em foto de divulgação da década de 1980.

Jornal da ABI

Número 361 - Dezembro de 2010

Editores: Maurício Azêdo e Francisco Ucha
Projeto gráfico e diagramação: Francisco Ucha
Edição de textos: Maurício Azêdo
Redação: Paulo Chico, Marcos Stefano e Celso Sabadin
Fotos: Pró-TV – Associação dos Pioneiros, Profissionais e Incentivadores da TV, Rede Globo, Folhapress, Agência O Globo, Gazeta Press, Rede Band.

Apoio à produção editorial: Alice Barbosa Diniz, Conceição Ferreira, Eliane Soares, Guilherme Povill Vianna, Maria Ilka Azêdo, Ivan Vinhieri, Mário Luiz de Freitas Borges.

Publicidade e Marketing: Francisco Paula Freitas (Coordenador), Queli Cristina Delgado da Silva, Paulo Roberto de Paula Freitas.

Diretor Responsável: Maurício Azêdo

Associação Brasileira de Imprensa
Rua Araújo Porto Alegre, 71
Rio de Janeiro, RJ - Cep 20.030-012
Telefone (21) 2240-8669/2282-1292
e-mail: presidencia@abi.org.br

Representação de São Paulo
Diretor: Rodolfo Konder
Rua Dr. Franco da Rocha, 137, conjunto 51
Perdizes - Cep 05015-040
Telefones (11) 3869.2324 e 3675.0960
e-mail: abi.sp@abi.org.br

Impressão: Ediouro Gráfica

DIRETORIA – MANDATO 2010-2013
Presidente: Maurício Azêdo
Vice-Presidente: Tarcísio Holanda
Diretor Administrativo: Orpheu Santos Salles
Diretor Econômico-Financeiro: Domingos Meirelles
Diretor de Cultura e Lazer: Jesus Chediak
Diretora de Assistência Social: Ilma Martins da Silva
Diretora de Jornalismo: Sylvia Moretzsohn

CONSELHO CONSULTIVO 2010-2013
Ancelmo Goes, Aziz Ahmed, Chico Caruso, Ferreira Gullar, Miro Teixeira, Nilson Lage e Teixeira Heizer.

CONSELHO FISCAL 2010-2011
Jarbas Domingos Vaz, Presidente; Adail José de Paula, Geraldo Pereira dos Santos, Jorge Saldanha de Araújo, Lóris Baena Cunha, Luiz Carlos de Oliveira Chesther e Manolo Epelbaum.

MESA DO CONSELHO DELIBERATIVO 2010-2011
Presidente: Pery Cotta
Primeiro Secretário: Sérgio Caldieri
Segundo Secretário: Arcírio Gouvêa Neto

Conselheiros efetivos 2010-2013
André Moreau Louzeiro, Benício Medeiros, Bernardo Cabral, Carlos Alberto Marques Rodrigues, Fernando Foch, Flávio Tavares, Fritz Utzeri, Jesus Chediak, José Gomes Talarico, Marcelo Tognozzi, Maria Ignez Duque Estrada Bastos, Mário Augusto Jakobskind, Orpheu Santos Salles, Paulo Jerônimo de Sousa e Sérgio Cabral.

Conselheiros efetivos 2009-2012
Adolfo Martins, Afonso Faria, Aziz Ahmed, Cecília Costa, Domingos Meirelles, Fernando Segismundo, Glória Suely Álvarez Campos, Jorge Miranda Jordão, José Ângelo da Silva Fernandes, Lênin Novaes de Araújo, Luís Erlanger, Márcia Guimarães, Nacif Elias Hidd Sobrinho, Pery de Araújo Cotta e Wilson Fadul Filho.

Conselheiros efetivos 2008-2011
Alberto Dines, Antônio Carlos Austregesylo de Athayde, Arthur José Poerner, Carlos Arthur Pitombeira, Dácio Malta, Ely Moreira, Fernando Barbosa Lima (*in memoriam*), Leda Acquarone, Maurício Azêdo, Milton Coelho da Graça, Pinheiro Júnior, Ricardo Kotscho, Rodolfo Konder, Tarcísio Holanda e Villas-Bôas Corrêa.

Conselheiros suplentes 2010-2013
Adalberto Diniz, Alfredo Ênio Duarte, Aluízio Maranhão, Arcírio Gouvêa Neto, Daniel Mazola Froes de Castro, Germando de Oliveira Gonçalves, Ilma Martins da Silva, José Silvestre Gorgulho, Luarlindo Ernesto, Marceu Vieira, Maurílio Cândido Ferreira, Sérgio Caldieri, Wilson de Carvalho, Yacy Nunes e Zilmar Borges Basílio.

Conselheiros suplentes 2009-2012
Antônio Calegari, Antônio Henrique Lago, Argemiro Lopes do Nascimento (Miro Lopes), Arnaldo César Ricci Jacob, Ernesto Vianna, Hildeberto Lopes Aleluia, Jordan Amora, Jorge Nunes de Freitas, Luiz Carlos Bittencourt, Marcus Antônio Mendes de Miranda, Mário Jorge Guimarães, Múcio Aguiar Neto, Raimundo Coelho Neto (*in memoriam*) e Rogério Marques Gomes.

Conselheiros suplentes 2008-2011
Alcyr Cavalcânti, Edgar Catoira, Francisco Paula Freitas, Francisco Pedro do Coutto, Itamar Guerreiro, Jarbas Domingos Vaz,José Pereira da Silva (Pereirinha), Maria do Perpétuo Socorro Vitarelli, Ponce de Leon, Ruy Bello (*in memoriam*), Salete Lisboa, Sidney Rezende,Sylvia Moretzsohn, Sílvio Paixão e Wilson S. J. de Magalhães.

COMISSÃO DE SINDICÂNCIA
José Pereira da Silva (Pereirinha), Presidente; Carlos Di Paola, Marcus Antônio Mendes de Miranda, Maria Ignez Duque Estrada Bastos e Toni Marins (*in memoriam*).

COMISSÃO DE ÉTICA DOS MEIOS DE COMUNICAÇÃO
Alberto Dines, Arthur José Poerner, Cícero Sandroni, Ivan Alves Filho e Paulo Totti.

COMISSÃO DE DEFESA DA LIBERDADE DE IMPRENSA E DIREITOS HUMANOS
Lênin Novaes de Araújo, Presidente; Wilson de Carvalho, Secretário; Alcyr Cavalcanti, Arcírio Gouvêa Neto, Daniel de Castro, Geraldo Pereira dos Santos, Germando de Oliveira Gonçalves, Gilberto Magalhães, José Ângelo da Silva Fernandes, Lucy Mary Carneiro, Maria Cecília Ribas Carneiro, Mário Augusto Jakobskind, Martha Arruda de Paiva e Yacy Nunes.

COMISSÃO DIRETORA DA DIRETORIA DE ASSISTÊNCIA SOCIAL
Ilma Martins da Silva, Presidente, Jorge Nunes de Freitas, Manoel Pacheco dos Santos, Maria do Perpétuo Socorro Vitarelli, Mirson Murad e Moacyr Lacerda.

REPRESENTAÇÃO DE SÃO PAULO
Conselho Consultivo: Rodolfo Konder (Diretor), Fausto Camunha, George Benigno Jatahy Duque Estrada, James Akel, Luthero Maynard e Reginaldo Dutra.

O **Jornal da ABI** não adota as regras do Acordo Ortográfico dos Países de Língua Portuguesa, como admite o Decreto nº 6.586, de 29 de setembro de 2008.

A tecnologia muda, mas o nosso foco sempre será o mesmo: o Ser Humano e seu Espírito eterno.

Das imagens em preto e branco, na década de 1950, até a alta definição e interatividade dos dias de hoje, a televisão continua a proporcionar o mesmo fascínio. Por isso, é homenageada pela audiência dos telespectadores, que juntos comemoram seis décadas de existência deste importante veículo para o país.

E a Boa Vontade TV, além de entretenimento, oferece Educação, Cultura, Saúde, Inclusão Social, Paz, Esperança e Fé Realizante para as famílias, promovendo Solidariedade e Cidadania Plena com Espiritualidade Ecumênica.

Desejamos um feliz 2011
ao Brasil e à Humanidade!

www.**boavontade**.com | **Canal 23 da SKY**

BOA VONTADE TV
A TV da Paz, do Amor e da Fraternidade Real

DPZ

NÃO EXISTE SÓ UMA FÓRMULA PARA VIVER BEM.

ESCOLHA O MELHOR PARA VOCÊ.

Além da Coca-Cola, que refresca e inspira momentos de felicidade no mundo inteiro, temos achocolatado, águas, néctares, chás, hidrotônicos e energéticos. Algumas das marcas mais familiares aos brasileiros fazem parte dessa fórmula. Mais de 150 produtos no portfólio, que estão por trás de projetos que estimulam uma vida melhor e mais positiva. Nossa preocupação com o bem-estar não nasceu ontem. E não tem prazo de validade. Saiba mais sobre os nossos sabores e valores:

www.cocacolabrasil.com.br

BRASIL Coca-Cola

VIVA POSITIVAMENTE